

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**

**TESE DE DOUTORADO EM LITERATURA**

**Os rastros e restos: dos limites em Literatura e Psicanálise**

**Marta Inés Arabia**

**Orientação: Professor Doutor Wladimir Garcia**

Florianópolis, Santa Catarina, 2007.

Marta Inés Arabia

**Os rastros e restos: dos limites em Literatura e Psicanálise**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Literatura da  
Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do Professor  
Doutor Wladimir Garcia, para a obtenção do título de “Doutora em  
Literatura”, área de concentração em teoria Literária.

Florianópolis, Novembro de 2007

*Para Lissandro e Guago*

## *Agradecimentos*

Agradeço ao Prof. Dr. Wladimir Garcia Costa. Com ele aprendi que o ato pedagógico, antes de mais nada, é um ato de liberdade.

Agradeço a todos os professores, colegas e amigos com quem compartilhei conversas e opiniões nestes quatro anos, em particular a Marta Martins, sempre presente e a Renata de Felipe.

À Dra Professora Ana Luiza Andrade .

Ao Prof. Dr. Jair Tadeu da Fonseca

Ao Prof. Dr. Raúl Antelo .

À Dra Professora Tânia Ramos.

Ao NEBEN

Ao NELIC.

Agradeço a Elba Maria Ribeiro pela sua disposição e gentileza.

Contei com o apoio financeiro da CAPES desde Setembro de 2005.

## RESUMO

Na conjuntura da atualidade, em que a nossa humanidade vê-se frente ao novo milênio e aos novos desafios ético-estético-político-tecnológicos, as indagações sobre o mal-estar que se generaliza em diferentes âmbitos, requerem uma reabertura de arquivos.

Este trabalho comporta uma proposta inquieta de reflexão face aos limites entre literatura/lingüística/ psicanálise/arte como saberes agrupados, cuja última e primeira instância neste estudo traz à tona uma preocupação com a pulsão de morte na cultura e o progressivo enfraquecimento das leis simbólicas; crise dos limites, facilitada pela dessubjetivização, cujas representações, racionalidades e controvérsias nos reenviam ao *além do impossível*, dando lugar a uma tanatopolítica.

**PALAVRAS- CHAVE:** Literatura, Lingüística, Psicanálise, Arte, Tanatopolítica.

## ABSTRACT

On the present context, our humanity faces the new millennium and new ethical-political-aesthetic-technologic challenges, the questions between *the civilization and its discontents*, which generalizes in different areas, ask for a file reopening.

This work bases in a proposal faced to the limits between literature-linguistics - psychoanalysis-art, as a group of knowledge fields, whose first and last instance in this research brings another concern with instinct of death in the culture and the progressive weakness of symbolic laws; crisis of the limits that was made easier by the desubjectivation, whose representations, rationalities and controversies drive us to beyond impossible, giving place for a tanatopolitics.

KEY WORDS : literature-linguistics - psychoanalysis-art-tanatopolitics.

Introdução, reflexões e hipóteses.....	12
<b>CAPÍTULO I: O que restou das estruturas?.....</b>	<b>22</b>
1.1 Das resistências às controvérsias.....	22
1.2 Reflexão sobre o mal-estar limites disciplinares.....	24
1.3 . Da trilha freudiana e a diferença na linguagem.....	27
1.4 Retrospectiva.....	31
1.5 O mal estar de Bruno Bettelheim com a tradução da obra freudiana..	38
1.6 A a-língua a língua : as controvérsias continuam.....	43
1.7 Derrida é amigo da psicanálise: dos limites.....	46
1.8 Literatura e psicanálise.....	52
<b>CAPÍTULO II: Fragmentos teóricos: nos limites dos corpos... </b>	<b>57</b>
2.1. O caso do Sr. Sokal e o roubo na biblioteca de Babel:.....	58
2.2 Da avaliação.....	60
2.3 O controle dos discursos.....	61
2.4 A zona cinza.....	62
2.5 Nos limites.....	65
2.6 Da ciência lingüística ao significante.....	68
2.7 Lacan, a excomunhão e o legado freudiano.....	71

2.8 Outras marcas da psicanálise lacaniana, e o necessário retorno a Freud. .....	72
2.9 O inconsciente e o arquivo.....	74
2.10 Mais reflexões sobre Lacan e o estruturalismo.....	76
2.11 Do algoritmo.....	77
2.12 A ciência e a verdade.....	79
2.13 Saber e verdade.....	81
2.14 Como a teoria saussureana pode ser pensada desde as perspectivas... expostas.....	83
2.15 A alíngua e o signo.....	84
2.16 Considerações sobre o eu e a lógica do sujeito em psicanálise.....	86
2.17 Segunda teoria das pulsões, A pulsão de morte.....	90
2.18 A sutura e a série: um aporte e as divergências.....	95
2.19 De uma nova modalidade subjetiva.....	98
2.20 Mais sobre o eu e a linguagem.....	101
2.21 O estádio do espelho.....	103
2.22 O cérebro de Broca.....	105
2.23 Freud e as representações; o bloco mágico.....	107
2.24 Algumas reflexões e questões sobre a linguagem e o ser.....	109
2.25 Dos Arquivos.....	111



2.26 Do genérico ao específico do desejo .....115

*CAPÍTULO III :Rastros e restos.....118*

3.1. Mais sobre Freud: a arte e classificação.....118

3.2 Das resistências à psicanálise e os limites.....123

3.3 Sobre a primeira hipótese.....127

3.4 Dos destinos da primeira hipótese.....128

3.5 Das perguntas iniciais à primeira hipótese.....130

3.6 Uma marca de desejo .....138

3.7 Então... Subversão ou mal de arquivo?.....143

*CAPÍTULO IV:Textualidades, e uma boa dose de lirismo:rostos e restos*  
.....147

4.1Alguns antecedentes antropofágicos.....148

4.2 Da legalidade à margem.....151

4.3 Dos poetas marginais.....152

4.4 Palavra poética e engajamento.....158

4.5 Fatos e anedotas .....161

4.6 Ana Cristina -objeto de doutorado-.....166

4.7 Da literatura e a pulsão de morte.....	169
4.8 Estudos subalternos, o que restou.....	172
<b>CAPÍTULO V: No princípio foi o número.....</b>	<b>184</b>
5.1. A bela maquiagem da pulsão de morte.....	185
5.2. Uma diplopia chamada homem.....	197
5.3 Quais são os autores, quais os atores?.....	206
5.4 Procura-se a margem.....	210
Considerações finais, derivados e derivas.....	214
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>219</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>227</b>
ANEXO I.....	228
ANEXO II.....	234
ANEXO III.....	237
ANEXO IV.....	238

## Nota Preliminar

Na época em que esta tese começava a ser escrita formalmente, uma notícia trazida de Brasília marcou um rumo<sup>1</sup>. A tese poderia ser a soma das publicações realizadas no período que vai desde a entrada no programa até a finalização do percurso doutoral. Isso quer dizer que a tese não apenas não teria que ser inédita, como também era preferível que não o fosse. A pós-modernidade ameaçava quebrar a aura da tese? É preciso repensar a tese, disse a mim mesma.

Por um lado, a proposta parecia fazer sentido, afinal nada mais justo do que prestar contas de nossos passos dentro da academia, sobretudo quando se é contemplado com uma bolsa, nada mais justo do que participar o máximo possível da constante construção do saber.

Particularmente, quem sabe por nostalgia romântica, não quis publicar nada da produção que acompanha esta nota prévia, preferi guardar a aura do inédito, e o conteúdo até a sua defesa. Mas se encontram aqui os rastros da minha caminhada por esta casa.

Frente a um mundo fragmentado, só o nosso desejo pode elaborar um objeto consumado, sem por isso sermos consumidos ou deixar de lado os nossos projetos. Apesar da fragmentação, e com a fragmentação, nada melhor do que os sonhos compartilhados.

---

<sup>1</sup> Notícia anunciada pela coordenadora do Curso de pós-graduação em literatura, Dra Tânia Ramos, em reunião de colegiado que esclarecia as novas diretrizes da Capes para as instituições de nível superior com cursos de pós-graduação(ano 2005).

## Introdução, reflexões e hipóteses

Este trabalho comporta uma proposta de reflexão ante os limites cuja última e primeira instância é, neste estudo, uma preocupação com a pulsão de morte na cultura; cultura cujas representações, racionalidades e controvérsias nos reenviam ao *além do impossível*, uma vez que colapsa a ética da modernidade. A proposta é repensar a subjetividade e os limites, e o fundamento oculto do rompimento dos laços sociais, nos deparamos com um mundo semeado de violências e novas posições subjetivas.

Igualmente, trabalharemos os limites entre literatura, psicanálise a lingüística moderna e a arte.

Que a psicanálise francesa lacaniana, partindo da perspectiva do sujeito, tenha elaborado uma lógica possível de ser aplicada às diversas disciplinas é um fato familiar, o que não deixa de provocar suas controvérsias. Porém, estas não se dão apenas dentro do campo psicanalítico: trata-se de um mal-estar generalizado da nossa época. Para nossa surpresa, ao olhar à zero hora de primeiro de janeiro de 2000, no céu nada de novo acontecia. Uma estrela cadente poderia ter sido uma novidade no meio dos artifícios. A imagem do fungo de Hiroshima e Nagasaki é um significante mestre da série nuclear que vemos proliferar e disseminar-se. Representação esta, entre outras, como a dos campos de extermínio, que retornam em forma de diversas imagens mortíferas, sendo estas os *rastros* de cenas *chaves* da morte disseminada na ante-sala do novo milênio.

A nova época em que vivemos nos confrontou com um *mais além* do que qualquer filosofia ou conhecimento pudesse ter previsto. Os limites serão pensados levando em conta este fato. Fatos como Hiroshima e Chernobyl, as armas nucleares, a criação da AIDS, a irrupção de armas biológicas entre outros, interrogam-nos: do que se trata a neutralidade da ciência, e os ideais de progresso da modernidade? Quais são os limites necessários para deter a morte em série e disseminada na nossa época, e qual é o papel da literatura em tudo isto?

Nem o liberalismo econômico ou político, nem os diversos marxismos saem ilesos destes séculos sangrentos. Nenhum destes está livre de ter cometido crimes que lesam a humanidade<sup>2</sup>.

A psicanalista Dra. Amélia Haydée Imbriano, sob o título *La odisea del siglo XXI*<sup>3</sup>, trabalha, entre outras, a seguinte tese: *os efeitos do colapso do Estado e, com ele, a efetividade da sua lei, provocam um desvanecimento da realidade como iminente*. A nossa tese e propostas dialogam com esta premissa.

No livro recém mencionado evoca-se a **lira de Orfeu** e, com ela, nós evocamos o murmúrio do projeto da modernidade como: uma *ilusão* que agoniza.

Tal Lira teria o poder de aplacar as coisas violentas, construindo um tempo *edênico* sem violência, uma ficção de um mundo, no qual tudo seria harmônico e belo. Nesse mundo, o signo não é arbitrário, e o canto do poeta restaura a harmonia. Aí a beleza seria o sublime acontecer do Bem. A lira de Orfeu instalava entre os seres um laço agradável, despojado da trama fatal que o atava a Tântatos.

---

<sup>2</sup> LYOTARD, Jean François, *La condición pós-moderna*. Madrid: Cátedra; 1983 P. 91.

<sup>3</sup> IMBRIANO, Amélia Haydée. *La odisea del siglo XXI*. Buenos Aires: Letra Viva, 2006, P. 107.

**NOTA:** Todos os trabalhos de tradução, de todas as bibliografias editadas em idioma espanhol que se encontram nesta tese foram feitos por nós. (M A)

Os trágicos genocídios do século XX nos defrontam com cenas em que é difícil entrever os limites entre os sonhos e os pesadelos. Paralelamente, a nova época nos propõe um paradoxal purgatório tanatopolítico<sup>4</sup>, cujo único desmentido grave é a morte.

*Entendemos que o colapso do Estado, articulado à mundialização mercantil, e ao poder da mídia, se encontra em íntima relação com uma deficiência no simbólico em nossa época, que se traduz em uma impossibilidade de elaboração subjetiva e social dos violentos traumas que sofreu a humanidade, fundamentalmente a partir da industrialização da morte e da progressiva instalação do estado de exceção<sup>5</sup> como paradigma de governo cuja característica é suspender a ordem jurídica.*

Com traumas da humanidade nos referimos aos sucessos que deram lugar a significativas crises no modo de vida e nas modalidades de relacionamentos. O que diremos é que há um predomínio da pulsão de morte quando se estabelece uma impossibilidade de refazer laços sociais fundamentais, que regulam a vida em sociedade e a linguagem. Quando dizemos a linguagem nos referimos a uma ordem que engloba todas as linguagens através das quais os seres humanos se expressam. A grande questão é quando não há linguagens possíveis para dizer do horror vivido.

A reflexão derradeira foi, em princípio, o colapso da representação do Estado, como a instituição das instituições, considerando que a institucionalização, não se limita a um fato sociológico, mas é o ato jurídico, criador do Estado. A institucionalização é a operação jurídica pela qual o poder político se transfere da pessoa dos governantes para a entidade abstrata, que é o Estado.

---

<sup>4</sup> O termo *tanatopolítica* é tomado de Giorgio Agamben. Cf. AGAMBEN, Giorgio. *Lo que queda de Auschwitz. El archivo y el Testigo. Homo Sacer III*. Valencia: Pre-Textos, 2000.p.86.

<sup>5</sup> Para Agamben, as democracias ocidentais vivem um processo de rompimento com o antigo *nomos* da Terra, afetando os laços sociais. O motivo fundamental de tal ruína é a exceção soberana que demonstra que o ordenamento jurídico, contém, em si, a suspensão dos direitos admitindo uma violência não regulada pela lei. Cf: AGAMBEN Giorgio. *Estado de Exceção*. Trad. Iraci D. Poletti. São Paulo: Editorial Boitempo, 2004.

Mas qual representação pode se sustentar se não temos fé nela? Num tempo em que é tão difícil acreditar, acaso a fé não é uma saída? Há outras certamente como *o desejo de leitura*. *Os mal-estares atuais incidem nos limites* das classificações e das doxas, as que dificilmente conseguem se sustentar. A humanidade vive um momento histórico de crise normativa e social que afeta a relação entre sujeito e saber, na medida em que a subjetividade assujeita-se à linguagem. A linguagem na atualidade encontra-se em contínua reconfiguração, da mesma maneira que os laços sociais.

Partimos de que existe uma crise na representação que o homem tem de si próprio. O estado que prometia retornar para nós uma representação social por excelência na promessa de vitória do humanismo mostra-se na atualidade sendo uma sede de negociações de onde *O humano*, quando não é mais útil ou reciclável é descartado, o que não pode deixar de constituir uma ameaça de aniquilamento. O gozo narcísico que a modernidade propiciava hoje se traduz num sentimento de disseminação que acompanha a nova relação com o saber. Frequentemente assistimos como espectadores a uma realidade, que progressiva e supressivamente modifica-se.

A nossa proposta é trabalhar a partir do desejo de leitura pensando *os limites entre Literatura e Psicanálise na atualidade*.

Observamos nas disciplinas, na cotização dos objetos de arte, no dia-a-dia das pessoas, dificuldades de obter balizamentos. A vertigem do discurso capitalista impõe um modo de vida que vai em detrimento à possibilidade de o sujeito humano elaborar Texto, isto é, a partir de seu desejo de leitura poder anarquizar *os arquivos do mal*. A pulsão de morte na sua função de corte permite a elaboração de uma memória que relacionamos com *o desejo de leitura*, para que isto aconteça é condição indispensável que a função paterna intervenha.

Resgatamos também da obra de Agamben as reflexões sobre o *Estado de exceção*, este autor entende os tempos atuais como a consolidação deste como paradigma de governo.

O *Estado de exceção*, quando pensado junto ao discurso capitalista na nossa atualidade, nos permite ter uma visão das conseqüências devastadoras do totalitarismo moderno sobre a ética do progresso que prometia a iluminação da verdade sob um sistema harmônico e em conseqüência sobre os laços sociais:

O discurso capitalista é um discurso em rechaço à castração. A perversão do capitalismo reside precisamente em um sistema social onde o todo-compacto é o modelo que segue as partes. Um modo de suprir o vazio central que é o homem de tal maneira pervertido, que sua estrutura se resolve num ataque ao vínculo social que o institui. Do capitalismo todos somos vítimas. Sua capacidade destrutiva é extraordinária.<sup>6</sup>

Segundo Agamben:

O totalitarismo moderno pode ser definido, nesse sentido, como a instauração, por meio do estado de exceção, de uma guerra civil legal que permite a eliminação física não só dos adversários políticos, mas também de categorias inteiras de cidadãos que, por qualquer razão, pareçam não integráveis ao sistema político. Desde então, a criação voluntária de um estado de emergência permanece (ainda que eventualmente, não declarado no sentido técnico) tornou-se uma das práticas essenciais dos Estados contemporâneos, inclusive dos chamados democráticos<sup>7</sup>.

Encontramo-nos com o Real da pulsão de morte na cultura, e a iminente destruição dos códigos de grupo (alianças, tradições, crenças), uma vez que as representações da lei do Estado moderno mostram-se insuficiente para sustentar laços simbólicos que harmonizem as relações sociais.

---

<sup>6</sup> IMBRIANO, Amélia Haydée. *La Odisea del siglo XXI*, Op cit, p.43

<sup>7</sup> AGAMBEN Giorgio *Estado de exceção*, Op cit, p.13.



Para as *controvérsias nos limites*, trabalharemos com as controvérsias nos campos mencionados. Empreenderemos esse trajeto para finalmente poder articular a especificidade da nossa situação subjetiva, e sua relação com *o impossível e o possível do limite*, no começo do século XXI.

Na nova realidade globalizada um mundo semeado de guerras e ameaças, muito boas intenções, grandes desconfianças e decepções sobre quem nos representa favorecendo uma sociedade, que se sustenta numa lógica de *satisfação* de qualquer demanda pelo consumo (de técnica, de espetáculo) que descuida da dimensão do sofrimento individual e coletivo do sujeito humano no mesmo ato que rejeita a castração. Concordamos com Amélia Imbriano, que destaca que a tecno-ciência nos provê dos melhores manjares ofertados pela sociedade de consumo, favorecendo uma cultura tendente à adição, cujo limite é a própria morte e cuja lei é a lei do *satisfacere*.<sup>8</sup>

As idéias do progresso entram em crise uma vez que se verifica que se bem a tecnologia produz bem estar, também produz destruição. O grande dilema é como encontrar um equilíbrio.

Frente à realidade atual nos confrontamos com o peso das nossas decisões, e uma imperativa necessidade de exigir de nós a maior lucidez possível antes de tomá-las. Globaliza-se sem se ter uma noção global, ou ainda, quer-se tê-la quando o mundo está absolutamente fragmentado nas opiniões e na manipulação da mídia. Digamos também que são opiniões difíceis de se sustentarem por muito tempo, geralmente pela vertigem e pelo inusitado dos acontecimentos dos quais sabemos pelos meios de comunicação, na maior parte das vezes, e muito dificilmente sentimos que fazemos parte de qualquer decisão tomada.

---

<sup>8</sup> Cf: IMBRIANO, Amélia. *La Odisea del siglo XXI*, Op Cit. Passim.

Se até fins de século XX a paz do mundo e de nossas vidas dependia de um botão<sup>9</sup>, hoje com as armas químicas, biológicas, nucleares e outras, qualquer um pode ser o botão potencial que desencadeara o pânico generalizado. As representações que evocam a morte estão disseminadas em todo o sistema, inclusive no solar, que cada vez encontra-se com sua capa de ozônio mais danificada, mostrando o projeto falho da modernidade e o triunfo dos interesses do capitalismo que encontra um solo fértil no estado de exceção.

A globalização, uma vez que globaliza o domínio neoliberal, deixa claro que cada vez mais há mais ganhos concentrados em algumas mãos e mais pobreza. A iminência da globalização para nós chega a ser preocupante e ameaçadora na conjuntura atual, para outros nem tanto. Acontece que é possível seguir o fluxo dos acontecimentos adormecidamente. Porém resistimos, pensando e escrevendo na América Latina. Como testemunhas de Auschwitz, à nossa maneira<sup>10</sup>. Poder pensar a respeito é um movimento chave para fazer da marca significativa, e desta maneira privilegiar ao sujeito de desejo, que emerge a pesar das suturas<sup>11</sup>. Diremos que há um sujeito na linguagem que colapsa sendo o pior fator de tal colapso, o silêncio provocado pela emergência da pulsão de morte na cultura.

“Se o mundo pode em fim proclamar-se oficialmente unificado, é porque essa fusão já se realizara na realidade econômico-política do mundo inteiro.”<sup>12</sup> O novo

---

<sup>9</sup> Evocamos aqui, um temor da humanidade no século XX; o máximo perigo do mundo era uma guerra nuclear.

<sup>10</sup> Entendemos que simbolicamente, Auschwitz é a zona gris onde todas as barreiras e disciplinas colapsam e todos os diques desbordam. Cf. AGAMBEN, Giorgio. *Lo que resta de Auschwitz*, op.cit. , p.49.

<sup>11</sup> O termo sutura, que como veremos, foi estabelecido por Jacques Allain Miller, apesar das polêmicas que giram através deste termo. Pensamos numa sutura que fracassa, tal como Lacan o coloca, o que nos auxilia a entender o sujeito que colapsa ante uma iminente fragmentação das linguagens da modernidade. Cf. Miller Jacques Allain *Matemas*. Vol. II. Argentina: Manantial, 1987.

<sup>12</sup> DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela Dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 10.

Estado parecem são as multinacionais segundo Teodoro Lecman, coincidimos com ele<sup>13</sup>. O estado é um cuja representação está esvaziada.

Um pensamento que se resigna ao ideário do disseminado pode estar mais bem preparado para o amanhã, mas como não ousamos imaginar o amanhã (embora nos preparemos para tal), hoje pensamos nos laços simbólicos que propiciam as identificações simbólicas interagindo com a violência em nossos dias. Apostamos no desejo na linguagem - o nosso lance mallarmaico- pensamos desde aí questões com as quais estamos comprometidos de maneira imediata, desde há muitos anos: a pulsão de morte. Então, novamente com Lacan, *apostamos no sujeito de desejo e, com este, no desejo de memória*. O desejo de memória é apresentado da seguinte maneira por Derrida:

Com Freud, sem Freud, às vezes contra Freud, *Mal de arquivo* evoca sem dúvida um sintoma, um sofrimento, uma paixão: o arquivo do mal; mas também aquilo que arruína, desvia ou destrói o próprio princípio do arquivo, a saber, o mal radical. Levanta-se então infinita, fora de proporção, sempre em curso, “em mal de arquivo”, a espera sem horizonte acessível, a impaciência absoluta de um desejo de memória<sup>14</sup>.

O desejo de memória derrideano surge ante a finitude radical, e a possibilidade de um esquecimento que, segundo suas palavras, não se limitam ao recalçamento. A isto que não se limita ao recalçamento, entendemo-lo como a abrupta irrupção da morte nas estruturas da linguagem. A primeira grande explosão atômica coagula uma imagem, que é um ícone da destruição do homem pelo homem, logo vieram outras que lembram que ciência, tecnologia e tanatopolítica copulam gerando morte .

---

<sup>13</sup> Esta é uma observação do psicanalista, Dr. Teodoro Pablo Lecman que data de 2005, expressada por ele em ocasião de uma entrevista realizada por nós em ocasião da sua visita à Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>14</sup> DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo - Uma impressão freudiana*. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 9.

Kant, ao postular o conceito de *Mal Radical*, entende que no homem há uma tendência ao mal. A questão reaparece em Freud: já não se trata de uma tendência do homem, mas de admitir a autonomia da pulsão de morte.<sup>15</sup>

Derrida recupera o pensamento freudiano na especificidade do *Mal de arquivo*. Os arquivos do mal demonstram *que o homem é o lobo do homem* como o filósofo inglês Thomas Hobbes já o dissera. Quem sabe, algum dia, na busca da máquina perfeita, criemos uma à qual adoraremos, e fascinados diante dela, seremos seus escravos. Quem sabe a Tecnocracia já a tenha criado, e esta opera definindo o futuro da humanidade.

O desejo de memória é uma proposta de desconstrução dos arquivos do mal. Os arquivos da morte dizem respeito às silenciosas cenas de uma agonizante subjetividade moderna.

Frente ao triunfo de Tânatos, um novo lance de dados. Um primeiro arquivo a ser aberto aqui tem como função repensar as controvérsias, controvérsias estas que parecem ocupar uma boa parte de nosso tempo, e do volume das informações que a mídia nos traz.

---

<sup>15</sup> Em *Além do princípio de prazer* (1920), Freud admite que, junto a de Eros, cuja tendência é a preservar e unir, existe Tânatos, cuja tendência é destruir e matar. Estabelece-se assim o dualismo pulsional. De um lado, a pulsão de vida, que englobaria as pulsões sexuais e as pulsões do Eu, cuja energia corresponde como energia a libido, e de outro a pulsão de morte, onde afirma a independência de a pulsão de destruição, pero reluta e atribui-lhe autonomia com relação à sexualidade. Essa relutância permanece em *O problema econômico do masoquismo* (1924), mesmo afirmando a hipótese da existência de um masoquismo primário, ainda se mantém a idéia de um masoquismo articulado á libido. Uma parte da pulsão [de destruição] é colocada diretamente a serviço da função sexual, onde tem um papel importante a desempenhar. Este é o sadismo propriamente dito. Outra porção não compartilha dessa transposição para fora; permanece dentro do organismo e lá fica libidinalmente presa. Mas tarde surge em Freud a questão: si é a libido a energia que move as pulsões sexuais e as pulsões do eu, qual é a energia que move a pulsão de morte? Esta questão somente será respondida sem relutância dez anos depois, em *O mal-estar na cultura* [1929-1930], quando Freud defende *a autonomia da pulsão de morte* al referir se a destrutividade como a energia inerente a esta pulsão, tal como a libido é inerente a sexualidade e à pulsão de vida. Cf. **Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Coordenação de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000.**

## CAPÍTULO I

### O que restou das estruturas?

«—Maestro, ¿qué es lo que estoy oyendo? ¿Y qué gente es ésa que tan dominada por el dolor parece?

A lo que él me contestó: —Esta mísera existencia llevan las doloridas almas de quienes en el mundo vivieron sin infamia y sin motivos de alabanza. Mezcladas andan a aquellos ángeles que no fueron rebeldes ni fieles a Dios, sino que se mantuvieron neutrales. Los cielos los expulsan para que no turben su belleza, y tampoco los reciben los infiernos, pues con su presencia proporcionarían alguna gloria a los condenados.

Y yo insistí:

—Maestro, ¿qué es lo que tanto los atormenta y tanto los hace lamentarse?

Y él me contestó:

—Te lo diré brevemente. Estos no tienen ya esperanza de muerte, y su ciega vida es tan abyecta que se sienten envidiosos de cualquier otra suerte. En el mundo no puede quedar traza de ellos: desdéñalos tanto la justicia como la misericordia. No hablemos más de ellos; míralos y pasa de largo».

Infierno: III. 33-51

*La divina comedia*. Dante Alighieri.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> ALIGHIERI, Dante. *La divina Comedia*. Trad. Dr. Manuel Aranda y San Juan. México: Edición Editorial Porrúa 1998, p.105.

## 1.1 Das resistências às controvérsias

A aplicação de conceitos psicanalíticos nas diferentes áreas do conhecimento é um fato familiar. Isto já acontecia desde os primórdios freudianos e, como veremos, sempre foi acompanhado de resistências. Também pode nos parecer familiar a proliferação de produções do que tem sido chamado de psicanálise aplicada ou de extensão. Sigmund Freud adverte-nos que pode parecer estranho que uma disciplina que vise à melhoria dos sintomas neuróticos possa ocupar um lugar de importância na história religiosa e cultural.<sup>17</sup> Segundo suas palavras,

Qualquer estimativa da psicanálise estaria incompleta se deixasse de tornar claro que, sozinha entre as disciplinas médicas, ela possui as mais amplas relações com as ciências mentais e se encontra em posição de desempenhar um papel da mesma importância nos estudos da história religiosa, cultural, e nas ciências da mitologia e da literatura que na psiquiatria. Isso pode parecer estranho quando refletimos que originalmente seu único objetivo era a compreensão e a melhoria dos sintomas neuróticos. Mas é fácil indicar o ponto de partida da ponte que conduz às ciências mentais. A análise dos sonhos forneceu-nos uma compreensão dos processos inconscientes da mente (...)<sup>18</sup>.

Para entendermos a dimensão do desejo de Freud, do qual sabemos pela elaboração da sua obra, é imprescindível que contemplemos as suas leituras fundamentais: filosofia, medicina, arte, literatura. Quando lhe foi perguntado sobre sua relação com a filosofia, ele disse que de filosofia nada sabia. A resposta deve-se à intenção de demarcar os *limites* entre filosofia e psicanálise, e mais ainda, é uma resposta política, dado que há

---

<sup>17</sup> O movimento que consiste em conceitualizações teóricas a serem aplicadas a temáticas culturais pela Literatura foi uma questão que impulsionou a nossa pesquisa. A nossa principal preocupação era se aquilo que foi uma observação clínica, numa situação balizada pelo marco transferencial, era aplicável, e mantinha o mesmo peso fora de tal situação transferencial.

<sup>18</sup> FREUD, Sigmund. *As Aplicações e as Correlações Não-Médicas da Psicanálise*. In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, op.cit.

inegáveis indícios de que o pensamento freudiano conversava com a filosofia intensamente. Reconhecer nesse momento a conversa filosofia-psicanálise era pôr sob suspeita a autonomia da psicanálise, e isso não é conveniente para quem pretende que a este novo conhecimento seja dado o estatuto de ciência.

Na verdade, não é tão amplo o périplo classificatório que pode percorrer a psicanálise, se tentarmos ir encaixando seus momentos linearmente, além de que se trata de um corpo de conhecimentos muito recente, levando-se em conta a história do pensamento. Já foram estabelecidas, de fato, divisões tais como pré-psicanálise e psicanálise. Ou, Freud antes e depois da metapsicologia. A tendência deste escrito de tese é abordá-la, no seu valor de texto, segundo a distinção feita por Roland Barthes entre Texto e Obra:

O Texto não deve ser entendido como um objeto computável. Seria vão separar materialmente as obras dos textos. Em particular, não se deve ser levado a dizer: a obra é clássica, o texto é de vanguarda; não se trata de estabelecer, em nome da modernidade, um quadro de honra grosseiro e declarar certas produções literárias *in* e outras *out* em razão de situação cronológica: pode haver “Texto” numa obra muito antiga, e muitos produtos da literatura contemporânea não são em nada textos. A diferença é a seguinte: a obra é um fragmento de substância, ocupa alguma porção do espaço dos livros (por exemplo, numa biblioteca). Já o Texto é um espaço metodológico. A oposição poderia lembrar (mas de modo algum reproduzir termo a termo) a distinção proposta por Lacan: a “realidade” se mostra, o “*real*” se demonstra; (...)<sup>19</sup>.

Neste trabalho iremos recorrendo na medida do necessário a tais divisões, mas, com Jacques Derrida, não pensamos que este corpo teórico seja um arquivo concluído, apesar do projeto institucional e científico que se chama psicanálise.<sup>20</sup> Qual é seu futuro? Jacques Derrida faz a seguinte colocação:

---

<sup>19</sup> BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 72.

<sup>20</sup> Retomaremos em vários momentos tal noção de arquivo, que, na realidade, o próprio Derrida trabalha como estratégia desconstrutiva, não fechando um entendimento sobre ele. Digamos que este é um conceito que se

Trata-se do *futuro*, se existe futuro, nada menos que isto: Do futuro da psicanálise em relação com o futuro da ciência. Tecno-ciência, a ciência só pode consistir em seu próprio movimento, em uma transformação de técnicas de arquivamento, de impressão, de inscrição, de reprodução, de formalização, de codificação e de tradução de marcas<sup>21</sup>.

O filósofo argelino, quando se refere à possibilidade de um futuro para a psicanálise, pensa o futuro do *sujeito de desejo e do desejo de memória*. Ele dirá que “em todo caso, não haveria porvir sem repetição”<sup>22</sup>, repetição do evento arquivado. O que nos leva a afirmar, conforme Derrida, que se requer **desejo de memória** e, seguindo a Roland Barthes, se requer *desejo de leitura* é que: o futuro da Literatura também temos que pensá-lo a partir da chave do desejo.

Retomemos então os sintomas da nossa época, que não são mais que a repetição do que ainda não tem significantes apropriados para devir **Texto**.

## 1.2 Reflexão sobre o mal-estar nos limites disciplinares

O que pode parecer a fecundidade da psicanálise tomou forma de *controvérsias*. Em alguns casos, entendemos que tais mal-estares são os sintomas de um ímpeto de institucionalização dos saberes; consequência derradeira de uma tradição cientificista que nasceu com a modernidade, como expressão de um mal-estar próprio da constituição subjetiva do ser humano. A idéia do mal-estar é tomada do célebre artigo de Freud, *O mal-estar na civilização*. Neste artigo, Freud afirma que a inclinação agressiva é uma disposição pulsional autônoma, *originária* do ser humano. Efetivamente saber e

---

descontrói por si próprio na medida em que é trabalhado. Aparece tardiamente na obra do filósofo argelino, no ano 1994.

<sup>21</sup> DERRIDA Jacques, op. cit. , p. 26.

<sup>22</sup> IDEM-*Ibidem*, p. 102.



pulsão de morte é uma articulação chave que acompanha este trabalho desde que foram pensadas as primeiras questões, mas... desejo de leitura também.

*A indagação inicial era: os conceitos emergentes da experiência clínica analítica, quando são assimilados pela crítica ou pela teoria literária, estão operando metaforicamente?*

Afirmar que os conceitos são usados metaforicamente foi uma possível primeira resposta, mas tudo indicava que algo se modificava irreversivelmente a partir do trânsito conceitual que vai desde a psicanálise à literatura e vice-versa. Logo entendemos que, se tratava da *terceira margem do rio*<sup>23</sup>.

Concordamos com Derrida em que, para que exista escrita e escritura, necessita-se “o espaço instituído de um lugar de impressão”<sup>24</sup>. Quer dizer, um espaço para a marca. Entretanto, haveria marca sem sujeito? O lugar do real é um lugar de desencontro com o sujeito, e a marca, o *rastro* sem rosto nenhum, em seu lugar, a nova realidade nos traz uma diversidade da morte nos rostos de todo vivente.

A terceira margem do rio é um litoral desde onde se pode pensar a silenciosa pulsão de morte na atualidade. Em princípio, o projeto desta tese tratava de uma série de relações cuja complexidade era de cunho epistemológico<sup>25</sup>. A nossa formação analítica interrogava o corpo conceitual da Literatura da seguinte maneira: é cabível pensar

---

<sup>23</sup> Por último, com *terceira margem do rio* fazemos alusão a um espaço não linear. Retornaremos a este ponto no capítulo V.

<sup>24</sup> DERRIDA Jacques. Op. Cit, p. 9

<sup>25</sup> Utilizaremos neste trabalho o conceito de epistemologia, a partir do entendimento que deriva do conceito de episteme formalizado por Michel Foucault.

Michel Foucault chamou de *episteme* e também de campo epistemológico a estrutura subjacente e não-manifesta explicitamente, que delimita o conhecimento, os modos em que os objetos são percebidos, agrupados, definidos. A *episteme* é um lugar onde o sujeito fica posicionado e, a partir do qual, conhece e age de acordo com as regras estruturais da *episteme*. O estudo da *episteme* não responde a uma história linear, nem a das idéias, e sim a uma arqueologia. Não se pode falar de continuidades entre as diversas *epistemes* e por isto não se pode falar tampouco de história das *epistemes*. As ciências humanas modernas não têm constituído segundo Foucault, a *episteme* moderna – é melhor a disposição geral da *episteme* o que dá seu lugar, chama e instaura as ciências humanas – que permite constituir o homem como um objeto. O que importa para Foucault não são as supostas conexões externas que possam obedecer a uma série de harmonias, mas a ruptura, a ausência total de um centro.

em termos de gozo, de pulsão e de desejo em Literatura? Logo entendemos que se tratava de desejos que se encontram diante de um arquivo em comum: a pulsão de morte na cultura. Diremos das produções textuais que marcam esse encontro de desejos que se inscrevem a partir de uma impressão, um litoral, em definitivo, um *Entre-Lugar* da Literatura com a Psicanálise.

Se a princípio a nossa formação clínica nos fez questionarmos a validade do uso em Literatura dos conceitos cunhados durante o desenvolvimento desta prática, uma vez que eles migraram para outro campo, na medida em que fomos adentrando em nossa pesquisa, fomos levados a pensar limites classificatórios em geral, isto é:

- Dentro da psicanálise.
- Dentro da própria Literatura.
- Da arte.
- Dos limites entre psicanálise com a Literatura.
- Dentro e entre as instituições.

Foi com surpresa que nos deparamos com o mal-estar *mais além* de qualquer limite. Então, trataremos, a princípio, dos limites classificatórios e sua relação com a nossa subjetividade.

### 1.3 Da trilha freudiana e a diferença na linguagem

As respostas aos *mal-estares* de ordem neurológica procuradas na ciência indicarão para Freud o caminho da linguagem, o resultado imediato foi “Sobre a Interpretação das Afasia” (1891)<sup>26</sup> e *O Projeto para uma psicologia científica* (1895)<sup>27</sup>. Poucos anos mais tarde, as respostas vieram com o desvelamento dos sonhos, bem como com a *hipótese do inconsciente*, que tiveram como consequência a criação da Psicanálise.

Seus estudos neurológicos foram contribuições adiantadas para a sua época, extrapolando desde o início os limites classificatórios.

Freud faz lingüística e, em muitos aspectos, está muito para além da posição de Jakobson, dirá Alfredo G.Roza<sup>28</sup>. Não pensamos que Freud tivesse alguma intenção de fazer lingüística, e seu percurso nos dá argumentos para tal conclusão, mas é verdade que em muitos momentos lingüística e psicanálise se encontraram pensando os mesmos objetos, realizando as suas leituras a partir da perspectiva de seus respectivos interesses. Como bem o demonstra a teoria do significante (Lacan) em contraposição à teoria do signo que estabelece uma relação radical e unívoca entre significado e significante.

Luis Alfredo Garcia-Roza observa que:

(...) em afasia já está presente não apenas a superação da distinção rígida entre o normal e o patológico (como quando Freud afirma que a parafasia que observamos em alguns doentes não se distingue fundamentalmente daquela que podemos observar em pessoas normais quando sob efeito de estados emocionais intensos) como podemos

---

<sup>26</sup> FREUD, Sigmund. *Após a nomeação como Privatdozent*, In: *Sobre a Interpretação das Afasia*. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Coordenação de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000.

<sup>27</sup> IDEM, *O Projeto para uma psicologia científica*. In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, *op. cit.*

<sup>28</sup> GARCIA-ROZA, Alfredo. *Introdução á metapsicologia freudiana*. V1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1991. p.30

também encontrar uma antecipação da teoria do ato falho, o chiste e o lapso como exemplos vivos de condensação e deslocamento<sup>29</sup>.

Então, Freud, já como médico, ia desbravando a linguagem, mediante a sua escrita que apontava o hiato entre o objeto e sua possibilidade de ser representado, contrariando as teorias organicistas que davam prioridade à localização substancial, não considerando o aspecto funcional dos processos psíquicos.

Freud escreveu de maneira prolífera e com excelência; seu estilo, como veremos, foi celebrado pela sua época. Na sua escrita, vai documentado o seu percurso e, neste sentido, diremos que se preocupou em inscrever seu nome na cultura. As reflexões sobre a impressão inauguram o arquivo da psicanálise freudiana, são a marca de uma escrita que se encaminha para a *diferença*.

Anos mais tarde, Derrida lê a partir deste arquivo a pulsão de morte, entendida como silenciosa e de destruição. Pensando-a em nossos tempos, o que denomina como o Mal radical nos arquivos do mal. A partir da pulsão de morte, Derrida contrapõe o *mal de arquivo* ao *desejo de memória*.

Interessa-nos pensar a proposta derrideana a partir do estatuto *de sujeito de desejo* lacaniano. De sua parte, Lacan propõe retomar Freud, o que diz respeito também a *desejo de memória*. Dentre nossas inquietudes, há uma pergunta pelo progressivo esquecimento em que atualmente ficou o estudo sistematizado das obras freudianas. O esquecimento faz parte do destino de um arquivo, nos ensina Derrida, mas para desarquivar necessita-se de *desejo de memória*.

É verdade que grandes pensadores da nossa época retomam seriamente a leitura freudiana, mas se nota que, em termos gerais, ler Freud não faz parte da biblioteca,

---

<sup>29</sup> IDEM- *Ibidem*.

nem obrigatória, ou pior, nem com a do desejo. Tais valiosos escritos são considerados parcialmente, sendo lembrados através dos mencionados ilustres leitores. A mesma sorte parece estar ocorrendo com a leitura de Lacan, um dos grandes leitores de Freud, que começa a estar sendo relido a partir de seus comentadores, deixando-se, todavia, de lado a leitura do original. Mas Lacan ainda está sendo lido, e o grau de esquecimento ainda é menor em relação à obra de Freud. Será que os grandes pais estão desacreditados? Há uma resistência a ler a tradição? Entendemos que sim, e que isto é um sintoma de nosso tempo. Uma tendência se relacionar tradição a partir dos fragmentos, e ainda a partir dos seus testemunhos. Bem, a estas alturas, temos uma certeza: não são poucas as páginas *escritas* para combatê-los. Será que isto é pela impossibilidade real de lê-los? E combate não é esquecimento, pelo contrário. Há muitas páginas também escritas para serem institucionalizados.

Entendemos que efetivamente, existe uma impossibilidade de ler todas as obras de todos os autores fundamentais de nossa época, e ainda ler aqueles clássicos nos quais eles próprios se referenciam devido a que humanamente impossível fazer isto. Progressivamente, a agonizante humanidade depara-se com um Outro Freud, ainda para quem não o tenha lido, a partir do qual se repensam a época em que vivemos, e a força que habita na Linguagem.

Somos parte de uma humanidade cujos ideais e memórias há que se construir voltando o olhar às cinzas, de onde *lemos*, através dos testemunhos, sobre o *figurem*: testis, que segundo Agamben (o qual retomaremos em outro momento), são **os restos** de tal humanidade.

As testemunhas são os que escreveram sobre aqueles que viveram *a experiência integral* nos campos de concentração e extermínio. Trata-se dos **Testis**, que são aqueles que chegaram ao ponto sem retorno, até o limite da morte, esvaziados de toda

dignidade possível. Aqueles que sobreviveram, e escrevem sobre eles são *testemunhos*. A escrita das testemunhas será a partir de *Restos humanos*, do limite entre o humano e o não humano, mas também sobre os restos dos ideais da modernidade e sua ideais.

Para Derrida, a *crise* será pensada nos arquivos, onde se articula à *pulsão de morte* e esta responde estruturalmente com um gozo que não consegue significantes adequados para poder estabilizar tal economia dos arquivos, ou seja, *o mal radical afetando o mal de arquivo* –entendido como desejo de memória- que não devem ser confundidos com o *arquivo do mal*. Diremos que o simbólico, e com ele, o significante, permite uma regulação do princípio de arquivo, acalma. A grande questão é: o que acontece quando existe uma destruição irreversível, uma variação epistemológica, na linguagem da nossa época? Nascerá novamente a ave Fênix? Não nos referimos a uma ave Fênix mecânica e montada por justaposição e articulação das partes - esta é fabricável e está à venda – mas àquela que se refaz das suas cinzas na *textualidade*<sup>30</sup>: “Depois de Auschwitz, escrever um poema é um ato bárbaro”.<sup>31</sup> Essa frase, que se tornou foco de reflexão universal, e como sabemos é de Theodor Adorno, nos faz pensar na destruição dos signos, comportando o ato de escrita no sujeito.

---

<sup>30</sup>Tomamos o pensamento sobre textualidade de Roland Barthes. Este conceito será trabalhado progressivamente.

<sup>31</sup> ADORNO, Theodor. *Crítica cultural y sociedad*. Madrid: Sarpe, 1984, p. 54.

## 1.4 Retrospectiva

A psicanálise é, em essência, uma cura pelo amor.  
Freud, em carta a Jung.<sup>32</sup>

As relações formais entre Literatura e Psicanálise têm sido cada vez mais frequentes e das mais diversas, como testemunham diversas produções. Tais relações datam de mais de um século. Estipula-se como data inaugural à publicação da *Interpretação Dos Sonhos (Die Traumdeutung)* 1899-1900. A clínica freudiana já se avolumava antes disso. O caso clínico com o qual se inaugura a clínica psicanalítica como tal é o apresentado nos primeiros historiais sob o título de Ana O. este historial clínico inauguraria a literatura científica psicanalítica em 1886. No entanto, não se tomam estes textos como inaugurais da Psicanálise como disciplina, porque até esse momento a descoberta formal do inconsciente não tinha acontecido. Para nós, a psicanálise começa com a escrita da sua clínica.

A *Interpretação Dos Sonhos(1900)*<sup>33</sup> hoje é considerada um clássico, figurando dentre os livros mais vendidos por editoras que não se dedicam exclusivamente à literatura psicanalítica. A venda não garante a sua leitura. Mas, segundo a lógica do acúmulo, não pode faltar nas bibliotecas. Este livro não teve êxito editorial no seu momento, e demorou a tê-lo. De fato, até 1906 só foram vendidos trezentos e cinquenta e um exemplares. Não obstante, para o pai da psicanálise, a convicção do peso de seu descobrimento, o inconsciente, era inabalável. O fracasso editorial da *Interpretação dos sonhos* e a indiferença de como foi recebido não lhe fez recuar um só passo. Em 12 de junho de 1900, na carta 137, dirigida a Fliess, escreve: “Você acredita que algum dia será

---

<sup>32</sup> FREUD, Sigmund. In: Edição Eletrônica..., op.cit.

<sup>33</sup> FREUD Sigmund. A *Interpretação Dos Sonhos*. In: Edição Eletrônica..., op.cit.

colocada nesta casa uma placa de mármore, com a seguinte inscrição? Nesta casa, em 24 de Julho de 1985, o segredo dos sonhos foi revelado ao doutor Sigmund Freud.”<sup>34</sup>

Nos anos oitenta (século XX), a placa foi efetivamente colocada na casa de Belleveu, onde a família de Freud passava as férias no século XIX, e onde teve *o sonho da injeção de Irmã*. Sonho inaugural e paradigmático, submetido pelo próprio sonhador a uma análise detalhada. Logo, será um dos primeiros exemplos que aparecera em *Die Traumdeutung*. O artigo de 1914, *A história do movimento psicanalítico*, cujo objetivo ao ser escrito era tornar os postulados psicanalíticos claros, contém um levantamento de revistas e periódicos vinculados à psicanálise, que vão desde o momento em que Freud estava totalmente sozinho na psicanálise até o momento das dissidências. Ali também se deixa entrever a preocupação do autor ante uma das muitas dificuldades, com que a sua obra se deparou através dos tempos: a sua tradução. Vejamos:

É necessário também dizer algumas palavras sobre o desenvolvimento dos periódicos a serviço da psicanálise. O primeiro deles foi uma série de monografias intitulada *Schriften zur angewandten Seelenkunde* [“Artigos sobre Ciência Mental Aplicada”] que apareceram irregularmente desde 1907 e agora aí o número de quinze exemplares. (O editor pretendia começar com Heller em Viena e depois F. Deuticke.) Incluem obras de Freud (Nos. 1 e 7), Riklin, Jung, Abraham (Nos. 4 e 11), Rank (Nos. 5 e 13), Sadger, Pfister, Max Graf, Jones (Nos. 10 e 14), Storfer e von Hug-Hellmuth. Com a fundação da revista *Imago*, esse gênero de publicação perdeu parte de sua importância. Após a reunião de Salzburg, em 1908, fundou-se o *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen* [Anuário de Pesquisas Psicanalíticas e Psicopatológicas], o qual veio a lume durante cinco anos sob a diretoria de Jung e que agora ressurgiu, com dois novos redatores e com ligeira alteração no título — passou a chamar-se *Jahrbuch der Psychoanalyse* [Anuário da Psicanálise]. Não mais se destina a ser, como o foi em anos recentes, um simples repositório para publicação de obras autônomas. Em vez disso, seus editores se empenharão em cumprir a finalidade de registrar todos os trabalhos realizados e todos os progressos alcançados no campo da psicanálise. A *Zentrablatt für Psychoanalyse*, que, como já disse, foi lançada por Adler e Stekel após a fundação da Associação Psicanalítica Internacional em Nuremberg, 1910, teve uma existência breve e tumultuada. Já no décimo número do primeiro volume [julho de 1911] apareceu um aviso na página de frontispício comunicando que, por

---

<sup>34</sup> IDEM. *Cartas a Fliess*. In: Edição Eletrônica..., op.cit.



motivo de divergências científicas de opinião com o diretor, o Dr. Alfred Adler resolvera afastar-se voluntariamente da editoria. Depois disso, o Dr. Stekel continuou o único redator (a partir do verão de 1911). No Congresso de Weimar [setembro de 1911] a Zentralblatt foi elevada à posição de órgão oficial da Associação Internacional e passou a ser remetida a todos os sócios mediante um aumento da contribuição anual. A partir do terceiro número do segundo volume (inverno [dezembro], 1912), Stekel tornou-se o único responsável pelo seu conteúdo. Seu comportamento, do qual é impossível publicar um relato, me obrigou a exonerar-me de sua direção e a criar, às pressas, um novo órgão para a psicanálise — a Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse [Revista Internacional de Psicanálise Médica]. Os esforços conjuntos de quase todos os nossos colaboradores e de Hugo Heller, o novo editor, resultaram no surgimento do primeiro número, em janeiro de 1913, havendo logo tomado o lugar da Zentralblatt como órgão oficial da Associação Psicanalítica Internacional.

Enquanto isso, no início de 1912, um novo periódico, Imago (publicado por Heller), destinado exclusivamente à aplicação da psicanálise às ciências mentais, foi fundado pelo Dr. Hanns Sachs e pelo Dr. Otto Rank. Imago encontra-se agora na metade de seu terceiro volume, sendo lida com interesse por um número sempre crescente de assinantes, alguns deles com pouca ligação com a análise médica.

Afora essas quatro publicações periódicas (Schriften zur angewandten Seelenkunde, Jahrbuch, Zeitschrift e Imago), outros periódicos alemães e estrangeiros publicam trabalhos que merecem um lugar na literatura psicanalítica. The Journal of Abnormal Psychology, dirigido por Morton Prince, costuma publicar tantas e tão boas contribuições analíticas que deve ser considerado como o principal representante da literatura analítica nos Estados Unidos. No inverno de 1913, White e Jellife em Nova Iorque lançaram um novo periódico (The Psychoanalytic Review) dedicado exclusivamente à psicanálise, sem dúvida levando em conta o fato de que para a maioria dos médicos americanos interessados na psicanálise, a língua alemã é um obstáculo<sup>35</sup>.

O próximo fragmento, escrito no ano 1923 e publicado em 1924, nos oferece um dado importante sobre a circulação da psicanálise nos meios editoriais, e também sobre os aspetos políticos que progressivamente farão parte de sua história, marcando seus destinos:

A literatura da psicanálise, naturalmente, não é encontrada apenas nesses periódicos, que são na maioria sustentados por sociedades psicanalíticas; ela aparece por toda parte, em numerosos lugares, em publicações científicas e em publicações literárias. Entre os periódicos do mundo latino que concedem atenção especial à psicanálise, a Revista de Psiquiatria, coordenada por H. Delgado, em Lima, no Peru, pode ser

---

<sup>35</sup> IDEM. *Historia do movimento psicanalítico*. In: Edição Eletrônica..., op.cit.

mencionada em especial. Uma diferença essencial entre essa segunda década da psicanálise e a primeira reside no fato de que o presente autor não constituía mais seu único representante. Um círculo sempre crescente de alunos e adeptos se havia reunido em torno dele, dedicando-se, em primeiro lugar, à difusão das teorias da psicanálise; depois, ampliaram, suplementaram e conduziram essas teorias a maior profundidade. Com o decorrer dos anos diversos desses defensores, como era inevitável, separaram-se, tomaram seus próprios rumos, ou se transformaram em uma oposição que pareceu ameaçar a continuidade do desenvolvimento da psicanálise. Entre 1911 e 1913, C. G. Jung, em Zurique, e Alfred Adler, em Viena, produziram determinada agitação por suas tentativas de dar novas interpretações aos fatos da análise e por seus esforços para um desvio do ponto de vista analítico. Entretanto, viu-se logo que essas secessões não haviam causado danos permanentes. O sucesso temporário que tenham atingido foi facilmente explicável pela presteza da massa das pessoas em livrar-se da pressão das exigências da psicanálise por qualquer caminho que se lhes pudesse abrir. A grande maioria dos colaboradores permaneceu firme e continuou seu trabalho orientada pelas linhas a eles indicadas. Depararemos repetidamente com seus nomes na breve descrição, adiante, das descobertas da psicanálise nos muitos e variados campos de sua aplicação<sup>36</sup>.

Se, a meados da segunda década do século passado, a psicanálise já estava amplamente difundida, deixa-se transparecer no parágrafo acima citado o que será uma constante até a atualidade, que o mal-estar concomitante a sua institucionalização desde sempre insiste, isto é, nunca deixa de se inscrever<sup>37</sup>. Assim colocado, falamos de um *impossível*. O impossível em psicanálise tem relação com o Real, mas também com a lei. Porém, se a lei está debilitada, podemos seguir falando de impossível? A impossibilidade do impossível, o *unheimlich*, isso é a cara da Gôrgona!

Se bem entendemos, seguindo Freud, que toda instituição comporta um mal-estar que é de estrutura é consenso, que fatores como o tratamento público da sexualidade infantil foi causa de grandes mal-estares:

A sexualidade infantil continuava a ser um assunto polêmico em Berlim, e o nome de Freud continuou a desencadear afetos intensos depois de 1909... Depois de 1905, o silêncio em torno da psicanálise foi definitivamente rompido, e com a controvérsia vieram os adeptos, mas a

---

<sup>36</sup> IDEM .*Uma breve descrição da psicanálise*. In: Edição Eletrônica..., op.cit.

<sup>37</sup> Utilizamos deliberadamente a definição que Lacan dá para um dos atributos do *Real* ao nos referimos ao *mal-estar nas instituições*. Este conceito será retomado mais adiante.

crítica carregada de emotividade continuou a obscurecer a onda de aprovação em paulatino crescimento. Ainda em 1910, o professor Wilhelm Weygandt, que em 1901 havia escrito uma resenha não muito generosa sobre *A Interpretação dos sonhos*, era capaz de exclamar no Congresso de Neurologistas e Psiquiatras de Hamburgo que as teorias de Freud eram um assunto, não de discussão numa reunião científica, mas de polícia<sup>38</sup>.

Freud menciona Jung como um caso emblemático. Isto se deve a uma série de situações que tem como pano de fundo a ruptura com aquele, seu príncipe herdeiro, em definitivo um mal-estar institucional. O determinante conceitual foi que Jung tinha erradicado a sexualidade infantil, a etiologia sexual das neuroses e o Édipo como fundamento da clínica psicanalítica, o que o próprio Jung achou muito conveniente para a expansão da psicanálise.

Desde a criação da psicanálise até a atualidade são diversas escolas, e literaturas, que têm proliferado à luz do descobrimento freudiano do inconsciente. O limite entre a literatura e a psicanálise nos lança a uma soma de relações complexas, em que problemas de cunho epistemológico se suscitam nesta relação como tínhamos observado. Relação esta que termina indagando a sua própria estrutura, uma vez que questiona o mal-estar na civilização.

Freud, por sua vez, escreveu sobre a sua relação visceral com a literatura; citaremos uma das muitas alusões que podem ser encontradas ao longo de toda sua obra:

Não obstante, as obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito, especialmente a literatura e a escultura e, com menos freqüência, a pintura. Isto já me levou a passar longo tempo contemplando-as, tentando apreendê-las à minha própria maneira, isto é, explicar a mim mesmo a que se deve o seu efeito. Onde não consigo fazer isso, como, por exemplo, com a música, sou quase incapaz de obter qualquer prazer. Uma inclinação mental em mim, racionalista ou talvez analítica, revolta-

---

<sup>38</sup> GAY, Peter. *Freud uma vida para o nosso tempo*. p. 190.

se contra o fato de comover-me com uma coisa sem saber por que sou assim afetado e o que é que me afeta <sup>39</sup>.

Algo na Literatura excedia à pessoa de Freud, como ele mesmo disse. A Literatura era um lugar de um não saber para ele, um não saber que o levava até a impaciência absoluta. Claro está que não se tratava apenas de um não saber erudito, como também sobre seu desejo, como sua obra assim o demonstra.

É oportuno lembrar que em 1930, foi honrado com o prêmio Goethe de literatura. Nas suas obras completas, que compreendem textos que vão de 1886 até 1939, ele mesmo cita mais de quinhentas obras entre as literárias e de arte; e estilisticamente inclui-se a sua própria, não apenas pela indiscutível originalidade, como também pelo refinado estilo que a sua escrita traz consigo. Entendemos, então, que junto à curiosidade insaciável de Freud, a qual o leva a elaborar os princípios da psicanálise e sua escrita, há também um olhar estético na elaboração da sua Obra.

A linguagem é de suprema importância na obra de Freud. Ela se constitui no instrumento imprescindível de seu ofício. O seu uso da língua alemã foi não só magistral, mas freqüentemente poético, declaram eruditos falantes nativos que, inclusive, foram seus contemporâneos, como veremos. Freud expressou-se quase sempre com verdadeira eloqüência. Isto é bem sabido e amplamente reconhecido por quantos estão familiarizados com a língua alemã. Tem sido freqüentemente assinalado que as histórias de casos descritos por Freud podem ser lidas também como alguns dos melhores romances escritos na sua época, dirá Bruno Bettelheim.

Muitos outros escritores alemães reconheceram Freud como um grande estilista. Thomas Mann, referindo-se a uns dos livros de Freud, escreveu que na estrutura, e

---

<sup>39</sup> FREUD, Sigmund. *O Moisés de Michelangelo*. In: Edição Eletrônica..., op.cit.

na forma, ele está aparentado com toda a grande ensaística alemã, da qual é uma obra prima. Herman Hesse enalteceu Freud porque a sua obra é convincente, graças às suas altíssimas qualidades humanas, e às não menos elevadas qualidades literárias. Albert Einstein disse que admirava a Freud especialmente pela sua realização como escritor e que não conhecia qualquer outro autor contemporâneo capaz de apresentar seu assunto com tamanho domínio da língua alemã<sup>40</sup>.

Pode-se dizer que a psicanálise nasceu com o século XX com a publicação de *A Interpretação de Sonhos*<sup>41</sup> no ano 1900, porém, como bem se pode supor, ela não caiu pronta dos céus. Teve seu ponto de partida em idéias mais antigas, que ulteriormente desenvolveu; originou-se de sugestões anteriores. Então, 1900 é uma data simbólica. Qualquer história a seu respeito deve, portanto, começar por uma descrição das influências que determinaram sua origem, e não desprezar a época e as circunstâncias que precederam sua criação. Como foi dito desde o início: há o desejo de Freud.

A psicanálise cresceu num campo muitíssimo restrito. No início, tinha apenas um único objetivo, o de compreender algo da natureza daquilo que era conhecido como doenças nervosas funcionais, com vistas a superar a impotência que até então caracterizara seu tratamento médico. Mas é evidente que Freud conhecia a dimensão do peso de seu descobrimento. Assim não é surpresa para ele o fato de que o *Projeto de uma psicologia para neurólogos* tomasse rumos que excedessem à neurologia, e à própria psicologia. A vigência desta obra é a possibilidade de que os leitores recuperem uma impressão freudiana.

## **1.5 O mal estar de Bruno Bettelheim com a tradução da obra freudiana**

---

<sup>40</sup>C.f BETTELHEIM, Bruno. *Freud e a alma humana*. São Paulo: Cultrix, 1982, Passim.

<sup>41</sup>FREUD, Sigmund. *A Interpretação de Sonhos*. In: Edição Eletrônica..., op.cit.

A preocupação de Freud a respeito da tradução da sua obra tem vários aspectos a serem contemplados. No caso das línguas latinas, é a estrutura do próprio idioma alemão o qual possui algumas diferenças fundamentais, que faz complexa a sua tradução. Outro aspecto é a emergência de situações históricas que modificaram os contextos históricos até reduzi-los a ruínas, **restos**. Se bem lemos a partir de marcas, *o acontecimento* como tal está perdido. Por outro lado, as traduções inglesas de Freud possuem defeitos que têm levado a conclusões conceituais errôneas, facilitando diversas interpretações da obra freudiana e da própria pessoa de Freud.<sup>42</sup> Um dos aspetos a serem frisados é a perda do peso humanístico como dado relevante da personalidade do criador da psicanálise. Entenda-se como humanístico, neste caso, a preocupação com a dor humana e o *mal-estar* concomitante.

Bruno Betelheim analisa exaustivamente os problemas que trouxe a tradução das *Obras Completas*:

Nascido em Viena, no seio de uma família judia assimilada de classe média, fui criado e educado num meio que, sob múltiplos aspetos, era idêntico àquele que serviu de *background* à formação de Freud... Quando, na meia idade, fui suficientemente afortunado para me permitirem começar uma nova vida nos Estados Unidos, e comecei então a ler e discutir escritos psicanalíticos em Inglês descobri que a leitura de Freud em traduções inglesas gera impressões muito diferentes daquelas que eu tinha formado quando o lia em alemão. Tornou-se evidente que as traduções inglesas dos escritos de Freud distorcem muito o humanismo essencial que impregna os originais. Em seu trabalho e em seus escritos, Freud falou com freqüência do modo da alma – de sua natureza e estrutura, de seu desenvolvimento e atributos, do modo em que se revela em tudo o que fazemos e sonhamos. Lamentavelmente, ninguém que o leia em Inglês pode imaginar isso, porquanto quase todas as inúmeras referências à alma e a questões pertinentes à alma foram suprimidas nas traduções<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> A própria edição brasileira das Obras Completas de Freud toma como fonte uma tradução do alemão para o Inglês a *Standar Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Atualmente uma nova coleção das obras de Freud está sendo progressivamente publicada desde o ano 2002 pela editora Imago. A nova tradução recebe uma crítica muito favorável em detrimento da primeira.

<sup>43</sup> Cf. BETTELHEIM, Bruno, op cit, p. 15.

Entre os estudos valiosos que contribuem para avaliarmos a obra freudiana, está o do escritor e psicanalista após Auschwitz Bruno Bettelheim, que cita o papel negativo da intervenção conjunta do editor-chefe da Edition Standar e de Anna Freud<sup>44</sup>. Como se sabe, Bruno Bettelheim foi prisioneiro de guerra sob o regime nazista. Ele é um dos notáveis escritores considerados como *sobreviventes* e *testemunhas* que logo se suicidaram. O editor das obras era um dos adeptos de Freud, e a co-editora era Anna Freud. B. Bettelheim escreve a respeito: “as traduções não estariam muito longe de parecer uma crítica ao próprio e tão venerado mestre”<sup>45</sup>.

A intervenção de Anna Freud na obra de seu pai foi julgada como lamentável. Localizamos neste testemunho de Bettelheim um elemento que retoma a pergunta sobre *os descréditos à figura do padre em nossos tempos*. No caso de Anna Freud, a problemática parece complexa. Anna Freud não apenas foi a herdeira legal da obra, como sua co-editora, analisante e filha de um pai que fundou uma tradição. Francamente não é empresa pouca a destruição de tais signos para conseguir uma leitura desejante. O depoimento do psicanalista Bettelheim coincide com muitos outros que temos encontrado e ouvido ao longo de anos. A opção por trabalhar com seu material deve-se ao fato de seu trabalho ser mais polido. Outro elemento a ser destacado diz respeito ao excessivo empenho que os tradutores tiveram em dar uma conotação médica ou científica a termos que provinham do grego ou do latim, como assinala Bruno Bettelheim:

Em vários lugares, Freud falou sobre “a estrutura da alma” e a “organização da alma” (“*die Struktur des seelischen Apparats*” e “*die seelisch Organisation*”). Na tradução esses termos são quase sempre expressos por “aparelho mental” ou “organização mental”. Tais substituições são particularmente enganadoras porque, em alemão, as palavras *Seele* e *seelisch* possuem significados ainda mais exclusivamente espirituais do que a palavra “*soul*” (alma) no uso americano atual. A palavra que os tradutores empregam para substituir

---

<sup>44</sup> IDEM- *Ibidem*, p. passim.

<sup>45</sup> IDEM- *Ibidem*, p. 15.

“da alma”-“mental”-tem um exato equivalente em alemão, a saber *geistig*, a qual significa “da mente” ou “do intelecto”. Se Freud quisesse dizer *geistig*, teria escrito *geisti...* Outro dado fundamental, para o exímio leitor freudiano, é o desprezo do termo “alma” nas traduções na *Edition Standard* sempre traduzida por “mente”<sup>46</sup>.

A conclusão de Bettelheim foi que a razão fundamental era o desejo de interpretar a psicanálise como uma especialidade médica. Concordamos com o crítico de que esta foi e é uma tendência que se arrasta em muitos setores. Segundo ele, tais métodos de tradução são reforçados também pelo fato de que a literatura científica inglesa requer um grau de clareza e explicitação que a alemã não pede. Frases ambíguas, que em alemão são perfeitamente aceitas, em inglês não o são; as frases foram sistematicamente adaptadas, particularmente nos escritos científicos em que se evitam duplamente as ambigüidades.

Em teoria, muitos tópicos tratados por Freud permitem tanto um enfoque hermenêutico espiritual quanto um positivista pragmático. Sempre que tal ocorre, os tradutores ingleses optam sempre pelo segundo, sendo o positivismo a tradição filosófica mais importante.<sup>47</sup>

A ambigüidade da língua alemã mostra algo que diz respeito à estrutura das línguas em si, essa impossibilidade de apreensão do objeto metonímico. A tradução do título (análise do conto de Hoffmann “*O Homem de Areia*”)Das *Unheimlich*, nos lembra Nicolas Rosa, tem trazido várias dificuldades para ser traduzido ao francês e ao espanhol, e agregamos também ao português, cuja tradução final foi “*O estranho*”.

Recordemos las dificultades que produjo la traducción deste término tanto en francés como en español: ominoso , siniestro, fantástico etc. Pareciera que la filología encontrase al *objeto misterioso a*, como me gustaría llamarlo, para mostrar la indeterminación en que se sustenta. El recurso etimológico de Freud hacia orientar su búsqueda del umheimlich está centrado en un camino incierto que refleja la incerteza absoluta del

---

<sup>46</sup>IDEM- *Ibidem*, p. 87.

<sup>47</sup>IDEM- *Ibidem*, p. 59.



*etymon*: la palabra es ambivalente en su estructura morfológico-sintáctica<sup>48</sup>.

Outro aspecto importante a destacar é que a psicologia só foi integrada às ciências exatas depois da Segunda Guerra Mundial. Antes disso fazia parte ao campo de estudos da filosofia<sup>49</sup>. Em termos gerais, a obra freudiana é dividida, segundo Alfredo Garcia-Roza, em um momento *pré-psicoanalítico*, marcado por um momento fisiológico-médico e um *psicanalítico* propriamente dito.

Se partirmos de que os quatro conceitos fundamentais da teoria psicanalítica (*inconsciente recalcamento, pulsão e transferência*) ainda não estavam elaborados até a *Traumdeutung*, soma-se a isto que o vocabulário era sumamente médico-científico é aceitável então a divisão da obra em *pré-psicanalítica* e *psicanalítica*, mas se levamos em conta que a sua pretensão era construir um “aparelho da alma” devemos então coincidir com Alfredo Garcia-Rosa quando afirma que “a obra anterior a *Traumdeutung* tem que ser considerada não como o último suspiro de Freud neurologista, senão como uma introdução/primeira parte da teoria que Freud vai desenvolver”<sup>50</sup>

A apreciação de Alfredo Garcia-Roza, polido conhecedor da obra do mestre vienense, não deixa de operar uma certa taxionomia sobre a obra freudiana. Ainda que a obra de Garcia-Roza ilustre com maestria o movimento do desejo freudiano, preferimos pensar a criação da psicanálise a partir do gesto de escrita dos casos clínicos. Para tanto, optamos pelo conceito de arquivo derrideano para pensar a lógica da escrita freudiana.

---

<sup>48</sup> ROSA, Nicolas. *La lengua do ausente*, Buenos Aires: Editorial Biblos, 1997 p. 23.

<sup>49</sup> A teoria freudiana mostra antecedentes de ter bebido de várias fontes filosóficas, em particular, do idealismo alemão. Os precursores deste movimento são Kant e Espinoza, cujo correlato filosófico e artístico é o romantismo alemão, que conserva a idéia de *espírito* que o racionalismo não considerara. Para Kant, o entendimento não pode conhecer o fundo das coisas e se limita a "soletrar os fenômenos". Para Kant, como para Freud, a razão não é capaz de conhecer. A proposta kantiana é uma influência importante para a criação da psicanálise, e para a elaboração do conceito de Das Ding

<sup>50</sup> GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1990, p.17.

Fazemos nossas as palavras desse crítico quando escreve: “(...) é freqüente o engano de se pretender que ela esteja perfeitamente construída respondendo desde um principio a todos os achados provenientes de um longo percurso”. Vejamos o que diz Derrida a este respeito:

“Podemos encontrar os traços desta contradição em toda a obra de Freud. Esta contradição não é negativa, esconde e condiciona a formação mesma do conceito de arquivo e do conceito em geral-ali onde suportam a contradição.”<sup>51</sup>

As traduções prejudicaram o pensamento de Freud desde a perspectiva humanista e erudita de Bruno Bettelheim - entre outros comentadores. Também é certo que o sistema freudiano não se exime de contradições, muitas das quais ele mesmo, Freud, é o primeiro a destacar, com estóica postura científica. Soma-se a tudo isto que, de fato, as nossas leituras da sua obra, na maioria das vezes pretendendo um sistema perfeito, sem contradições nem vacilações. Quem sabe nas leituras desse porte não estejam tolerando a irresolução de sentido. Em definitiva entendemos que: irrompe uma língua que excede o que se reconhece como sendo taxonomicamente dela. Nada impediria que a obra freudiana pudesse ser considerada com um todo substancial, classificável, porém, o irredutível da língua resiste a tal classificação.

Seguramente a leitura textual de Bettelheim testemunha de Auschwitz tal mal-estar -muito bem justificado por certo. Esta é uma ferida mais profunda que remete à impossibilidade de fazer poesia, à qual Adorno se referiu. Em Auschwitz, o Real se mostrou, e então *A Lira de Orfeu* jamais voltaria. O lírico agora possui uma sombra

---

<sup>51</sup> DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Op. cit, p. 117.

## 1.6 A a-língua, e a língua : As controvérsias continuam

O conceito de língua saussurreano é marca a partir da qual se *ad*-inscreve a teoria estruturalista francesa. O limite que divide o estruturalismo do pós-estruturalismo também é motivo de controvérsias. Preferimos não aderir a esta divisão, mas localizamos como limite possível o momento em que se começa a pensar a ordem do desejo - de vertente freudiana - que introduz a dimensão do sujeito, sendo Jacques Lacan o nosso ponto de referência.

A linguagem que interessa a Lacan é aquela em que o sujeito é restituído à dimensão da **a-língua**, conceito elaborado nos anos 70. O *a* de Alíngua que Lacan nos traz marca que o **objeto a** da psicanálise difere do objeto representável. Tampouco se trata do objeto heideggeriano. Enquanto a coisa heideggeriana mantém uma semelhança com o mundo, a coisa lacaniana, o **a**, é contornado pela pulsão e tem como função provocar o desejo.

Heidegger a modo de introdução a sua obra “*O ser e o Tempo*” nos lembra uma passagem do *Sofista* que diz respeito a ficar perplexo frente á pergunta pelo ente, pelo ser do ente.

Por sua parte começa o discurso dizendo: "ser é o mais universal e vazio dos conceitos”.

A psicanálise ensina-nos que há um ser de desejo, e que o bem não é exterior ao desejo que determina-o-ou”<sup>52</sup>.

A coisa freudiana nos remete à irredutibilidade do gozo do corpo. Vale destacar que o irredutível do gozo não é o irredutível da linguagem, *o a é exterior à linguagem*. Recorrendo novamente à reflexão de Garcia-Roza, podemos perceber que:

---

<sup>52</sup> IMBRIANO Amélia. *Donde Ello era*. Buenos Aires:Centro Editor Argentino 2000, p. 32-33

Dá-se com o Das Ding freudiano algo análogo à Recherche proustiana . Assim como esta última não se trata de uma busca do tempo passado, já vivido, porém perdido, também na psicanálise não se trata da busca da Coisa um dia possuída e depois perdida. Das Ding é o objeto perdido, embora nunca o tenhamos tido, e que deve ser reencontrado. Nessa procura da Coisa, forma-se a trama das representações (Vorstellungen) através dos caminhos da memória, caminhos que foram marcados outrora pela Bahnung, pela facilitação<sup>53</sup>.

A Vorstellung é entendida por Freud como o representante ideativo da presentificação da pulsão no aparelho psíquico. Como consequência da desnaturalização do corpo e da pulsão, o objeto absoluto falta, e esta é a marca antimetafísica da psicanálise. Por “objeto absoluto” devemos entender aquele que tornaria possível a satisfação plena.<sup>54</sup>

Assim a realidade responde *ao princípio do prazer freudiano*. Por esta via, a pulsão de morte pode encontrar na cultura o significante, mas pode, também, não encontrá-lo. A mãe *Ding* é interdita pela cultura, e este interdito nos constitui como humanos (e que constitui a própria cultura)<sup>55</sup>. E quando dizemos que a mãe Ding (Grande Outro) não é regulada pela lei simbólica, estamos frente ao Gozo. Humanos, demasiadamente humanos, nos diz o filósofo.

Se o desejo de Saussure é científico, é também um marco referencial, um antes e um depois do indivíduo banido, indivíduo da fala, saussuriano. Adimensão do sujeito é restaurada como Sujeito desvanecido na cadeia, em estado de *fading*, com Lacan.

Foi num *contra*-Saussure que o estabelecimento da língua como o marco referencial deixou assentadas as bases, as *impressões*, para ela, alíngua, pensar-se a si própria desde o mais além da linguagem, mas na linguagem quando retomada pelos leitores. Há uma força que é própria da linguagem, e que desestabiliza toda representação,

---

<sup>53</sup> GARZIA ROZA, Luis Alfredo. *O mal radical em Freud*, op. cit., p. 84.

<sup>54</sup> IDEM- *Ibidem*, p. 64.

<sup>55</sup> IDEM- *Ibidem*, p. 88.

segundo nos lembra Américo Cristófal<sup>56</sup>. Avançaremos mais por esse caminho com uma reflexão sobre *o sujeito com a linguagem*.

No momento de Lacan assentar as bases para pensar a sua teoria do significante, especificamente na conferência conhecida como *O Discurso de Roma*, será o nome de Saussure o evocado para uma homenagem de tal ato inaugural.<sup>57</sup>

Com *a sua lingüística*, como Lacan chama à sua teorização do significante, marca-se o aparecimento do sujeito no seio do estruturalismo, um limite que dará lugar a controvérsias por certo. Há leituras que sustentam que a teoria de Lacan é pós-estruturalista, e outras que sustentam que é estruturalista. Para o estruturalismo, os elementos de uma estrutura estão subordinados a leis:

O humanismo tendia como motivo central do pensamento liberal europeu, a colocar o “sujeito” no centro da análise e da teoria, vendo-o como origem do pensamento e da ação, enquanto o estruturalismo, ao menos numa leitura althusseriana, via os sujeitos como simples portadores de estruturas<sup>58</sup>.

Entretanto, o pós-estruturalismo:

(...) não pode ser simplesmente reduzido a um conjunto de pressupostos compartilhados, a um método, a uma teoria ou mesmo a uma escola. É melhor referir-se a ele como um *movimento de pensamento* - uma complexa rede de pensamento.... O pós-estruturalismo é inseparável também da tradição estruturalista da lingüística baseada no trabalho de Ferdinand de Saussure e de Roman L Jakobson (...)<sup>59</sup>.

De nossa parte, estamos pensando a partir de Amélia Imbriano o desregulamento da lei simbólica, não levando adiante a discussão possível sobre se Lacan

---

<sup>56</sup> Observação de Américo Cristófal em entrevista com a autora 06-2007.

<sup>57</sup> Retomamos a leitura de Saussure e a homenagem de Lacan no capítulo II.

<sup>58</sup> PETERS, Michel. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000 p. 25.

<sup>59</sup> Idem- *ibidem*.

era ou não pós-estruturalista, porque se trata de saber *O que restou das estruturas*. Das controvérsias passamos a pensar então no silêncio na estrutura.

## 1.7 Derrida é amigo da psicanálise: dos limites

A emergência do sujeito no estruturalismo é entendida por nós como o fracasso de abolir a dimensão do sujeito de desejo quando visto desde as conseqüências do pensamento lacaniano. Esta é uma das reflexões mais preciosas em nosso entender: aquela que Lacan nos propiciou para pensar a dimensão freudiana, a Literatura e o nosso tempo.

Os esforços progressistas e classificatórios, fundados desde o século XIX, não conseguiram, com suas delimitações de fronteiras, apaziguar aquele mal-estar a que Freud se referia já em princípio do século XX. Seguindo Freud. Entendemos com Derrida e com a psicanálise que existia no âmago da civilização uma autonomia completa da pulsão de morte, concebendo-a como vontade de destruição que afeta os arquivos.

Acredito que hoje já não podemos mais falar de um pessimismo freudiano mas de uma inteligência que, tendo nascido entre as águas do humanismo agonizante, e do cientificismo emergente, faz ouvir seu murmúrio. Ele, pensando o sofrimento humano, pensou também o indivíduo na relação com seu *mal radical*<sup>60</sup>, mas agora está sendo pensado em relação à pulsão de morte.

Os mal-entendidos e suas conseqüências são um de nossos temas. Um destes mal-entendidos versa sobre certa rivalidade que nem sequer está tão velada entre a

---

<sup>60</sup> O *mal radical* é um tema que tem origem na obra kantiana, no contexto de da discussão da religião frente aos limites da razão. Kant preocupa-se por elucidar se há uma vontade maligna no ser humano, ou uma propensão ao mal. O homem é capaz de elaborar uma *lei moral* própria, mas pode transgredi-la. Então haveria no homem uma tendência a transgredir que não seria uma *vontade maligna* e sim uma tendência, uma propensão denominada por ele como: *mal radical*.

psicanálise francesa e a teoria da desconstrução. Isto também acontece nas instituições e muitas vezes se traduz num não ler a um, se lê ao outro, e este é um sintoma de nosso tempo: a recusa a ler.

Em parte isto pode ser tributário das críticas do jovem Derrida à obra freudiana, críticas que, em nosso entender, são observações. Algumas destas são a crítica a um logofonocentrismo. Tal crítica está vinculada à posição humanista que tendia a colocar a pessoa humana no centro da análise da teoria. Combatendo toda possível marca humanística, Derrida propõe o descentramento da estrutura.

Entendemos que a elaboração do conceito de arquivo é uma estratégia de desconstrução permanente, sendo eficiente para pensarmos o que restou das estruturas, uma vez que a linguagem é tomada pelo câncer. O desejo se rearticula na representação. Freud nota-o, mas o que acontece quando nos enfrentamos ante uma lei enfraquecida? Nesse sentido, Derrida falará de um arquivo perturbado que radicalizamos para pensar com Giorgio Agamben os *testis*.<sup>61</sup>

Se Freud sofreu do mal de arquivo, se seu caso concerne à perturbação de arquivo, não é indiferente se tratamos, simultaneamente, no mal ou na perturbação do arquivo em que vivemos hoje, dos sintomas mais leves ou das grandes tragédias holocásticas da nossa história e de nossa historiografia moderna: de todos os revisionários detestáveis às mais legítimas, necessárias e corajosas re-escrituras da história. (...) A perturbação do que é aqui perturbador é sem dúvida aquilo que perturba e turba a visão, o que impede o ver e o saber, mas é também a perturbação dos assuntos perturbantes e perturbadores, a perturbadores, a perturbação dos segredos, dos complôs, da clandestinidade, das conjurações meio privadas, meio públicas, sempre no limite instável entre o público e o privado, entre a família, a sociedade e o Estado, entre a família e uma intimidade ainda mais privada que a família, entre si e si. A perturbação ou o que em inglês chamamos o *trouble* destas visões e destes assuntos (...)<sup>62</sup>.

---

<sup>61</sup> Os *testis*, em princípio, são os prisioneiros que nos campos de extermínio perderam a vontade de viver. Retomá-los-emos, em diversos momentos.

<sup>62</sup> DERRIDA Jacques. *Mal de arquivo - Uma impressão freudiana*, op. cit., p. 117.

Para Derrida, sofrer de *mal de arquivo* seria estar afetado de um desejo de memória que se traz paixão, compulsão, nostalgia, desejo, e uma falta de sossego, incessantes e interminável de procurar onde se esconde o arquivo. Não nos deteremos detalhes teóricos do *desconstrucionismo vs o significante*, embora estes sejam muito ricos, em todo caso, retomamos ambos pensadores respondendo aos objetivos propostos. Derrida retoma como seria, em última instância, a possibilidade de se interrogar e destruir os signos da linguagem com a reflexão a respeito de “o desejo de memória”. Falar de tudo isso é estar marcado por uma impressão freudiana.

Derrida era um leitor de Freud. A sua empresa de aguda leitura da pulsão de morte e as conseqüências daí extraídas foram a razão fundamental pela qual foi incluído em nosso estudo. As elaborações derrideanas sobre arquivos nos permitem pensar o campo da *literatura com a psicanálise* como campo de tensão que dá lugar a uma *terceira margem*, a partir do qual pensar *as perturbações de nosso tempo, o mal-estar e a inconsistência nas representações, o que poderá ser do que funciona a partir do silêncio e a ausência do pai*.

A biógrafa e psicanalista Elizabeth Roudinesco mantém um diálogo registrado no texto *De que amanhã...*<sup>63</sup> partindo de um reconhecimento de Derrida em função de este ter lido Freud:

**ER:** Quanto a Lacan, o senhor o conheceu e leu a sua obra... Lacan sofreu a incompreensão de seus amigos que não o liam. Ao mesmo tempo desconheceu a importância dos filósofos de sua geração (se refere a Lacan), que se puseram a ler a sua obra mais tarde, entre 1964 e 1970...

**JD:** Eu havia lido Freud de maneira muito fragmentária, insuficiente, convencional e Lacan de maneira mais lacunar, quase preliminar, no momento em que, entre 1964 e 1965, se operacionalizou a “matriz”, se assim posso chamar, da *Gramatologia*, não conhecia então Lacan. Tinha percorrido superficialmente a instância da letra no inconsciente, parcialmente creio “Função e campo da fala e da linguagem no

---

<sup>63</sup> ROUDINESCO, Elizabeth. *De que amanhã*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2004.



inconsciente”. De 1963 a 1965, elaborei a problemática do traço, que agenciava uma desconstrução do logocentrismo e do falocentrismo. Foi então que comecei a perceber e a analisar a dívida de Freud com respeito à metafísica.

A partir da Gramatologia, senti a necessidade propriamente desconstrutora de recolocar em questão o primado do presente, da presença plena, e com isso da presença para si e da consciência, e de pôr em ação os recursos da psicanálise. Naturalmente até então eu não era totalmente virgem ou ignorante, mas meu conhecimento da psicanálise não era em direto e em teoria integrado, nem mesmo verdadeiramente articulado a minha “própria” problemática.

No entanto o que ainda não aparecia já se anunciava em “pontilhado”. Era indispensável situar a problemática do traço, grande princípio de contestação, alavanca estratégica da desconstrução, dentro e na borda da psicanálise.

Na Gramatologia e, sobretudo em *La différance*, tentei situar, pelo menos a necessidade de reinterpretar certo rastro de Nietzsche e de Freud.

A questão da *différance*, ou do traço, não é pensável a partir da consciência de si ou da presença para si, nem em geral da plena presença do presente... Eu sentia que havia em reserva, em Freud uma poderosa reflexão sobre o traço e a escrita. Sobre o tempo também<sup>64</sup>.

Derrida declara, referindo-se a sua relação com a psicanálise, que aquilo que foi um sentimento ao longo de um percurso se traduz como uma proposta de amizade. Através deste diálogo com Roudinesco, dialoga com a psicanálise.

Vejamos o seguinte raciocínio, ainda no mesmo depoimento:

Gosto da expressão “amigos da psicanálise”. Ela diz a liberdade de uma aliança, um compromisso sem status institucional. O amigo mantém a reserva ou o recuo necessário à crítica, à discussão, ao questionamento recíproco, às vezes o mais radical. Mas assim como a amizade, esse compromisso da própria existência, o compromisso no coração da experiência, da experiência do pensamento e da experiência pura e simples, supõe uma aprovação irreversível, o “sim” concedido à existência ou ao acontecimento não apenas de alguma coisa (a psicanálise), mas daqueles e daquelas cujo desejo pensante terá marcado sua origem e história. Terá também pago seu preço.

Em suma esse “sim” da amizade supõe a certeza de que a psicanálise permanece um pensamento histórico insuprimível, a certeza de que é *boa coisa*, e que deve ser amada, sustentada, inclusive ali onde, é o meu caso, alguém nunca a praticou em instituição, nem como analisando nem como analista, e inclusive ali onde se cultivam as questões mais graves a

---

<sup>64</sup> ROUDINESCO, Elizabeth

. *De que amanhã...* op. cit. , p. 203.

respeito de um grande número de fenômenos ditos “psicanalíticos”, quer que se trate de teoria, de instituição, de direito, de ética e de política...<sup>65</sup>

Assim, cabe repensar de que se trata a tensão desconstrucionismo vs psicanálise. Particularmente a entendemos, neste caso, como a distância necessária para um Derrida crítico, em certo momento; momento em que a própria psicanálise e a literatura estavam dando resolução a um campo de tensão - embora não poupasse ocasião de colocar a psicanálise como sua rival necessária – para, partindo desta, continuar pensando. O que fez com que tudo terminasse numa boa amizade? A impaciência absoluta de um desejo de memória, onde Derrida lê a partir marcas, lhe serve para reler anacronicamente, uma vez que reconstrói seu arquivo.

Queremos destacar na declaração de Derrida uma frase que dialoga visceralmente com as nossas preocupações. Trata-se do momento em que ele se refere à psicanálise como *pensamento histórico insuprimível*. Que um filósofo do porte de Derrida, de origem judaica, atingido em forma frontal com os acontecimentos da Shoá, que não desconhece Adorno, assim argumente, nos faz pensar num caminho a ser trilhado da psicanálise junto com a literatura.

Vejamos uma reflexão que Derrida extrai a partir da impressão freudiana sobre os conceitos e o futuro:

Temos somente uma impressão, uma impressão que insiste através do sentimento instável de uma figura móbil, de um esquema ou de um processo in-finito ou indefinido... Considero que o pensamento do arquivo depende da possibilidade deste conceito, do próprio conceito de futuro, se é que há um, como creio que sim. Esta seria uma das teses: há razões essenciais devido às quais um conceito em formação fica sempre inadequado ao que deveria ser, dividido, disjunto entre duas forças. Essa

---

<sup>65</sup> IDEM- *Ibid*, p. 202.

disjunção teria uma relação necessária com a estrutura do arquivamento<sup>66</sup>.

Impressão é um conceito chave na teoria freudiana que terminará remetendo à idéia de palimpsesto que o *Bloco mágico*<sup>67</sup> ilustra.

Derrida parte na sua análise de uma primeira figura de *arquivo*. Dirá que todo arquivo é *instituidor e conservador*:

Revolucionário e tradicional. Arquivo *econômico* neste duplo sentido: guarda e põe em reserva, economiza, mas de modo não natural, isto é fazendo a lei (*nomos*) ou fazendo respeitar a lei... Ele tem força de lei, de uma casa (*oikós*), da casa como lugar, domicílio, família ou instituição. Transformada num museu, a casa de Freud hospeda todos estes poderes da economia<sup>68</sup>.

Este arquivo contém uma história fundada num arquivo conservador e público, folha em branco do registrável; mas há uma outra história, cuja referência, deve incluir o impacto da morte em série de nossos tempos como prova de uma violência não regulada pela lei, onde o estado de exceção torna-se uma estrutura jurídico-tanatopolítica - estabelecida.

Os sintomas são formações (do inconsciente) que permitiriam dizer a Freud que algo nunca acontecido tem um valor tão importante, ou até muito maior, para o paciente, do que algo que tenha acontecido efetivamente. É a pergunta pela veracidade do relato que leva Freud a entender o valor fundamental que o sintoma tem para a psicanálise e em particular para o sujeito. Incrivelmente, esta ficção é um prezado e estimado bem para o sujeito. Mas em nosso tempo sabemos que aquilo que era só imaginável como pesadelo, o

---

<sup>66</sup> DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo*, op. cit, p. 43.

<sup>67</sup> O bloco mágico é trabalhado no item 2.23

<sup>68</sup> IDEM- *Ibidem*, p. 17-18

que era impossível de acontecer numa sociedade civilizada, deixa de ser irreal. Auschwitz é o lugar Real, Simbólico e inimaginável; onde tudo é possível.

Para Derrida, o arquivo é o documento, mas também é uma marca, um traço que comanda a relação da memória com o conhecimento. Retomando *o mal de arquivo*,

A perturbação do arquivo deriva do mal de arquivo. Estamos com mal de arquivo (*en mal d'archive*). Escutando o idioma francês e nele, o atributo “*en mal de*”, estar *com mal de arquivo* pode significar outra coisa que não sofrer de um mal, de uma perturbação ou disso que o nome “mal” poderia nomear. É arder de paixão. É não ter sossego, e incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde. É correr atrás ali, onde, mesmo se há bastante, alguma coisa se anarquiza. É dirigir-se a ele com um desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprimível de retorno à origem, uma dor da pátria, uma saudade de casa, uma nostalgia de retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto<sup>69</sup>.

O conceito de arquivo como foi adiantado é uma ferramenta valiosa. Derrida escreve sem a responsabilidade que *a pulsão de morte* representa para um psicanalista clínico. Pensa a hiponesia como uma condição do arquivo; não procura aí soluções clínicas. Definitivamente se comporta como um filósofo apaixonado, que se preocupa com o *mal-estar* no mundo e recupera preocupações freudianas preservando-se de incorrer na ordem metafísica. Ele sofre de mal de arquivo, e recomenda que padeçamos deste mal.

## 1.8 Literatura e psicanálise

As relações entre Literatura e Psicanálise têm sido cada vez mais frequentes como testemunham diversas produções nos últimos anos, envolvendo o diálogo entre as

---

<sup>69</sup> IDEM- *Ibidem* , p. 119.

duas áreas a pesar dos possíveis atritos. O crítico Nicolas Rosa, para quem articular Psicanálise, Literatura e Arte tem sido um dos seus temas, afasta-se da crítica psicanalítica e toma uma posição crítica a respeito desta. Crítica que apresenta no primeiro ensaio da *La lengua del ausente*<sup>70</sup>. Nicolas Rosa dirá que a literatura como objeto da psicanálise enfrenta duas preocupações:

(...) a primeira é estratégica, estratégia que precede todo o pensamento de Freud a respeito da literatura e ao chamado “objeto artístico”; e a segunda, aos mitos que se originam, quando pensamos a perspectiva psicanalítica. Se a obra de arte, e em especial a Literatura, forma um “mostruário” com vistos de coleção, e uma *prova* na demonstração analítica, é porque está organizada basicamente, a *exemplum*, na retórica e na lógica da Psicanálise. Sua superabundância, além do desconcerto flagrado por Freud para a sua aproximação, induz-nos a pensar que as propostas que se realizaram durante os anos 60 para estabelecer axiomáticamente a *relação* entre Psicanálise e Literatura estava marcada por elementos puramente ideológicos. Tal relação se apresentava de três formas:

A Psicanálise era aplicada à Literatura como um sistema de prova da suas produções;

A Psicanálise, em relação comparativa entre a Literatura e a própria Psicanálise, tratava de explicar o processo criador.

Afirmava-se uma relação estrutural entre a estrutura do aparelho psíquico e a estrutura da obra de arte, em particular da obra literária. Esta relação era apresentada como isomórfica.

As correspondências entre tais formas são altamente complexas, pois nenhuma existe de forma pura e as mesmas aparecem misturadas em qualquer das análises que conhecemos<sup>71</sup>.

Bem é certo que há uma estratégia em Freud para pensar o objeto artístico, mas não podemos esquecer que há uma relação com a literatura em Freud que precede a criação da psicanálise.

Apesar de a psicanálise subverter a lógica cientificista, isto não quer dizer que necessariamente afete as epistemes científicas, ou que a escrita de Freud não conserve os objetivos que fariam com que estivesse incluída dentro da literatura científica.

---

<sup>70</sup> Ver em: CELLA, Susana In ROSA, Nicolas. *La lengua del ausente*, op. cit., p.5.

<sup>71</sup> IDEM- *Ibidem*, p. 23.

Entendemos que *a escrita* de Freud poderia ser pensada no seu sentido estilístico como híbrida, mas podemos afirmar por isso que a psicanálise é um híbrido? Isto é, podemos pensar que uma escrita híbrida vai distorcer os fundamentos epistemológicos de uma disciplina? Nesse sentido, diremos que a escrita de Freud é híbrida, e está organizada na retórica e na lógica da Psicanálise.

Na mesma linha de pensamento, mas agora tratando dos pontos que levantou Rosa sobre as três formas de relacionar psicanálise e literatura nos anos 60, perguntamos: em que medida a Literatura foi afetada com isso e em que medida o foi a psicanálise? Pensamos que nos anos 60 se cria uma área de contaminação entre Literatura e Psicanálise, *uma terceira margem do rio*, de onde tanto a Literatura como a Psicanálise irão beber. A proposta de Nicolas Rosa tem como correlato a presença ou prova literária no discurso de Lacan. Lembramos que, anteriormente, o crítico já salientava que:

A proposta é arriscada, mas é a única que nos permite sustentar o papel da literatura, da prova literária no discurso de Lacan. A relação extrema entre oralidade e escritura, entre a linguagem e o escrito, só pode ser fundada na experiência literária, experiência dos fundamentos da linguagem. A “literatura aplicada” à psicanálise é uma maneira de mostrar a duplicidade da literatura na suas fases institucionais e, também, nas suas fórmulas de criação de discursos. A literatura é errática na sua função de escrito [...]

Porém, além das alusões ao campo literário e, sobretudo, no campo literário, devemos lembrar que Lacan erigira a sua obra sobre um edifício basicamente literário: Edgar Allan Poe, O Marquês de Sade e James Joyce, especialmente presentes no Seminário *A carta roubada*, *Kant com Sade*, e o Seminário *Le synthome*, sobre a obra de Joyce. São três casos paradigmáticos da relação que tentamos expressar com uma modificação que entendemos fundamental: a inversão, elemento essencial da lógica expositiva e argumental de Lacan que já não é uma relação de *prova externa*. Para identificar os fenômenos psicanalíticos da cultura, nada mais indicado do que uma *prova interna*: a Literatura como fundamento, como função e como causa da Psicanálise<sup>72</sup>.

---

<sup>72</sup> IDEM- *Ibidem*. p. 20-21.

Rosa propõe, então, identificar os fenômenos psicanalíticos da cultura. Não seria acaso isto obter uma visão de áreas contaminadas, seguindo ainda nosso raciocínio anterior. Tampouco achamos que a Literatura possa *ser prova interna* da psicanálise e muito menos função e causa da Psicanálise. Sim, podemos pensar que em Freud há algo do seu desejo, onde a Literatura é uma marca fundamental para elaborar o Texto da psicanálise. Não cremos que a Psicanálise possa ser *prova interna* da Literatura, até porque nos é muito difícil pensar num interior. Preferimos pensar a Literatura como uma marca fundamental para a Psicanálise a partir do século XIX e vice-versa.

Assim, a Literatura é uma marca que afeta o arquivo psicanalítico e o anarquiza, *contaminando-o* de algo bastante recomendado por Derrida quando acompanhado do *desejo de memória*, padecer de *Mal de Arquivo*.

(...) não haveria mal de arquivo sem a ameaça desta pulsão de morte, de agressão ou destruição. Ora, esta ameaça é *in-finita*: ela barra a lógica da finitude e os simples limites factuais, a estética transcendental, ou seja, as condições espaços-temporais da conservação. Digamos melhor: ela abusa. Tal abuso abre a dimensão ético-política do problema. Não há um mal de arquivo, um limite ou sofrimento da memória entre outros: implicando o in-finito, o mal de arquivo toca o mal radical<sup>73</sup>.

Sigamos *especu-olhando*, desta vez, partindo da premissa que entende a literatura como causa na escrita de Lacan. Entendemos que Lacan, cujo estilo de escrita é definido como barroca por N. Rosa erigira a sua obra sobre um edifício basicamente literário, mas, assim como em Freud, a sua obra está organizada na retórica e na lógica da Psicanálise.

Trata-se da pulsão de morte afetando os arquivos da psicanálise e da *memória*, e da radicalização do *mal radical* em nossos dias afetando os limites. Do que se trata para nós a Literatura com a Psicanálise é de arquivos do sofrimento humano. Não

---

<sup>73</sup> DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*, op. cit., p. 32.

levaremos adiante a hipótese de Rosa, que consiste em justificar a literatura como *função ou causa da psicanálise*, embora em determinada altura de nossa pesquisa tais postulações tenham sido uma valiosa bússola para as nossas questões.

A Literatura com a Psicanálise entretecem na Textualidade uma *Terceira margem do rio*, cuja resolução no momento depende do desejo do leitor. Lacan, como leitor de Literatura deixa marcas que fundam diferenças: escrituras; Freud também.

*As produções literárias que pensam as problemáticas culturais a partir da impressão freudiana da pulsão de morte fazem parte de uma terceira margem do rio. Assim mesmo, as produções psicanalíticas que pensam as problemáticas de nossos tempos a partir da pulsão de morte fazem parte de uma Terceira margem do rio.* Seja como for, o que corresponde e convém a uma pesquisa que versa sobre Literatura e Psicanálise é tentar manter-nos o mais neutramente possível, e esse foi o nosso empenho. Em todo caso, além de qualquer medida de forças de índole ideológica que possa permear-se no relacionamento psicanálise-literatura-artes, ou seja, algumas manifestações na Linguagem, a leitura que fazemos é a partir das conseqüências da obra freudiana, em particular do conceito de pulsão de morte e seu legado, isto é, a partir de uma impressão freudiana. Estamos trabalhando a partir de uma constante que se encontra nos campos citados acima: uma preocupação com o triunfo de Tântos, entendido como Mal Radical, o silêncio das linguagens. Mal de arquivo afetado pelo Mal Radical, seguindo Jacques Derrida.

Por esse caminho chegados à situação extrema que Agamben chama de *zona gris*, área difusa onde já nenhuma classificação se sustenta<sup>74</sup>. O que **restou**? O homem e suas próteses para abordar a emergência da morte. Maurice Blanchot, um escritor tão dedicado às peculiaridades do próprio da escrita e sua relação com a morte, escreveu que

---

<sup>74</sup> Cf. AGAMBEN, Giorgio. *Lo que resto de Auschwitz*, op.cit. , p.49.



“o homem é o indestrutível, e isso significa que a destruição do homem não tem limites”.<sup>75</sup>

Encontramo-nos, então, diante do homem com sua memória perturbada e sua relação com a tradição *perturbada* pelo esquecimento.

---

<sup>75</sup> IDEM-*ibidem*, p. 141.

## CAPÍTULO II

### Fragmentos teóricos: nos limites dos corpos.

(...)um homem que se ache enamorado declara que ‘eu’ e ‘tu’ são um só, e está preparado para se conduzir como se isso constituísse um fato.  
Freud. *O mal-estar na civilização*.<sup>76</sup>

#### 2.1.O caso do Sr. Sokal e o roubo na biblioteca de Babel

O físico Allan Sokal publicara, em 1997, o livro *Imposturas intelectuais*<sup>77</sup>, no qual acusava Kristeva e a outros autores da escola francesa de usarem de maneira incorreta conceitos e idéias das ciências exatas, enganando desta forma a leitores e estudantes. Julia Kristeva replica, numa reportagem especial para o jornal *Estado de São Paulo*: “é algo desprezível porque ele não conhece nada de ciências humanas e pensa que usamos modelos, enquanto nós utilizamos metáforas para tentar pensar de outra maneira as antigas categorias”<sup>78</sup>.

O enfrentamento entre a intelectual francesa e o físico fora difundido como o “caso Sokal”. Julia Kristeva, referindo-se ao sentimento norte-americano de domínio intelectual por parte dos europeus, dirá, na mesma reportagem, que surge agora a necessidade de pensar esta situação ante a iminência da guerra. Lemos na mesma reportagem:

Eles quiseram desacreditar o que Derrida, Deleuze, Foucault ou eu, entre outros, representamos, dizendo que é um pensamento dissolvente, de interrogação... A Europa, que nós tentamos construir, tem o sentimento de possuir um modo de pensar, uma ‘arte de viver’ que não é globalizável. Nós não temos a estupidez de querer negar a uniformidade técnica do

---

<sup>76</sup> FREUD Sigmund. *O mal-estar na civilização*. In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, op.cit.

<sup>77</sup> SOKAL, Allan. *Imposturas intelectuais*. Barcelona: Anagrama, 2000.

<sup>78</sup> *Jornal o Estado de S.Paulo*, Caderno 2, Domingo, 21 de outubro de 2001.

mundo. Mas nós queremos ajustar, sem negar, e essa modulação consiste em dizer: nós pensamos de outra maneira, nossa literatura é diferente, nossas ciências humanas são construídas de outra maneira, nossa filosofia é diferente, nosso cinema pode ser... Esse direito à diferença nós o afirmamos. E acho que essa afirmação pode ocasionar embates e isso começa a ser visto no nível político<sup>79</sup>.

Esta observação de Kristeva faz-nos refletir sobre alguns aspectos. A pergunta que persiste é: a teoria da diferença opõe-se à globalização ideológica? A posição de Kristeva – referimo-nos à sua postura política, pelo menos – responde a esta questão com um sim.

Quais são os limites, em termos literários, suscetíveis de serem globalizados?

Levantar a bandeira da “diferença”, como o fez Kristeva, parece-nos mais uma atitude política, a que se soma uma grande desconfiança ante a possível massificação ideológica. A globalização não criou apenas uma maior permeabilidade das fronteiras; ela transforma também os modos de comunicação, a transmissão do saber e das normas – dirá Derrida em entrevista a E. Roudinesco<sup>80</sup>.

Mas como pensar tal permeabilidade? De que se trata quando se fala da transformação das normas?

Derrida não vai mais adiante com a sua colocação, nestas reflexões<sup>81</sup>, no entanto, encontramos elementos na sua obra para retomar essa linha de reflexão, que, junto às de outros autores, nos auxiliam a pensar o mal-estar nos limites dos campos do conhecimento.

A permeabilidade da qual fala Derrida, nós a lemos na clave do mal de arquivo, ou seja, como um recorte de uma modalidade maior: a da própria linguagem, que, com suas formas e marcas, contornará os estilos e os mal-estares, sendo o recurso à leitura

---

<sup>79</sup> IDEM-*ibidem*.

<sup>80</sup> DERRIDA, J. ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã...* Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

<sup>81</sup> Jacques Derrida morre o 9 de Outubro de 2004 devido a um câncer de Pâncreas, sendo assim, esta entrevista pode ser considerada como, um depoimento, dos últimos pontos de vistas do filósofo.

dos arquivos, *desejo de memória*, em lugar da falta estrutural e originária da chamada memória.

## 2.2 Da avaliação

Junto a um mal-estar generalizado no terreno dogmático das classificações, a *avaliação* aparece como uma tentativa de suturar o que se esconde atrás desse fracasso, e aparece como um sintoma nos relacionamentos sociais. Na atualidade, um sintoma generalizado que vai se acentuando progressivamente é o temor das pessoas de perderem o lugar que ocupam, em particular em seu trabalho. O fato de pessoas se sentirem ameaçadas no seu vínculo com o outro, de sentirem ameaçado o seu espaço, cria ambientes hostis, cujo enunciado diz respeito à pulsão de morte nos vínculos.

Efectivamente, la ideología de la revisión sistemática es uno de los elementos mayores de esa pulsión evaluadora generalizada que ha invadido las sociedades liberales y que reduce al hombre a una cosa y al sujeto a una mercancía, pretendiendo obedecer con ello a los principios de un nuevo humanismo científico<sup>82</sup>.

O controle social de um sistema que se organiza em função do acúmulo, parece ser a ganância secundária cujo rosto é o mal-estar generalizado. A homogeneização ideológica por meio de um totalitarismo neoliberal produz narrativas sociais que se traduzem em linguagens de relacionamentos sintomatizados.

---

<sup>82</sup> <http://www.oedipe.org/fr/actualites/livre noir> ,Julho 2007

## 2.3 O controle dos discursos

O leitor desejante não é um consumidor, mas um produtor de texto. A escritura será o passível de ser escrito e o que é possível escrever. E nós diremos que há escritura da diferença quando há desejo de leitor, desejo este que anarquiza toda narrativa única:

Este teria sido o sonho dos primeiros analistas da narrativa: ver todas as narrativas do mundo (há tantas e tantas houve) em uma única estrutura: vamos extrair de cada conto o seu modelo, pensavam em seguida, desses modelos faremos uma grande estrutura narrativa, que então derramaremos (para verificação) sobre qualquer narrativa: tarefa exaustiva (ciência com paciência, o suplício certo) e, no fundo, indesejável, pois o texto perde, dessa forma, sua diferença. Essa diferença não consiste, evidentemente, em uma qualidade plena, irreduzível (segundo uma visão mítica da criação literária), ela não é aquilo que marca a individualidade de cada texto, aquilo que o nomeia, o assina, o rubrica, o termina; é, ao contrário, uma diferença que não cessa e que se articula no infinito dos textos, das linguagens, dos sistemas: uma diferença à qual cada texto retorna.<sup>83</sup>

Tanto Barthes quanto Derrida trabalham o tema do limite, embora cada um o faça à sua maneira. Acerca disso, a nossa posição é a seguinte: a nova época em que vivemos nos faz operar continuamente nos limites das classificações. Esta talvez seja uma saída a certo ímpeto de avaliação que parece dominar o tempo presente em todos os planos da experiência.

Entendemos avaliação como uma tentativa de controle e quantificação ante as instabilidades normativas atuais que também afetam os saberes e as instituições, provocando mal-estares generalizados e persecutórios nos laços de nosso tempo.

No processo de globalização, o sujeito parece padecer uma crise nas suas relações e laços sociais. Entre outros fatores que contribuem para isso levamos em conta que a globalização reinventa a noção de lugar e também a de tempo. Mais do que nunca, a falta

---

<sup>83</sup> BARTHES, Roland. *S/Z Roland Barthes*, tr. Lea Novaes, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p.38.

de origem fica em evidência, e com isto cai definitivamente o mito do homem como centro do universo, o que se traduz em expressões sintomáticas de índole persecutórias –muito válidas certamente - nos laços sociais. Ouvimos em diferentes âmbitos uma queixa constante sobre a competitividade cruel em lugares que outrora estavam destinados a cultivar cálidos laços.. O jogo dos capitais e a mídia não deixam de ser um incentivo feroz, exemplo disso - entre muitos outros- é que muitas crianças temem ir com um tênis de preço inferior à aula, e por isso ser julgadas como inferiores, outras matam para adquiri-los. Uma maneira de atenuar a ameaça que representam atualmente os laços amorosos é preencher todo o nosso tempo livre, e nos relacionar só por celular o por internet. O paradoxal é que ainda assim, não consegue evitar fugir à demanda de uma satisfação imediata, que é a outra cara de uma ilusão de poder evitar mais frustrações.

“Não tenho tempo” é a frase de letal elegância com a qual nós pronunciamos a respeito do que chamamos “nossa vida”<sup>84</sup>.

A globalização tem feito visível a emergência de realidades e sensibilidades múltiplas cujo único cenário de convergência é a própria comunicação.

A maneira de construção de um saber comum parece coincidir apenas num ponto: o ideal tecnológico. Isto porque a tecnologia tem conseguido mundializar-se, e, no nosso entender, o grande perigo reside em que seja este, e apenas este, o único credo possível, ou a alteridade possível.

O desejo de memória tem a ver com a possibilidade de dizer o não dizível, o que não tem palavras nem normatividades, isto nos reenvia aos signos da nossa época.

Como monstruosas criaturas sonhadas por Frankenstein habitamos fragmentariamente a zona cinza onde só resta a vergonha.

---

<sup>84</sup> Cf. IMBRIANO, Amélia. *La Odissea del siglo XXI*, op.cit., p.38

## 2.4 A zona cinza

Lacan retorna a Freud articulando o conceito de representação com seu significante. Em última instância, o significante é significante puro – significante de nada – mas representa um sujeito para outro significante.

O que diremos é que a estratégia estruturalista deixa em evidência o vazio, o que é totalmente diferente de dizer que o provoca. O que Jacques Lacan coloca nesse lugar vazio da representação é o sujeito barrado.

Para nós, uma vez que pensamos com Lacan, do que se trata é do vazio do ser, a vergonha e a angústia nos falam deste vazio.

A representação é vazia, mas tal vazio pode ser preenchido imagetivamente? Finalmente, diremos que a imagem vela, e funciona num vazio estrutural; a imagem mestre é o “eu” –ou ego- na teoria psicanalítica.

Por que vazio? Porque o homem é definido como ser pelos significantes que lhe foram atribuídos em seu nascimento, e porque esses significantes remetem sempre a outros significantes<sup>85</sup>. Os homens procuram definições, relacionamos o nosso ser com a nossa imagem, porque aquilo que somos escapa. Procuramos gozar completamente, queremos signos embora possamos encontrar-nos com significantes.

Nos reflexos, pretendemos encontrar uma imagem total e completa. No vazio, na folha em branco, a marca é o que resta do significante. Marca esta que Derrida lê em Freud, partindo de uma impressão freudiana, e que Lacan retoma de Saussure e também de Freud.

Trataremos, nesse sentido, da teoria do significante, em que cada significante leva a marca do não-idêntico. Como não há um Ser completo, não se chega completamente a

---

<sup>85</sup>C.f.POMMIER, *Gerard.Freud Apolítico?*.Trad.Patricia Chittoni Ramos.Porto Alegre:Artes Médicas, 1989,p.18

este; o homem relaciona o seu Ser com a sua imagem.

A representação do indivíduo está novamente em questão, sobretudo quando nos perguntamos em que somos representados. Onde está o lugar no qual nossos direitos nos garantem? O tempo em que vivemos nos confrontou com um *mais além* do que qualquer filosofia ou conhecimento pudesse ter previsto.

O nosso pensamento sobre os limites das classificações na atualidade leva em conta uma variação na subjetividade de índole ética, onde o capital multinacional, e o estado de exceção, formam o par onde a vida é esvaziada até a sua nudez radical. O paradigma ficcional da ética atual, nós o temos situado simbolicamente a partir do genocídio em série e a primeira indústria de morte em série, Auschwitz.

A cena traumática: Hiroshima. Traumática, pelo poder dessa imagem difundida pela mídia, e por não ter palavras a humanidade para diluir isso. Não se encontra uma lei suficiente para dar um **chega!** O que pode justificar uma guerra? Hiroshima e Nagasaki marcam o princípio das guerras nucleares, o princípio de uma fragmentação cancerígena e mortífera nas linguagens.

Agamben lembrando as palavras de Primo Levi, define a partir dos sucessos de Auschwitz a emergência de um novo elemento ético. Uma *cinza* e incessante alquimia onde o bem e o mal e, junto a estes, todos os metais da ética tradicional alcançam seu ponto de fusão, trata-se de uma *zona de impotência judicandi*, da qual nenhuma confissão de responsabilidade poderá nós tirar.<sup>86</sup>

(...) campo, como situação extrema por excelência permite decidir que é humano e que não é (...) o campo como situação extrema por excelência, permite decidir, o que é humano, e o que não é humano, separar o *muçulmano* do homem.<sup>87</sup>

---

<sup>86</sup>Cf. AGAMBEN, Giorgio, *Lo que queda de Auschwitz*, op.cit.,p.20

<sup>87</sup> IDEM-*ibidem*.p.49



O limite entre a literatura e a psicanálise nos lança a uma soma de relações complexas, tínhamos já dito. Estas relações terminam indagando a sua própria estrutura, uma vez que questiona o mal-estar na civilização, e que, emerge um *não - lugar* a partir dos fatos da história de ocidente, com Auschwitz, esse não-lugar onde: “todas as barreiras entre as disciplinas ficam em ruínas, e todos os diques de contenção desbordam-se”<sup>88</sup>.

Nessa zona cinza junto com Agamben é que as nossas reflexões encontram seu lugar. Nesse lugar só resta a vergonha. Assim como a angustia é um sinal de nossa relação com a castração, a vergonha aparece como o que *resta* quando descobrimos que estamos *nus* e não há nenhum Éden, só vida nua.

## 2.5 Nos limites

Na literatura contemporânea, as obras que bebem da Psicanálise freudiana francesa são conhecidas como fazendo parte da escola estruturalista da qual Ferdinand de Saussure é o grande mentor. Por esta transitam autores com os quais estamos trabalhando: Roland Barthes, Jacques Derrida e Jacques Lacan, entre outros. Tanto o Estruturalismo como o Pós-Estruturalismo se configuram no campo da diferença.

Uma colocação de Oscar Masotta pode ser tomada como emblemática desta configuração: “Mas estas faltas introduzidas pela estrutura da pulsão e a castração são estruturais”<sup>89</sup>, o que pode ser lido como: sempre faltará um sentido. Ou ainda, se pensarmos a partir da idéia de subjetividade, particularmente a elaborada por Jacques Lacan, sempre faltará um sentido no Outro.

Para Saussure, ao tesouro da língua nada lhe falta dado que suporta todos os

---

<sup>88</sup> IDEM-*ibidem*.

<sup>89</sup> MASSOTTA, Oscar. *O comprovante da falta*. São Paulo: Papirus, 1995, p.38

sentidos. Para uma ciência positiva estruturalista, esta conclusão, em seu momento, foi necessária e suficiente; isto era o requisito que a lingüística precisava para ser reconhecida como ciência.

A idéia de falta está intimamente unida ao Estruturalismo, e em conseqüência aos movimentos que se originaram dele. No que se refere ao uso que a escola francesa dá à teoria, o ponto irreduzível que se mantém do pensamento de Ferdinand de Saussure até à atualidade é aquele que se introduz a partir de seu sistema de puras diferenças: **a diferença** (embora Saussure, logo que a instituiu, imediatamente a neutralizou).

Em contraste com as correntes filosóficas que destacavam a importância do sujeito e do indivíduo, o Estruturalismo clássico privilegiou a noção de estrutura. A utilização da estrutura como âmbito da análise representa um atender às leis dos sistemas, à interdependência das partes mais que aos elementos isolados, mais que às partes separadas. O modelo de análise utilizado é aquele que proporciona a Lingüística: na medida em que os diferentes âmbitos da cultura podem ser pensados como sistemas de signos, a língua propõe-se então como o paradigma para a análise das ciências humanas. Assim, Ferdinand de Saussure elaborou a noção da língua como sistema de signos; a característica desse sistema é que se define a partir de relações diferenciais.

A certa altura da obra saussuriana, o signo se define na sua relação arbitrária entre significante e significado, a partir de sua diferença com os outros signos do sistema da língua. A *diferença* no sistema saussureano termina sendo neutralizada pelas ambições científicas de seu discurso – de fato, Saussure consegue, segundo a leitura de Allain Juranville, na qual nos baseamos, dar estatuto de Ciência à Lingüística – a partir do momento em que convoca o Grande Outro da linguagem instituição, para “manter o paralelismo”<sup>90</sup> entre significado e significante.

---

<sup>90</sup> Cf. JURANVILLE, Allain. *Lacan e a filosofia*. 1986 p.46.

Reproduzimos abaixo a passagem na qual Saussure invoca a autoridade “instituição lingüística” para manter o paralelismo das duas ordens de diferença.

Tudo o que precede equivale a dizer que na língua só existem diferenças. Mas dizer que na língua tudo é negativo só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente: desde que consideremos o signo em sua totalidade, achamo-nos diante de uma coisa positiva em sua ordem. Um sistema lingüístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de idéias; mas essa confrontação de certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui o vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo. Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; é mesmo a única espécie de fato que a língua comporta, pois o próprio da instituição lingüística é justamente manter o paralelismo destas duas ordens de diferenças.<sup>91</sup>

Justamente o que Lacan fará com seu significante é desestabilizar a ordem paralela que Saussure impõe ao signo para lhe dar positividade e operar a partir do sistema de puras diferenças.<sup>92</sup>

Como o prefixo indica, do seio do Estruturalismo, surge o Pós-Estruturalismo. São várias as maneiras de ser pensada a relação Estruturalismo/Pós-Estruturalismo. Particularmente, pensamos que uma distinção radical é a presença do conceito de *sujeito da linguagem*, com uma história descontínua e com rupturas, nas diversas modalidades em que este é teorizado. Em realidade achamos que há no estruturalismo um *antes* do sujeito, e um *depois* do sujeito, ou melhor, da conceitualização. Em todo caso, se fôssemos desenvolver a relação estruturalismo/pós-estruturalismo, a emergência do sujeito seria o ponto de partida, mas não encontramos nenhuma vantagem em levar adiante, neste momento, tal empresa. Dispensamos então a discussão estruturalismo/pós-estruturalismo por acharmos que historicamente ainda é muito cedo para que esse arquivo comporte uma divisão clara, se é que esta divisão se esclarece com o passar do tempo, não entanto é

---

<sup>91</sup> SAUSSURE, Louis Ferdinand. *Curso de lingüística geral*, op.cit .,ver pág 139

<sup>92</sup> Retomamos esta reflexão no próximo item.

indiscutível que existem enriquecedores textos escritos nessa chave, aos quais, inclusive, recorreremos.

O fato de Saussure suspender o individual, a *parole* (a fala real ou os eventos da fala), de seu sistema parece gerar uma problemática que relacionamos com a posterior “antropologização” sobre a qual Foucault nos adverte e que desestabiliza com a sua noção de discurso<sup>93</sup>. Fica claro que falar em sujeito não é, na teoria francesa, o mesmo que falar em indivíduo; o indivíduo, para a teoria psicanalítica, ganha consistência via suas identificações. A constituição subjetiva tal como nos é apresentada na teoria psicanalítica terá como correlato um “eu” ou *moi* (eu do narcisismo) cuja consistência é fundamentalmente imaginária. A via que Lacan percorre ao formalizar a dupla “JE-MOI” dizia respeito a essa ilusão egóica do “eu”, mas também dizia respeito a uma palavra por vir, a um discurso sem enunciado, um discurso sem palavras.

## 2.6 Da ciência lingüística ao significante

Saussure considera que não há lugar para o individual no sistema pensado para lançar as bases do que Lacan chama de Lingüística Moderna, cuja fundação é mérito dele. É indispensável banir a noção de individual do sistema para poder coletivizar a Língua. O individual estaria representado pela *parole*. Dessa forma, Saussure soma a Lingüística às fileiras do discurso científico, tal como veremos mais detalhadamente, mais adiante, em Juranville. Se o ato individual da fala não tinha lugar em um projeto que pretendia fazer da Lingüística uma Ciência, isto ocorre porque o estatuto de Ciência positiva tem como requisito a universalidade.

Lacan, por sua vez, faz uma homenagem ao pai da Lingüística moderna.

---

<sup>93</sup> Retomamos este aspecto no capítulo V.

Saussure é situado na posição de mestre da tradição francesa e do pensamento estruturalista. A *impressão* saussureana deixa marcas que Lacan saberá ler: o Pós-Estruturalismo toma como objeto teórico o Estruturalismo, dirá Michael Peters, definindo o Pós-estruturalismo como uma resposta filosófica contra as pretensões científicas do Estruturalismo<sup>94</sup>.

O desenvolvimento teórico do estruturalismo francês durante o final dos anos '50 e ao longo dos '60 levou à institucionalização de um “megaparadigma” transdisciplinar, contribuindo para integrar as chamadas “humanidades” e as ciências sociais, mas o fez sobre uma forma exageradamente otimista e cientificista.<sup>95</sup>

Peters fala em megaparadigma, em razão de que a linguagem foi posta no centro de uma visão geral das culturas e sociedades. Por Linguagem, aqui, entende-se um sistema semiótico, ou seja, um sistema de significados auto-reflexos.

O estruturalismo, nesse sentido, era parte da “virada lingüística” empreendida pela filosofia ocidental. A tradição da lingüística estruturalista tinha suas origens no formalismo europeu do final de século XIX, transformando-se, sob a influência combinada de Ferdinand Saussure e de Roman Jakobson, no programa de pesquisa dominante em lingüística. Por meio de Claude Lévi-Strauss, A.J.Greimas, Roland Barthes, Louis Althusser, Jacques Lacan, Michel Foucault e muitos outros, o estruturalismo penetrou na antropologia, na crítica literária, na psicanálise, no marxismo<sup>96</sup>.

Juranville considera que os movimentos saussurianos estavam marcados pelas exigências do discurso científico. A ambição estruturalista é então de necessariedade, suficiência e universalidade.

Referindo-se à teoria saussuriana e à Psicanálise, bem como à literatura, o filósofo francês aborda questões que dizem respeito aos limites científicos.

---

<sup>94</sup>Cf. PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.34

<sup>95</sup> IDEM –*ibidem*, passim.

<sup>96</sup> IDEM- *Ibidem*, p.10

Sabe-se que Lacan justificou sua empreitada de base a partir das teorias lingüísticas de Ferdinand de Saussure. Sabemos também que os lingüistas, com grande freqüência, protestavam a dizer que isso se baseava em um equívoco. E o próprio Lacan chegou a falar em “sua” lingüística como se precisasse reconhecer um desvio teórico. Em que consiste isso, de fato?

Contanto que nos atenhamos ao mundo tal como o: analisamos, a linguagem aparece claramente como constituída de signos. E o próprio Saussure fez do conceito de signo o conceito primordial da sua teoria. Mas nenhuma ciência se constrói sem questionar o “mundo” tal como os homens o vivenciam, sem rejeitar o próprio princípio articulador de seus elementos, ou seja, o finalismo. Assim, podemos supor que a idéia de fundar uma ciência da linguagem deve conduzir pelo menos a um novo exame dessa evidência primeira de signo. É isso, com efeito, o que se produz com a concepção saussuriana da linguagem.

Saussure efetivamente parte do seguinte: falamos, e para falar nos servimos de palavras e de elementos diversos que pertencem a uma língua. Falamos supondo em nosso interlocutor a presença daquele tesouro da língua graças ao qual ele poderá compreender o que dissemos, não importa o que digamos. “A língua”, diz ele, “é um sistema de signos”. Sua nova ciência da linguagem, que se empenha em permanecer dentro da ordem estrita da ciência, define seu objeto como sendo justamente a língua. Tal teoria nada traria de novo, não fosse pela exigência de cientificidade, que proíbe o estabelecimento de uma relação de finalidade entre os dois elementos significativos que são o significante e significado. Sem dúvida, existem o significado e o significante, sempre juntos, em todo fenômeno lingüístico. Mas o essencial para uma ciência da linguagem é abstrair-se de tudo o que é dado no objeto – no presente caso, uma preexistência qualquer do significado ao signo, uma existência do significado fora da sua relação com o significante [...] uma preexistência qualquer do significado ao signo, uma existência do significado fora da sua relação com o significante.<sup>97</sup>

As colocações de Juranville a respeito das ambições científicas de Saussure permitem pensar a divisão Estruturalismo/Pós-estruturalismo a partir da chave textual, e não como divisão taxonômica; tal relação, em psicanálise, torna-se escritura a partir do desejo de leitura de Lacan. Mas o desejo de Lacan, nesse sentido, deve ser considerado levando em consideração duas vertentes, uma em relação às marcas freudianas da psicanálise, outra em relação às marcas saussurianas.

Na realidade, no palimpsesto textual não podemos dizer que as marcas são as

---

<sup>97</sup> JURANVILLE Allain, *Lacan e a filosofia*, op.cit. , p.41

de Saussure, ou as de Freud, por isso falamos com Derrida em termos de impressão a partir da qual alguém lê. Devemos, antes, dizer que o nome de Saussure ou o de Freud são significantes-mestres que dizem respeito à condição epistêmica de uma época. O notável é que a distinção entre ‘significado’, ‘significante’ e ‘referente’ se encontra já tinha sido introduzida pelos estóicos. Os estóicos distinguiram três instâncias que se acham ligadas pelo *lekton*: o significado, *semainoménon*, o significante, *sèmainon* e o objeto, *tunkhanon*. Assim, o que significa é a voz; o que é significado é a própria coisa tornada evidente pela voz. O *lekton* é um laço estabelecido entre o universo exterior e, nós mesmos, essa ponte é possível graças à presença do logos. O significado é a própria coisa, a que se torna evidente pela voz; o que significa é a voz. Desses elementos, a voz e o objeto são corporais, enquanto o *lekton* seria incorpóreo<sup>98</sup>.

## 2.7 Lacan, a excomunhão e o legado freudiano

O texto de Jacques Lacan *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953) é a produção a partir da qual se pode situar o começo do seu ensino desvinculado da IPA<sup>99</sup>. Este texto, que na realidade é um relatório do congresso de Roma, realizado no Instituto de Psicologia da Universidade de Roma em 1953, ganha nos escritos a seguinte epígrafe:

Em particular não convém esquecer que a separação entre embriologia, anatomia, fisiologia, psicologia, sociologia e clínica não existe na natureza, e que existe apenas uma disciplina: a neurobiologia, à qual a observação nos obriga a acrescentar epíteto humana, no que nos concerne.<sup>100</sup>

Podemos ler nessa epígrafe uma referência ao mestre vienense, no sentido de

---

<sup>98</sup> DARMON, Marc. *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, passim.

<sup>99</sup> International Psychoanalytical Association (1933).

<sup>100</sup> LACAN, Jacques- *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In :escritos, op.cit., p.238.

que ela reforça a relação dos primórdios da psicanálise com a preocupação com o humano, que, em última instância, é uma preocupação com seu mal-estar na cultura. Este humano não é o do humanismo clássico, não havendo possibilidade de na natureza ser uma estrutura universal.

Para Freud, não é possível estudar o destino do indivíduo por fora da comunidade na qual está inserido. A pergunta que insiste é: o que nos concerne como humanos?

Nesse sentido, Lacan compartilha com os estudos literários de extração estruturalista esta preocupação.

## **2.8 Outras marcas da psicanálise lacaniana, e o necessário retorno a Freud**

No seu texto intitulado *De nossos antecedentes*<sup>101</sup>, Lacan evoca a acolhida da sua tese pelos surrealistas, movimento este inspirado nos mecanismos do inconsciente freudiano. No mesmo escrito, Lacan reconhece Clérambault como o seu único mestre em Psiquiatria.

Pode-se dizer que se *O Manifesto de Roma*<sup>102</sup> define um momento fundamental do percurso de Lacan definido por muitos como o começo de seu ensino, não por isso fica renegada a sua tradição psiquiátrica e psicanalítica, mas, pelo contrário, Lacan produz a partir destas marcas, num terreno epistemológico no qual *o clima parisiense* está presente, como em algum momento o esteve, em Freud quando Freud fez o seus primeiros contatos especulativos com a histeria na Salpêtrière junto a seu mestre Martin Charcot. Diremos que a psicanálise está historicamente ligada à psiquiatria francesa. Faremos uma retrospectiva deste último aspecto antes de retomar o primeiro. A clínica que chega a Lacan

---

<sup>101</sup> IDEM- *De nossos antecedentes*, , In :escritos,op.cit p. 69.

<sup>102</sup> IDEM- *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In :Escritos,op.cit ,,,p.238



via escrita freudiana também provém de uma tradição psiquiátrica, como se sabe. Efetivamente foi a escrita da clínica, em particular o texto que J. Breuer lia para seu jovem colega e amigo S. Freud, que despertou seu interesse pela prática clínica da hipnose num momento prévio à criação da psicanálise, então dizemos que a escrita de Breuer é uma marca fundamental para a criação da psicanálise. Vejamos um fragmento na escrita freudiana onde esta marca é identificável:

A maneira pela qual cheguei a esse outro processo ocorreu como se segue. Enquanto ainda trabalhava no laboratório de Brücke, eu travara conhecimento com o Dr. Josef Breuer (...)um homem de notável inteligência e quatorze anos mais velho que eu (...). Adquirimos o hábito de partilhar todos os nossos interesses científicos. Nessa relação só eu naturalmente tive a ganhar. O desenvolvimento da psicanálise, depois, veio a custar-me sua amizade(...)

Mesmo antes de dirigir-me a Paris, Breuer me havia falado sobre um caso de histeria que, entre 1880 e 1882(...) me leu trechos da história clínica, e tive a impressão de que isto contribuía mais no sentido de uma compreensão das neuroses do que qualquer observação prévia.

Tomei a determinação de informar Charcot a respeito dessas descobertas quando cheguei a Paris, e na realidade o fiz. Mas o grande homem não teve qualquer interesse pelo meu primeiro esboço do assunto, de modo que nunca mais voltei ao mesmo e deixei que fugisse de minha mente.

Quando do meu retorno a Viena, recorri mais uma vez à observação de Breuer e fiz com que ele me contasse mais alguma coisa sobre o caso. A paciente tinha sido uma jovem de educação e dons incomuns, que adoecera enquanto cuidava do pai, pelo qual era devotamente afeiçoada. Quando Breuer se encarregou do caso, este apresentou um quadro variado de paralisias com contraturas, inibições e estados de confusão mental. Uma observação fortuita revelou ao médico da paciente que ela podia ser aliviada desses estados nebulosos de consciência se fosse induzida a expressar em palavras a fantasia emotiva pela qual se achava no momento dominada. A partir dessa descoberta, Breuer chegou a um novo método de tratamento. Ele a levava a uma hipnose profunda e fazia-a dizer-lhe, de cada vez, o que era lhe oprimia a mente(...)Breuer conseguiu, após longos e penosos esforços, aliviar a paciente de seus sintomas.

A paciente se recuperara e continuara bem, e de fato tornara-se capaz de executar trabalhos de importância. Mas na fase final desse tratamento hipnótico permaneceu um véu de obscuridade, que Breuer jamais levantou para mim, e não pude compreender por que mantivera por tanto tempo em segredo o que me parecia uma descoberta inestimável, em vez de com ela tornar a ciência mais rica..<sup>103</sup>

Freud escutou o silêncio de Breuer, e esta escuta contribuiu com a elaboração

---

<sup>103</sup> FREUD Sigmund. *Um estudo autobiográfico* In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, op.cit.

da sua tese sobre a transferência. A linguagem do corpo atormentado de Ana O. foi transmitida mediante a escrita da clínica. A clínica lacaniana escuta a dimensão do homem silenciado, e, a partir desta dimensão, funda o seu sujeito na sua relação com o padecimento.

Mas Lacan não é o único a pensar o padecer do homem. Michel Foucault deve ser nomeado, porque também pensou com Freud, e contra Freud, o padecer do homem. Recuperamos então um breve fragmento da sua tese doutoral (1961) *História da loucura na Idade Clássica* publicada pela editorial Gallimard (1972):

De fato semelhante análise pressuporia a persistência imóvel de uma loucura já dotada de seu eterno equipamento psicológico, mas cuja verdade exigiria um longo tempo para ser isolada. Ignorada há séculos, ou pelo menos mal conhecida, a era clássica teria começado a apreendê-la ao menos de modo obscuro como desorganização da família, desordem social, perigo para o Estado. E aos poucos esta primeira percepção se teria organizado, e finalmente aperfeiçoado, numa consciência médica que teria como doença da natureza aquilo que até então era conhecido como mal-estar na sociedade.<sup>104</sup>

Esta “doença da natureza” a que menciona Foucault denotando o ponto de vista da *Idade Clássica* e o que a obra freudiana faz cair definitivamente por terra com a elaboração do conceito de pulsão de morte.

## 2.9 O inconsciente e o arquivo

No Manifesto de Roma, Lacan formula o seu axioma - o inconsciente está estruturado como uma linguagem - e introduz os três célebres registros: o real, o simbólico e o imaginário. Os três registros servem para poder abordar essa linguagem, que não é sem sujeito.

Nessa época, Lacan também elabora a constituição subjetiva no circuito na

---

<sup>104</sup> FOUCAULT, Michel. *Historia da loucura*, Trad .José Texeira Coelho Netto. São Paulo: Editora perspectiva, p. 80.

estrutura **diferençal**<sup>105</sup> saussureana.

Dois anos mais tarde, em “A ciência e a Verdade”<sup>106</sup>, ele faz uma retomada lógica da sua teoria estrutural do sujeito, do significante e da ciência moderna, da qual o *cogito* procede. Ali, mostra os pontos de coincidência, que ocorrem no momento da sutura, que indica em última instância um giro discursivo. As conclusões clínicas que permitiram a Lacan pensar a ciência, e sua relação com a psicanálise vieram relativamente rápido. Sua estratégia técnica de intervenção fez com que ele se confrontasse com o Real na Linguagem. Estimamos que Lacan tenha até o último momento testado o estatuto do sujeito da psicanálise, como corresponde a um bom pesquisador. Efetivamente, sua clínica, a clínica da escuta, o confrontava com sujeitos com certezas, e o desenvolvimento de tal clínica lhe trazia à tona a dimensão do inconsciente, e o que escapa ao sentido, e conseqüentemente à razão. Não há uma pluralidade de razões, mas algo que escapa.

O sujeito da razão é aquele centrado, que se sustenta sobre saberes completos. Sutura-se então a sua hiância, quando ele é pensado pela perspectiva da ciência. Que a sutura sempre fracasse, isto é uma teorização baseada na observação de uma clínica a partir de um desejo clínico. O desejo anarquiza os arquivos cujo fundamento é o *cogito*.

Se o Estruturalismo clássico buscava apagar a história se utilizando da análise sincrônica das estruturas, a psicanálise aborda o sujeito como suturado e contrapõe a emergência do sujeito à idéia de estruturas psicológicas universais. A fenda desse sujeito é seu desgarramento narcíseo, e não se fecha porque a repetição pulsa apesar da sutura; isto a despeito das propostas adaptativas, como é o caso da escola da psicologia do ego que prometia levar seus pacientes a “uma maturidade sexual”, a uma “adaptação”, discipliná-los; esta leitura é a que Foucault em última instância atacava. Freud, ao elaborar o conceito de

---

<sup>105</sup> Elegemos substituir o termo *diferencial* por *diferençal* ao longo da tese para evocar e destacar que estas diferenças não se fundam entre elementos concretos.

<sup>106</sup> LACAN, Jacques. *A ciência e a verdade*. In :Escritos .Trad.Vera Ribeiro.Rio de Janeiro:Jorge Zahar Ed,1998

inconsciente (terceira ferida narcísea), subvertia um sujeito da razão clássica, aquela que estava a serviço de uma psicologia do “controle da loucura” anterior à psicanálise. Lacan, destacando a posição do inconsciente, ele relê e constrói, uma clínica da pulsão de morte .

Que em nome da ciência se expulse a parole do sistema, tal não é, em última análise, senão uma atitude que aposta na verdade do conhecimento como pleno, tentando-se restabelecer um arquivo entendido como absoluto, sem mal-estar, reivindicando a possibilidade de um radical fascismo da língua. Quem possua as chaves do arquivo será possuidor da “verdade”. Uma das questões fundamentais é: Houve alguma condição epistêmica , que provocou a emergência da psicanálise? Freud teve desejo de leitura, ele lê os signos de seu tempo, e de fato tem um desejo clínico. Mas não nos parece casual que justamente a psicanálise seja possível, no momento que se anunciava o mal-estar que acompanhava ao progresso moderno. Do que se tratava era de um mal –estar na linguagem , Freud interrogou ao desejo , e em seu nome , Lacan reintegra a dimensão do sujeito.

## **2.10 Mais reflexões sobre Lacan e o estruturalismo**

Entende-se que Lacan faz parte do movimento estruturalista, no entanto, sustentará uma teoria do sujeito cuja preocupação fundamental é, a nosso entender, com a pulsão de morte e a experiência clínica.

A consideração da lingüística saussuriana como a ciência-piloto é o ponto de partida da lingüística saussuriana; entendemos que o ensino de Lacan utiliza estratégias estruturalistas, mas se distancia em muito de um estruturalismo clássico ou científico. No sentido estrito, a leitura lacaniana introduz a dimensão do desejo e o inconsciente estruturado na modalidade da linguagem.

Lacan articula na lógica de sua clínica a pulsão de morte, uma vez que entende o sujeito como efeito da cadeia. O sujeito emerge justamente nas rupturas, e não

pretende domesticar a fecundidade deste mal-entendido fundamental que consiste em que a linguagem não pode dar conta do que sempre falta ao sujeito, e paradoxalmente, o sujeito humano recorre à linguagem na ilusão de encontrar esse “algo”.

O sujeito não quer Saber nada do problema que diz respeito ao Saber do objeto, isto é, que não há “razões” para que haja objetos que faltam, mas estes faltam. Mas estas faltas introduzidas pela estrutura da pulsão e a castração são estruturais.<sup>107</sup>

Interessa-nos, além disso, recortar a incidência do desejo na estrutura – que não é outra senão a da linguagem.

## 2.11 Do algoritmo:

A modificação do algoritmo é o que permitirá teorizar o sujeito da ciência como sendo aquele subvertido pela Psicanálise, que introduz, a partir do significante, a sua teoria do sujeito, e, com isto, a da *alíngua*.

Na apresentação do algoritmo modificado, Lacan revela:

Para marcar o surgimento da disciplina lingüística, diremos que se sustenta como acontece com toda ciência no sentido moderno, no momento constitutivo de um algoritmo que a funda. Esse algoritmo é o seguinte:  $\underline{S}$

S

Que se lê: significante sobre significado, correspondendo o sobre à barra que separa suas duas etapas.

---

<sup>107</sup> MASSOTTA, O. *O comprovante da falta*. Trad. Maria Aparecida Balduino Cintra. São Paulo: Papyrus, 1995, p. 38

O **signo** assim redigido merece ser atribuído a Ferdinand de Saussure, embora não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas sob os quais aparece na impressão das diversas aulas dos três cursos dos anos 1906-1907, 1908- 1909, 1910-1911, que a devoção de um grupo de seus discípulos reuniu sob o título *Curso de Lingüística Geral...*

Eis porque é legítimo lhe rendermos homenagem pela formalização:

S  
s

em que se caracteriza, na diversidade das escolas, a etapa moderna da lingüística<sup>108</sup>.

O fato de Saussure ser reconhecido como o pai da etapa moderna da Lingüística se fundamenta no ato de criação da língua constituída como objeto de tal Ciência, como um produto de um sistema diferençal. Saussure, quando considera a noção do individual, o faz nos moldes do sujeito inaugurado a partir de Descartes: **cogito ergo sum**. Logo, não há lugar para o pensamento individual, como já foi dito, e sim do coletivo no sistema pensado para fundar as bases do que Lacan chama Lingüística Moderna. É indispensável banir a possibilidade do individual - **a fala** - do sistema, para poder coletivizar a Língua, mas Saussure foi claro: seu sistema era de diferenças. Então, como coletivizá-lo?

O espaço em que o discurso psicanalítico vai se configurando instala, por sua vez, o que pode parecer um paradoxo, segundo Lacan.

Neste espaço paradoxal são estabelecidos conceitos, a saber, do *sujeito da psicanálise* e do *sujeito da ciência*, o primeiro, por estar foracluído, não fica contemplado no sistema das leis que regem este sistema. Esta foraclusão deve ser entendida como normativa e não como patológica<sup>109</sup>.

---

<sup>108</sup> IDEM - Ibidem. p..500

<sup>109</sup> No caso das psicoses, a foraclusão designa a ausência do nome do pai.

A relação conceitual fica estabelecida no ponto de coincidência entre o sujeito que pode ser teorizado com o advento da Psicanálise, e aquele da ciência moderna. Lacan apresenta esta coincidência no artigo “*A Ciência e a Verdade*”: Dizer que o sujeito sobre o qual operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência talvez passe por um paradoxo(...) <sup>110</sup>

Sobre tal aspecto, Nina Leite comenta que, “para Lacan, a Psicanálise não é concebível sem a suturação que a ciência moderna opera com relação ao sujeito.” <sup>111</sup>

Mas a sutura fracassa aí onde a psicanálise supõe um saber, uma Outra verdade agora é escutada aí. Lembremos que foi a partir da escuta da ruptura da cadeia que a Psicanálise foi possível. Foi supondo que aí onde o sentido falha *isso* era, nos sonhos, nos atos falhos, nos chistes.

A sutura nomeia a relação entre o sujeito e a cadeia, o sujeito figura nesta como um elemento que falta, sob a forma do significante, pois ao faltar não está simplesmente ausente. A cadeia pulsa a partir da impressão freudiana.

## 2.12 A ciência e a verdade

O significante será o elemento que representa este sujeito. O artigo “*A Ciência e a Verdade*” anuncia que a sutura não favorece o fechamento da cadeia. Lacan aí quer mostrar-nos que “a ciência fracassava em suturar ou em formalizar integralmente o sujeito” <sup>112</sup>.

---

<sup>110</sup>IDEM - Ibidem, p. 873

<sup>111</sup>LEITE, Nina. *Psicanálise e análise do discurso: O acontecimento na estrutura*, Rio de Janeiro: Campo temático, 1994, p. 72.

<sup>112</sup> LACAN.op.cit , 1998 p.875.Ver. Cita sob nº 66.

O fator certeza é fundamental para pensar a formalização epistemológica do sujeito da Psicanálise, o que é possível, segundo Lacan, a partir de Descartes e da formalização do cogito.

O que é impensável é, por exemplo, que a psicanálise como prática, que o inconsciente, o de Freud, como descoberta, houvessem tido lugar antes do nascimento da ciência.<sup>113</sup>

Foucault teorizou sobre o mal-estar na idade clássica e os arranjos da ordem médica para contê-lo.

A obra freudiana, em especial no artigo “*Moral sexual civilizada*”, escrito quase meio século antes, denuncia os mal-estares que em princípio foram adjudicados à sociedade industrial.

Tudo indica que a organização burguesa avança estabelecendo uma economia libidinal nos laços familiares e sociais. Seguramente, a Psicanálise não seria possível sem o grau de comprometimento subjetivo que o ser humano moderno tem com um Ego, e com um corpo que lhe é próprio, corpo do qual a ciência promete tudo conhecer e onde a polimorfia da sexualidade ameaça.

O corpo é uma máquina a serviço da máquina. Corpo dissecado e classificado do qual a ciência possui prometeicas verdades e o ser humano um não-saber.

A economia subjetiva de cada época está vinculada a leis simbólicas, desde onde a subjetividade encontra uma regulação, uma sorte de administração da sua economia subjetiva.

Vejamos outro caso de certa economia subjetiva cuja regulação era a Polis.

---

<sup>113</sup>IDEM- *Ibidem.* p. 871



Pensemos em Sócrates: quando ele é convidado a se suicidar ou sair da Grécia, prefere tomar cicuta. Entendemos que esta decisão possa se dever ao grau de comprometimento, identificação e, também, de endereçamento subjetivo, que o cidadão grego tinha com a *polis*, o seu Grande Outro. Ser expulso da Grécia era ser expulso do Outro. Sócrates oferta seu corpo ao Grande Outro e, dessa maneira, inscreve o seu nome na polis. De qualquer maneira, Sócrates abre uma interrogação sobre o suicídio na filosofia ocidental, que é entendido como sublime, ou dimensão ética.

Vamos para um terceiro caso de suicídio. Trata-se de pessoas que se suicidaram numa idade em que em geral elas não o fazem. É o caso dos testemunhos.

Jorge Semprum, Primo Levi, Bruno Bettelheim, recorrem ao artifício da ficção mediante a escritura, e, assim, contornam o Real intolerável do campo de concentração. Aqui nos abstermos de fazer qualquer interpretação a respeito, apenas os lembramos. Muitas das testemunhas dizem que se mantiveram vivas para poderem falar dos *testis* ou *muçulmanos*.<sup>114</sup>

## 2.13 Saber e verdade:

O Cogito constitui um momento fundamental do sujeito na medida em que o divide entre a verdade e o saber.

Do lado do discurso da Ciência, a verdade. Do lado do discurso da Psicanálise, o sujeito permanece cindido entre o saber e a verdade, e isso funda o seu estatuto. Segundo Nina Leite:

---

<sup>114</sup> O muçulmano, testis, ou muselmann, como era denominado na linguagem dos campos, era o prisioneiro que tinha abandonado toda vontade de viver. Eles tinham abandonado toda esperança e foram abandonado pelos seus colegas. De estes diremos que eram o Real da enunciação. Ele nos lembram o Real do homem que habita nossos enunciados na atualidade.

Paradoxo que se esclarece quando observamos que o sujeito em questão, na psicanálise é o sujeito foracluído ou suturado pela ciência. Não estando portanto exterior à psicanálise, a ciência não pode aí se colocar como regulação, devendo então a psicanálise encontrar por si mesma seus princípios<sup>115</sup>.

Continuando: se os princípios da Psicanálise não poderiam ser os mesmos que os da Ciência, isto acontece porque o saber com o qual a Psicanálise lida é outro, o do inconsciente, que não é um saber mensurável como o da comunicação. O sujeito da Ciência é subvertido pela Psicanálise no ponto em que ela diz justamente algo do que desregula tais leis e sua panacéia. Concordamos com a autora que a Ciência não constitui um exterior, mas devemos agregar que sim, constitui um limite. Trabalharemos com essas idéias por irem ao encontro de nossa temática.

Se a foraclusão do sujeito provoca um desaparecimento do sujeito na cadeia da fala, o sujeito da Psicanálise reaparece nas rupturas desta, e com o limite em questão. Se a sutura fracassa, é no seu fracasso que sabemos do gozo do corpo.

Os paradoxos da lógica, os sonhos, os atos falhos, enfim o sintoma, dizem do que emerge do mais além da sutura. Lacan, referindo-se à lógica moderna, coloca:

É inegável a conseqüência estritamente determinada de uma tentativa de suturar ao sujeito da ciência, e o último teorema de Gödel mostra que fracassa o que quer dizer que o sujeito em questão segue sendo o correlato da ciência, mas um correlato antinômico já que a ciência mostra-se definida pelo não-êxito do esforço de suturá-la<sup>116</sup>.

Lacan tomava emprestado de Kurt Gödel seu segundo teorema da incompletude: a noção de verdade escapa, segundo Gödel, à formalização integral da

---

<sup>115</sup> LEITE. Op.cit. 1994, p. 33

<sup>116</sup> LACAN. Op.cit, 1998, p. 840.

verdade. Lacan constatava que o fracasso dessa formalização tinha a ver com o fracasso em geral da Ciência, sempre em busca de sutura. Inferia daí que a experiência da dúvida cartesiana marcava o ser do sujeito com uma divisão entre o saber e a verdade.

Significante. A verdade toma o estatuto de parcial para a Psicanálise porque seu sujeito responde à lógica do não-todo, dado que há um objeto *a* que permanece em relação externo-interna à cadeia.

## **2.14 Como a teoria saussureana pode ser pensada desde as perspectivas expostas.**

Para Saussure, o sistema da língua proporciona valores estáveis, uma vez que fecha esta ordem sobre si própria. No mesmo ato, exclui a fala e a corpo. A cada elemento do sistema antecede uma diferença, portanto este sistema deve começar com uma diferença que funde o elemento.

O autor, com seu sistema diferencial, depara-se com a fenda, o abismo, o real, irremediavelmente o contornado com um ato de sutura. A garantia de que o abolido não emerge é a sua institucionalização: o fechamento do signo sobre si próprio marcado pela elipse, o estabelecimento do estatuto da língua como portadora de absolutamente todos os sentidos.

O Grande Outro está barrado, dirá Lacan no decorrer da sua obra. Assim, a língua materna é pensada desde o registro da castração, que tem uma função de nó. O nó borromeano é um artefato montado para pensar o que escapa, o Real. Pensar a posição do sujeito no inconsciente é também pensar os avatares das identificações que permitem aceder a identificar-se com seu sexo.

Quando Lacan atribuí o signo a Ferdinand de Saussure, ele relata a aventura da sua mirada na textualidade freudiana e de sua escuta clínica. Lacan constrói seu edifício teórico a partir dos restos da invasão estruturalista. Em todo caso, Saussure é um dos lugares desde onde Lacan enuncia a psicanálise, do resto fez Texto.

## **2.15 A alíngua e o signo**

É na retomada do signo saussureano que é inaugurada a teorização que estabelece a relação entre o sujeito foracluído da Ciência e o da Psicanálise. Destacamos, inicialmente, o instigante fato de que Lacan modificou o algoritmo que aparece no Curso de Lingüística Geral, e logo, que afirma que parte do signo saussureano.

Lacan falou em “*minha lingüística*”, e, em seguida, em alíngua. O “a” que precede o termo “língua” invoca o conceito de objeto *a*, o *petit a* – o único conceito que Lacan reivindica como sendo da sua autoria –, conceito que dimensiona o do *resto* irreduzível.

Lacan recorre à alíngua para dizer que o significante, por estrutura, é externo-interno à estrutura do sujeito. Dizemos externo-interno uma vez que o pensamos na perspectiva moebiana seguindo Lacan. A faixa de Moebius é um objeto da topologia, extraído da geometria não-euclidiana, que se define por não se poder distinguir nele um exterior de um interior. A fenda desta banda alegoriza um espaço a ser percorrido sem distinções entre avesso e direito, externo e interno. Cada intervenção na sua superfície amplia o espaço subjetivo.

A alíngua é teorizada para poder trabalhar aí onde o corpo falha na sua relação com a linguagem. Este conceito diz respeito a uma palavra que serve para gozar, e que tem incidências sobre o corpo. O conceito de alíngua diz respeito à existência de um

*savoir-faire* a partir do inconsciente. O fora do sentido é da ordem do mortífero do Gozo, o mal radical. O sentido resulta da interseção entre o simbólico e o imaginário. O real se caracteriza pela sua exclusão do sentido – resto (*a*). Finalmente, a dimensão que se estabelece através desta abordagem do inconsciente se caracteriza por um saber-fazer **com** a alíngua. A possibilidade de articular o Gozo com o Sentido opera na cadeia significante, e a partir dela. Mas pensar em ternos de cadeia é um passo que se amplia, em termos topológicos, com a formalização do nó borromeano.

O nó borromeano é um **nó** feito de **três** círculos onde os **três registros** entrelaçam<sup>117</sup>, o efeito de sentido provém do simbólico, o efeito de gozo do imaginário e o efeito de não-relação do Real, trazem à tona o mortífero do Gozo. Então, o inconsciente é uma elucubração sobre um saber. Ao Outro (tesouro da Língua representado como Língua materna) sempre lhe falta um significante, e por isso sempre falta algo a ser dito – pois há algo que falha na relação do corpo com a linguagem.

Nesta perspectiva, o inconsciente será uma elucubração de saber, um saber inventado que repousa na cópula fracassada da linguagem com o corpo (não há relação sexual). Um não-saber sobre a sexualidade sutura-se porque a sexualidade não está dada de antemão. O sujeito humano não quer saber que não há saber sobre o sexual, e que, nesse sentido, terá de se virar para encontrar suas respostas, fazer Texto de uma Obra que conta que a sexualidade masculina e feminina – já com o primeiro homem e a primeira mulher – veio pronta. Sutura-se um não-saber.

Assim, não há possibilidade de tocar o Real. O que se pode fazer aí?

Lacan indica que a psicanálise opera pelo sentido, e só opera

---

<sup>117</sup> No seminário 22 (1974 /1975) se dedica à questão dos **três registros do nó borromeano**. Esta formalização é possível de ser pensada, a partir de textos de Jacques Lacan, da década de 1970 — sobretudo *R.S.I.* (1974-1975/s.d.) e *Le sinthome* (1975-1976/2005) —, momento em que, visando situar e apresentar materialmente a dimensão do real, Lacan recorre à escrita topológica da nodalidade na tentativa de demonstrar a consequência lógica do enlaçamento dos registros do real, do simbólico e do imaginário; em outras palavras, Lacan recorre à topologia do nó borromeano, buscando situar, através da figuração do real, o ponto central próprio à sua estrutura, ponto nodal mínimo, ponto do objeto *a*, núcleo real de gozo, situado no cerne do *sinthome*.

convincentemente ao reduzi-lo. Cada intervenção bem-sucedida amplia o espectro do espaço moebiano.

A língua, que não é nem completa nem originária, não comporta uma comunicação de êxito com o outro, um laço ‘verdadeiro’ de reconhecimento e compreensão. A Língua como tal não é a ferramenta sobre a qual Lacan edifica a sua prática nem a sua teoria (embora não a ignore), tampouco a ataca como se ela fosse um erro; mais propriamente, esta é vislumbrada pela fenda que se abre com o fracasso da sutura.

Fenda que abre e fecha... que pulsa.

A clínica que nasce com Freud, clínica da pulsão de morte é uma clínica do Real da incidência do gozo no corpo, pensada agora da perspectiva de Lacan.

A palavra que interessa à clínica é aquela que se escuta das ressonâncias de um corpo que goza. Essas são as marcas possíveis de ser trabalhadas via significante. Mas para isto se necessita de desejo de memória.

## **2.16 Considerações sobre o eu e a lógica do sujeito em psicanálise**

Nos anos 1950, Lacan propõe um retorno a Freud, caminho realizado em uma perspectiva estruturalista levando adiante o *Desejo de Freud*, lendo a partir da impressão freudiana.

No entanto, muito antes de Lacan, a “teoria crítica da sociedade” (TCS), Escola de Frankfurt, já havia articulado o projeto de “retorno a Freud” em oposição ao *revisionismo analítico*. Para delinear os contornos desse *retorno a Freud*, o livro de Russel Jacoby, *Amnésia Social*<sup>118</sup>, serve como referência inicial: como seu subtítulo indica (*Uma crítica à psicologia conformista, de Adler a Laing*), ele permite ler o “revisionismo”

---

<sup>118</sup> RUSSEL Jacoby, *Amnésia Social*. -Uma crítica à psicologia conformista, de Adler a Laing- Rio de Janeiro:Zahar, 1977.

psicanalítico em sua totalidade, desde Adler, o primeiro dessa escola, até a antipsiquiatria (representada por Laing, Cooper, Esterson etc.), sem omitir os pós-freudianos (Fromm, Horney, Sullivan etc.), bem como as diferentes versões da psicanálise “existencial” ou “humanista” (Allport, Frankl, Maslow etc.).

Tanto o conceito de inconsciente cunhado por Freud, quanto a definição de “sujeito” cunhada por Lacan, são conceitos tomados de um Outro corpo teórico – no caso, a Filosofia.

Interessa-nos destacar o caráter sincrônico da textualidade, de onde emerge o que chamamos, seguindo Roland Barthes, a dimensão do texto.

No artigo “*O inconsciente*”<sup>119</sup>, de 1915, transparece a preocupação de Freud em assinalar as diferenças entre o inconsciente, tal como é concebido por ele, e o inconsciente tal como era pensado pela Filosofia e pela Psicologia. Uma das formas de se marcar estas diferenças é apontar o que o inconsciente freudiano não é: ele não é uma franja ou margem da consciência, assim como não é o lugar do caótico e do misterioso. Freud, com plena razão, estava preocupado em assinalar essa diferença e em afirmar a irredutibilidade do seu conceito às noções até então dominantes.

A concepção de psiquismo dominante até Freud era a de uma subjetividade identificada com a consciência e dominada pela razão. Quando muito, podia-se admitir que a consciência pudesse conter uma franja ou margem inconsciente.

O termo “inconsciente” era empregado de uma forma puramente adjetiva. Houve, portanto, uma sensível mudança dentro do corpo teórico da psicanálise operada sobre o conceito de inconsciente, tal como historicamente foi introduzido por Freud em 1900. Convém assinalar que dizer que partiremos da obra de Jacques Lacan não significa um abandono do conceito freudiano de inconsciente em favor de uma concepção lacaniana.

---

<sup>119</sup> FREUD Sigmund. *O inconsciente*, In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, op.cit.

Lacan desenvolve uma “nova” concepção de inconsciente a partir dos estudos estruturalistas, e dos avanços do conhecimento sobre a clínica que deve ser entendida como uma radical abertura de arquivos da obra freudiana.

O conceito de inconsciente sofre uma transformação com o tempo, e esta transformação já se verifica na própria obra freudiana. Desde seu aparecimento no capítulo VII da *Traumdeutung* – primeira tópica – até os textos finais da chamada segunda tópica, tal transformação é visível.

Se em seus textos iniciais Freud está preocupado em definir o sentido tópico do inconsciente, nos textos posteriores a 1915 ele está mais preocupado com a relação entre o inconsciente e as pulsões. Embora no texto “*O eu e o isso*”, de 1923 <sup>120</sup>, privilegie o *Es* (o isso), Freud mantém a idéia do inconsciente como lugar psíquico diferenciado e identificado com o recalcado. É nesta medida que podemos dizer que a segunda tópica freudiana não substitui a primeira, e que os conceitos de isso, eu e superego não substituem os conceitos de Inconsciente, consciente e pré-consciente elaborados na primeira tópica freudiana.

O conceito de pulsão (*Trieb*) é outro conceito sobre o qual vão se operando diferentes modificações. A primeira teoria pulsional se elabora a partir da idéia de que as pulsões sexuais põem em perigo o organismo. Aqui temos o primeiro dualismo pulsional, no qual as pulsões de autoconservação ou do “ego” tendem a conservar a vida, e as sexuais a ameaçam.

No ano de 1910, para explicar a eleição do objeto para os homossexuais, os quais se tomam como objetos de si próprios, Freud elabora o paradigma que nos conduzirá ao problema do narcisismo. Os homossexuais tomam a si mesmos como objetos sexuais, e, partindo desta situação narcisista, elegem jovens para amá-los como foram amados por suas mães. O sujeito começa a tomar-se a si próprio, ao seu corpo, como objeto de amor. Isto

---

<sup>120</sup> FREUD, Sigmund. *O eu e o isso*, In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, op.cit.



permite uma primeira síntese das pulsões parciais, sendo o próprio corpo uma imagem unificada. O “Eu” é tomado como objeto da libido narcisista, e em contraposição o auto-erotismo designa a anarquia pulsional como a excitação sexual que nasce em cada zona erógena e se satisfaz em cada uma delas. Seu modelo (auto-erotismo) é o dos lábios beijando-se a si próprios, dirá Lacan.

O conceito (narcisismo), que aparece em *Totem e Tabu*<sup>121</sup> (1913), Freud o utilizou antes de lhe dedicar, no ano próximo, uma obra especial. Em 1914, com *Introdução ao narcisismo*, este será encaixado no conjunto da sua teoria psicanalítica. As psicoses, aquelas que Freud denominara “neuroses narcisistas”, demonstram que a libido pode recair novamente no ego ao se desprender dos objetos. Essas relações entre a libido e seus objetos, na psicose, e na neurose, foram reestruturadas metapsicologicamente no artigo “*O inconsciente*”, antes já citado. A partir da introdução do conceito de narcisismo, a idéia de ego desvinculada dos laços com a pulsão sexual cairia por terra.

Se em 1911 Freud tinha dado ao Eu uma função quase biológica, a de ser agente da adaptação enfrentando os instintos e controlando o acesso à motilidade (primeira teoria das pulsões) agora, este Eu será pensado a partir dos achados que a clínica da psicose traz à tona. A grande novidade foi que o Eu era suscetível às catexias libidinais –libido narcísica- idéias e desejos que não encontram uma forma de satisfação na realidade. Isto criou um grande desconcerto para aqueles que tinham entendido a teoria de acordo com o modelo proposto na primeira teoria pulsional.

A primeira teoria das pulsões estava francamente abalada. Onde Freud pensava haver pulsões de autoconservação encontrava também libido, no caso libido que investia o ego, uma qualidade nova de libido. Custava-lhes muito aceitar aos pensadores da

---

<sup>121</sup> IDEM- *Totem e Tabu*, In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, op.cit.

época, que esse eu, que de algum modo tinha herdado a velha razão cartesiana, que fora também representante da loucura, um personagem da fantasia, um objeto imaginário, poderia representar simultaneamente tanto a razão como a loucura.

Faz-se um traçado, a partir deste momento, no movimento psicanalítico, entre aqueles que decidem ancorar no âmbito da sexualidade e trabalhar com ela em seu sentido imaginário, e aqueles que acompanham o percurso, sabendo que “não existe um saber sobre o sexual”, e que em matéria de castração todos terão que se entender sozinhos.

Em 1905, Freud já redigia as primeiras elaborações do enigma da sexualidade, acreditando que o sujeito reprime o sexual porque a sexualidade está referida e articulada ao desejo endogâmico que a cultura inibe e proíbe. Mais tarde, Freud dirá que a sexualidade do adulto terá a ver com o modo de o adulto se referir aos seus primeiros objetos, ao corpo erógeno sexuado capaz de gozo constituído nos primeiros anos. Tal modalidade ocupará um lugar destacado na fantasia (momento da montagem profantasmática); as fantasias se reatualizam no Édipo, mas sob a ameaça de castração; as catexias libidinais são abandonadas. Se há algo na sexualidade que incomoda, este incômodo terá a ver com a castração, e a castração com um esvaziamento total da representação, que logo, via simbólico, se ressignificará.

Na segunda teoria pulsional (1920), a divisão será entre as pulsões de vida e as pulsões de morte.

Quando em “Para além do princípio do prazer”<sup>122</sup> Freud introduz a hipótese das pulsões, ele o faz abrindo mão definitivamente das analogias com a biologia da sua época.

---

<sup>122</sup> FREUD, Sigmund..*Além do princípio do prazer*. In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, op.cit.

## 2.17 Segunda teoria das pulsões, a pulsão de morte

Quando se analisa as repetições de fracasso durante a cura e as que se produzem na transferência segundo os princípios de prazer e realidade, produz-se um resto. Este resto é a compulsão à repetição, que parece impossível de explicar.

De que se trata na repetição das crianças através do jogo de situações angustiantes? A pergunta que Freud se faz nesse momento diz respeito também, e fundamentalmente, às neuroses traumáticas: como um sujeito sonha permanentemente com situações traumáticas se o sonho é realização de desejo?

Freud oferece uma resposta de tipo econômico: trata-se de converter energia livre em energia ligada, de se transformar de passivo espectador em protagonista ativo.

Surpreendido pelo trauma, o sujeito quer simbolizá-lo, poder se localizar novamente na sua realidade. Esse movimento de passar de espectador passivo a protagonista ativo implica suportar um desprazer, e isso sugere uma dica que será o pivô fundamental para pensar a segunda teoria pulsional.

Freud anuncia que deve haver um *mais além do princípio do prazer*, uma fratura no dito princípio, que tem relação com a clivagem das instâncias. O que é prazeroso para uma instância não o é para outra.

Na segunda teoria da angústia, Freud dirá que o perigo fundamental para o Ego, frente ao qual surge a angústia, é a pulsão parcial – que ameaça o Ego na sua unidade.

A pulsão, uma vez que deseja sua satisfação, só encontrará um objeto através das pulsões do Eu, através dos interesses do Eu (o termo “interesse” do Eu nasce para se pensar o instinto de autoconservação). Um dos interesses da pulsão é que a pulsão encontre o objeto que não se auto-satisfaça; a satisfação da pulsão é a sua descarga absoluta, que levaria a um gozo mortífero, letal.

O cumprimento do desejo pode levar à morte – por descarga absoluta; então, vemos que uma das caras do desejo é a morte.

O desejo é a diferença entre o prazer esperado e o prazer obtido, e então é estrutural que permaneça insatisfeito. O que acontece quando o gozo do objeto é ao infinito, quando um corpo se oferece sem limitação para o imperativo de gozar emitido pelo sistema?

Enquanto há algo a ser encontrado, algo mítico, tal cumprimento segue o caminho da alucinação, dos sonhos: é o princípio de realidade quem faz o corte. Vejamos como aparece. Pela via do princípio de realidade, o Princípio de Nirvana (a descarga absoluta que leva à morte) é convertido no princípio de Constância. A lei cumpre uma função fundamental na estrutura.

As pulsões parciais produzem desprazer na medida em que a estruturação do aparelho limita a sua tendência à descarga absoluta.

As pulsões que não se têm subordinado à primazia da organização fálica subsistem; um dos caminhos é encontrar a sua satisfação mediante o sintoma. O prazer do sintoma tem a ver com essa satisfação; seu desprazer está em relação com o Eu que sente o corpo como estranho.

O infante, a cria do homem, é assujeitado na sua relação com o Outro. A realidade não se opõe ao princípio de prazer, mas transforma a inércia neuronal em princípio de Constância, em Freud.

Porque aparece o desejo como insatisfeito é que a vida será uma busca constante de sentido. O netinho de Freud brinca com o carretel para simbolizar a alternância entre presença e ausência da mãe, manufacturando um texto que Freud legalizou com a sua leitura.

O menino, de dezoito meses, arremessa o carretel por entre as cortinas de seu leito, fazendo-o desaparecer. Ele emite um som, “óóó”, identificado por seus familiares

como o advérbio alemão *fort*, que significa algo como «longe». Em seguida, ele puxa o carretel de volta, emitindo um jubiloso «aaa», próximo do termo *da*, que indica algo como «aí está». O *fort* e o *da* pontuam uma oscilação que, repetindo através de um símbolo (o carretel) a partida e a volta da mãe, permitirá que a ausência se inscreva estabelecendo-se assim a presença de uma falta. Este jogo nos apresenta, portanto, o funcionamento mínimo de toda escritura.

O netinho de Freud elabora sua raiva e o seu ódio através da trama que a Linguagem oferece. Há uma relação entre o sujeito e o Outro da linguagem que Freud lê. Sabemos que isso teve efeitos no próprio Freud, porque escreveu sobre isso. Fez textualidade ao intervir no palimpsesto. Para nós, que retomamos as marcas freudianas também, a cena de Freud com o netinho é paradigmática; para o netinho, deve ter tido seus efeitos, não sabemos quais. Simplesmente, neste caso pode-se fazer uma leitura de pertinência psicanalítica, o que não significa que seja uma conclusão de caráter clínico.

O jogo é uma encenação, na palavra de Freud, da partida da mãe. Tal encenação permite um domínio (*Bewältigung*), um controle da situação traumática que é postulado como objetivo da repetição. Mas não se trata aí de um controle propriamente narcíseo, operado por um eu investido libidinalmente. Tampouco se trata aí de um eu como instância descrita na segunda tópica do aparelho psíquico, que viria atuar como mediador em um conflito psíquico. Parece, antes, que esta dominação propiciada pela repetição vem conformar o eu. É o que mostra a última parte do jogo do carretel, que Freud relata e que relacionamos com a escritura do desejo, isto é, a possibilidade de substituição de objetos:

Esse bom menininho, contudo, tinha o hábito ocasional e perturbador de apanhar quaisquer objetos que pudesse agarrar e atirá-los longe para um canto, sob a cama, de maneira que procurar seus brinquedos e apanhá-los, quase sempre dava bom trabalho. Enquanto procedia assim, emitia um longo e arrastado ‘o-o-o-ó’, acompanhado por expressão de interesse e satisfação. Sua mãe e o autor do presente relato concordaram em achar que isso não constituía uma simples interjeição, mas representava a palavra

alemã *'fort'*. Acabei por compreender que se tratava de um jogo e que o único uso que o menino fazia de seus brinquedos, era brincar de 'ir embora' com eles. Certo dia, fiz uma observação que confirmou meu ponto de vista. O menino tinha um carretel de madeira com um pedaço de cordão amarrado em volta dele. Nunca lhe ocorrera puxá-lo pelo chão atrás de si, por exemplo, e brincar com o carretel como se fosse um carro. O que ele fazia era segurar o carretel pelo cordão e com muita perícia arremessá-lo por sobre a borda de sua caminha encortinada, de maneira que aquele desaparecia por entre as cortinas, ao mesmo tempo em que o menino proferia seu expressivo 'o-o-ó'. Puxava então o carretel para fora da cama novamente, por meio do cordão, e saudava o seu reaparecimento com um alegre 'da' ('ali'). Essa então, era a brincadeira completa: desaparecimento e retorno. Via de regra, assistia-se apenas a seu primeiro ato, que era incansavelmente repetido como um jogo em si mesmo, embora não haja dúvida de que o prazer maior se ligava ao segundo ato. A interpretação do jogo tornou-se então óbvia. Ele se relacionava à grande realização cultural da criança, a renúncia instintual (isto é, a renúncia à satisfação instintual) que efetuara ao deixar a mãe ir embora sem protestar. Compensava-se por isso, por assim dizer, encenando ele próprio o desaparecimento e a volta dos objetos que se encontravam a seu alcance. É naturalmente indiferente, do ponto de vista de ajuizar a natureza efetiva do jogo, saber se a própria criança o inventara ou o tirara de alguma sugestão externa. Nosso interesse se dirige para outro ponto. A criança não pode ter sentido a partida da mãe como algo agradável ou mesmo indiferente. Como, então, a repetição dessa experiência aflitiva, enquanto jogo, harmonizava-se com o princípio de prazer? Talvez se possa responder que a partida dela tinha de ser encenada como preliminar necessária a seu alegre retorno, e que neste último residia o verdadeiro propósito do jogo. Mas contra isso se deve levar em conta o fato observado de o primeiro ato, o da partida, ser encenado como um jogo em si mesmo, e com muito mais frequência do que o episódio na íntegra, com seu final agradável.<sup>123</sup>

Freud já não pensa a repressão como algo que pode vir a fazer adoecer o sujeito, mas como fazendo parte de um movimento de "retorno do recalçado". Através do conceito de pulsão de morte, Freud introduz a idéia de que todo ser vivo aspira à sua própria morte como um modo de pôr fim à tensão interna provocada pela pulsão sexual, que está sempre elevando o nível energético e promovendo o desequilíbrio interno do aparato psíquico. A repetição é de estrutura na constituição da subjetividade, estrutura que nos remete a um mais além do princípio do prazer. O jogo do fort-da nos deixa como ensino que o sujeito humano repete situações desagradáveis, o menino do carretel de fato repetia a experiência de saída da mãe.

---

<sup>123</sup> IDEM-*ibidem*.

A realidade atual deixa mais que nunca claro de que maneira a tendência do homem supera o fato de preparar para si próprias situações de dor ou desprazer, para caminhar para a sua autodestruição. Fica radicalizada assim a tese freudiana da pulsão de morte como expressão do funcionamento psíquico. Se o princípio do prazer tende a reduzir tensões no organismo, uma vez que o ideal social convida a gozar com os objetos e imagens sem interdições, o único limite possível parece ser a morte.

## **2.18 A sutura e a série: um aporte e as divergências**

No artigo “A Sutura”<sup>124</sup>, de Jacques-Alain Miller aborda o sujeito do significante, valendo-se de elaborações da lógica, como veremos mais adiante.

Um dos aspectos deste conceito é o de ter dado lugar a uma divergência entre Lacan e Miller, muito positiva, no nosso entender, já que teve como efeito produções de ambos os pensadores que enfocaram as questões do sujeito e da linguagem a partir do prisma da lógica – o que contribui para se pensar a lógica do sujeito do significante. O resultado de tudo isso é que a Psicanálise incorpora o conceito de “sutura” e amplia assim o espectro epistemológico do seu corpo teórico. A conceitualização da sutura é um híbrido – chamemo-la assim provisoriamente – complexo em termos epistemológicos, que faz referência à subversão do sujeito cartesiano e a questões relativas ao inconsciente freudiano, articuladas a partir de uma demonstração que se vale de elementos da lógica.

O desejo de Freud abriu o campo para que isto fosse possível. A ciência e a ética que acreditaram que sob a identidade e a não-contradição estava garantida a legitimidade de um conceito são questionadas, a partir de linhas de fuga do projeto moderno. A psicanálise é uma linha de fuga discursiva na episteme moderna, um desgarro, uma

---

<sup>124</sup> MILLER, Jacques-Alain. *Matemas II*. Buenos Aires:Ediciones Manantial, 1987.

ruptura, uma erupção na linguagem.

Segundo Elizabeth Roudinesco, a conferência-que logo dera lugar ao artigo - a “*Ciência e a Verdade*”<sup>125</sup>, oficiada por Lacan, era uma resposta explícita a uma exposição feita por Jacques-Allain Miller numa sessão do seu seminário (XII) do ano anterior, 1965. Vejamos um fragmento do comentário da psicanalista francesa:

Apoiando-se nos Fundamentos da aritmética da obra de Glottlob Frege que ele acabara de descobrir com seu colega Ives Duroux, Miller aproximava a teoria do zero de Frege e seus sucessores à teoria lacaniana do significante, e denominava “sutura” a relação do sujeito com a cadeia. Depois acrescentava que o sujeito figurava nessa cadeia em lugar de zero como “fazendo uma falta”. Embora se assinala que a noção de sutura não estava presente na doutrina lacaniana, ele afirmava que Lacan como Frege, excluía a consciência de toda definição de sujeito. Na mesma perspectiva que a exposição de 1963, a posição milleriana radicalizava portanto o discurso lacaniano.<sup>126</sup>

Efetivamente, parece claro que uma das chaves de “*Ciência e a Verdade*” seja uma resposta de Lacan a Miller. Considerando isso, Lacan dialoga com a ótica milleriana, que lê o sujeito alienado da sua falta sendo representado por um traço que receberia seu estatuto a partir do Zero da série numérica – um conceito sob o qual não recai nenhum objeto. Acreditamos que existe por parte de Miller uma crítica dirigida a um uso político da teorização que visava estabelecer um combate frontal com a psicologia do ego. Isto nos parece possível dado o delicado momento que o próprio Lacan psicanalista vivia nessa época. Apesar da crítica de Roudinesco, devemos reconhecer que tal crítica, pode não estar escapando às guerras políticas que permeiam a história das instituições psicanalíticas, entre muitas outras.

Que quede bien claro que aquí no hablo en calidad de filósofo, de aprendiz de filósofo, si el filósofo es aquel acerca del cual Enrique Heine dice en

---

<sup>125</sup> C.f LACAN Jacques, *Ciência e a Verdade*, op.cit.

<sup>126</sup> ROUDINESCO, Elisabeth. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.331



una frase citada por Freud, que “con sus gorros de dormir y los jirones de su robe de chambre taponan los agujeros del edificio universal”. Es importante que estén persuadidos de que el lógico, igual que el lingüista, a su nivel sutura. E, igualmente, quien dice “yo”(je).<sup>127</sup>

A sutura, dirá Jacques Allain Miller, após uma longa demonstração, é a relação do que falta (objeto impossível, não idêntico a si mesmo, zero, falta); também é parte da estrutura da qual é elemento, já que implica a posição de um representante (traço, zero, marca).

Contabilizar o zero como um implica colocar a base para a pergunta pelo sucessor, ou seja, perguntar-se pela passagem de um elemento da série dos números naturais ao seguinte, de  $n$  a  $n+1$  escreve Miller.<sup>128</sup>

Haverá uma insuficiência provocada pelo zero que força a passagem para o sucessor. É como se cada número, ao pretender nomear a coleção, demonstrasse a sua falha, porque sempre haverá um a menos que força a um a mais.

Após um percurso pela lógica de Frege, Miller nos reenvia à lógica do significante, campo da Psicanálise, e à relação do sujeito  $o$  com a cadeia significante, com o zero como falta (objeto impossível), isto é, com o não-idêntico suturado num traço. Esse excesso operante na progressão é o que será chamado de sujeito. O traço é situado como significante, traço da unidade distintiva, traço unário,  $S1$  na notação de Lacan; ao número lhe daremos a posição de significado –  $S2$  na notação de Lacan. Cada número tenta absorver o traço do não-idêntico (ou seja, o traço representante do sujeito), mas o não-idêntico pulsa e se produz a progressão da cadeia, reaparecendo outra vez como esse um a mais (eu).

Cada número na sua intenção de sentido leva a marca do não-idêntico, o que torna impossível a sua duplicação. Isto remete à repetição como repetição do não-idêntico.

---

<sup>127</sup> MILLER, Jacques-Alain. *Matemas*, op.cit. , p.55

<sup>128</sup> MILLER, Jacques-Alain. *Matemas*, op.cit. , p.55

## 2.19 De uma nova modalidade subjetiva

Tendo sido abordado o conceito de sujeito na Psicanálise a partir de um prisma lógico, é nomeado seu objeto como impossível. De passagem, acrescentamos que o impossível é que este sujeito encontre um sentido que o complete (a dimensão a-semântica do significante é destacada por Lacan no Seminário das psicoses). O sujeito, uma vez na linguagem, e atravessado pelos significantes da linguagem, encontra-se alienado nela.

A conceitualização que Lacan formaliza sob o seu conceito de Real permite falar de um mais além do limite epistemológico da língua.

Vamo-nos deter no ‘moi’ ao tratar do aspecto da constituição subjetiva, para o que será necessário considerar o texto escrito por Jacques Lacan, “O estágio do espelho como formador da função do ego (je) tal como se revela na experiência analítica”<sup>129</sup>, escrito em 1949, que desenvolveremos em breve.

Começemos pelo título. É necessário esclarecer que, nessa época, Lacan não tinha feito a distinção entre ‘je’ e ‘moi’. Posteriormente, faz referência ao pronome da primeira pessoa (o que em português seria Eu), colocando-o geralmente entre parênteses (Je). Entretanto, para fazer menção ao Ego (como instância psíquica elaborada na segunda tópica freudiana) lança mão do termo ‘moi’. Esta distinção, entre outras razões, está relacionada com o fato de que na Psicanálise daquela época traduzia-se o ‘Ich’ freudiano por ‘Je’.

A leitura que Lacan faz de Freud, nesta época, implica uma ruptura com a ‘direção da cura’, com as terapias de fortalecimento do ego, o que implica uma outra escuta do discurso do paciente – e em definitivo marca a história da psicanálise.

Portanto, esta distinção entre ‘je’ e ‘moi’ é significativa não só dentro da

---

<sup>129</sup> LACAN, Jacques. *O estágio do espelho como formador da função do eu (je) tal como se revela na experiência analítica*, In :Escritos, op.cit.. ,p.96

teoria, como já veremos, como também dentro do que é a construção desta teoria no destino da psicanálise, onde a relação entre ‘je’ e ‘moi’ se mantém. Definitivamente, com Lacan a terapia não é pensada mais como de Ego a Ego, pressuposição que tinha como consequência uma escuta do discurso, ‘transparente’, embora se interpretasse nessa perspectiva que o que o paciente quer dizer se deve a “tal ou qual” motivo inconsciente. A dimensão do inconsciente não é mais tópica e sim topológica.

A mudança consiste fundamentalmente em que a existência do inconsciente (e isto é um princípio básico) descarta a possibilidade de uma tradução deste.

Relembremos: René Descartes (1596-1650), notável filósofo e homem de ciência, propõe-se a fundar o saber com absoluta firmeza, o conhecimento que não seja absolutamente seguro deve ser abandonado como insuficiente.

Existe uma preocupação que é fundamental: evitar o erro. Isto leva Descartes a formalizar a dúvida metódica com o intuito de estabelecer, mediante a dúvida, um método.

A idéia é alcançar um saber de cuja verdade não se possa duvidar. Elabora uma crítica do saber sensível; uma crítica do saber racional; leva a dúvida ao extremo (dúvida hiperbólica), e é nesse momento que se converte no seu oposto um conhecimento certo. Em Descartes o *eu penso*, implica o *eu sou*, para Lacan o eu penso é um puro *non-sens*, desde a lógica do sujeito da psicanálise, portanto, para ele, a fórmula de Descartes pode ser entendida como *Eu sou onde não penso*.

Descartes caracteriza o que em sua filosofia é o primeiro princípio da filosofia.

Sobre o fundo de uma crítica como forma de conhecimento da Idade Média baseada no silogismo. O silogismo não pode determinar a verdade dos conhecimentos; pode ter valor como método de exposição, ou seja, para apresentar ordenadamente verdades já sabidas;

nesse sentido, o saber tinha legitimidade para a Idade Média, enquanto que as verdades já estavam dadas pelas escrituras ou por Aristóteles.

Isto não pode servir para obter os novos conhecimentos que os tempos modernos exigem; não é um método para a descoberta de novas verdades, não é *ars inveniendi* (arte de descobrimento).

A nova época pretende acabar com discussões meramente verbais e encontrar um método que permita ir às coisas mesmas, de forma que cada indivíduo possa encontrar o conhecimento por conta própria e sem recurso a nenhuma autoridade que não seja aquela que brota da razão humana.

O que é preciso destacar para os fins de pensar a questão do significante atrelada à idéia de sujeito cartesiano, é a questão desta transparência que Descartes sustenta ser passível de encontrar-se no saber mediante o método.

Lacan retoma o princípio fundamental da filosofia cartesiana e postula, tomando como base o descobrimento freudiano do inconsciente, *sou, onde não penso* Isto supõe uma ruptura com a filosofia derivada do *cogito*.

O ser ao qual se refere Lacan é um ser faltoso. O ser falta ao encontro ao qual é convocado sempre é a ontologia da ausência e da fenda? O ser falta ao encontro para o qual é convocado. Estaríamos aqui em presença de uma ontologia da ausência?

O *cogito* cartesiano marca na cultura um paradoxo fundamental, a de ser um arquivo silencioso apesar dos seus enunciados. Arquivo este habitado pela pulsão de morte.

## 2.20 Mais sobre o eu e a linguagem

O *eu penso, logo sou* postulado por Descartes é a pedra de toque fundamental para uma nova modalidade subjetiva mais além da razão. A Psicanálise funda-se a partir da subversão da lógica deste sujeito. Houve uma “migração” do sujeito da modernidade que abala as estruturas epistemológicas, reverberando até hoje, com a dimensão do conceito de “inconsciente freudiano”. Assim, o sujeito do inconsciente é a marca textual de nosso tempo. Trabalharemos, em seguida, alguns conceitos necessários para pensar a constituição subjetiva e a subversão.

Lacan vale-se do ‘je’ e do ‘moi’ para explicar a tensão entre a incompletude do simbólico e a ameaça de fragmentação frente à inteireza da imagem<sup>130</sup>.

O *shifter*<sup>131</sup>, este ‘je’, este enunciado, será a enunciação do ponto de vista do ‘moi’ (sede da certeza).

O *je* só tem valor para indicar a localização **no discurso** daquele que fala. Neste sentido, não somente podem ser considerados *shifters* os pronomes de primeira e segunda pessoas, como também as terminações verbais e as partículas ‘aqui’ e ‘agora’. A distinção entre *je*, do Eu (narcisista), *moi*, aquele que identificamos como Ego é fundamental para pensar o enunciado e a enunciação em psicanálise.

Ex.: Eu sou médico.

O Eu aponta o lugar de onde se enuncia. A afirmação ‘sou médico’ nos fala do “ser do médico”, isto é, de tudo o que a identificação aos significantes de “ser médico” acarreta para esse indivíduo (ego narcisista). Mostra, também, que o localizamos ao nível da

---

<sup>130</sup> Retomamos em breve este raciozinho.

<sup>131</sup> O *shifter* é definido como: aquela partícula do código que assinala o lugar de quem fala não predicando nada a respeito do mesmo. Jacobson. Ver em: JAKOBSON, Roman. *Ensayos de lingüística general*. Barcelona.: Seix Barral, 1981, P25

classificação, do enunciado.

O *je* na teoria indica o descentramento, a “não coincidência” entre o sujeito do enunciado e o da enunciação. Nada se sabe sobre este *je*, apenas que é um lugar que o *moi* toma como referência. O *je* funciona como 0 (referência vazia). A Série tenta recuperar a unidade; o pensamento nunca alcança o seu objeto como satisfatório; a série, no seu movimento, procura uma identidade impossível .

A partir daqui, elabora-se a articulação do registro significante, considerando-se os trabalhos de Jakobson e as funções essenciais do significante, metafórica e metonímica, como engendradoras de sentido, segundo assinala Lacan. A metáfora anuncia que algo não tem sido dito, e também que não pode ser dito todo. O sentido que desliza é um “objeto” metonímico. Os objetos de consumo permitem um gozo que aspira a completar aquilo que é impossível por estrutura. A estrutura do desejo é um vazio.

Dizemos que o sujeito está alienado aos significantes porque aprende o que acredita saber de si mesmo, e até o que acredita desconhecer, com os sentidos da linguagem, os quais trazem uma carga significante que facilita a sutura da sua falta em ser. O sujeito se reconhece no *moi*, pondo em evidência a distinção que é preciso estabelecer entre as marcas discursiva, *je* (lugar da enunciação) e *moi* .

Onde está o sujeito do inconsciente para Lacan? Fora da cadeia: saberemos dele por irrupções no discurso lógico e por formações que rompem com a lógica discursiva. O sujeito se aliena, se transformando em outro que é a sua imagem, uma classificação que pode ser: “sou o garoto que possui os tênis mais caros”, e em tal enunciado percebe-se sua relação com as identificações, que são o próprio do *moi*.

Pensar a linguagem como era pensada pelos pós-freudianos até Lacan sugere a possibilidade de, uma vez desvelado um sentido oculto, conseguir uma transparência do dito, isto é, conhecer *a verdade toda* – definitivamente isto não se sustenta.

Diremos, em princípio, que na cadeia significante se supõe um sujeito, na perspectiva psicanalítica. O dito sujeito está alienado nos significantes da linguagem, e a alienação é necessária nos significantes do grande Outro da linguagem. Em Psicanálise, o nome do pai funciona como regulador da alienação simbólica. Um modo de saber dela como falha de tal “arranjo” é a presença concreta e virtual do mundo fantasmático nas alucinações, sendo que o real faz irrupção na sua forma discursiva em forma de delírios. Isso acontece se a função paterna (interdição do gozo) fracassa, na medida em que esta é a função que liga os objetos, que os ordena.

É importante que fique claro que esta ligação aos objetos é um arranjo que permite manter a ilusão de uma comunicação bem sucedida. Esse arranjo tem como efeito falar como se existissem (aposta no *fonos*), por um lado, um laço natural onde se correspondem o mundo das coisas e o das palavras, e por outro o favorecimento ao deslizamento de sentido. Assim, também a imago do corpo unificado é um arranjo. O olho materno unifica a fragmentação; a função simbólica regula-a.

## **2.21 O estádio do espelho**

O registro do imaginário, da virtualidade alienante, se funda na obra lacaniana com o estádio do espelho. Para explicar o estádio do espelho, tomaremos duas elaborações por Freud. Ressalvemos que é importante não confundir o conceito de imaginário (cujo suporte é a noção de imago) com a noção de imagético, já que esta última pressupõe uma referência.

Veremos como fica isto no estádio do espelho tal como Lacan o fundamenta.

Numa idade em que a cria do homem se encontra (embora por pouco tempo, esclarece Lacan) superado em inteligência instrumental pelo chimpanzé (até aproximadamente os seis meses), esta sente curiosidade pela sua imagem, e finalmente

reconhece sua imagem no espelho.

Este momento de júbilo (mímica iluminante), de reconhecimento, é o momento do *Aha-Erlebnis*, que para Koller seria o tempo essencial do ato de inteligência.

Lacan faz aqui referência ao que a embriologia denomina “fenômeno de fetalização” (prematuração específica do homem no nascimento)<sup>132</sup>.

A cria do homem não tem, ao nascer, seu sistema nervoso desenvolvido, existindo uma vantagem da parte superior do neuroeixo com respeito ao resto. Para que a coordenação dos membros seja possível, é necessário que os feixes do sistema piramidal estejam mielinizados. As extremidades são as últimas a se mielinizarem. Em consequência, como a mielina chegou até ao córtex, podem-se reconhecer imagens, mas não é possível coordenar os membros.

O infante, ao perceber a *Gestalt* inteira no espelho, experimenta o seu corpo como fragmentado. Podemos ficcionalizar o momento da percepção da *Gestalt* inteira com uma lógica hipotética; é como se dissesse: antes de me desmontar, precipito-me na imagem. Esta lógica é hipotética porque o ego ainda não está formado, tampouco existe uma diferenciação entre ego e não-ego.

Lemos o estágio do espelho pelas fantasias de fragmentação na neurose, ou pelo deslocamento dos membros corporais que de fato vivenciam o psicótico como o real, neste momento prévio à alienação apaziguadora e unificante com a imagem. Então, o ego implica o desconhecimento e o lugar onde o sujeito se aliena, transformando-se na sua imagem.

Lacan, nessa época, entende a identificação como a transformação que se produz num sujeito quando assume a sua imagem como própria.

Desempirizando o estágio do espelho, entendemos que não se trata de ver sua

---

<sup>132</sup> LACAN, Jacques. *O estágio do espelho como formador da função do eu (je) tal como se revela na experiência analítica*, In :escritos, op.cit.. ,p.96



imagem no espelho no sentido fenomênico, mas o poder se reconhecer imaginária e simbolicamente na sua relação com o Outro. Reconhecer-nos no Outro acalma a vertente Real da Linguagem que nos interroga como seres, e demanda reconhecer-nos a partir do ponto de âncora que é o nosso nome próprio.

Com este imaginário do estádio do espelho, Lacan articula o olhar da mãe, forjando a imago unificante (metáfora do espelho), o “moi”, dando significações ao que supõe a intencionalidade do infante. Aqui se instala o mal-entendido, pedra fundamental, para Lacan, da sua teoria do significante e dos gozos. Mal-entendido porque não haverá nenhuma classificação, nenhum sentido, que suture com êxito a falta que o Real introduz na estrutura.

## **2.22 O cérebro de Broca**

Paul Broca foi cirurgião, neurólogo e antropólogo, uma das figuras mais destacadas do século XIX . Pesquisou a patologia cancerosa, dedicando especial atenção ao tratamento dos aneurismas. Embora se considere como a sua principal contribuição o mapeamento e localização de área cerebral (área 37) que leva o seu nome, a sua personalidade é respeitada também pela sua apaixonada e fervorosa dedicação ao atendimento das camadas sociais menos favorecidas. Contam-se diversas histórias sobre as suas corajosas ações; Carl Sagan lembra-nos esta no seu livro intitulado *Broca's Brain* (O cérebro de Broca).

Ao amparo da noite, e com risco da sua própria vida, conseguiu em certa ocasião sacar clandestinamente de Paris numa carreta puxada por cavalos setenta e três milhões de francos dentro de malas escondidas sob pilhas de batatas; do que se tratava era de dinheiro dos Fundos de Assistência Pública que, segundo a sua opinião, corriam perigo iminente de sacanagem. (...) Dedicou-se ao estudo do problema da mortalidade infantil. No fim da sua vida foi nomeado senador. Como têm indicado seus biógrafos, amava acima de tudo o sossego e a tolerância. Em 1848, fundou uma sociedade de

“livre-pensadores”. Foi um dos poucos cientistas franceses da sua época que mostrara adesão à tese darwiniana da evolução através da seleção natural entre as espécies. T.H. Huxley, “o cachorro guardião de Darwin”, assinalou que a simples menção do nome de Broca enchia o seu espírito de um sentimento de gratidão, e se atribui a Broca a afirmação: “prefiro ser um macaco transformado em homem e não um filho degenerado de Adão”. Por tais idéias e outros pontos de vista similares foi denunciado por “materialismo” e por ser corruptor da juventude, como o fora séculos antes Sócrates. No entanto, recebeu a nomeação de Senador.<sup>133</sup>

Sagan relata que, numa das suas visitas ao *Musée de l’Homme*, se deparou num dos rincões obscuros do lugar com uma coleção de bizarros objetos. Tratava-se de uma coleção de cérebros de personalidades famosas em formol. O motivo de tal coleção devia-se à esperança de, através dos estudos destes, provocar o avanço da humanidade.

Também se podiam encontrar em outras estantes cérebros de criminosos. Através do estudo da sua anatomia cerebral, pretendia-se encontrar algum indício revelador, conforme fosse a sua configuração craniana.

A frenologia foi uma desgraçada aberração do século XIX. Posso ouvir a minha amiga Ann Druyan afirmando, escreve Sagan: “as pessoas que matamos de fome e torturamos têm uma tendência anti-social a roubar e matar. E acreditamos que agem desse modo por causa da sua proeminente sobrelha”. O certo é que não há como distinguir entre os cérebros dos assassinos e dos sábios (os restos de Albert Einstein estão -lembramos- flutuado num frasco na Universidade de Wichita). É indubitável que quem faz os criminosos não é a herança e sim a sociedade.<sup>134</sup>

Como apreciase a coleção, deparou-se Sagan com um frasco perfeitamente etiquetado (como o impecável procedimento dos cientistas da época exigia). Na etiqueta podia-se ler: P. Broca.

Sagan tinha em suas mãos o cérebro de Broca. Um resto sem rosto na série.

---

<sup>133</sup> SEGAN Carl. *El cérebro de Broca. Reflexiones sobre el apasionante mundo de la ciencia*. Buenos Aires: Ediciones Grijalbo, S.A., 1982, pp.19-20

<sup>134</sup> IDEM-*ibidem*, p18

## 2.23 Freud e as representações; o bloco mágico

Escreve o psicanalista Alfredo Garzia-Roza:

Nesse aparelho, a representação não está ali pronta, à espera da representação palavra para que se produza o significado. Melhor dizendo, a percepção não oferece objetos com os quais a palavra vai se articular para obter seu significado. A percepção pura e simplesmente não oferece objetos. Aquilo que ela recebe do mundo não são imagens de objetos, mas imagens elementares (visuais, táteis, acústicas etc.).<sup>135</sup>

A relação entre a impressão e a palavra não é uma relação causa-efeito mecânica; o processo é mais complexo. A cada impressão não lhe corresponde certa representação. A representação não é um epifenômeno cuja origem é uma impressão. A relação entre impressão e representação é fundamentalmente um processo de associação; o território da linguagem (*das Sprachgebiet*) é desde o *Projeto para uma psicologia científica*<sup>136</sup> um território cuja estrutura é associativa. Isto é o caldo de cultivo de onde bebe a teoria do significante.

É importante destacar que a impressão é entendida não como um suporte material, e também que a representação é representação sim e só sim há associação. Não é possível entender a representação como autônoma.

O bloco mágico (*Wunderblock*), em que Freud compara a ardósia de celulóide que acabara de ser comercializada com o aparelho psíquico, é a expressão mais acabada do “aparelho da linguagem” freudiano. Se a escrita pode ser apagada, o traço permanece.

Mas este traço ou marca é feito sobre alguma materialidade, ou sobre algo de substancial? Não! Ele não é nem material nem localizável.

---

<sup>135</sup> GARZIA-ROZA, Alfredo. *Introdução á metapsicologia freudiana*. V1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1991, p.31

<sup>136</sup> FREUD Sigmund, *Projeto para uma psicologia científica*. In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, op.cit.

Não há traço em nossa memória consciente desses desejos infantis; no entanto, eles produziram efeitos que perduram por toda a nossa vida. São efeitos que, uma vez identificados, funcionam como indícios de algo desconhecido para nós mesmos.

A dificuldade maior reside em que esses indícios também não são facilmente identificáveis pelo olhar cotidiano, não aparecem claramente como indicadores de algo oculto em nossa história pessoal. O que os torna significativos não é o caráter perturbador de seu conteúdo ou forma espetacular ela qual se apresentam, mas algo que poderíamos chamar de tonalidade afetiva. Enquanto signos de um passado esquecido, eles não permaneceram porque são importantes, mas são importantes porque permanecem<sup>137</sup>.

O psicanalista carioca mostra a meticulosidade de psicanalista clínico ao colocar as coisas nestes termos: enquanto signos de um passado esquecido. Por que signos e não sintomas?

O sintoma em psicanálise ocorre quando vem acompanhado de uma queixa, na qual o que se pretende é que o paciente se implique, isto é, possa perceber a íntima relação entre sua queixa e um “mais além desta queixa”, relacionado com uma particular maneira de adquirir gozo. O que é prazeroso para uma instância psíquica traz desprazer em outra.

O paciente e o analista constroem uma ficção a partir da realidade psíquica, a partir de marcas.

O signo é algo que tem a ver com certa atitude detetivesca que faz parte de uma clínica psicanalítica, que questiona radicalmente o ideal moderno de progresso mediante a ordem: o inconsciente freudiano.

Em primeira instância, do que se trata é de um corpo erógeno que é de gozo. Não podemos deixar de levar em conta que, na prática clínica, o ponto de partida é o sofrimento.

---

<sup>137</sup> GARZIA-ROZA, Alfredo. *Introdução á metapsicologia freudiana*. V1, op.cit, passim.

A causa freudiana funda-se num campo conceitual recortado por uma prática que **quer saber** sobre o gozo. Nessa prática, o desejo e o gozo do paciente e do analista também são pensados e colocados na conta das teorizações. A transferência, ou o que se entende leva em conta a figura do analista, seu ser, seu desejo como parte do que acontece também dentro do processo de cura. A transferência, ou seja, a implicação da figura do analista e do seu desejo e a carga libidinal e suposição de saber com que o investido o analisando, entram, também, nas considerações em torno do processo de cura.

Retomemos os questionamentos iniciais que deram lugar a esta tese.

Quando falamos da coisa literária, podemos dizer que se trata de um corpo de gozo, de um texto de gozo? Sim, o texto encontra seu prazer, sua expressão, na medida em que há um leitor, porque encontra significantes aí onde o texto é pura marca, puro traço, mediante a leitura.

## **2.24 Algumas reflexões e questões sobre a linguagem e o ser**

“Dessa maneira, a libido de nossos instintos sexuais coincidiria com o Eros dos poetas e dos filósofos, o qual mantém unidas todas as coisas vivas.”

*Além do princípio do prazer.* Sigmund Freud

Acordos e controvérsias nos campos dos saberes institucionalizados, doxas e paradoxos fazem parte do histórico dos sistemas de classificação do conhecimento, aqueles que em geral mantêm uma relação estreita com o conhecimento universal.

Embora o saber se equipare ao conhecimento, podemos entender que saber seja conhecimento no seu sentido mais amplo. Conhecimento refere-se a situações objetivas, e dá lugar, uma vez sistematizado, à ciência. Em sentido amplo, o saber é um contato com a realidade, com a realidade no sentido de discriminá-la; o saber etimologicamente também é

relacionado com o sabor, e este último indica que se trata de experimentar. O saber pode se referir a toda sorte de situações, tanto objetivas como subjetivas, tanto teóricas como práticas. Ademais de um contato com a realidade, o saber requererá a tendência a uma objetivação e uma universalização do sabido, para que seja possível a sua sistematização.

Finalmente, foram os sistemas classificatórios os que ficaram encarregados de administrar, dividir e regulamentar os conhecimentos. Segundo Zizek, estes ordenamentos têm um efeito tranquilizador, dado que o pensamento se torna mais transparente a partir da classificação; contudo, haveria nisso uma perda crucial: “é um encontro com o Real”<sup>138</sup>

Concordamos com ele.

O Real a que se refere Zizek parte do conceito de Real formulado por Lacan.

Retomamos esse conceito a partir de Imbriano:

O real registra-se por sua ausência. O real está perdido, pois, na medida em que se apreende, já não é mais real, senão representação do real, ou seja: realidade. Quero chegar com isto à diferenciação entre real e realidade. A realidade está constituída por representações, é uma realidade de conhecimento. Nesta realidade o representado é o real. Mas se realidade é representação do real, o real não pode estar na realidade, e este é o ponto mais importante em toda teoria psicanalítica. Isto marca a clínica, pois “há na análise toda uma parte de real em nossos sujeitos que precisamente se nos escapa” (J. Lacan).

A realidade tem uma configuração que não passa pelo real, mas o representa. As vias de representação do real que configuram a realidade são o imaginário e o simbólico. Deste modo, Freud ordenará uma seqüência entre “inibição, sintoma e angústia”, e Lacan nos apresenta os três registros: o imaginário, o simbólico e o real, que está acunhado sob o carimbo da família dos borromeanos (do nó borromeo).

O real é um lugar de desconhecimento. O real é o inconsciente. As formações do inconsciente seriam as representações da realidade. O real é totalmente não apreensível. Poderíamos dizer então que o inconsciente é o impossível na consciência. O inconsciente não é susceptível de ser conhecido, por isso torna-se frágil de determinar em plano ôntico, como ente, porque quando quero indagá-lo tenho que partir de supostos ontológicos. É de natureza pré-ontológica. Pedindo auxílio a Heidegger, entendemos que o importante é que é susceptível de deixar o inconsciente para ser, e aqui nos encontramos com o paradoxo de que o ontológico é enquanto possibilidade ôntica. É um ser que encontra seu ser enquanto existência, sendo esta a condição do ser. Recordemos a frase freudiana:

---

<sup>138</sup> ZIZEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem*. Rio de Janeiro :Jorge Zahar Editor, p.17.

"Donde era ello yo advendrá...", "yo ha de ser". A existência se dá como condição<sup>139</sup>.

Os sistemas classificatórios operam simbólica e imaginariamente na sua tentativa de sistematizar o Real.

Certamente há algo que se organiza com o pensamento que é tributário do princípio do prazer, mas não por isto algo que está no âmago da civilização vai desaparecer: a pulsão de morte é aquilo que insiste anarquivizando os arquivos. Porque se a pulsão de vida pode ser assimilada a Eros na sua função de coesão, a pulsão de morte é função de corte. Esta última fará ouvir seu silêncio na fragmentação virulenta dos arquivos da civilização, que em última instância nos remetem à fragmentação estrutural do sujeito, tal como pode ser observado na experiência psicanalítica, segundo Lacan.

## 2.25 Dos Arquivos

Para poder dizer dos arquivos, necessita-se de desejo de memória, disse Derrida, como já foi colocado. Por que Derrida, quase ao final da sua obra, faz tal enunciação? Aproximamo-nos de Giorgio Agamben quando repensa os arquivos:

Foucault chama de “arquivo” à dimensão positiva que corresponde ao plano da enunciação, ao “sistema geral da formação e das transformações dos enunciados”. Quanto ao conjunto de regras que definem os acontecimentos de discurso, o arquivo se situa entre a *langue*, como sistema de construção de frases possíveis-isto é, das possibilidades de dizer - e o corpus que reúne o já dito, das palavras que têm sido efetivamente pronunciadas ou escritas. O arquivo é, pois, a massa do não semântico inscrita em cada discurso significante como função da sua enunciação, a margem obscura que circula e delimita cada toma concreta da palavra. Entre a memória obsessiva da tradição, que conhece só o já dito, e o excessivo desenvolvimento do olvido, que se entrega em exclusivo ao nunca dito, o arquivo é o não-dito ou o dizível.<sup>140</sup>

---

<sup>139</sup> IMBRIANO, Amélia. *Donde Ello Era* (conceptos freudianos Lectura disciplinada de “el yo y el Ello”). Buenos Aires, Centro editor Argentino, 2000. p 80. Tradução minha com a colaboração de Daiana Baroni e Rafael Arns Stobbe.

<sup>140</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Lo que queda de Auschwitz*, op.cit., p. 151.

Adjudicamos o excesso da pulsão de morte ao “excessivo desenvolvimento do olvido, que se entrega em exclusivo ao nunca dito”.

O excessivo desenvolvimento do olvido, em nossa época, que vinculamos às mudanças nos laços sociais, na linguagem, à configuração do Estado atual. As mudanças nomeadas afetam os vínculos, e as linhas de identificação coletiva, que em definitivo são as vertentes culturais do ideal do ego. Esta crise generalizada tem como correlato, mudanças na subjetividade, e crises dos grandes relatos, e fundamentalmente o desconcerto ante a emergência da morte, agora espetacularizada. Ao ligar um noticiário, assistimos em qualquer horário a cenas pornográficas da pulsão de morte, que mostram de maneira espetacular, o osso do real, fratura exposta da alma moderna.

Dentro das mudanças observáveis destacamos as observações clínicas de Imbriano: tendência à adição, que constatamos na prática clínica e no dia-a-dia.

Existe uma lógica aditiva, a lógica do mais um, de mais um pouco, numa série que tende ao infinito. Exemplo disto são os vasilhames de bebidas que crescem cada vez mais: os refrigerantes em garrafa de menos de um quarto litro têm se convertido em garrafões de dois litros, mais uma bonificação de um quarto (de graça?); as garrafas de cerveja de litro que se bebem como gigantes mamadeiras substituem as artesanais que distinguiam os diversos povos, trocando a significação do que se entendia por “cultura alcoólica” Agora, beber é beber até a descompostura (...) Trata-se de modos de relação com o Outro (...) <sup>141</sup>

Se na modernidade o sujeito aspirava à felicidade mediante o progresso, hoje se procura a satisfação imediata.

Na vertigem da demanda atual, a falta em ser estrutural parece encontrar imagens como respostas à insatisfação e fazer parte da sociedade, isto é, “ser um indivíduo adequado ao sistema” implica fazer parte de uma sociedade do espetáculo e da publicidade

---

<sup>141</sup> IMBRIANO, Haydée Amélia .*LA Odissea del siglo XXI*, op.cit. , p.46



em forma ativa ou passiva. Um dos perigos disto é ficar colado aditivamente às imagens que prometem “a Satisfação” em irreparável pendência, tal como a bulimia ou a anorexia o demonstra.

O grande bastião da modernidade se sustentava a partir de que a ciência, a moral e a política obteriam legitimação a partir de um grande relato emancipatório ou especulativo. Logo, o grande relato perde credibilidade e efetividade, o que se soma às controvérsias entre teorias dominantes e as que pretendem sê-lo.

A modernidade não poderá legitimar a diversidade dos princípios.

A razão única iluminaria a verdade num sistema perfeito. A verdade, pela sua parte, estaria autorizada e garantida pela neutralidade do cientificismo, e a engrenagem do progresso social era a tecnologia, e a técnica.

A este fenômeno, que abarca tanto a crise ética como a da representação, chamamo-lo de fragmentação do grande relato. Localizamos esse fenômeno a partir das imagens da explosão atômica que afetou Hiroshima e Nagasaki, sendo estas as imagens do *mero acontecimento puro*. Consideramos a fragmentação do *grande relato* um cataclismo que afetou a linguagem da epistême moderna.

Se a modernidade apostava na razão como sendo capaz de exceder a representação, chega-se ao além do impossível, uma vez que todas as leis e a ética moderna entram em questão.

A rosa de Hiroshima é a própria modernidade explodindo junto com as esperanças de felicidade da humanidade depositadas na ciência e na tecnologia. Cada cena de morte em que a ciência e técnica violentam os direitos da humanidade é espetacularizada, é “mais um” rastro dos restos de “um sonho que acabou”, como nos lembra a célebre frase de Jonh Lennon.

Freud adverte-nos de que a pulsão pode dar a aparência enganosa de aspirar

ao progresso, mas que, na verdade, está empenhada em alcançar uma velha meta: a morte.

Se o progresso como valor foi um pretexto para disseminar a morte, muitas das representações éticas que norteiam o nosso conhecimento colapsarão junto com o grande relato.

A isto se soma, na atualidade, restos da morte impossíveis de ser digeridos, arquivos não enunciados, e a reprodutibilidade da imagem mediante a mídia fazendo destas imagens um produto mercadológico.

Massacres em nome do ideal de nação, de estado ou de globalização, em nome de diamantes em Serra Leoa, e muitos outros, são os atuais arquivos do mal, dos que há que fazer Texto.

As peles tatuadas hoje com as insígnias da morte trazem à tona aquilo que deve ser digerido; textualidades da morte nos corpos?

Lembrar para não repetir é um dos legados freudianos. Anarquizar é o legado de Derrida.

A privação da humanidade relativamente aos seus direitos, a destruição em série, foi equivalente à lei arbitrária e violenta do pai da horda primitiva, que possuía todo o direito para si próprio. A lei simbólica “para todos” anula a privação, o “só para alguns”. Ao estar enfraquecida a efetividade das leis simbólicas, o imaginário social do “para alguns” - da ordem da privação - se traduz em “a satisfação é só para alguns”, o que fortalece graves tensões nos laços sociais.

Assim, diremos que a partir da leitura freudiana se criou um campo de coincidências entre literatura e psicanálise que cada uma instrumentaliza à sua maneira; nomeamos esta atitude como uma preocupação com a dor humana.

## 2.26 Do genérico ao específico do desejo

Vejamos o depoimento que Tunga dará a respeito do que entendemos que seja o seu mal-estar na arte.

Tenho uma grande resistência a ser reconhecido ou denominado como artista plástico. Sou um poeta, os artistas são poetas, e os músicos são poetas, e os poetas são poetas. Quer dizer, talvez essa palavra seja menos desgastada do que a questão da especialização que as artes plásticas têm tomado hoje em dia, (o que é muito chato). Quer dizer, a tendência à especialização é exatamente a tendência a negar aquilo que é o espaço poético. Ou seja, o espaço poético é o espaço da não especialização. É o espaço de rapidamente transitar na alma, transitar no mundo, e tentar compreender de outro modo. E como no começo do século XX uma das grandes conquistas foi exatamente a liberação da noção de atelier, da noção do artista como um artesão, um especialista; acho que voltar à solidez da idéia de que a poética é aquilo que funda a arte é mais interessante do que falar de artes plásticas ou de literatura, ou de texto.<sup>142</sup>

Tunga reivindica o “espaço de rapidamente transitar na alma”, o da poesia, do objeto metonímico, objeto possível, então, a partir da falta em ser.

A escritura da diferença é marcar o corpo textual silenciado, anarquizar e operar sobre o espaço pulsional produzindo perda: obra efêmera.

A linguagem vai fazer o papel de pacificadora uma vez que estabiliza a perturbação do corpo causada pelo gozo. O desejo movimentando a cadeia de significantes, distanciando corpo e gozo.

O gozo faz com que o corpo fique numa relação de exclusão com a cadeia da linguagem. Nesse sentido, o desejo, ao movimentar a demanda em relação ao Outro, possibilita uma barreira e um limite ao gozo. O ensino de Lacan, durante as décadas de sessenta e setenta, mostra a importância da castração, como a grande organizadora

---

<sup>142</sup> Depoimento do artista em 9/10/2000 à artista plástica e ensaísta Dra. Marta Martins. *Entre a grade e a espiral: Narrativas ficcionais de Tunga*. In: Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-graduação em Letras/Literatura.2005.

simbólica. Ela possibilita o gozo fálico.

Limitar o gozo é dar lugar ao desejo a partir do qual a obra ou a leitura desejante, seja qual for a sua consistência ou permanência nos tempos atuais, possua. É o que Derrida chamara de sofrer de mal de arquivo.

Tunga não faz mais que reivindicar um espaço de desejo.

O sujeito barrado se deduz da associação significante, está somente nesse intervalo sem consistência.

Trata-se de outra coisa que não o indivíduo, que toma força na relação com o semelhante. Tal sujeito está com aquilo que lhe pode dar algum ser. Nesse sentido, pode-se dizer que este sujeito não se reconhece na massa, mas também não se reconhece no indivíduo. Trata-se, desse sujeito que a maiêutica socrática descobre, e do qual se imagina facilmente que possa pôr em perigo a cidade, porque há um encontro faltoso com o ser, uma inquietude que é o próprio da linguagem, que a classificação opera em forma tranqüilizadora. Não obstante, tal tranqüilidade é apenas um paliativo de uma inquietude, de um sonho violento, que hoje habita a própria linguagem.

O que dizemos é que é necessária certa tranqüilidade, certo acúmulo de saber e conhecimento, mas que também há restos de história fragmentados e não simbolizados que atuam em forma silenciosa, na modalidade da pulsão de morte. Sofrer de mal de arquivo é sofrer de uma sede de lembrar, o que só acontecerá na modalidade de um “evento de linguagem”, de ler com desejo, de clamar e depor a favor de um espaço poético.

Certamente há um estranho concerto que não pode ser apresentado para o historiador a não ser como fragmentos disseminados. Lacerações no próprio corpo.

A linguagem abriga o ser, o ser de desejo, e seus sonhos violentos nela sonhados. Ao acordar, já não mais se distingue realidade de pesadelo, esta é a real crise de pânico em nosso tempo: pânico de que o pesadelo nunca termine.

No seu próprio percurso, essa máquina de pensamento mostra seu defeito, ser de efeito da linguagem. Assim, as atitudes estruturalistas que contemplam a temática da morte e a escritura (Blanchot , Derrida, Foucault, Barthes, Bataille e outros) mantêm estreita relação com a força da linguagem, perante a linguagem ou na linguagem também perante a possibilidade da palavra, e sempre já dentro dela.

Pela sua intenção mais interior e como questão sobre a linguagem, o estruturalismo escapa deste modo à clássica história das idéias.

## CAPÍTULO III

### Rastros e restos

Enquanto leio meus seios estão ao descoberto. É difícil concentrar-me ao ver seus bicos. Então rabisco as folhas deste álbum. Poética quebrada pelo meio.

#### II

Enquanto leio meus textos se fazem descobertos. É difícil escondê-los no meio dessas letras. Então me nutro das tetas dos poetas pensados no meu seio.

*Ana Cristina César.*<sup>143</sup>

### 3.1. Mais sobre Freud: a arte e classificação

Concordamos com Derrida em que o arquivo tem uma vocação hipomnésica. A pulsão de morte tende assim a destruir o arquivo hipomnésico, quando não a disfarçá-lo, maquiá-lo, pintá-lo, imprimir-lo, representá-lo no ídolo da sua verdade em pintura.<sup>144</sup>

Dando evidências de que Tânetos funciona junto com Eros, nos lembra o filósofo.

O que ao leigo pode parecer uma obra-prima nunca chega a representar para o criador uma obra de arte completa mas, apenas, a concretização insatisfatória daquilo que tencionava realizar; ele possui uma tênue visão da perfeição, que tenta sempre reproduzir sem nunca conseguir satisfazer-se. Sobretudo, alegam eles, é um direito do artista ser responsável pelo destino final de suas obras.

---

<sup>143</sup> CÉSAR, Ana Cristina. *Inéditos e Dispersos*. Org. Armando Freitas Filhos. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.95.

<sup>144</sup> DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Op. cit, p.23

Por mais válidas que possam ser essas desculpas, elas não conseguem livrar Leonardo de toda a responsabilidade. A mesma luta penosa frente a um trabalho, a fuga final e a indiferença quanto ao seu destino futuro, tudo isso pode acontecer a muitos outros artistas, mas não há dúvida de que esse comportamento ocorre em Leonardo em grau muito mais elevado.<sup>145</sup>

Freud, à diferença de Leonardo, tinha absoluta lucidez sobre o futuro da sua obra, desde os seus primeiros escritos.

A intenção de Sigmund Freud com *Projeto para uma psicologia científica*<sup>146</sup> é prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos tornando assim esses processos claros e livres de contradição.

A intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais.<sup>147</sup>

O jovem médico, nos seus escritos neurológicos, mostrou-se combativo. Tratava-se então de uma luta contra o organicismo, ao mesmo tempo em que buscava manter o status de “científicos” para seus estudos.

Nessa época, a psicologia recém começava a tomar autonomia no sentido de ir progressivamente adquirindo status de disciplina; até meados do século XIX era considerada como um tema da filosofia.

O criador da psicanálise, em seu percurso, não escapou à lógica das lutas políticas institucionais, como também trabalhava arduamente para elucidar o que havia por detrás dessas lutas e dos mal-estares.

---

<sup>145</sup> FREUD, Sigmund. *Leonardo Da Vinci e uma lembrança da sua infância*. In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, op.cit.

<sup>146</sup> IDEM-. *Projeto para uma psicologia científica*. In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, op.cit.

<sup>147</sup> IDEM *ibidem*.

O ciframento da clínica – classificação – dava suporte para que *a escrita* freudiana estabelecesse estatutos com fins à credibilidade e respeitabilidade da psicanálise. A sua escrita da clínica, escrita programada e disciplinada de seus procedimentos, é considerada por ele próprio como *literatura científica*. Literatura esta que hoje é considerada um gênero base do mundo acadêmico.

Entendemos que um fator fundamental para que a prática analítica tenha adquirido um lugar na cultura foi a sua *institucionalização mediante tal escrita*. Também entendemos que sem a seriedade e *atitude* científica de seus membros, na sua grande maioria médicos com formação privilegiada, como o foi a do próprio Freud, a prática poderia ter ficado arquivada, e até mesmo totalmente ignorada.

No caso de Freud, sua vontade política e *atitude* científicista, que de fato teve até o fim de seus dias, foram ingredientes fundamentais para entender o reconhecimento que a psicanálise alcançou.

O médico psicanalista vienense, como pessoa de *ampla cultura* e sensível a seu tempo, foi fascinado pela arte e pela obra artística. Ele se refere à relação Arte-Psicanálise em diversos momentos da sua obra, apontando que nessa empresa há algo que escapa e se deixa levar por esse furo do saber. Ele quer *saber* disso que escapa que não se *sabe*.

No artigo “*O interesse científico da Psicanálise*”, de 1913, escreve:

A respeito de alguns problemas que se entrelaçam a propósito da arte e dos artistas, a maneira de ver psicanalítica fornece esclarecimentos satisfatórios; outros lhe escapam totalmente<sup>148</sup>.

---

<sup>148</sup> IDEM-. *O interesse científico da Psicanálise* In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, op.cit.



O parágrafo citado deixa claro o respeito freudiano pela dimensão artística e do impossível que nesta habita.<sup>149</sup> Vejamos algumas opiniões como a da escritora Sarah Kofman que, no seu livro *A infância da arte*, discute a relação arte-psicanálise, pensado-a em termos de resistência.

É o próprio Freud quem declara: o interesse da psicanálise pela arte é muito limitado. Nessas condições, a resistência que cercou, e ainda cerca as tentativas de aplicação da psicanálise à arte poderiam parecer justificadas. Contudo, tal iniciativa encontrou uma violenta oposição, que chegou a dotar a mesma forma que a resistência inicial à psicanálise: repúdio veemente e incompreensão, acusações de pansexualismo e de degradação dos valores culturais mais elevados.<sup>150</sup>

Entendemos baseados em declarações freudianas, este “muito limitado” do interesse da psicanálise pela arte não como desinteresse, mas como um limite ético da prática psicanalítica, embora haja uma dimensão estética na escrita freudiana muito valiosa.

Independentemente de qualquer opinião, é inegável que *o conceito de inconsciente freudiano* teve conseqüências para a própria Literatura, para a Psicanálise, a arte e a história da nossa cultura.

O que diremos é que **a Literatura, com a Psicanálise, e com a arte, cobra valor de Texto**, uma vez pensados desde a perspectiva da *escrita freudiana*, isto é, se diluem os limites disciplinares. Mas que a obra seja Texto não quer dizer que possua materialidade nem estatuto ontológico. Não existe o inconsciente nem de uma obra nem da personagem da obra. Não há uma verdade oculta na obra e sim algo que escapa à significação.

---

<sup>149</sup> No capítulo dedicado à poesia marginal refletiremos sobre a poesia, no sentido, de esta ser definida justamente por aquilo que escapa.

<sup>150</sup> .KOFMAN, Sarah. *A infância da arte*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1996,p.7 .

Como temos visto, as resistências à psicanálise, e as controvérsias concomitantes, são marcas existentes há muito tempo. E mais, entendemos com Derrida que fazem parte da constituição de seu próprio arquivo, dos ruídos que provoca a silenciosa pulsão de morte. Há algo conservador no arquivo, dirá Derrida. Há em todo arquivamento uma relação com a nossa morte.

Não haveria certamente desejo de arquivo sem a finitude radical, sem a possibilidade de um esquecimento que não se limita ao recalçamento. Sobretudo, e eis o mais grave, além ou aquém deste simples limite que chamam finitude, não haveria mal de arquivo sem ameaça desta pulsão de morte, de agressão ou destruição. Ora, esta ameaça é *in-finita*: ela varre a lógica da finitude e os simples limites factuais, a estética transcendental, ou seja, as condições espaço temporais da conservação. Digamos melhor, ela abusa. Um tal abuso abre a dimensão ético- política do problema. Não há um mal de arquivo, um limite ou um sofrimento da memória entre vários outros: implicando o in-finito, o mal de arquivo toca o mal radical.<sup>151</sup>

A dimensão ética política hoje com o enfraquecimento das leis simbólicas e as trágicas memórias do **século XX** que deixaram como saldo quase **duzentos milhões** de mortos como nos lembram Américo Cristófaló e Jack Fuchs<sup>152</sup>, nos defrontam com o **mal radical** no começo do milênio, e com ele, assistimos à finitude dos limites factuais.

Assim as controvérsias nos limites nos campos do conhecimento são ecos de um colapso nas linguagens de uma modernidade que agoniza.

---

<sup>151</sup> DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo-uma impressão freudiana*, op.cit., p.32.

<sup>152</sup> FUCHS, Jack/CRISTÓFALO, Américo. *Jack Fuchs Dilemas de la memoria*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2006, p.71

### 3.2 Das resistências à psicanálise e dos limites

Podemos dizer que a idéia de inconsciente como algo desconhecido, que foge ao controle, incomoda, como também a sexualidade, e que ambas desregulam certa administração da economia do sintoma. Entretanto, devemos admitir que se tenha feito uso da obra freudiana, que como Freud aponta em “psicanálise silvestre” (1910) tem prejudicado muito à psicanálise.

É idéia há muito superada, e que se funda em aparências superficiais, a de que o paciente sofre de uma espécie de ignorância, e que se alguém consegue remover esta ignorância dando a ele a informação (acerca da conexão causal de sua doença com sua vida, acerca de suas experiências de meninice, e assim por diante) ele deve recuperar-se. O fator patológico não é esse ignorar propriamente, mas estar o fundamento dessa ignorância (...) sucesso. Como outras técnicas médicas, ela tem de ser aprendida com aqueles que já são experimentados nela. É tema de alguma significação, pois, ao formar um julgamento sobre o incidente que tomei como ponto de partida para estes comentários, que não conheço o médico que se supõe ter dado semelhante conselho à dama e nunca ouvi falar em seu nome. Nem eu nem meus amigos e colaboradores achamos agradável reclamar um monopólio desse modo no uso de uma técnica médica. Mas, em face dos perigos para os pacientes e para a causa da psicanálise inerentes à prática que se pode antever de uma psicanálise ‘silvestre’, não tivemos outra escolha. Na primavera de 1910, fundamos uma International Psycho-Analytical Association (Associação Internacional de Psicanálise), a que seus membros declararam aderir, pela publicação de seus nomes, de maneira a serem capazes de repudiar a responsabilidade por aquilo que é feito pelos que não pertencem a nós e, no entanto chamam a seu procedimento ‘psicanálise’. Pois, em verdade, os analistas ‘silvestres’ desta espécie causam mais dano à causa da psicanálise do que aos pacientes.

Vejamos as observações da poetisa brasileira Ana Cristina César, para ilustrar como, em nome da expressão artística, expressões que imitam caricaturalmente a modalidade do inconsciente foram ganhando antipatia generalizada:

A leitura de *Monsenhor* nos sugere exatamente isso: um derramamento de discurso, uma torrente de associações, colagens, frases soltas, exclamações súbitas, enfim, um texto onde entra tudo que vai aparecendo na cabeça do autor ou o que está à mão sobre a sua mesa. E somos tentados a embarcar na de analista [...] Para conseguir ler este Villaça, é preciso estar de antemão conveniente(sic) com a sua metafísica. O texto exige esta conveniência porque é muito pouco “literatura” (reinvenção, construção) e muito ‘confissão’ [...] essa atitude de tolerância em relação ao fazer literário (vale tudo desde que fale de mim e das minhas obsessões), pede ao leitor uma atitude tolerante de padre, amigo ou analista<sup>153</sup>.

A regra de livre associação freudiana, defensora do fale tudo (o que é impossível por estrutura), passou a ser a promessa de chegar às profundezas do inconsciente, e do inconsciente à panacéia da consciência. Assimila-se então o reprimido ou o recalcado a uma não-expressão de elementos que supostamente já estão aí. Confunde-se um saber que não se sabe com um futuro saber constituído e até instituído, ainda que, informalmente, esteja prestes a ser institucionalizado como *a verdade da obra*, uma vez que o “oculto” mesmo apareça. Esperar pelo oculto nos faz pensar em o culto ao inconsciente. Claro está que não se trata disso.

Associar livremente não é suficiente para que exista obra. A obra requer, segundo a entendemos, *desejo estético*, que, por sua vez, deve conversar infinitamente com a arte e por isso com outras obras.

Parece-nos que este desejo estético é um desejo de conversar com a infinitude de arte, e se dispor a morrer nesse campo ético-estético, uma vez que a obra fica concluída. Mesmo que o artista saiba da sua morte no momento da conclusão da sua obra, mata-se como autor na mediada em que a lê. Saber que sua obra é *resto* uma vez concluída é saber que ele mesmo morre com ela: a conclusão da obra será o *instante da sua morte*. O

---

<sup>153</sup> Fragmento extraído do texto *Quatro posições para ler*, in Opinião n.173, 27 de fevereiro, p.24 in.: *Detrás dos olhos pardos*, M.L.de Barros Camargo. Op.cit. p.55

espaço infinito literário está composto de marcas, de restos éticos. Nesse sentido, o artista-leitor é um *testis*, já que é o único que vive a *experiência integral* da arte.<sup>154</sup>

Pensamos o fazer literário em termos de marcas que fazem a história, marcas de escritura, marcas literárias. Tais marcas compõem o espaço literário, infinito. Espaço sem começo e sem fim, sujeito ao *Mal de arquivo*. Em muitas ocasiões, parece que se deve definir o que corresponde a um campo e a outro, quem deve a quem, ou melhor, quem tem tomado, cedido ou usurpado. Enfim, há a necessidade de considerar os limites, os pactos institucionais, lutas por territórios e heranças.

No caso dos corpos conceituais, certo limite está dado pela institucionalização dos conceitos, o que viria a ser o corpo erudito de cada instituição. Tentamos pensar aqui os conceitos institucionalizados a partir da idéia de textualidade como palimpsesto borgiano – levando em conta o suporte derrideano de mal de arquivo e a Roland Barthes.

A construção de uma textualidade é produto de marcas, marcas que desenham uma trilha infinita que amplia, a cada vez, um espaço subjetivo. Marcas de desejo, sem objeto predeterminado, mas que o *encontram* no momento de conclusão da Obra, momento efêmero, aliás.

Trilhas constituídas por marcas que desenham um vácuo que é a própria obra. Obra cifrada como palimpsesto, cujos signos são anarquivizados.

O irmão de Ana Cristina César nos traz uma reflexão sobre o estilo.

Um dia, trabalhando numa fábrica onde redigia catálogos de produtos, ligo atrapalhado com um problema de português. “Pontuação é estilo”, me disse a danada. E a poesia chegou à indústria<sup>155</sup>.

---

<sup>154</sup> Lembremos que o *testis* é aquele que viveu um acontecimento até o final. Nesse sentido, o artista lê os arquivos e, tal leitura provoca a sua própria morte, isto é, *a morte do autor*.

Mas, o que é o estilo senão o comprovante do que falta e do que sempre faltará? Uma obra absoluta é concluída, e seu sujeito se apaga no mesmo momento da sua emergência. Pontadas, marcas que tecem a textualidade.

Dentro da exaustiva análise que permite o tema *resistência*, limitamo-nos às seguintes observações:

Há um aspecto subjetivo que permeia a emergência das resistências, que resumiremos da seguinte maneira: a temática psicanalítica mobiliza o leitor, ou o ouvinte<sup>156</sup>, mas certamente a globalização coloca novas questões.

Se Freud nos adverte, no *Mal estar na civilização*, sobre o possível futuro de uma ilusão baseada no progresso científico, criadora de um Deus protético, a consequência última do mal radical e o peso dos extermínios excede a própria idéia de mal-estar. Contradizendo toda lógica de Eros, Hannah Arendt nos adverte *que tudo é possível nos campos*<sup>157</sup>. Sim, é possível ver a cara dúplice da Górgona, que é a outra face do progresso.

O excesso é excesso de silêncio, excesso de morte e ódio.

El genocidio armenio, de 1915 a 1923 , fue el prelude del horror que se desató. Occidente, la mayor parte de los países europeos , tenían relaciones comerciales políticas y diplomáticas con Armenia, pero la masacre pasó desapercibida. El mundo entero no le presto atención. Desde el `45´, la bomba nuclear que produjo un rechazo unánime, no volvió a usarse., ninguna ciudad volvió a sentir sus efectos desastrosos; quizás, aún a riesgo de presentar un argumento ingenuo, si el genocidio brutal de los armenios hubiera imantado del mismo modo que Hiroshima, el crimen de masas, la liquidación de los judíos por el hecho de ser judíos hubiera tenido alguna mayor resistencia. El siglo en el

---

<sup>155</sup> CÉSAR, Ana Cristina. *Ana Cristina César*. Org. apresentação e notas Armando Freitas Filhos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004, p.121.

<sup>156</sup> Na nossa experiência como docentes, comprovamos que o tratamento teórico mobilizava os alunos de tal maneira que havia que operar metodologicamente favorecendo a o diálogo, muito mais do que em outras temáticas.

<sup>157</sup> C.f ARENDT, Hannah. *The origins of Totalitarianism*. New York: Harcourt, 1976, passim.

que entramos, por lo que se ve, con todas las diferencias históricas que quieran ponerse, está también orientado por la misma fuerza destructiva. Por qué los hombres buscan razones lógicas en la irracionalidad, por qué no admitir que se mata por matar, y que ese impulso se acomoda, según la época a las técnicas disponibles, o aun que la técnica disponible está siempre dispuesta a matar?<sup>158</sup>

Concordamos.

Perguntamo-nos em que medida se obcecar em divisões reduzidas a uma limpidez de categorias discretas em sistemas genericamente fechados não responde a uma teimosia crítica que pretende ignorar o mal-estar nas linguagens.

As resistências à psicanálise sempre existiram. A psicanálise traz à tona que Eros e Tânatos são as duas caras da górgona<sup>159</sup> e fundamentalmente, que Eros e Tânatos fazem parte do que cada um de nós é: um reflexo.

### 3.3 Sobre a primeira hipótese

Retomaremos a inquietude que articulou, no nosso projeto inicial, a psicanálise à arte e à literatura.

Foi a partir da escrita freudiana de uma situação particular que se estabeleceram os conceitos da psicanálise. Refiro-me, entre outros que não serão nomeados, aos de inconsciente, gozo, prazer, pulsão, desejo etc. Essa situação precisa é a *transferencial*. Situação esta em que, através dos sonhos e seus mecanismos de condensação e deslocamento, mostraram-se *a via reggia* para o inconsciente.

---

<sup>158</sup> FUCHS, Jack/CRISTÓFALO, Américo. Jack Fuchs *Dilemas de la memória*, op.cit., p.72

<sup>159</sup> Figura mitológica cuja aparência é insuportável aos olhos humanos. Uma característica da **Gorgona** para os gregos era que não tinha rosto.

Nossa pesquisa partiu da seguinte questão, como foi antecipado: a produção crítica literária de Barthes não possui como parâmetro de referência a *situação transferencial* da psicanálise. Buscando pensar os limites entre as áreas que nos competem, interrogamos, em princípio, os limites entre as *artes plásticas* e a *literatura* a partir das suas relações, analisando aspectos das obras de Roland Barthes e de Marcel Duchamp, para logo pensá-los com a psicanálise. Então, os *ready made*<sup>160</sup> se apresentaram como uma estratégia possível de abordagem para pensar os limites dos corpos. O que de maneira nenhuma sugere uma homomorfia entre o processo artístico e o dos sonhos. O que tínhamos em princípio é um paralelo entre o uso que fazia Barthes dos conceitos psicanalíticos, entendidos no seu aspecto textual, e a operação que fazia Duchamp como artista-leitor do seu tempo que intervinha na linguagem das artes. Ambos, Barthes e Duchamp, operam no nível do signo e por esse caminho chegam ao domínio da *diferença*. Diremos: o primeiro – Barthes – opera a partir do *desejo de leitura*; o segundo – Duchamp – com a *intervenção* reduz um objeto à marca. Concluímos: o ready-made é uma marca no Texto, que deixa claro que se trata de uma marca não substancial.

### 3.4 Dos destinos da primeira hipótese

Vejamos mais sobre a reflexão que nos levou, no nosso projeto inicial, da psicanálise à arte e à literatura. Sobre a dimensão da cura, diremos que pressupõe a possibilidade de instalação de um campo transferencial. Na realidade é a *transferência* a

---

<sup>160</sup> Os *ready-made* são objetos de arte feitos a partir de uma seleção de objetos industrializados que funcionam como obra a partir da intervenção efetivada pelo artista, e são uma invenção de Marcel Duchamp. Numa carta à irmã Suzanne, enviada desde Nova York, datada de 15 de janeiro de 1916, Marcel Duchamp cunha o termo *ready-made* para designar os objetos industrializados que funcionam como obra de arte a partir da seleção do artista. Ver. MINK, James. *Marcel Duchamp – A arte como contra-Arte*. 2000.

A partir de uma operação artística, os *ready-mades* demonstram a possibilidade de agregar novos significados a um signo apenas deslocado de contexto, trabalharemos este aspecto mais adiante neste trabalho.



que dá lugar à situação analítica. Só a partir da instalação da transferência é que podemos dizer, com Lacan, que começa de fato um tratamento em que é possível falar da emergência de um sujeito.

O paciente, então, fala e cria um lugar de poder fictício, que o psicanalista pode ou não ocupar. Isto acontece num campo simbólico virtual que se chama: *situação transferencial*.

Ocupar o lugar de analista requer um desejo decidido de levar adiante uma cura, oferecendo sua pessoa como *semblante* de um Outro. O analista nesse sentido paga com a sua pessoa.

Uma coisa é a confiança e a autoridade que se confere ao analista, sendo esta justificada ou não. Outra, bem distinta, é o poder fictício que se instala quando o analisado, sofrendo de um sintoma, se dirige ao analista para poder *saber* seu sofrimento. Se o paciente quer *saber* sobre o seu sofrimento, há condições para que se instale a transferência psicanalítica propriamente dita. O que começa com entrevistas não necessariamente termina num processo de análise. A entrada em análise dependerá da possibilidade de *implicação subjetiva*. Esta se estabelece a partir do momento em que o paciente *supõe* que o analista *sabe* de seu sofrimento, momento em que entrega o seu sintoma ao analista.

O que Freud nos ensina é que os sintomas são algo muito prezado pelas pessoas; são **suas muletas de gozo** para transitar pela vida, e às vezes se requer um longo tempo até que se chegue ao momento em que a libido investida no próprio sintoma possa ser transferida à figura do analista, o que pode não vir a acontecer também. De fato, ir às sessões analíticas não quer dizer estar em processo analítico propriamente dito, como também faltar à sessão de análise não quer dizer que se está fora de um processo de análise.

Dado que se precisa de uma série de fatores para que se estabeleça a situação analítica; dado que para chegar a formalizar os conceitos clínicos se requer uma observação dos eventos clínicos; pensamos: de que maneira as conceitualizações psicanalíticas seriam eficazes na Literatura ou em outras áreas?

### **3.5 Das perguntas iniciais à primeira hipótese**

As perguntas iniciais eram (logo se somaram outras):

- Usaria Barthes, de forma pertinente e rigorosa, a terminologia proveniente da obra lacaniana?

- Seria usado o conceito de pulsão de morte de forma pertinente por Derrida?

- É pertinente utilizar as conceitualizações derrideanas ou barthesianas para pensar a clínica psicanalítica?

O universo de reflexões que, partindo de tal *problema*, foi se montando, deu lugar a nossa primeira hipótese. Efetivamente, a *migração conceitual*, que consiste em importar um conceito de um corpo de conhecimento, opera sobre a metodologia do segundo?

A possível resposta nasceu como uma intuição, formalizada da seguinte maneira: os conceitos psicanalíticos que Roland Barthes fez migrar para a formalização da sua obra funcionam como *ready mades* dentro da mesma.

Tratava-se de refletir sobre o que sucede nos limites das disciplinas, e como Duchamp operava desestabilizando limites, obtendo com isto efeitos surpreendentes, uma

vez que conseguia com seu procedimento chegar ao grau zero de significação, o que será na teoria do significante *o significante puro*, por meio do Ready Made. O signo em si é do domínio da semiótica. Esvaziar o significante é fazer do signo traço ou marca.

Era preciso pensar a operação artística duchampiana. Duchamp opera no nível da diferença, desestabilizando a ilusão de um laço arbitrário que produz a identidade entre a coisa e o objeto.

A arte de Duchamp é um campo privilegiado para notar que o significado sempre fracassa, no sentido de poder representar a coisa.

(...) A Obra se fecha sobre o significado. Pode-se atribuir a esse significado dois modos de significação: ou ele é tomado como aparente, e a obra é então objeto de uma ciência da letra, que é a filologia; ou, então, esse significado é reputado secreto, último, é preciso procurá-lo, e a obra depende, nesse caso, de uma hermenêutica, de uma interpretação (marxista, psicanalítica, temática, etc.); em suma a obra funciona como um signo geral, e é normal que ela figure uma categoria institucional da civilização do Signo. O Texto, pelo contrário pratica o recuo infinito do significado, o Texto é dilatatório; o seu campo é o do significante; o significante não deve ser imaginado como “a primeira parte do sentido”, seu vestíbulo material, mas, sim, ao contrário, como seu *depois* (...) <sup>161</sup>.

Notamos que a intervenção artística de Duchamp configurava uma *área textual* em detrimento do espaço físico. Atuando no espaço textual, opera-se no campo do significante; segundo Barthes e Lacan, no seu depois. Isto em psicanálise se conhece como *après coup*, e em geral se mantém a expressão em francês para nomeá-lo.

Com sua obra, e, ainda, com a sua atitude negadora da obra, Duchamp fecha um período da arte do Ocidente (o da pintura propriamente dita) e abre outro que já não é artístico: a dissolução da arte na vida, da linguagem no círculo sem saída do jogo de palavras, da razão em seu antídoto filosófico – o riso. Duchamp dissolve a modernidade

---

<sup>161</sup> IDEM-*O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988, pp. 68-69

com o mesmo gesto com que nega a tradição. No caso de Breton, há a visão do tempo, não como sucessão, mas como a presença constante, embora invisível, de um presente inocente. O futuro lhe parecia fascinante por ser o território do inesperado. A destruição do mundo atual permitiria o aparecimento do verdadeiro tempo, não histórico, mas natural, não regido pelo progresso, mas pelo desejo.

O universo duchampiano suspende a proposta valor de uso em favor do desejo. Em última instância, é um traço em comum com a proposta de Texto barthesiana, e a de sujeito do significante lacaniano.

Propusemos no início o termo *migração conceitual* para identificar uma operação que diz respeito às trocas de saberes entre os campos específicos do conhecimento, mas que também diz respeito à relação com o desejo, o que nos leva, em última análise, à questão do nome próprio. No campo da lógica, a *identidade* entre a *coisa* e o *objeto* permite que se estabeleça a possibilidade de verdade. A *verdade* que se dá entre a *coisa* e o *objeto* dependerá do conceito, mas o conceito funciona dependendo de uma alteridade que o institucionaliza.

Em realidade este caminho da lógica não difere do que se conhece em lingüística moderna como **signo**, só que a teoria do signo saussurreana não trabalha explicitamente com a verdade.

Quando Duchamp toma um objeto e o leva para outro campo conceitual, ele desestabiliza, nesse ato, o objeto fazendo emergir a ordem da *coisa* irremediavelmente perdida para o sujeito, uma vez que do objeto gera um **resto**. Pensar o objeto como impossível de ser apreendido é pensar em termos de desejo. O desejo nunca alcança o seu objeto, segundo a teoria freudiana.

Ao ser migrado de um campo ao outro, um conceito se desestabiliza desde a perspectiva lógica, assim como se desestabiliza o princípio de identidade que sustenta a verdade do conceito migrado – seu significado – dentro de seu mesmo campo.

A obra, para Duchamp, pertence ao campo do desejo e, nesse sentido, trabalha sobre marcas porque destrói o signo.

Os conceitos psicanalíticos que têm sido migrados na obra de Roland Barthes (pelo próprio Roland Barthes) funcionariam como *marcas* dentro de tal obra. A marca deve ser diferenciada do traço. A marca supõe um leitor desejante, um leitor de palimpsesto, de traços e rasuras.

No caminho que vai da literatura à psicanálise, os *restos* de objeto ficaram disseminados no palimpsesto textual, tomando valor diferencial textual em relação a outras marcas. O desejo de leitura faz da marca texto. Quando o *leitor* interpela as marcas, faz Texto.

Uma vez que se estabelece uma prática entre a Literatura e a Psicanálise, conceitos institucionalizados *migram* de um corpo ao outro, sendo assimilados por outra linguagem. Operam no seu valor de significante, se houver um sujeito leitor.

Continuando com a retrospectiva, devemos dizer que vieram à tona mais questões:

- A *relevância conceitual* do ***sujeito do inconsciente*** reorganiza-se e modifica-se segundo a lógica e a normatividade do novo campo semiótico? Roland Barthes, referindo-se ao *recalque* (baseado no conceito freudiano), interroga-se sobre as vicissitudes do desejo de leitura, pela marca de desejo.

Citaremos um outro caso em que Barthes faz crítica literária, *S/Z*, já sob a chave das conceitualizações lacanianas.

Fazer coincidir a *castradura*, condição anedótica, com a *castração*, estrutura simbólica, tal é a tarefa efetivada por Balzac, pois uma não acarreta forçosamente na outra: e o provam tantas relações anedóticas com enucos (Casanova, o presidente De Brosses, Sade, Stendhal). Este êxito se deve a um artifício estrutural: confundir o simbólico com o hermenêutico, fazer com que a procura da verdade (estrutura hermenêutica) seja a procura da castração (estrutura simbólica), que a verdade seja *anedoticamente* (e não mais simbolicamente) o falo perdido.<sup>162</sup>

A relação entre significantes é diferencial para Lacan. Então, a marca ganha seu sentido em relação a outras marcas.

Mas a Literatura, com a conceitualização do *leitor*, aposta na produção de um saber que vai mais além da razão – o desejo – para chegar à leitura. Neste sentido, o desejo, tal como é pensado por Barthes, mantém uma estreita afinidade com o desejo tal como é pensado em psicanálise.

O desejo não pode ser destacado, por mais que isso custe às instituições, de sua própria negatividade pulsional. O Desejo funciona, algo é desbloqueado para ele, distinguindo, de um lado, o discurso de Lei, e, do outro, o discurso do desejo ou escritura.<sup>163</sup>

Que há desejo na leitura? O Desejo não pode ser nomeado (ao contrário da Demanda), ser dito.<sup>164</sup>

Barthes se utiliza da dialética do desejo tal como é proposta por Lacan, distinguindo demanda de desejo.

---

<sup>162</sup> BARTHES, Roland. *S/Z Roland Barthes*, op.cit. , p. 184

<sup>163</sup> IDEM-*ibidem*,p. 99.

<sup>164</sup> IDEM-*O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988, p.p 35-36.

Barthes não nega a existência da Obra, mas identifica os seus limites nesse lançar-se ao infinito do desejo, no novo lance de dados.

Na operação barthesiana, há uma pertinência com relação à ordem *do desejo* como aquilo que produz texto com um caráter de palimpsesto, que é o próprio da escritura. Se queremos pensar isto em termos freudianos, digamos que o palimpsesto é o próprio da escritura do inconsciente. Aproximamo-nos, assim, da perspectiva da crítica de arte Alice Millet – pesquisadora da obra da artista brasileira Lygia Clark, que, aliás, nas suas experimentações artísticas efetivas com a cinta de Moebius – pensava e denominava o funcionamento dos *ready-mades* de Marcel Duchamp como uma “operação subversiva”, como veremos adiante.

Diremos que os *ready-mades* são objetos fenomênicos tomados desde a vertente que Roland Barthes entende como *textual*, mas devemos agregar aí a questão do esvaziamento total, esgotamento total do seu objeto, para poder entender a lógica do *ready-made*.<sup>165</sup> Citaremos em breve Glória Moure, estudiosa de Duchamp que, num fragmento, faz uma leitura do *infra-leve* de Duchamp, em que se refere ao espaço onde um *ready-made* ganha sentido.

O espaço textual onde está inserido o *infra-leve* é um espaço onde o valor da obra depende de uma estrutura sem centro fixo, nos dirá Millet (lembramos que Barthes também define a estrutura da linguagem sem centro fixo), e onde o valor de uso (nessa análise) está em suspenso. Diremos que, justamente, no valor de análise (uso) do objeto em questão, este objeto **não é** o centro da obra, mas sim uma marca, porque é uma intervenção

---

<sup>165</sup> Roland Barthes preocupa-se na sua obra pelo significante na Linguagem, e destaca a prevalência do Desejo. Roland Barthes poderia ser entendido como otimista no sentido que outorga *A dimensão textual* com seu *desenvoltura do ler sua leitura ao infinito* por ele elaborada, a que diz respeito *a força própria da linguagem* que neste caso é uma aposta ao desejo.

Mas quando a morte chega à Linguagem até o ponto de anular a escrita como é no caso *dos testis* concordamos com a Psicanalista Amélia H. Imbriano: Tãatos a conseguido o seu desquite.

no valor de Texto desse espaço. O forte da intervenção de Duchamp, no nosso entender, é o esvaziamento do valor de uso.

Uma ação deste porte tem um diálogo fecundo com as premissas do movimento surrealista, na medida em que opera um rebaixamento do fetiche do objeto artístico como algo da ordem do sublime e também da máquina produtiva.

Logo, um francês atualizado e vanguardista, como era Duchamp, em plena emergência da teoria estruturalista, esvazia de valor um objeto e ilustra o efeito disto num sistema. Sua intervenção dialoga também com o estruturalismo. Lembremos que nesta ciência o signo ganha seu valor em relações de oposição. Segundo a leitura de Glória Moure:

(...) para Duchamp el final es tan vituperable como o inicio...Lo opuesto es expulsado en beneficio de lo diferente, de lo diverso. Por lo tanto hay que abandonar el sostén de la certeza, abrazar el azar y solo venir en lo posible, en lo probable, que es el nexo donde opera la << cointeligencia de los contrarios >>. Esto implica, tanto lingüística como visiblemente, establecer la rotación autoinducida de significados y apariencias, y la dilución, por inoperancia, de la etimología y de la evocación simbólica de las formas, y finalmente, conjurar definitivamente la linealidad causal, el principio e el final, el anverso y el reverso de las cosas, palabras y fenómenos. Pensemos al respecto, en el libro rotatorio que debería contener el lenguaje tautológico de la *Maireé*, en los juegos de palabras que pueden detenerse pero no comenzarse e acabarse (como las espirales de *Anémic Cinema*) o, en fin, en el cuadro bisagra (rotatorio) que debía ser el *Grand Verre*. Tra tanto despojar, tan solo la << belleza de indiferencia >> sería posible.

Pero además, <<el lugar plástico de la inteligencia abstracta>>, que debe ser intervalo abierto (sin límites finitos) de demarcación imposible, pero separación que une y donde ocurren colusiones y no colisiones, es un nódulo pluridimensional de estructura inexistente, sin espacio, tiempo o movimiento mensurable (pero presentes), refractario a cualquier análisis y accesible en su unicidad a la intuición solamente. Felizmente nominado como << infraleve>> (*inframince*), es enorme en su ínfima infinitud, transforma todas las realidades, acoge la energía de la poesía, conjura e asiste lo aleatorio, reúne y separa todas las realidades, se presta tan solo a la evocación aproximada y solo se deja percibir por las potencias del erotismo andrógino.<sup>166</sup>

---

<sup>166</sup> MOURE, Glória. *Introducción*. In DUCHAMP, Marcel. *Notas*. Madrid: Tecnos, 1998.pp.10-11.



Duchamp, como artista que intervém num sistema, se faz presente como autor, no momento em que, criando a obra, desestabiliza-a. Este autor morre uma vez que conclui formalmente a obra. A *intervenção* é eficaz a partir da elevação do objeto a um grau zero valor de uso. Neste zero valor de uso, localizamos a intervenção do *desejo* de obra. O resto desta operação é a própria obra. O desejo de obra remete a obra a sua condição metonímica.

Se outro artista oriundo do Surrealismo, Magritte, nos surpreende com uma obra quando, ao desenhar um cachimbo, nos diz: “*ceci n’est pas une pipe*” é porque ao transpô-lo (migrá-lo) transvaloriza o objeto. O objeto, tal como fora conceitualizado no sistema de valores de onde procede, colapsou, disseminou-se no novo campo conceitual, em que lemos a partir das marcas.

Agora, nessa transvalorização, a dimensão do significante puro mostra seu grau zero; a intervenção reenvia a representação a seu vazio até provocar a marca no sistema que se recupera na sua dimensão metafórica. A marca depende da posição do olho, e a posição do olho funciona –é função- em relação às epistemes e ao desejo.

A obra é um resto que se re-significará com sua possível leitura na dimensão textual, tal re-significação é o que dá lugar às marcas da diferença no sistema.

### 3.6 Uma marca de desejo

A estas alturas, como Barthes o assinala, estamos no campo do significante e do desejo.

Por outro lado, carrega o *maldito freudiano*, que desde uma vertente literária, pode ser lido como destruição e corrosão de arquivo. É condição da transvalorização que se opere uma perda. A intervenção do artista, neste caso, provoca. Ele intervém operando no sistema diferencial da língua.

*O mal de arquivo*<sup>167</sup>, conceito que Derrida apresenta retomando o *mal radical*<sup>168</sup> freudiano, constrói memória, uma vez que há desejo de memória. O mal radical corrói o estético, no sentido do *estético* como portador de sentido. O *mal de arquivo* comporta um desejo de memória que restabelecerá o sistema.

Este desejo de memória se assimila ao estatuto do *leitor* barthesiano.

Vejamos o que diz a crítica Maria Alice Milliet, de quem tomaremos a idéia de subversão.

A fatalidade da cultura, de que fala Barthes, é o reconhecimento da linguagem como fator estruturador de toda sociedade, nada escapando à amarração dessa trama. Conseqüentemente, a subversão só é possível dentro da cultura, através do deslocamento dos códigos lingüísticos. Embora certos procedimentos disruptivos pareçam destruir a linguagem sem colocar nada no lugar, passado o choque inicial, vemos que as artes plásticas, o teatro, saem enriquecidas: os *ready-mades* de Duchamp demonstram a possibilidade de agregar novos significados a um signo apenas deslocado de contexto; o fundamento do teatro de Artaud não é mais o texto literário, mas a expressão corporal e os recursos dramáticos, o que dá nova vitalidade à encenação; a escrita automática surrealista visa a desconstrução do discurso lógico pela incorporação da disciplina do inconsciente, abrindo novas significações. Quando o artista rompe

---

<sup>167</sup> Cf.: DERRIDA Jacques, *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*, op.cit. , 2001.

<sup>168</sup> O *mal radical* em Freud está relacionado à função de corte da pulsão de morte. A sua tendência é a de voltar ao zero sem repetição. A homeostase letal.

com a linguagem convencionada da arte, adota outra linguagem, nunca uma não-linguagem.<sup>169</sup>

Dizer que Duchamp adota uma outra linguagem pode levar ao equívoco de pensar que essa linguagem já estava aí em forma definida. Se estava aí é no sentido que Picasso aponta quando enuncia a famosa frase “eu não procuro, acho”. Então, afirmamos que o que estava aí não era uma verdade a ser descoberta, mas uma marca (palimpsesto textual). Estamos no plano do texto no sentido Barthesiano e também da *alíngua*. A nova linguagem a que Milliet se refere é a das artes plásticas.

A linguagem textual possui a estrutura de palimpsesto. Se M.A.M. evoca um procedimento disruptivo, nós entendemos que a *intervenção* de Duchamp, com essa disrupção, deixa marca.

A textualidade da obra possui a textura do palimpsesto. Só é preciso lê-la (via desejo) para que ela aconteça formalmente. Trata-se, então, de operar com o que Derrida chama de desejo de memória.

A linguagem que parece sempre (dimensão o Outro da linguagem) estar aí nos captura na mesma medida em que ela remete à nossa falta em ser: interviremos na linguagem, no momento de fazer acontecer a Obra (momento de concluir). Obra efêmera quando restituída, já como resto, como marca no circuito *textual*.

Mantém-se na obra de Barthes uma relação com o objeto freudiano, mas não pela via da clínica, mas sim porque opera uma transvalorização.

Barthes migrou conceitos, mas entendemos que ele faça funcionar estes conceitos como *ready-mades*, no sentido de anarquizar o campo da obra, provocando diferenças.

---

<sup>169</sup> MILLIET, Maria Alice. *Lygia Clark: Obra-trajeto*. São Paulo: Edusp, 1992. p. 152.

Então diremos que: **A migração conceitual é uma operação textual que, no seu status de intervenção, produz marca.**

Não podemos esquecer que as demarcações de um campo de conhecimento respondem a uma normatividade, e, portanto, o campo da literatura, da arte, da psicanálise, responde a preceitos institucionais. O desejo anarquiza os arquivos das doxas.

Existem, então, conceitos que são fundamentos de um campo de conhecimento. Reitera-se, assim, a nossa pergunta, agora ampliada: uma vez que levamos um conceito fundamental de um campo a outro não levamos também o rigor e a ética que acompanham o primeiro para o segundo? A resposta que temos é que, quando o objeto já está transvalorizado, porque sofreu uma migração conceitual, este não afeta o campo onde pela primeira vez emergiu e ganhou valor.

Segundo Barthes, a empreitada surrealista *era romanticamente ingênua*.<sup>170</sup> Concordamos parcialmente, porque é verdade que subverter os códigos não é destruí-los; ele dirá que apenas se pode jogar com tais códigos. Mas se formos à especificidade da operação *ready-made*, veremos que há destruição de signos, subversão de códigos, e nos perguntaremos: o que mais quereria Barthes da arte? Parece-nos hoje que, a sua declaração pode conter o anseio de uma proposta *radical* para com os arquivos dos discurso capitalista.

R. Barthes distingue dois tipos de leitura, uma que teria a ver com o *denotado*, com os artefatos éticos e que funda uma lei. Outra que tem a ver com o *conotado*<sup>171</sup>. Não haveria, nesta última, uma *injunção estrutural* para fechá-la e é denominada por ele como *uma leitura liberada ao infinito*. Mas ele ainda observa: algo sempre permanece ilegível.

---

<sup>170</sup> BARTHES, Roland. *O rumor da língua.*, op.,cit.passim.

<sup>171</sup> IDEM- *El placer del texto*. Trad. Marti Soler. Madrid: Siglo XXI, 1996 p.38

Saber, neste caso, que há uma operação artística capaz de desestabilizar um sistema e provocar diferença, acalma, e não negligencia o *Real* desse *Mal-Estar* que motivou o nosso projeto.

Conclusão inicial da primeira hipótese:

Duchamp nos ilustra como um objeto *é marca ou traço* operando com seus *ready-made*. Pensando no uso que Barthes dá aos conceitos da psicanálise, diremos que a subversão, no seu status de leitura, *denota*, transgride a lei que regula um determinado corpo de conhecimento; por outro lado, neste texto, o conceito de Texto e a operação *ready-made* ganham seu sentido funcionando como marcas, marcas do palimpsesto.

Numa leitura de desejo, as marcas se relacionam em forma de palimpsesto, promovendo uma leitura ao infinito. Quem se apropriar destas marcas (o leitor) fará das marcas texto.

Notamos a certa altura que não era unicamente uma terminologia em comum, mas preocupações em comum, o que unia a Literatura e a Psicanálise, mal-estares em comum, e eles não se limitavam a atritos possíveis de ordem epistemológica, como também a temáticas relativas à *linguagem e à morte*.

Nossa primeira hipótese nos trouxe, como conseqüência derradeira, a seguinte reflexão, que se limita aos resultados de uma pesquisa – especulativa, feita a partir de um recorte local cuja estratégia foi desenvolvida. A reflexão sobre os limites nos conduziu do terreno das doxas ao terreno do Texto. Assim, as classificações, uma vez que respondem a uma ordem positiva, derivada do princípio do verdadeiro, são suscetíveis de serem confrontadas com os princípios verdadeiros do outro corpo teórico. No entanto, a leitura de desejo provoca a destruição do signo, fazendo emergir a coisa que estava suturada na imagética, na *phoné*. Mal estar e controvérsias fazem parte de um mal-estar

que é de estrutura no processo civilizatório. A tanatopolítica fortalece uma posição escrava do sujeito humano com a morte. Assim, os limites classificatórios organizam o Real, mas nem por isto a pulsão de morte deixa de se fazer ouvir, anarquizando os arquivos. Como já foi antecipado no capítulo I, o que entendemos é que hoje, as representações estão em questão e as controvérsias foram até *alem da razão, uma vez que a humanidade atravessou o limite do impossível*.

A partir da leitura de Amélia Imbriano e Giorgio Agamben, nos perguntamos: o que acontece quando a lei que rege o universo simbólico que nos rodeia perde a sua efetividade? Foi isto o que aconteceu em Auschwitz?

A problemática de Auschwitz, como área de reflexão de nossa época, leva as nossas preocupações de tese (e muitas outras) a sua máxima radicalidade. Lemos de Agamben que Auschwitz é o lugar onde já não se sustentam as classificações.

Entendemos que a Literatura absorveu (e foi absorvida) por um dos conceitos fundamentais da obra freudiana dando lugar ao que denominamos *de terceira margem* do rio. A literatura, quando trabalha com a problemática que se desprende da *pulsão de morte faz migrar* conceitos do corpo conceitual da psicanálise<sup>172</sup>. Literatura e psicanálise foram afetadas pelo *Mal de arquivo* e pelo Mal radical a partir de *uma impressão freudiana*. Este terreno de preocupações mútuas deu lugar a uma **segunda hipótese**: diremos que há um sujeito na linguagem que colapsa ante as diversidades de linguagens atuais, sendo o pior fator de tal colapso, o silêncio provocado pela emergência da pulsão de morte na cultura.

O que tem como corolário:

---

<sup>172</sup> A pertinência segundo Barthes é “ponto de vista sob o qual se escolhe olhar, interrogar, analisar um conjunto heteróclito”. p. 3. in pertinência. (O rumor da língua).

Se existem, como vimos, preocupações em comum entre literatura e psicanálise tal preocupação bebe das fontes do conceito de pulsão de morte. Tais preocupações fazem parte de um terreno comum circunscrevendo *a terceira margem do rio*.

Perguntávamo-nos, desde um início, pela questão dos limites das *classificações*. O fato de que houvesse migração conceitual não era o motivo de tais incômodos, mas os incômodos existem e coexistem atritosamente, excedendo os limites classificatórios e fazendo com que estes colapsem.

Definitivamente o nosso interesse é pela incidência da pulsão de morte na cultura.

### **3.7 Então... Subversão ou mal de arquivo?**

Quando dizemos subversão, parece que nada se perderá. Mediante um procedimento, tem-se passado de uma linguagem a outra. Procedimento com o qual nos deparamos e que, definitivamente, levou-nos a pensar, conforme frisávamos nos primeiros parágrafos deste escrito, a nossa questão sobre a *relevância conceitual* e a *migração conceitual*, duplo temático que agora se articula sobre a relação *linguagem – morte*.

Roland Barthes, consistente e crítico, reelabora, e com isso, faz *migrar* diferentes conceitos como: *texto de gozo*, *sujeito*, *pulsão*, dentre outros termos aos quais faremos referência, ao refletirmos sobre a relação recém mencionada.

Incluído na tradição da teoria francesa, Barthes se vale da *subversão lacaniana do sujeito freudiano* para pensar e elaborar suas próprias questões e conceitos. Por essa via, ele é um dos precursores da inclusão de Jacques Lacan como referencial

teórico na Literatura. Dizemos, então, que a instrumentalização de conceitos como gozo, desejo, regime pulsional e outros, dos quais Roland Barthes se utiliza via meta-referência, adquirem um outro *status*, uma vez que há a migração de campo conceitual.

Fundamentalmente, diremos que Barthes e Lacan não estão trabalhando com o mesmo sujeito no sentido estritamente epistemológico, e sim, ainda que parcialmente, com a lógica de tal sujeito. Lembremos, todavia, que o sujeito do inconsciente freudiano é um sujeito cujo estatuto epistemológico ganha o seu rigor teórico a partir de uma prática clínica e o desejo de leitura, que supõe um (sujeito) leitor, está formalizado a partir das classificações da experiência literária.

Como antes afirmamos, o que Barthes faz é colocar em funcionamento os conceitos mencionados, na modalidade *ready-made*.

Trata-se, em outro registro, da *migração conceitual*, é nossa hipótese, que versa sobre os conceitos funcionando como *ready-made* na obra de Roland Barthes. Esta, por sua vez, seguindo um fluxo de deriva conceitual, foi redimensionada a partir do conceito de mal de arquivo.

A *migração conceitual* era parte do caminho para pensar esta passagem de um conceito da Literatura à Psicanálise e a relação destas com a arte. Nossa análise dessa operação se limitou a extrair conseqüências que responderam, em princípio e parcialmente, a nossa questão, sendo que as articulações subjetividade-linguagem-pulsão de morte mantinham em aberto a pesquisa.

O questionamento oriundo do *Mal* radical não estava respondido e não era desde o *ready made* que procuraríamos mais respostas; não obstante, devemos a essa operação duchampiana importantes reflexões sobre a marca na arte.



A figura do *testis*, trazida pelas reflexões de Agamben, aqueles cujo corpo morto era privado da designação de cadáver para só poder ser chamado de *figurem*, nos questionavam radicalmente todo limite possível. O *mais além da linguagem* está ligado à vertigem e a impactos de nosso tempo.

A elucidação do caminho para pensar *o testis* e o testemunho é, finalmente e como veremos, *o resto*.

Se, a certa altura, dissemos que, *para Saussure, o sistema da língua proporciona valores estáveis*, isso significa que o **ready made nos confronta com a desestabilização do sistema da língua.**<sup>173</sup>

Os mal-entendidos e brigas pelas classificações não são apenas “brigas e mal-entendidos” nas áreas do conhecimento, sejam internas o externas, mas sintomas que dizem respeito à agressividade que se esconde por trás de toda **legitimidade e estabilidade** de nossos saberes.

Tratava-se já, a certa altura, de entender o genocídio, a morte em série na sua relação com *a morte nos arquivos*.

Intuímos, em determinado momento, que os conceitos não estariam comprometidos com a Psicanálise e a Literatura, mas a **Psicanálise com a Literatura**. Por sua vez, a Psicanálise e a Literatura, como sabemos, bebem da arte.

Recapitulemos: partindo do pressuposto de que há pontos conceituais simétricos entre a Literatura e a Psicanálise, logo nos deparamos com obstáculos epistemológicos, uma vez que tentamos pensar na prática que se estabelece entre os dois campos. Este ponto de partida deu lugar à nossa primeira hipótese, que versa sobre a *migração conceitual*. Obstáculos que, no seu momento, identificamos como uma questão

---

<sup>173</sup> Na realidade a obra de arte parece possuir uma relação bastante direta com o sistema econômico. Notamos que há obras de arte que desregulariam a lógica do mercado, e permanece em certo momento sem poder estabelecer um valor para tais.

de pertinência, no sentido de pertencer a um determinado campo de conhecimento ou não. Progressivamente foram se mostrando com diferentes status, na medida em que se ampliava o *zoom* epistemológico. Quanto mais queríamos apreender e verificar “a simetria conceitual”, esta, superdimensionava-se. Quanto mais perto de nosso olho estava nosso objeto, este nos lembrava que há algo da ordem do impossível<sup>174</sup> que habita na dimensão do significante. Já sem tê-lo percebido imediatamente, tínhamos passado da *Obra ao Texto*, pensando o *ready made*. Sem percebê-lo, estávamos pensando o Real que habita na linguagem, o *indizível* desde o ponto de vista da *Literatura com a psicanálise*.

---

<sup>174</sup> O impossível é uma conceitualização de George Bataille a partir da qual Lacan elabora o conceito de Real. Logo, existem diferentes momentos de elaboração e re-elaboração deste conceito na obra de Lacan. Há duas características que nos parece importante destacar neste momento a partir de Lacan: uma é que o Real constitui um dos registros a partir do qual se pensa a certa altura a constituição subjetiva; o outro, como este real insiste na linguagem sem cessar de não se inscrever.

## CAPÍTULO IV

### Textualidades e uma boa dose de lirismo: rostos e restos

Sabes, no fundo eu sou um sentimental. Todos nós herdamos no sangue lusitano uma boa dose de lirismo... **(além da sífilis, é claro)**<sup>175</sup>.

Mesmo quando as minhas mãos estão ocupadas em torturar, esganar, trucidar, meu coração fecha os olhos e sinceramente chora...

**Fado tropical:** *Chico Buarque – Ruy Guerra 1972-1973.*

Eu me lembro dos hoje “incríveis anos 60” como um momento extraordinariamente marcado pelos debates em torno do engajamento e da eficácia revolucionária da palavra poética, palavra que, naquela hora, se representava como muito poderosa e até mesmo como instrumento de projetos de tomada do poder.

*Heloísa Buarque de Hollanda*<sup>176</sup>

---

<sup>175</sup> O fragmento em negrito corresponde à letra original que fora vetada pela censura. A primeira gravação foi editada apenas em Portugal, em 1975.

<sup>176</sup> BUARQUE DE HOLANDA, Heloísa. **Impressões de viagem -CPC, Vanguarda e Desbunde:1960/1970-** São Paulo:Brasiliense, 1980, p.15

## 4.1 Alguns antecedentes antropofágicos:

Os corsários eram piratas que, em missão do governo português, estavam autorizados a saquear as rotas marítimas dos adversários, enfraquecendo desta maneira o inimigo. Para a coroa, essa aliança fazia sentido, porque dessa maneira os impérios se poupariam de gastos navais, consequência dos enfrentamentos. Em suma, a incorporação dos corsários era uma estratégia de preservação de naufrágios das frotas reais, e um atenuante das causas fatais dos riscos da batalha. O pirata - mercenário - se distingue do corsário; ele não está a serviço da sua coroa, senão que é pago pelas suas próprias habilidades de saque e luta.

Hans Staden (Homberg, c. 1525 Wolfhagen, c. 1579)<sup>177</sup> foi um corsário alemão que chegou em meados do século XVI na capitania de Pernambuco, onde participou lutando a serviço do império português, contra corsários franceses e seus aliados indígenas.

Certo dia, num descuido seu, foi aprisionado pelos tupinambás - inimigos dos lusos - que moravam no que é hoje o litoral paulista de Ubatuba. O captor foi um índio chamado Nhaepêpô-açu, *Panela Grande*, que o dera em seguida de presente a um outro, de nome Ipirú-guaçu, o *Tubarão Grande*. Segundo o testemunho de Staden:

Ao chegarmos perto de suas moradas, vimos que era uma aldeia com sete casas e se chamava Ubatuba. Entramos numa praia que vai abeirando o mar e ali perto estavam as suas mulheres numa plantação de raízes, a que chamam mandioca. Na mesma plantação havia muitas mulheres, que arrancavam destas raízes, e fui obrigado então a gritar-lhes na sua língua "*Ajú ne xé remiurama*", isto é: "Eu, vossa comida, cheguei". Uma vez em terra, correram todos das casas (que estavam situadas num morro), moços e velhos, para me verem... Os homens iam com flechas e

---

<sup>177</sup> Seu testemunho no Brasil foi dramatizado no filme Hans Staden, que estreou no ano 1999, sob a direção de Luiz Alberto Pereira.

arcos para as suas casas e me recomendaram às mulheres que me levassem consigo indo algumas adiante, outras atrás de mim. Cantavam e dançavam uníssonos os cantos que costumam cantar como canta sua gente quando está para devorar alguém.

Assim me levaram até a *caiçara*, diante de suas casas, isto é, à sua fortificação, feita de grossas e compridas achas de madeira, como uma cerca ao redor de um jardim. Isto serve contra os inimigos. Quando entrei, correram as mulheres ao meu encontro e me deram bofetadas, arrancando a minha barba e falando em sua língua: '*Che anama pipike aé*' o que quer dizer: "Vingo em ti golpe que matou o meu amigo, o qual foi morto por aqueles entre os quais, tu, estiveste".

Conduziram-me, depois, para dentro de casa, onde fui obrigado a me deitar em uma rede. Voltaram as mulheres e continuaram a me bater e maltratar, ameaçando de me devorar.

Enquanto isto, ficavam os homens reunidos em uma cabana e bebiam o seu cauim, tendo consigo os seus deuses, que se chamam maracá, em cuja honra cantavam, por terem profetizado que me haviam de prender. Tal canto ouvi durante uma meia hora e não apareceu um só homem; somente mulheres e crianças estavam comigo.<sup>178</sup>

O costume da tribo era a de fragmentar o corpo do inimigo, incorporando as suas virtudes, mediante um ritual que levaria o *estranho-estrangeiro* à morte. Hans Staden, que era candidato a tais honras, mostrava finalmente não merecê-las; ele era considerado um homem covarde. As ameaças de devorarem a Staden eram constantes. Frequentemente ele era arrastado à praia e obrigado a presenciar as cerimônias antropofágicas.

Conta no seu livro que, certa vez, carregaram-no até a aldeia de Tiquaripe, perto de Angra dos Reis, para ver um dos seus inimigos ter a cabeça esmagada com o tacape de execuções. A tribo inteira estava embriagada com licor de raízes de abati. Estes rituais de execução que podiam durar dois ou três dias era o destino que Staden relutava em aceitar.

Certamente Staden, que não consideraria uma honra ser devorado, mostrava todo seu terror a cada tentativa dos Tupis de levá-lo ao sacrifício, poupando assim sua vida. Não servindo como alimento, seu dono o passeava com uma coleira. Afinal, os captores

---

<sup>178</sup> STADEN, Hans. *Primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes*. São Paulo: Terceiro Nome, 1995, pp. 56-7.

tinham-no transformado num *Ché remimbaba indé*, isto é, em um animal de estimação. A essas alturas, o estranho, outrora ameaçante, estava sendo progressivamente domesticado. As ameaças faziam parte do sistema simbólico-disciplinar da tribo:

(...) consegui ver que um dos seus chefes em certa ocasião, cedo pela manhã, ao visitar todas as suas cabanas, riscava as pernas das crianças com um dente afiado de peixe; isto só para lhes fazer medo, de modo que, quando choravam com manha, os pais as ameaçavam: "Ai vem ele!" e elas se calavam.<sup>179</sup>

Bem, parece que a tentativa –sempre falha- de domesticar *o estranho* em favor da cultura local - sua lei simbólica - é coisa própria da condição subjetiva, independentemente da cultura. O corpo do matador constituía um Texto com marcas de dilacerações intransferíveis.

Após nove meses de cativo, um amigo o levou de volta à Europa em um convés. Uma vez de regresso ao velho mundo, editou seu livro, que se converteria num sucesso editorial. Pouco tempo depois, a corte de Dom Pedro traria o relato deste viajante ao Brasil como parte da sua biblioteca imperial. Este seria um momento fundador da antropofagia européia, que se constitui como tal pois recebe os riscos tupi.

O matador morto e devorado fragmentariamente -uma vez que ficcionalizado - e evocado como um arquivo, através da narrativa de Staden. Mas o que representavam as marcas no braço do matador para a tribo? Seria esse corpo um arquivo da morte? O corpo do matador é um registro da lei tupi, uma castração no real do corpo como pedra fundamental das ficções imaginário-simbólicas do modernismo antropofágico e suas futuras reedições.

---

<sup>179</sup> IDEM -*Ibidem*. P.64.

Igual ao infatigável bibliotecário imaginado por Jorge Luis Borges, cada um de nós peregrina à procura de um livro, um litoral; e em tais procuras, o movimento modernista resgatou a aventura de Staden. Esta aventura é a primeira da série, cujo arquivo da morte é o corpo do matador. O corpo do matador é o espaço onde se constrói o palimpsesto da literatura modernista brasileira. *Espaço Litoral –Literal* de inscrição, um arquivo a partir do qual, o desejo de memória faz do literal, litoral e texto. O corpo do matador é o impossível de ser recuperado, mas o modernismo o reconstrói nos seus textos a partir dos *restos*, que já são marcas textuais.

## 4.2 Da legalidade à margem

O Manifesto Antropófago<sup>180</sup> é publicado em maio de 1928, no primeiro número da recém-fundada *Revista de Antropofagia*, que foi o veículo de difusão do movimento antropofágico brasileiro. O Manifesto<sup>181</sup> torna-se o cerne teórico desse movimento, que pretende repensar a questão da dependência cultural no Brasil. Entendemos que esse Texto seja um grito de independência que dialoga com o de Dom Pedro e com a morte de José Joaquim da Silva Xavier, *o Tiradentes*, a 21 de Abril 1792. <sup>182</sup>Teríamos então como momentos fundamentais: um primeiro momento mítico constituído a partir da escrita da escritura do corpo do matador, e um segundo momento, quando o herói brasileiro é esquartejado. Dois corpos reais que serão substratos simbólicos, porém sem substância.

---

<sup>180</sup> Foi escrito por Oswald de Andrade (1890 - 1954).

<sup>181</sup> Para ver a versão integral do Manifesto Antropófago ir a anexo I.

O corpo esquartejado de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, é o *resto* a partir do qual também podemos pensar o desejo de leitura na literatura brasileira, momento este marcado pelo ato de devoração ante a tentativa de inscrição de um Brasil independente. Pois poderia haver literatura brasileira sem um Brasil independente?

O Manifesto Antropofágico nos faz pensar num grito de independência que deve ser compreendido a partir dos anteriores; corpo possível de manifestar-se segundo a particularidade de cada uma das suas regiões, cada uma com seu estilo, como *murmúrios* poéticos de uma proposta de liberdade. O aspecto libertário se compõe de fragmentos, como o corpo do mártir, pode nos servir como chave de leitura para a poesia marginal da década de 70, anos marcados pela ditadura militar, por corpos ameaçados e até esquartejados.

Memória essa que nos evoca o mais brutal do humano e do aspecto arrasador de Tântatos, e que também nos faz refletir sobre as diversas funções e destinos da escrita.

### **4.3 Dos poetas marginais**

O debate em torno da função da arte e da política, e com isto dos objetos culturais orientam acalorados debates culturais nos anos 60 diretamente relacionados com as formas da militância política. De que maneira nos compete este debate? Entendemos que mais do que nunca devemos nos questionar hoje desde onde falamos e a relação da nossa fala atual com um passado, sem elaboração que retorna em forma de signos.



Estes signos são diversos e constituem marcas, traços para quem está afetado por um desejo de memória, por um anseio de interrogar os arquivos de seu tempo.

O debate nos faz refletir sobre o peso da tradição, das modalidades de escrita, das hierarquias estéticas, quando a pergunta pelos limites é a pauta. Surge então uma questão: a poesia marginal brasileira, surgida na década de 70 é uma conjunção de aspectos literários e políticos?

A *poesia marginal* cobrou destaque por questões identificadas pelo modo de produção e veiculação, como uma produção de pouca tiragem, não fazendo parte do circuito das grandes editoras integradas à reprodução em série da pujante industrialização dos anos 70. Os poetas marginais não constituíam um movimento, segundo a crítica literária, Dra. Maria Lúcia de Barros Camargo, dado que não existia um planejamento para direcionarem-se nesse sentido<sup>183</sup>.

A novidade da atitude marginal em termos de literatura era a distribuição do exemplar *mão - em -mão* pelo próprio poeta. Os poetas marginais revitalizavam uma representação que agonizava perante a produção em série: a do autor.

Vejamos um aspecto do contexto onde surgem os *objetos literários* manufaturados da poesia marginal<sup>184</sup>.

Nessa época surgiam simultaneamente cidades e aglomerações, o contingente populacional explodia, a produção industrial e exportações pareciam bater recordes inesperados. Tudo isto convivia no mesmo espaço com as injustiças políticas e sociais. A industrialização crescia lado a lado com a miséria. A reprodução industrializada

---

<sup>183</sup>C.f CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. *Atrás dos Olhos Pardos – Uma leitura da poesia de Ana Cristina César*. Chapecó: Argos, 2003, p.31.

<sup>184</sup> Esta época de apogeu industrial é conhecida historicamente como milagre econômico brasileiro e se estendera até os anos 74-75.

dos livrinhos artesanais nos convidou a refletir em que medida e em qual dimensão eles participaram do panorama cultural. .

Nesse sentido, trata-se de pensar os livrinhos artesanais como intervenções sociais dos artistas, mas fundamentalmente como significantes que hoje retornam às vezes através de editoras de amplo reconhecimento. Seriam estas obras no momento da sua emergência, mensagens que se pretendiam simples? Tentar-se-ia com estes objetos literários esvaziar o valor do sublime da literatura? Entendemos que tais livrinhos são, por um lado, restos metonímicos de um movimento político cultural, proveniente dos anos sessenta que foi progressivamente abafado e, por outro lado, expressões subjetivas de uma época, finalmente obras de arte.

As apreciações de Heloisa Buarque de Holanda contribuem à maneira de precedente:

Eu me lembro dos hoje “incríveis anos 60” como um momento extraordinariamente marcado pelos debates em torno do engajamento e a eficácia revolucionária da palavra poética, palavra que, naquela hora, se representava como muito poderosa e até mesmo como instrumento de projetos de tomada de poder....a juventude acreditava e se empenhava com maior entusiasmo, numa forma peculiar de engajamento cultural diretamente relacionada com as formas da militância política.

A relação direta e imediata estabelecida entre arte e sociedade era tomada como uma palavra de ordem e definia uma concepção de arte como serviço e superinvestida do ponto de vista de sua eficácia mais imediata. A efervescência política e o intenso clima de mobilização que experimentávamos no dia-a-dia favoreciam a adesão dos artistas e intelectuais ao projeto revolucionário. Esse projeto, ao lado das contradições levantadas pelo processo de modernização industrial, configurado de forma acentuada a partir do período JK, emerge como referente de uma poesia que seja de vanguarda ou de dicção populista e traz para o centro das suas preocupações o empenho pela participação social.<sup>185</sup>

---

<sup>185</sup> BUARQUE DE HOLANDA, Heloisa. *Impressões de viagem-CPC, Vanguarda e Desbunde:1960/1970*-São Paulo:Brasiliense, 1980, p.15-16

Se efetivamente a consolidação da relação entre arte, política e culturas se afiança a partir do começo dos anos 60, no ano 62 se entende que “fora da arte política não há arte popular”.

O efeito principal do golpe militar em relação ao processo cultural não se localizou, num primeiro momento, no impedimento da circulação das produções teóricas culturais de esquerda.<sup>186</sup>

Esta situação cristalizou-se em 64, quando grosso modo a intelectualidade socialista, já pronta para a prisão, o desemprego e exílio, foi poupada. Torturados e longamente presos, foram somente aqueles que haviam organizado o contato com operários, camponeses, marinheiros e soldados. Cortadas em aquela ocasião as pontes entre o movimento cultural e as massas, o governo Castelo Branco não impediu a circulação do ideário de esquerdista, que embora em área restrita florescesse extraordinariamente. Com altos e baixos esta solução de habilidade durou até 68, quando nova massa havia surgido, capaz de dar força material a ideologia: os estudantes organizados em semiclandestinidad<sup>187</sup>

A “palavra poética” do pós 64 progressivamente sai do primeiro plano cultural e perde vigor. A ação cultural - face às ameaças colocadas pelo novo regime – canalizaram a ação cultural da esquerda para um circuito de espetáculo.

A marginalidade é tomada não como saída alternativa, mas no sentido de ameaça ao sistema; ela é valorizada exatamente como opção de violência, em suas possibilidades de agressão e transgressão. A contestação é assumida conscientemente. O uso de tóxicos, a bissexualidade, o comportamento descolonizado são vividos e sentidos como gestos perigosos, ilegais e, portanto, assumidos como contestação de caráter político.<sup>188</sup>

---

<sup>186</sup> IDEM- *Ibidem*, p.30

<sup>187</sup> SCHWARZ, Roberto. Cultura e política, 1964-1969. In: *O pai família e outros estudos*. RIO DE Janeiro, Paz e Terra, 1978, p.62

<sup>188</sup> BUARQUE DE HOLANDA, Heloísa. Op cit, p.68

Por outro lado, a repressão política e a guerrilha urbana produziram acontecimentos inéditos. A guerrilha urbana nos anos 70 silencia, coincidentemente, na mesma época em que os poetas marginais começam a circular com seus livrinhos de pequeno formato, dos quais se disse que a sua venda seria uma tática de sobrevivência. Tal tática deve ser valorizada em seu aspecto econômico, mas também no seu aspecto simbólico, como rasto e resto de uma palavra poética revolucionária.

Se situarmos a produção marginal no seu aspecto econômico, na realidade dos anos 70, adjetivada como *milagre brasileiro* entendemos que a atitude marginal desenhava um mapa *underground*, conhecido como *produção independente* estabelecendo uma tensão com a distribuição literária industrializada. Não se chamam assim também àquelas crianças concebidas sem a intervenção simbólica de um pai? Parece-nos importante lembrar que a presença de um pai violento, com leis arbitrárias, vai a detrimento da função simbólica paterna sendo o estado de exceção o terreno fértil, para a neutralização dos aspectos simbólicos que servem de limite à pulsão de morte<sup>189</sup>.

Entre os anos 60 e 70 se produz uma alteração estrutural fundamental.

Nos anos 60, escreve H.B de H: O Estado é visto como uma espécie de entidade superior, de onde se esperam as soluções de todos os problemas, terá nas massas a base da sua legitimidade.<sup>190</sup> Por sua vez a produção cultural, largamente controlada pela esquerda, estará neste período pré-e pós 64 marcada pelos temas do debate político.<sup>191</sup>

Já nos anos 70 estamos falando de um Brasil sob *estado de exceção* formalizado há seis anos, e neste caso, a relação entre o pai e a pátria deve ser repensada. Algo da ordem da ausência de um pai simbólico e a emergência de um pai meramente imaginário parecem emergir apagando limites outrora claros,

---

<sup>189</sup> É importante lembrar que o estado é um significante mestre que organiza a economia libilinal das massas

<sup>190</sup> *IDEM- Ibidem*, p.16

<sup>191</sup> BUARQUE DE HOLANDA, Heloísa. Op cit, p.71

Uma múltipla “cultura margem” se instala: à margem da intelectualidade, à margem da sociedade de consumo, à margem da moral estabelecida, à margem da atuação política direta na esquerda revolucionária (que, por sua vez se tornou marginal). Podemos pensar a marginalidade sob vários aspectos: comportamental, político, estético, econômico. As fronteiras tendem a diluir-se.<sup>192</sup>

Herdeiros do legado mais radical do modernismo antropofágico, a face residual selvagem - tacapes nas mãos e cocares tupis, que são seus livros - os poetas urbanos, se relacionariam, porém, problemática e paradoxalmente, com outro aspecto modernista, pois revelariam aspectos negativos da realidade cultural cuja palavra era silenciada.<sup>193</sup>

Os poetas urbanos faziam parte do periférico da margem já que não apenas era uma produção à margem da cultura, como também refletia a periferia econômica dos efeitos da passagem de uma realidade agro-industrial a outra industrial – espetacular . É válido lembrar o aspecto do espetáculo que permite que aquilo que é da ordem do autenticamente revolucionário se neutralize e seja utilizado como domesticação a serviço dos aspectos mortíferos da máquina estatal, a sua ineficácia, no que dizia respeito a representatividade do povo.

No plano educativo, novas estratégias de ensino foram instrumentalizadas através do *Mobral*<sup>194</sup>: Movimento Brasileiro de Alfabetização.

---

<sup>192</sup> CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. *Atrás dos Olhos Pardos – Uma leitura da poesia de Ana Cristina César*. Chapecó: Anjos, 2003, P.29

<sup>193</sup> Lembremos que décadas antes, em 1912, Oswald de Andrade começa a falar do Manifesto Futurista de Marinetti, que estabelecia o compromisso da literatura com a nova civilização técnica. Oswald, por seu lado, propunha valorizar as raízes nacionais. Assinala o ponto de partida para os artistas brasileiros com uma nova proposta estética. Como se sabe o Manifesto Antropofágico propunha basicamente a devoração da cultura e das técnicas importadas e sua reelaboração com autonomia, transformando o produto importado em exportável.

<sup>194</sup> As propostas do Mobral provêm de um histórico já dos anos 30, quando a educação básica de adultos começou a delimitar seu lugar na história da educação no Brasil. Iniciava-se a consolidação de um sistema público de educação elementar no país. Reconstruindo este arquivo, veremos que em 1947 se lançou uma Campanha de Educação de Adultos. Depois de um logo período, nos encontramos nos anos 60 com a proposta educativa de Paulo Freire que acompanhava programas de alfabetização. Esses programas foram

O Mobral constitui-se como organização autônoma em relação ao Ministério da Educação, contando com um volume significativo de recursos. Em 1969 lançou-se numa Campanha massiva de alfabetização. Foram instaladas Comissões Municipais que se responsabilizavam pela execução das atividades, mas a orientação e supervisão pedagógica bem como a produção de materiais didáticos eram centralizadas.

As orientações metodológicas e os materiais didáticos do Mobral reproduziram muitos procedimentos consagrados nas experiências de inícios dos anos 60, mas esvaziando-os de todo sentido crítico e problematizador. Propunha-se a alfabetização a partir de palavras-chave, retiradas “da vida simples do povo”, mas as mensagens a elas associadas apelavam sempre ao esforço individual dos adultos analfabetos para sua integração nos benefícios de uma sociedade moderna, pintada sempre de cor-de-rosa <sup>195</sup>.

No entanto, o estado deixaria progressivamente de representar a vontade do povo na medida em que era afetada a sua potência ideológica.

Por outro lado, a repressão política, e a guerrilha urbana, produziam sucessos também inéditos, criando espaços de silêncio e ameaça. A *literatura marginal* pode ser considerada como uma escrita emergente nos anos 70 pois cumpria uma função e, à sua maneira, exercia o que Roland Barthes denomina *o poder da literatura*.

A poesia marginal reflete efeitos de programações culturais diversas afetadas pela ditadura e também é a respiração abafada da proposta de uma revolução poética nascida nos anos 60.

---

empreendidos por intelectuais, estudantes e católicos engajados numa ação política junto aos grupos populares. Desenvolvendo e aplicando essas novas diretrizes, atuaram os educadores do MEB - Movimento de Educação de Base, ligado à CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, dos CPCs - Centros de Cultura Popular, organizados pela UNE -União Nacional dos Estudantes, dos Movimentos de Cultura Popular, que reuniam artistas e intelectuais e tinham apoio de administrações municipais. Esses diversos grupos de educadores foram se articulando e passaram a pressionar o governo federal para que os apoiasse e estabelecesse uma coordenação nacional das iniciativas.

<sup>195</sup> <http://www.centrorefeducacional.com.br/histadul.htm>

#### 4.4 Palavra poética ou engajamento?

A poesia brasileira dos anos 70 teve grandes poetas, dentre os quais, Ana Cristina César e Cacaso que, cada um a sua maneira, são fundamentais para pensar a poesia marginal.

Ana Cristina soube elevar com sofisticado estilo aspectos literários da poesia marginal, embora Carlos Antônio Brito, o Cacaso<sup>196</sup>, pareça ser um paradigma fundamental para refletir mais sobre essa escrita, pelo fato de que, ele deixa de fazer poesia canônica para fazer poesia marginal, e com essa atitude rearticula o aspecto da proposta cepequista na qual o artista é um revolucionário popular que se exprime com a sintaxe das massas, mas também suscita uma questão: engajamento ou qualidade literária?

A Dra. Maria Lúcia de Barro Camargo não entende serem os poetas marginais um *movimento* porque inexistente um projeto coletivo, e critica a postura de “rebaixamento do poeta e do poético”; ainda, segundo ela, esta seria uma característica **não generalizada** dos poetas desta geração.

Tal crítica vai ao encontro da reflexão Benjaminiana que sustenta que o engajamento político de uma obra é correto, se a obra for literariamente correta.

E é exatamente essa opção literária explicitamente contida na opção política que constitui a qualidade da obra<sup>197</sup>

Em Ana Cristina não encontramos indícios de querer assumir a postura anti-intelectual, embora A.C.C dialogava com toda a realidade da sua geração, e em algumas das suas produções, propositalmente se exprime com uma linguagem popular tomando partido pela experiência vivida.

---

<sup>196</sup> Ver em anexo produções De Cacaso anteriores e posteriores aos anos 70.

<sup>197</sup> BUARQUE DE HOLANDA, Heloísa. *Impressões de viagem-CPC, Vanguarda e Desbunde:1960/1970*-São Paulo:Brasiliense, 1980, p.27

A Dra. Camargo faz referência, a modo de exemplo, a um depoimento do Chacal como fazendo exemplo de rebaixamento do poético e como produção mercadológica.<sup>198</sup>

Este depoimento, exemplar, é bastante elucidativo de uma postura antiintelectual, de “rebaixamento” do poeta e do poético, postura que tem sido estendida, erroneamente e de modo generalizado, aos poetas dessa geração. Para Chacal a “luta de poesia” não é luta de palavras, como a de “O lutador” de Drummond, mas a luta pela sobrevivência, ou a poesia como meio capaz de proporcionar rendimentos. Poesia como produto mercadológico<sup>199</sup>.

A poesia como produto mercadológico está aqui pressuposta em relação àquele período, como um ponto de tensão marcante da luta da palavra poética - proposta dos anos 60 - da luta que se trava nesse momento num campo de batalha onde o sujeito romântico agonizante se debate com os primeiros momentos da mundialização.

Transcrevemos um fragmento crítico sobre a especificidade da poesia marginal para seguir desconstruindo este arquivo, levando agora em consideração o aspecto *poético*:

E talvez não seja excessiva redundância lembrar que a característica mais evidente e geral desta poesia não é “poética”, isto é, não se identifica por aspectos estritamente literários, por questões relativas ao texto<sup>200</sup>.

---

<sup>198</sup> Em breve transcreveremos um fragmento de tal depoimento.

<sup>199</sup> CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. *Atrás dos Olhos Pardos – Uma leitura da poesia de Ana Cristina César*, op.cit., 2003, p.31.

<sup>200</sup> IDEM-*ibidem*, passim.



À observação da ensaísta Dra. Maria Lúcia de Barros Camargo, supõe que poética seja, o identificável às questões relativas aos aspectos estritamente literários.<sup>201</sup>

A poesia marginal não estaria caracterizada por responder a critérios estritos literários, e sim por conservar a potência da “palavra poética” nos aspetos já destacados por Heloísa Buarque de Hollanda.

Somamos aos comentários anteriores o de o Diretor da Casa da Cultura de Santo André, que evocou a reflexão de Robert Frost que sugere identificar o que seja poesia segundo o critério de traduzibilidade:

O poeta americano **Robert Frost** (1874-1963), que escreveu *The road not taken*, define poesia como: **o que ficou para trás na tradução**. Ou seja, quando houver dúvida sobre se um texto é ou não poesia, basta traduzir. O que passou pela tradução é prosa, o que não pôde (e não pode) ser traduzido é poesia.

A primeira vez que eu vi essa definição, eu achei muito bacana: "Poesia é o que não pode ser traduzido". Os anos foram passando, e eu fui continuando a achar a definição ótima: "Poesia é o que não pode ser traduzido". Ai um dia eu resolvi que eu queria ser "tradutor de poesia", e então a tal definição passou a ser, no mínimo, um tanto contraditória... mas que fazer?!<sup>202</sup>.

Foi um achado surpreendente reencontrar na poesia este resto irreduzível, isto que resiste.

Fazer poesia parte da possibilidade de um impossível, de um inalcançável propósito de completar a série. Este *irreduzível* assinalado a partir da experiência de

---

<sup>201</sup> A nossa pergunta, cuja resposta fica postergada para futuras pesquisas é: é possível nesse momento da história da poesia brasileira isolar um aspecto meramente político ou meramente literário?

<sup>202</sup> As presentes definições de poesia foram tiradas do Anexo 1 da transcrição da palestra "*Poesia e Tradução - O papel e a importância da métrica regular na poesia; a tradução da poesia metrificada*", proferida por André Carlos Salzano Masini na *Casa da Palavra* de Santo André, SP, no dia 27/06/2002.

tradução da poesia, esse *algo que ficou para trás na tradução*, é para Masini a contradição com a qual o tradutor de poesia deve conviver. Entendemos que escrever poesia é conviver com o impossível dessa escrita que levará a fazer mais escrita, e que, em última instância, será a escrita de um hiato.

#### 4.5 Fatos e anedotas

Na realidade, os anos da ditadura no Brasil - como em geral acontece nas ditaduras - foram acompanhados de silêncio imposto pelo *processo*, e de silêncio traumático provocado pela violência simbólica do regime oficial. Possivelmente isto seja uma das causas pelas quais a poesia marginal não chegou a comportar um movimento. Um movimento para poder ser entendido como tal requer de organização e propostas explícitas. O contexto dos anos 70 era ameaçador e, em geral, qualquer tentativa de gerar *movimentos urbanos* estaria irremediavelmente fadada à sua desestabilização pela repressão efetiva, pois estes eram adaptados ou reprimidos pelo sistema oficial:

Na revista Escrita n.19, dedicado aos poetas marginais no ano 1977, Chacal declara que está na luta da poesia desde 1971, ano em que vende seus primeiros livros para custear a sua viagem à Europa e declara que, ele na realidade, não escrevia, e inclusive – pelo menos no momento de começar a escrever - lia pouco.<sup>203</sup>

Se a operação de circulação pelo mercado *underground* era de mão em mão - o que em realidade não dava suficiente dinheiro – observa Chacal, que ilusão ou aposta

---

<sup>203</sup>CAMARGO, Maria Lúcia. *Atrás dos olhos pardos*, op. cit. .p.30.

havia nessa atitude? Vejamos ainda, segundo Chacal, no mesmo depoimento, como ele consegue a sua passagem à Europa:

(...) Waly Sailormoon, que gostou bastante e botou na coluna do Torquato, Última Hora. Depois ele mandou para Hélio Oiticica, e o Hélio escreveu e saiu publicado. Senti que numa certa esfera estava agradando, que dava para continuar em aquilo. Então em 72 fiz o “Preço da Passagem” pois a turma toda estava indo, então decidi fazer o livro para descolar o preço da passagem. Consegui metade usando um mimeógrafo eletrônico, desenhos, fotografias, uma colagem, negócio de envelope, folhas soltas. Fui(...) <sup>204</sup>

Waly Sailormoon <sup>205</sup> lhe dá a visibilidade necessária para que Chacal seja publicado, e em conseqüência deixe de ser mais um *Inédito e Disperso* da sua geração.

Ante de mais nada perguntamo-nos, o que seria para o Chacal ler pouco? Logo, dizer que liam pouco os tornava menos perigosos? A colocação do Chacal *lia pouco*, na nossa leitura, está relacionado a se identificar propositalmente sob esse traço, para ser identificado às margens do sistema.

Da sua opção pela escrita, Chacal nos disse que aparece como segunda opção. De sua declaração, poderíamos inferir que há algo da ordem da impossibilidade nesta escolha. Como se ele dissesse: o meu amigo sabia desenhar um cavalo em forma realística, eu não. Mas como sabemos que estes escritores gostavam de brincar com o binarismo verdade-mentira, mais do que nunca nos lembramos do embuste da escrita, e nos abstermos de dar outra interpretação a respeito.

“(...) Tinha um lance assim: eu não sabia desenhar cavalo, mas tinha um amigo dos tempos de colégio que sabia desenhar um cavalo

---

<sup>204</sup> IDEM- Ibidem.p.31

<sup>205</sup> Também conhecido como Wally Salomão.

realisticamente. Eu nunca consegui. Então desisti de desenhar e passei a escrever.”<sup>206</sup>

Esta lembrança, abordada desde a perspectiva psicanalítica, teria tudo para ser uma “lembrança encobridora”<sup>207</sup> onde um acontecimento infantil frustrador aparentemente seria o gatilho para sua escolha.

Apenas pontuamos, sem intenção de analisar nenhum autor por meio de uma ficção:

Qual era o perigo que se corria ao se expressar realisticamente?

Heloísa Buarque de Hollanda entende um poema como autenticamente marginal quando o poeta marginal propõe uma quase coincidência entre poesia e vida. Essa proposta poderia, no limite, resultar no desaparecimento da própria poesia<sup>208</sup>. No artigo *O amor cortês na anamorfose*, Lacan refere-se à função poética da seguinte maneira: “A criação da poesia consiste em colocar, segundo o modo de sublimação próprio da arte, um objeto ao que designaria de enlouquecedor, um "partenaire" inumano.”<sup>209</sup>

Para o psicanalista francês, o modo de sublimação própria da arte evoca um objeto que, nas suas palavras: quanto mais presentificado mais a ilusão se quebra.<sup>210</sup>

Certamente o limite é tênue nas produções marginais deste período: período marcado por um conteúdo que disse de ‘uma quase coincidência entre poesia e vida, sem o lirismo canônico.

---

<sup>206</sup> IDEM- *Ibidem*, p.30

<sup>207</sup> Muitas vezes as lembranças se originam da infância. Diferentemente das lembranças conscientes da idade adulta, elas não se fixam no momento da experiência para mais tarde serem repetidas; somente surgem muito mais tarde, quando a infância já acabou. Nesse processo, sofrem alterações e falsificações de acordo com os interesses de tendências ulteriores, de maneira que, de um modo geral, não poderão ser claramente diferenciadas das de fantasias Cf. *Leonardo DaVinci e uma lembrança da sua infância*. In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, op.cit.

<sup>208</sup> HOLLANDA, H. H. O. B. . Poesia brasileira: dos anos de chumbo à pós-modernidade. Revista Porto e Vírgula, Porto Alegre, v. 40, p. 24-28, 2001.

<sup>209</sup> LACAN, Jacques. *El seminario de Jaques Lacan, libro VII: La ética del psicoanálisis*. Ediciones Paidós Ibérica, S.A p. 185.

<sup>210</sup> IDEM- *Ibidem*, p.174

Dizer dos sentimentos do dia-a-dia na a época da ditadura. Como dizê-los? Falar da revolta ante a censura. Como dizê-la? Os poetas urbanos figuras românticas vistas à distância, fazendo circular seus pequenos livros no silêncio imposto. Poetas trovadores do dia-a-dia que fazem circular, a sua maneira, um **resto**.

Ressoa então a colocação do Chacal como um fragmento de diário mentiroso: “eu não sabia desenhar “cavalos reais”, então me pus a escrever...”

Não sei desenhar gato.  
Não sei escrever gato.  
Não sei gatografia  
Nem a linguagem felina das suas artimanhas  
Nem as artimanhas felinas da sua não-linguagem....  
Ana Cristina César nos dirá em Arte – *Manhas de um gato gasto*<sup>211</sup>:

Ana Cristina César estaria conversando com Chacal?

Dizer das palavras proibidas ...Como dizê-las? Com Arte-Manhas. Caberia aqui pensar que estes poetas são o *unheimlich* da reprodutibilidade técnica e suas utopias? Antonio Carlos de Brito, o Cacaso, entende *a poesia marginal* como resistência.<sup>212</sup> Nós também.

Podemos afirmar que era um grupo descontente com os giros da engrenagem. Sim, e esse descontentamento era o motivo que lhes permitia agir, sobreviver.

O próprio sistema era um sistema de valores suspensos, de espaços proibidos e mortíferos. Tal giro ameaçava posicioná-los como **resto** do sistema. O poeta vai em busca de seus rendimentos. Tal atitude pode ser mercantilista, mas também é metáfora e poesia no meio de uma dura realidade: O poeta deve fingir ser o poeta. Fazer

---

<sup>211</sup> CÉSAR, Ana Cristina. *Inéditos e dispersos*. São Paulo: Ática, 1999. p. 74.

<sup>212</sup> Cf. Brito, Antonio Carlos de. *Tudo da minha terra. Bate papo sobre poesia marginal*. Almanaque n 6. São Paulo, 1978, p. 41.

poesia na rua, ser poeta intelectual na rua, em épocas de ditadura militar, era perigoso. Os que crescemos na América Latina, na ditadura, sendo educados para não intervir politicamente, somos *testemunhas* disso.

Parece-nos também muito importante o fato de que, apesar de pouco, os poetas marginais estipulavam um valor para essa mercadoria. Entendemos que é a chave que lhes permitia subsistir simbolicamente no sistema. Os poetas marginais com seus livros artesanais parecem ser, na realidade de hoje, o contraponto aos poetas maquinais. Então evoco as instigantes palavras do artista plástico Waltércio Caldas, por ocasião da sua visita a UFSC em 2005: hoje existem artistas sem obras!. Isto pode ser entendido da seguinte maneira: a máquina cria um nome, o difunde e, dessa maneira, lhe assegura o valor de consumo a ser consumido. Por outro lado, o artista esvaziado da sua humanidade não cria. A máquina de produção em série tritura o autor. Então já não é o leitor que mata o autor, como propõe Roland Barthes, é o sistema . Desde outro ponto de vista, a máquina de produção em série mata também o leitor, que, tendo que produzir, tem a frustrante sensação de que sempre é pouco aquilo que leu e, correndo atrás da máquina a limites de *stress*, a certa altura lhe impedem realizar qualquer leitura. Será que isso faz parte do que se pretende do intelectual atual?

A representação artística está vazia. Os poetas marginais experimentavam na carne a mutação do sistema.

Sim, entendemos que os poetas marginais começavam a ser o **resto indesejável** da grande máquina produtiva. Neste sentido, eles parecem ser os **restos** dos destinados a desaparecer. Até que ponto as nossas classificações não podem se converter em **armas mortais** do sistema mercadológico?

## 4.6 Ana Cristina - objeto de doutorado-

A perspectiva de um olhar necessita de marcas. Estas seriam encontradas e integradas ao sistema,

A passagem do esquema de circulação alternativo, ou marginal, para o sistema de mercado das grandes editoras poderia permitir a reavaliação destes trabalhos, já sem o charme da presença do autor e sem auxílio do “valor poético” que tal prática pode adquirir no contexto repressivo dos anos 70. Este princípio me permitiria delimitar de algum modo o *corpus* de tese, garantindo, ao mesmo tempo, certa distância em relação à produção e circulação dos poemas<sup>213</sup>.

Perguntamo-nos qual seria a distância necessária para a escrita? A princípio, o que sabemos pela ensaísta é que no momento de configuração de sua tese cuja questão era a estética da *poesia marginal*, a morte da escritora carioca encontrou uma leitora, e um lugar no curso de Letras da Universidade de São Paulo: “Ouço ainda a (in)consequente pergunta: Ana Cristina dá tese?”<sup>214</sup>:

Atração por essa instigante palavra de mulher e alguma perplexidade com essa poesia que eu ainda não sabia definir; esses eram os sentimentos e as reflexões que me ocupavam quando li à trágica notícia. O mergulho em sua obra foi inadiável e inevitável. O aprofundamento na leitura da poesia de Ana Cristina levou-me à decisão de nela concentrar meu trabalho<sup>215</sup>.

*Atrás de os olhos pardos* ficou sem ser publicada por alguns anos, talvez, esperando distância necessária.

---

<sup>213</sup> CAMARGO, Maria Lucia de Barros. *Atrás dos olhos pardos*. op. cit., p. 14-15.

<sup>214</sup> A tese *Atrás dos olhos pardos*. Uma leitura da poesia de Ana Cristina César foi defendida em 1990 pela Dra. M.L.Camargo, na Universidade de São Paulo.

<sup>215</sup> CAMARGO, Maria Lucia de Barros. *Atrás dos olhos pardos*. op. cit., p. 16.

Retornamos com esta produção de tese a ele, do qual tivemos notícia do seu lançamento em ocasião de estar tendo aula com a professora-autora. Isto nos faz refletir sobre o espaço da academia como um possível lugar onde o acadêmico e o *testemunhal* muitas vezes coincidem, em consequência diremos que a academia pode ser um lugar fundamental de aberturas de arquivos.

A relação de Ana Cristina César com a tradição nos ajuda a seguir pensando os limites.<sup>216</sup> A intensidade poética de sua obra, é o modelo paradigmático de uma obra engajada que contém uma ação literária que não nega sua biblioteca.

Na medida em que nos aproximamos à obra de Ana C. nos deparamos com as dimensões do tão teorizado Texto barthesiano que estavam aí, tão verídicas como um sonho no momento em que é sonhado por nós.

Barthes encontra-se com a experiência de Mallarmé no interior de uma reflexão sobre a estrutura do suicídio, que se refere às estruturas que procuram na destruição de seus signos, de seus hábitos formais, a condição para a existência da Literatura. Tal destruição pode ser pensada junto ao desejo de memória que tomamos de Derrida. Mallarmé, disse Barthes, “expressa cabalmente este momento frágil da História em que a linguagem literária se conserva unicamente para cantar melhor sua necessidade de morrer”.<sup>217</sup>

Ana Cristina é uma antropófaga dos antropofágicos, os lê, e em esse ato destrói os signos, os anarquiza.

---

<sup>216</sup> Pensar a relação de Ana C. com a sua tradição textual é pensar sobre a relação com as suas identificações, como se relaciona com seus pais literários e com a realidade da sua época. Ana Cristina César é uma leitora desejanter que representaria as inquietudes da sociedade dos anos 60 –70, dialogando com as inquietudes mundiais. Linguagem nova, liberada dos estereótipos formais que amarram a Tradição. Mas essa negação não tem outro espaço para se realizar senão a Literatura mesma. Por mais radical que seja a destruição a que está submetida, o olhar estetizante que faz parte da *aventura literária* se apropria finalmente por meio da escrita.

<sup>217</sup> BARTHES, Roland. *El grado cero de la escritura. Nuevos ensayos críticos*. 1983, p. 56.



Vejamos ainda com Maria Lúcia Camargo a esse respeito:

Mas em Ana Cristina a relação com a tradição literária não vai se limitar a influências, nem será apenas prática epigonal da modernidade.

É o processo construtivo da obra, conscientemente planejado e elaborado: paródia, pastiches, apropriações de versos, alusões e referências diretas a autores amados, a amigos e outras artes e com um sentido que extrapola o do jogo, o do exercício lúdico com as palavras, ou o do resgate e da releitura do passado. Isso tudo faz parte, mas não é tudo<sup>218</sup>.

Ana Cristina César manteve uma relação textual transgressiva, mas evocando nostalgicamente a sua tradição, sem perder o traço tão próprio dos modernistas que parodiavam, agora rabiscando num espaço com suas próprias marcas o corpo do matador<sup>219</sup>.

---

<sup>218</sup> CAMARGO, *Atrás dos olhos pardos*. op.cit., p. 83.

<sup>219</sup><sup>219</sup> A poesia de Ana Cristina é não experimental e não formalista, no sentido de filiação às correntes estéticas que ocupavam o centro da cena. É importante ressaltar, no entanto, que esta definição pela negativa não supõe que a poesia de Ana seja anti- intelectual. Bem ao contrário, a caracterização da nova poesia brasileira como informal contraria tanto as tendências classicizantes como as experimentais e, implicando o abandono da expressão intelectualizada, será tematizada na poesia de Ana. Se o escritor marginal nega a biblioteca, A.C.C, não se afasta dela, mas pelo contrário, nela inclui as edições de mão em mão de seus contemporâneos. A poeta, com suas técnicas, demonstra ser uma autora comprometida com a tradição. Quando ela enfrenta o *mito literário*, o faz conservando o lirismo. Que se possa apreender em seus textos uma crítica ideológica dirigida tanto aos seus companheiros de geração quanto à tradição, isso se deve ao fato de que a todos lia estabelecendo um laço literário e semeando memória. A série de poemas da *gatografia* de Ana Cristina nos mostra a dimensão do significante e a relação com a sua época, bem como tece a textualidade como um espaço único numa nova linguagem. Ela é um flâneur que vagueia com o seu olhar. Entretanto esse olhar, ao se deter na *letra*, permite que o *olhar estetizante-desejante de memória* faça texto. E porque há texto, sabemos da marca. Na verdade, este jogo textual parece propor um outro conceito de novo e original, que talvez não passe da exacerbação e da explicitação de táticas antigas, porém veladas na modernidade, e que trabalha a originalidade do palimpsesto pelo modo de olhar e de trabalhar sobre seus restos, seus rastros. O título *Gatografia* parodia a tradição literária, no sentido que Bakhtin dá a este termo. O sétimo poema dessa série assinado por Ana Cristina César, *D'après Jorge de Lima* ( ver anexo III) é tomado como um dos poemas da relação da poeta com a sua tradição. As paródias constituem, para Bakhtin, um discurso que chamaremos de referência ao discurso do Outro. Ana C., por um lado, toma uma (obra) arquivo, mas também assinala um traço, uma marca ou signo que diz respeito à posição do leitor no tecido textual.

## 4.7 Da literatura e a pulsão de morte

Genette descreve a literatura como uma construção de segundo grau feita de pedaços de outros textos que coloca um mapa genérico para a leitura. Limita o termo intertextualidade à citação, ao plágio e à alusão que pode criar a paródia. Por nossa parte pensamos em termos de textualidade seguindo a Barthes. Entendemos que Genette trabalha com a idéia de fragmentos de um arquivo ainda na chave da Obra, no sentido de somatória (hipertexto) ou subtração (hipotexto) de fragmentos.

Muitos críticos contemporâneos concordam que a paródia não só reitera outros textos, como também a sua diferença textual e contextual em relação ao original por uma generalidade irônica (sem conotação pejorativa). Frequentemente, a paródia não satiriza, nem pretende corrigir o *original*, mas diverte e até pode ridicularizá-lo.

O conceito de Palimpsestes, tal como proposto por Genette, é um avanço conceitual, embora a sua rigorosa taxionomia reduza o poder interpretativo do termo. Neste caso, retomamos somente o que diz respeito ao hipotexto, modelo do qual se parte, e um outro termo, que o contém e o absorve, o hipertexto. Genette tem observado que entre todas as relações entre um hipotexto e um hipertexto, há transformação por transposição.

Pierre Menard, *autor del Quijote* apresenta a leitura e a escritura como duas caras de um mesmo ato. Borges através de Pierre Menard, diz que: "he reflexionado que es lícito ver en el Quijote final uma espécie de palimpsesto, en el que deben traslucirse los rastros - tenues pero no indescifrables - de la previa escritura".<sup>220</sup>

---

<sup>220</sup> BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. In: *Obras Completas, vol I*.SP: Globo1998.p 495

Deste modo, desde uma perspectiva da crítica literária, escrever seria reler um texto anterior, reescrevê-lo, superpor um texto novo a um texto antigo, Textos cuja tessitura tênue é de marcas.

A natureza do palimpsesto do texto literário está sugerida por Borges no parágrafo final do *El inmortal*, que é o mais próximo a uma representação do texto total, e que contém tudo o que é possível expressar. Por isso, conclui que o todo não é mais que "Palabras, palabras desplazadas y mutiladas, palabras de otros, (...) la pobre limosna que le dejaron las horas y los siglos"<sup>221</sup>.

A construção de um estilo é produto de marcas, marcas que desenham uma trilha infinita. Marcas de desejo, sem objeto predeterminado. Trilhas constituídas por marcas que desenham um vácuo que é a própria obra, como marca do palimpsesto.

Mas o que é o estilo senão o comprovante do que falta, e do que sempre faltará: uma obra absoluta e concluída. A construção de labirintos (centros moveis) é a possibilidade da humanidade de construir a sua maneira o infinito. Se o homem quer morrer a sua própria maneira segundo lemos em *Mais além do principio do prazer*, escrever é dilatar o momento da morte e nesse caminho *fazer Literatura*.

O ponto final sempre gerará **resto**.

Das relações institucionalizadas, formal ou informalmente, diremos que são aquelas cujas possibilidades realizam-se via linhas de identificação coletiva, o eu ideal, o ideal Imaginário, e as vertentes culturais do ideal do eu, do ideal simbólico<sup>222</sup>. Dentro das linhas de identificação coletiva, a instância do *eu* freudiana constitui-se via estas duas vertentes.<sup>223</sup>

---

<sup>221</sup> IDEM-*ibidem*.

<sup>222</sup> Lacan chama de *função simbólica* o princípio inconsciente único em torno do qual era possível organizar a multiplicidade das situações particulares a cada sujeito.

<sup>223</sup> C.f LECMAN Teodoro Pablo. *El sentido de la escritura de los casos clínicos en psicoanálisis*. In: tese de doutorado. 15/4/2005. Universidad de Buenos Aires. Digitalizada.

Também das relações não institucionalizadas diremos: são aquelas que falam do poder da literatura de neutralizar ou desestabilizar o poder fascista da língua.

Barthes quando observa que a língua obriga a dizer, recoloca a questão normativa da língua onde o significante está inserido: “falar é exercer uma vontade de poder”<sup>224</sup>.

*Sabemos do Texto no entrecruzamento virtual de todos os discursos em posição trivial com respeito à pureza das classificações.* Refletimos sobre *O Texto* a partir do nada que precede a língua – segundo a definição de Saussure - cuja eficácia se reflete na destruição dos arquivos. Queremos dizer com isso que o que precede a Língua é o irreduzível que habita na **alingua**.

O que escapa funda a proliferação Textual. Saussure dá vida ao seu Frankenstein feito do estofo da pura diferença, ou melhor, vitaliza ao *matador tupi*, agora leitor, que lendo o corpo do matador é marca, entre outras marcas, que nos lembram que a vida como Zoe irremediavelmente perdido, enquanto que marcada discursivamente é Bios.<sup>225</sup>

Que marcas são essas? Do que se trata é de leitura a partir dos traços do palimpsesto.

As relações institucionalizáveis encontram-se fazendo parte da Literatura. São as grandes e pequenas obras e conceitualizações, os gêneros, as teorias literárias que o desejo de memória anarquiza no texto. Nesse sentido, o desejo de memória comporta uma dimensão política.

---

<sup>224</sup> Roland Barthes: *Escritores, intelectuales, profesores*, in, *Lo obvio y lo obtuso*. Barcelona, Ed. Paidós, 1986; p. 315.

<sup>225</sup> Os gregos distinguiam entre ZOE, que expressava o fato de viver comum a todas as espécies e BIOS que significava a maneira peculiar de viver de um indivíduo ou grupo, no capítulo cinco é retomado este comentário.

## 4.8 Estudos subalternos, o que restou?

Os precursores dos Estudos Culturais que datam dos anos 70 – do século XX – foram os pioneiros ingleses Richard Hoggart, Raymond Williams, E. P. Thompson, e Stuart Hall. Os pressupostos fundamentais dos Estudos Culturais levam consigo o deslocamento do sentido de cultura, da sua tradição elitista, para as práticas cotidianas.<sup>226</sup> O pressuposto conceitual que se inaugura em literatura com os *estudos culturais*, política e filosoficamente, é que cultura não seria um conjunto de *obras*, mas um conjunto de *práticas*, e incorpora um sujeito que pode criar *e agir sobre a realidade*. Por que é importante a ênfase no entendimento de *práticas culturais* para esta rama da literatura? O conceito de cultura associado à idéia de prática aponta para o sentido de ação, agenciamento humano, isto é, a cultura seria então a tradição herdada e um grande número de intervenções que agem sobre a história, contemplando as relações de poder, como região de disputas e de conflitos acerca do sentido e enfrentamentos entre modos de vida diferentes. É importante diferenciar os estudos culturais ingleses e norteamericanos dos latinoamericanos, na atualidade, fundamentalmente, do que pretendem, já que ao longo dos anos foram desenvolvendo interesses diferentes, assim como suas próprias propostas. Alguns dos debates transcendentais que hoje atravessam os campos dos estudos culturais latinoamericanos reivindicam a autonomia dos estudos culturais latino-americanos destacando especificidades que, em última instância, dizem respeito a uma conjuntura da realidade latino-americana em vias de globalização.

---

<sup>226</sup> Seus antecedentes foram o movimento no campo dos estudos literários e debate gerado pela Escola de Frankfurt.

Acompanhando os debates e diversas produções dos estudos culturais latino-americanos atuais observamos que existe uma preocupação por redefinir a esfera pública e o lugar do intelectual nos processos de institucionalização.

Reivindica-se a urgência de priorizar os saberes locais a respeito daqueles gestados em espaços centrais, regionais, ou internacionais; a leitura de questões de classe, raça e gênero, ou o lugar da ideologia, e outros como aqueles que dizem respeito a problemáticas migratórias.

Os chamados *estudos subalternos* são um ramo dos E. C., sendo que nascem a partir desse intuito e desse contexto, no qual se insere *o testemunho*<sup>227</sup>, que é um gênero literário que terá a ver com a impossibilidade de narrar como Nanne Timmer destaca muito apropriadamente<sup>228</sup>, e que o nos interessa particularmente, dado que entendemos que o lugar do autor e o do leitor –barthesiano- se superpõem. Nele, tal como os estudos culturais o estabeleceram, encontramos três posições: a do informante, a do editor a do leitor.

Assim o editor que relata a história do informante a *quem não é possível narrar* (por desconhecer o idioma espanhol, no caso de ser indígena guatemalteco, ou ser analfabeto, ou outros impedimentos). O editor não apenas **assinala a posição** daquele a quem dá voz e sobrecodifica, como também faz parte da ficção, que chega a nós, leitores.

O que entendemos é que a escrita não é aquilo que determina que a pessoa seja ficcional, mas que a escrita dimensiona textualmente uma ficção que é constitutiva do ser: **o eu.**

(...) o leitor é tomado por uma inversão dialética: finalmente, ele não decodifica, ele *sobreodifica*; não decifra, produz, amontoa linguagens,

---

227 Nele, encontramos três posições: a do informante, a do editor a do leitor.

228 CAMARGO, Maria Lúcia de Barros(et.alii) *Pós –crítica*. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2007, p.14

deixa-se infinita e incansavelmente atravessar por elas: ele é essa travessia.

Ora, essa é a própria situação do ser humano, pelo menos tal como a epistemologia psicanalítica tenta compreendê-lo: um sujeito já não pensante da filosofia idealista, mas sim despojado de toda sua unidade, perdido no duplo desconhecimento de seu inconsciente e da sua ideologia, e só se sustenta por uma sucessão de linguagens (...) toda leitura procede de um sujeito e desse sujeito se separa apenas por mediações raras e tênues, o aprendizado das letras, alguns protocolos retóricos, para além dos quais é o sujeito que depressa se encontra na sua **estrutura própria, individual**<sup>229</sup>: ou desejante, ou perversa, ou paranóica, ou imaginária, ou neurótica – e, bem entendido, também em sua estrutura histórica: alienado pela ideologia, por rotinas de códigos<sup>230</sup>.

Junto com os estudos culturais, mas numa clave que contempla a dimensão do sujeito na linguagem, entendemos que a cultura deve a sua construção a uma ficção básica, da qual não podemos excluir o *mais além do princípio do prazer*, a dimensão egóica cujos fundamentos últimos são discursivos.

A posição discursiva do sujeito humano depende, como bem o destaca Barthes, da sua alienação ideológica, o que terá a ver com a disposição epistêmica (Foucault), e **da sua estrutura própria** como Barthes coloca, da que diremos que: temos que pôr em questão em que medida lhe é própria tal estrutura?

Em literatura, estas não podem ser outras que práticas de escrita e escritura, de *sobrecodificação*, diríamos com Roland Barthes, com a condição que se entenda a codificação como uma enunciação que requer um leitor, *ou desejo de leitura*.

A escrita delinea a máscara mortuária de um sujeito escrevente, o autor; cada palavra escrita nos reenvia a um outro. O momento do ponto final é o instante que **marca** a morte do autor, sempre entendido como leitor-desejante, o qual deixa de ser um *autor-leitor* para ser um leitor. A Obra é *irrecuperável* na sua totalidade, e a máscara um semblante para um sujeito vazio.

---

<sup>229</sup> O destaque em negrito é nosso.

<sup>230</sup> BARTHES, Roland. *O rumor da língua*., op. cit., 41-42.

O *gênero de testemunho*, que dentro dos estudos culturais subalternos é a proposta de *dar voz* ao marginalizado, nos traz uma situação paradoxal que abordaremos através de o evento Rigoberta Menchú. Tal situação é o que denominamos como o ventriloquismo da personagem, personagem esta de quem se supõe que não tenha voz por não ter representabilidade dentro das altas esferas do poder, mas que, quando adquire voz, deixaria de ser personagem para se converter em humano.

Tal prática propõe uma ficcionalização da vida nua. Parece-nos mais importante o laço que se estabelece que a própria ficção estabelecida, dado que o editor cumpre uma função de agenciamento por meio da escrita.

Mas o foco de interesse dos estudos culturais é um território geográfico conhecido como *subalterno* no jargão destes estudos, e que se encontra fora dos grandes centros de progresso econômico.

Estes territórios, nos dirá Bauman, desempenharam durante a maior parte da história moderna o papel crucial de depósito de lixo, **lixo humano**, parte de que uma boa parte da história da modernidade não atingiria frontalmente pelas pressões modernizadoras e que inclusive territórios do terceiro mundo eram vistos como territórios:

(...) terras capazes de absorver os excessos populacionais dos “países desenvolvidos” – destinos naturais para a exportação de pessoas redundantes e aterros sanitários óbvios e prontos para serem utilizados para o despejo do refugio humano da modernização<sup>231</sup>.

Ante tal perspectiva, eram necessárias soluções mundiais para os diversos problemas locais.

Atualmente, os estudos culturais dos países anglo-falantes recebem severas críticas, entre outras as de serem agentes de domesticação do sistema capitalista.

Outra crítica é produto de tensões internas dentro da instituição literária.

---

<sup>231</sup> BAUMAN, Zigmund. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 2005. p.12.



Um fato atual é que os estudos culturais estão predominando, sobretudo nas universidades norte-americanas, em detrimento dos *estudos literários*, adverte Alberto Giordano. Trata-se de uma complexidade que pode ser abordada desde vários aspetos.

Os críticos da cultura tomam a Literatura como um discurso a mais, diferente dos outros, segundo uma tipologia de base retórica e por um traço distintivo: a ficcionalidade. O que se estaria pressupondo é que Literatura e a Cultura são termos solidários e que a primeira faz parte da segunda, bastando considerar a sua inclusão para que se volte mais valiosa e menos limitada.<sup>232</sup>

Giordano reivindica o espaço dos estudos literários frente ao crescimento dos estudos culturais nos EEUU.

O *testemunho*, inaugurando certa vertente dentro dos estudos culturais, era a expectativa de um veículo para um novo tipo de estudos literários. A proposta inicial era que estes estudos fossem a forma narrativa principal numa sociedade revolucionária em que a nova literatura poderia inscrever novas identidades culturais.

A proposta a princípio era: os estudos culturais, propondo-se como marginais, teriam a função de operar como uma força anti-disciplinar dentro dos próprios estudos culturais. Beasley Murray retoma uma análise de Frederic Jameson<sup>233</sup>. O questionamento de Jameson é o seguinte: as pegadas dos estudos culturais surgem nos lugares mais inesperados, mais como sentimento que como desejo, nos dirá. O fator sentimento, a paixão da massa literária, é visto por ele como um fator que impede que os estudos culturais realizem a sua proposta.

---

<sup>232</sup> GIORDANO, A. op.cit., p. 39

<sup>233</sup> BEASLEY-MURRAY, John. *Hacia unos estudios culturales impopulares: la perspectiva de la multitud* in: MURANA, Mabel. *Novas perspectivas desde/sobre a América Latina: O desafio dos Estudos Culturais*. Pillaburgh, Cuarto Próprio, Instituto Internacional de Literatura Americana, Santiago do Chile. 2000 p. 174.

No caso dos EEUU, o preço a ser pago pela sua afirmação parecer ter sido o de ter se disciplinado e domesticado a ponto de ter se afastado dos ideais que outrora foram as bases políticas e filosóficas destes estudos.

John Beasley Murray escreve a respeito dos Estudos Culturais e, dentro deles, sobre o gênero de testemunho, em seu artigo *Hacia unos estudios culturales impopulares: la perspectiva de la multitud*:

O testemunho parecia ser a oportunidade de radicalizar a recuperação democratizante da cultura que ofereciam os estudos culturais, que vai mais além de uma simples aplicação dos estudos literários a campos não-literários<sup>234</sup>.

No texto, J. B. M. considera o fator *sentimento* fundamental no fracasso dos estudos culturais. O popular converte-se em populismo: "(...) Tal populismo limita o poder analítico e o projeto social dos estudos culturais"<sup>235</sup>. Assim, o destino que tomou o projeto cultural perdura em detrimento da consciência política de tais estudos, segundo ele.

O destino tomado, neste caso, seria *o populismo*, é claro, cujos protagonistas seriam os porta-vozes da subalternidade que na atualidade são os defensores de uma esquerda entendida como radical.<sup>236</sup>

O projeto, como foi dito, teria a ver com uma radical recuperação democratizante dos países conhecidos como pós-colonialistas, o que, a rigor, incluiria toda a América latina, desde a ótica dos estudos culturais de língua inglesa para os quais os pós-colonialistas eram produto da destruição da identidade cultural e do empobrecimento crescente da maioria da população discriminada.

---

<sup>234</sup> IDEM-Ibidem. p. 175

<sup>235</sup> IDEM-Ibidem.

<sup>236</sup> Agradecemos ao Professor Raúl Antelo que gentilmente em entrevista (2007) na que fez observações conjunturais e políticas, que contribuíram a que ampliemos o panorama da situação atual de tais estudos. Vale lembrar que o professor Antelo participou como um dos palestrantes-internacional realizado na Universidade de Pittsburgh em março de 1998.

Laclau, no sentido exposto por J.B.M, faz referência a uma tendência do bloco de poder ficar vazio. Para ele, como para muitos outros críticos, ao invés do popular gerar a pretendida mobilização social e a conseqüente representação no poder do subalterno, os estudos culturais se perdem no populismo, no sentimentalismo subjetivo, obtendo, desta maneira, como resultante, o efeito contrário: *a desmobilização* que seria o contrário da mobilização social democratizante.

Basley Murray avalia a situação dos estudos culturais no mencionado artigo classificando, estes como constituidores de a massa literária. Por outras vias, Basley retoma questões que bebem do moinho de Le Bon<sup>237</sup>: o grupo psicológico é um ser provisório, formado por elementos heterogêneos, que, por algum momento, combinam-se como células que constituem um corpo vivo, formando, por sua reunião, um novo ser que apresenta características muito diferentes daquelas possuídas por cada uma das células isoladamente. Murray propõe, como perspectiva desestabilizadora, que a massa caminhe na perspectiva de ser uma multidão para devolver uma dinâmica à subjetividade social.

Le Bon pensa que os dotes particulares dos indivíduos se apagam num grupo e que, dessa maneira, sua distintividade se desvanece dando lugar a outros fenômenos. Entre estes, destaca-se que a massa aparece desprovida de vontade.

Proponho que pensemos primeiro *o que* poderia ser *uma massa* em Literatura?

Em princípio, devemos ser cautelosos ao querer concluir o que J. B. Murray quis dizer com massa literária. Podemos estar incorrendo no velho erro de estabelecer uma isomorfia ao analisar um grupo de leitores e classificar estes como massa literária, com o fim de transladar os atributos de uma à outra.

---

<sup>237</sup> LE BON, Gustav. *Psicologia das massas*.1985. p. 14

Tal isomorfia é um dos problemas com os quais se depara a literatura quando se afirma uma relação estrutural entre a estrutura do aparelho psíquico e a estrutura de seus objetos de estudo.

Certamente é válido, como desde o início sustentamos, a possibilidade de *migrar* conceitualmente, mas uma coisa é usar metaforicamente uma terminologia e outra é estabelecer uma *isomorfia* a serviço de uma homogeneidade ideológica suspeita. Parece-nos que em certa medida está se operando uma *migração conceitual*, ao colocar os fatos que causam o questionamento de J. B. M. em termos de massa literária, mas também nos parece que ao definir a dinâmica de tal massa a partir dos fenômenos psicológicos tal como os concebe Lebon pode se estar estabelecendo uma isomorfia perigosa, que pode descuidar e até desvalorizar o motivo de algumas importantes conquistas dos estudos culturais, inclusive aquela que lhe proporcionou o reconhecimento por meio de um Prêmio Nobel no ano 1992.

A crítica, nesse sentido, é a de que

(...) uma adesão sentimental ao povo e ao popular estrutura toda uma série de suposições fundamentais de estudos culturais, desde sua incapacidade de tratar com seriedade o estado até a promoção do conceito de hegemonia<sup>238</sup>.

A proposta básica seria adotar o conceito de *multidão* como figura alternativa para quebrar com o efeito de massa.

Mas, a estas alturas, pensar em multidão, embora como estratégia operativa, não seria, ainda, habitar a dicotomia multidão/massa?

---

<sup>238</sup> BEASLEY, J. IDEM-ibidem.

A impossibilidade à qual a vida em sociedade dá forma refere-se ao gozo, ao ser. Porque o acesso ao ser é impossível, aquele que fala é que deve procurar sua garantia junto àquele a quem se dirige. Na sociedade, trata-se de amar seu próximo como a si mesmo, um si mesmo improvável, difícil de definir<sup>239</sup>.

"É necessária uma reconversão dos estudos culturais para fazê-los novamente impopulares" é a proposta J. B. M.

Faz então uma crítica aos estudos subalternos, que consiste em afirmar que eles não têm conseguido uma produtividade do conceito de subalterno, mais parecendo um exercício de negação. A multidão, dirá, possui uma auto-constituição produtiva, que tem sido abafada e a negação dessas não permite sua auto-afirmação. Para J. B. M. os estudos subalternos invertem a finalidade dos estudos culturais subalternos, entendidos como possibilidade de revolução cultural. O que agora se pretende é que a massa literária se converta em multidão. A característica fundamental da massa é que é um fenômeno coletivo, formado por uma coletividade de pessoas. Estas pessoas reagem em forma passiva ou mantendo uma determinada similitude nas formas de reagir.

A diferença entre *massa* e *multidão* para J. B. M. é que o indivíduo, na massa, perde sua autonomia, e na multidão as partes podem se desagregar uma por outra e inclusive se adjudicar às pessoas uma psicologia por separado.

O evento Rigoberta Menchú contribuiu em muito para que os estudos subalternos entrassem em questão. Menchú recebe o prêmio Nobel da Paz em 1992 como representante do suprimento dos povos indígenas da América Latina, por ser figura representante da resistência guatemalteca e promotora do processo de paz no seu país. Dezesesseis anos após a publicação do testemunho, a opinião pública internacional reage de

---

<sup>239</sup> POMMIER, Gerard .Freud apolítico?,op.cit., 29

outra maneira. Desta vez, a crítica se concentrou nas controvérsias a respeito da atitude política de Rigoberta Menchú e da veracidade do seu testemunho, publicado em 1982.

A ganhadora do prêmio Nobel perdera sua auréola e é qualificada de controvertida. O caso não somente ocupou as páginas principais da imprensa, como também foi escândalo dentro dos círculos acadêmicos, especialmente na área de literatura norte-americana. As controvérsias concentram-se na atitude de Menchú em seu próprio país, acusada de promover a violência na Guatemala e na veracidade do testemunho.

O fator que disparou o escândalo foi um livro publicado por David Stoll, um estudante alemão na Guatemala. A crítica de Stoll corresponde à revisão crítica que se pode observar, hoje em dia, a respeito das posições políticas de solidariedade que respaldam os movimentos de liberação da América Central, dos quais, por sua vez, participam muitos intelectuais americanos e europeus nos anos oitenta. A questão mais controversa refere-se a *the legacy of guerrilla warfare*, isto é, à legitimidade da guerra de guerrilhas.

A Stoll não cabe a menor dúvida de que a guerrilha guatemalteca se deve em grande parte à repressão que sofreu o povo Quiche, nos anos setenta e oitenta. A sua leitura se limita a referir como estão representados, naquele testemunho, os conflitos políticos daquele tempo na Guatemala e o desenvolvimento político da ativista Rigoberta Menchú. O antropólogo se propõe a desmascarar uma suposta manipulação política, levada a cabo por Rigoberta Menchú. Esta manipulação basear-se-ia, segundo ele, numa concepção reducionista dos problemas reais, quer dizer, para Menchú, o conflito na Guatemala teria lugar em duas frentes somente: a guerrilha e os militares, ou melhor, indígenas e ladinos.

Embora toda essa problemática tenha colocado na vitrine os estudos culturais, a ameaça à figura de Menchú teve repercussões notáveis, digamos até que criou uma certa desconfiança sobre a veracidade dos testemunhos subalternos.

O maior problema da argumentação de Stoll é ignorar o traço específico do gênero de testemunho e seu acarretar ambíguo, para o que é necessário levar em conta a trajetória percorrida pelos discursos sobre a literatura testemunhal dos anos setenta.

Sobre o traço específico do gênero testemunhal poderíamos, ainda, lembrar que o gênero do testemunho nasce nos anos setenta. Nele, encontramos três posições: a do informante (neste caso, Rigoberta Menchú); a do editor (nesse caso, Elisabeth Burgos); e a do leitor (por ex., Stoll).

O gênero literário de testemunho, segundo seu conceito clássico, oferece um exemplo específico das configurações culturais correspondentes a esta realidade. Os conflitos armados nos países de terceiro mundo, o terror militar, o auge dos movimentos de libertação nacional, os movimentos estudantis, a guerra fria, os crimes contra a humanidade, enfim, tudo isto leva a uma concepção fragmentada do mundo. A bipolaridade, que encontra Stoll na percepção do mundo, através do testemunho de Menchú, não é produto de um discurso individual, tampouco é somente o resultado de uma ideologia, tendo mais a ver com as fortes confrontações e *problemas locais*, tanto no que se refere aos países do primeiro mundo como aos do terceiro.

Dessa maneira, o que haveria que submeter à prova não é a pessoa de Rigoberta Menchú, e sim, o conceito clássico de gênero de testemunho.

Não é mais possível distinguir de um lado a vida social, regada por imperativos econômicos e políticos, e de outro a vida fantasmática de cada um que viria aí procurar uma migalha de subsistência. Ao contrário, porque o ser humano encontra um malogro na ordem de seu gozo, esse fracasso forma a energia de uma busca que está na origem das invenções e do progresso social. O mesmo fracasso está simultaneamente na origem da vida fantasmática. Assim, a vida fantasmática individual e a que rege a vida social encontram seu motivo no mesmo defeito. O sujeito é esse algo impossível que o

tecido social delimita, e a realidade social, política, coloca em cena o fantasma, cujo desdobramento se opera a partir da materialidade do significante.<sup>240</sup>

Cabe destacar que atualmente Rigoberta Menchú está se propondo como candidata a presidente da Guatemala, e que se ela conseguir se eleger, será a primeira presidenta mulher que tenha ganhado um premio Nobel. Rigoberta Menchú luta por uma representatividade americana, ela como todos nós é uma sobrevivente de Auschwitz a sua maneira.<sup>241</sup> Mas no caso de R.M mais que nunca se evidencia a ficção que se estabelece entre o lugar do enunciado e o da enunciação, a diplopia que o homem ou a mulher é.

---

<sup>240</sup> IDEM-ibidem, p.67.

<sup>241</sup> Retomaremos este ponto.



## CAPÍTULO V

### No princípio foi o número...

(...)diz Marinetti: «Há vinte e sete anos, nós futuristas contestamos a afirmação de que a guerra é antiestética (...) Por isso, dizemos: (...) a guerra é bela, porque graças às máscaras de gás, aos megafones assustadores, aos lança-chamas e aos tanques, funda a supremacia do homem sobre a máquina subjugada. A guerra é bela, porque inaugura a metalização onírica do corpo humano. A guerra é bela, porque enriquece um prado florido com as orquídeas de fogo das metralhadoras. A guerra é bela, porque conjuga numa sinfonia os tiros de fuzil, os canhoneiros, as pausas entre duas batalhas, os perfumes e os odores de decomposição. A guerra é bela, porque cria novas arquiteturas, como a dos grandes tanques, dos esquadrões aéreos em formação geométrica, das espirais de fumo pairando sobre as aldeias incendiadas, e muitas outras (...) Poetas e artistas do futurismo (...) lembrai-vos desses princípios de uma estética de guerra, para que eles iluminem a vossa luta por uma nova poesia e uma nova escultura!

*Walter Benjamin, in 'Magia e Técnica, Arte e Política.*

### 5.1 A bela maquiagem da pulsão de morte:

No fim de abril de 1941, seis meses depois da Alemanha nazista ter invadido a Polônia dando início à segunda guerra mundial, uma comitiva militar de seis veículos se dirigia de Berlim para o sul da Polônia. A missão estava a cargo de Rudolf Hoss, que atravessava as estradas junto à *Da Stoßtrupp* "tropa de choque" de Adolf Hitler. O lugar procurado era um galpão de madeira construído pelo império Austro-Húngaro durante a primeira guerra mundial, que ficou conhecido como o maior campo de extermínio da história: Auschwitz. Hoss tinha a missão de criar um campo antes da

chegada do inverno. O local eleito encontrava-se a 30 km de um conjunto de minas de carvão da melhor qualidade. Outra das vantagens para o moderno progresso industrial pretendido era o fato de que Auschwitz atrairia investidores para a região, como foi o caso do gigantesco complexo industrial IG Farben, que em troca de mão de obra barata instalou uma fábrica de combustíveis e borracha sintéticos conhecida comercialmente como Buna (Bu: butadieno e Na:Sódio). O marechal Heinrich Himmler, comandante supremo da SS, que já tinha visitado em reunião secreta o local no mês de Março, ansiava albergar 30.000 pessoas úteis para trabalho escravo no campo, sendo que defendia o extermínio pelo trabalho<sup>242</sup>. Efetivamente, no portão principal do campo, está escrito em alemão: *Arbeit macht frei* "O trabalho liberta", paradoxalmente do lado, encontrava-se a linha de trem que levava até as câmeras de gás. Na manhã de 20 de janeiro de 1942, o general Reinhard Heydrich leu no palácio de Wannsee o documento conhecido como o *protocolo de Wannsee*, assinado pelo marechal Goering, que autorizava a tomar as medidas necessárias para solucionar o problema com os judeus face à escassez de comida. Nesse dia foi tomada a decisão que se conhece historicamente como, *a decisão final*: 90 por cento dos judeus que chegassem iriam direto para a câmara de gás. Cabe esclarecer que os campos de trabalho forçados nazis não foram os primeiros a existir, mas foram, de fato, os primeiros *campos de trabalho e extermínio* que a história da humanidade conheceu. Efetivamente, Auschwitz foi a primeira indústria de extermínio da humanidade.

Nos campos, *tudo é possível*, nos dizia Arendt:

---

<sup>242</sup> A eliminação dos considerados resíduos do sistema: judeus, deficientes, ciganos, testemunha de Jeová, e outros não arianos, não era consensual. A cúpula nazista se dividia entre o extermínio a exploração até o extermínio. Existia o Aktion que T4 é o nome do programa nazista de eugenismo que durou de 1937 a 1941 cujo objetivo era a eliminação ou a esterilização das pessoas que tinham uma vida que "não merecia ser vivida", incluindo raças tidas como inferiores, além de pessoas com deficiência física, atingidas por males genéticos, doentes incuráveis que incluía desde crianças até pessoas com idade avançada.

Toda a população do *campo* não é, na verdade, mais que um imenso turbilhão que gira obsessivamente em torno de um centro sem rosto. Mas esse vórtice anônimo, como a mística rosa do paraíso dantesco, “pintada à imagem nossa” levava impressa a verdadeira efígie do homem<sup>243</sup>.

Deter-nos-emos num arquivo pouco divulgado até o momento, mas fundamental, aquele que relata um momento em que a tecnociência e o estado de exceção coincidem circunscrevendo a *zona cinza* onde o próprio homem converte-se no espetáculo não suportável para os olhos humanos. Das grandes empresas aliadas ao regime nazista, nos interessa aqui a IBM pois, sem esta a Shoá não teria tido, como veremos, a dimensão que teve. Estamos nos referindo à sua colaboração técnica a serviço do controle social convertendo a informação em arma de guerra, e em manual de destruição em massa. Diremos com Agamben que o ocidente vive um processo de rompimento com o antigo *nomos* da Terra, afetando os laços sociais, e que atualmente o sistema faminto de humanidade cria e fomenta os mais sangrentos espetáculos maquiados para o consumo. Entre os motivos fundamentais de tal ruína é a exceção soberana que demonstra que o ordenamento jurídico, contém em si a suspensão dos direitos admitindo uma violência não regulada pela lei simbólica -jurídica, uma tanatopolítica que se alimenta com *rostos e restos*.

A novo carrasco (figura obscena e sombria do super ego) mora nos blocos vazios do poder; a lei do pai encontra-se substituída pela lei incoercível do mercado.

O céu moderno da humanidade representada pelo *figurem* se eclipsa com o silêncio da morte. A fabricação de cadáveres degrada a própria morte se convertendo em algo muito mais horroroso, nos lembra Agamben:

---

<sup>243</sup> Cf. AGAMBEN, Giorgio, *Lo que queda de Auschwitz*, op.cit.,p.52

(...) Auschwitz é o lugar de um experimento, ainda impensado, no que, mais além da vida e a morte, o judeu se transforma em muçulmanos e o homem em não homem. E não compreenderemos o que é Auschwitz se antes não chegamos a compreender quem ou o que é o muçulmano, se não temos aprendido a olhar a Gorgona com ele.<sup>244</sup>

Os muçulmanos não deviam ser nomeados em hipótese alguma quando morriam não podiam ser chamados de cadáveres, ou corpos, senão de *figurem*, figuras bonecos.

Os prisioneiros se convertiam em muçulmanos quando já não havia nada que lograra despertar neles emoção alguma... Os demais prisioneiros se esforçavam por ser bons com eles quando podiam e por lhes dar de comer; mas os muçulmanos já não podiam responder à simpatia que se manifestava nestes atos.<sup>245</sup>

Como pano de fundo do ápice do espetáculo moderno o que rege é *o estado de exceção*.

Vale lembrar que:

(...) Logo que tomou o poder (ou, como talvez se devesse dizer de modo mais exato, mal o poder lhe foi entregue), Hitler promulgou, no dia 28 de fevereiro, o *Decreto para a proteção do povo e do estado*, que suspendia os artigos da Constituição de Weimar relativos às liberdades individuais. O decreto nunca foi revogado, de modo que todo o Terceiro Reich pode ser considerado, do ponto de vista jurídico, como um estado de exceção que durou 12 anos<sup>246</sup>.

Para abordar este arquivo nos valeremos de um documento amplo que detalha a importante participação da empresa norte americana IBM no planejamento e desenvolvimento de métodos e instrumentos para o uso nazista, o uso da tecnologia, dos

---

<sup>244</sup> IDEM-*ibidem*, pp.53-54

<sup>245</sup> IDEM-*ibidem*, p.54

<sup>246</sup> IDEM.*Estado de exceção*, op.cit , p. 12.

métodos estatísticos, e da automatização a serviço do capital, para fins de controle social, étnica e fundamentalmente subjetiva.

Para tal fim recorreremos ao livro de Edwin Black *IBM e o Holocausto – a aliança estratégica entre a Alemanha nazista e a mais poderosa empresa americana*<sup>247</sup>. como um documento no qual é feita a análise a partir de dados, e fatos históricos. O autor, Edwin Black especializou-se em relações comerciais do Terceiro Reich, tendo já desenvolvido um trabalho investigativo a respeito das finanças do holocausto,<sup>248</sup> A seriedade do procedimento, das fontes, e o reconhecimento deste trabalho recomendado por intelectuais e defensores dos direitos humanos de reconhecimento mundial coincidem em que o conteúdo desta obra é um ponto de referência valioso, e de confiabilidade necessária e suficiente como para ser levado em conta, vejamos detalhes dos procedimentos da pesquisa:

Como o presente trabalho de investigação exigiu a pesquisa de documentos em tantos países e em tantas línguas, recorreremos a uma rede de pesquisadores e tradutores, muitos deles voluntários. A equipe compunha-se de sobreviventes do Holocausto, filhos de sobreviventes, refugiados e estudiosos sem qualquer ligação pessoal com o Holocausto – além de pesquisadores profissionais e arquivistas e historiadores de reconhecida capacidade, e até mesmo de antigos investigadores do Tribunal de Nuremberg.

No total, mais de 100 pessoas em sete países participaram do esforço, algumas durante meses seguidos; muitas apenas durante umas poucas semanas, entre outros trabalhos ou durante as férias escolares; e outras por apenas algumas horas, quando necessitávamos da tradução de documentos específicos. A missão desses colaboradores consistiu simplesmente em vasculhar grupos de arquivos ou microfimes de jornais em busca de certas palavras-chave ou tópicos críticos, pouco sabendo sobre as implicações de suas descobertas. Uma vez localizados, os documentos eram copiados e submetidos a minha revisão e análise.

---

<sup>247</sup>BLACK Edwin, *IBM e Holocausto*. Rio de Janeiro :Editora Campus, 2001.

<sup>248</sup> *The Transfer Agreement*, utilizou-se agora de um imenso apoio de pesquisadores de diversos países para conseguir elaborar o encadeamento de raciocínio que trouxe à luz como a IBM trabalhou junto ao terceiro reino nas décadas de 30 e 40.

Quando descobríamos uma pista, solicitávamos pesquisas adicionais sobre determinado nome ou tema<sup>249</sup>.

A sua pesquisa, segundo relata Edwin Black, foi intencionada quando, em uma visita que fez em 1993 ao Museu do Holocausto dos Estados Unidos, em Washington, deparou-se com uma máquina IBM Hollerith D-11. A máquina da IBM estava entre os diversos itens expostos, mas diz que este equipamento lhe chamou a atenção, a consequência derradeira foi a seguinte questão, como o terceiro Reich conseguiu a informação para poder preencher as listas? Esta pergunta, se alguém antes de Black já tinha sido formulada, nunca tido sido levada – seja qual fosse o motivo – até as últimas consequências. Vejamos parte das suas considerações:

Os alemães sempre dispuseram de listas de nomes judeus. De repente, um esquadrão da SS irrompe na praça da cidade e afixa um aviso exigindo que as pessoas constantes da lista se apresentem no dia

---

<sup>249</sup> Os pesquisadores e tradutores foram recrutados por meio de sites na internet, bulletin boards de departamentos universitários, organizações de sobreviventes do holocausto, arquivistas, historiadores, associações de tradutores e pesquisadores, e amigos e contatos destes. Foram verificados arquivos do New York Times de 1933 a 1945, além de arquivos e bibliotecas em Washington, Paris, Londres, Bonn - na Alemanha -, outros na Polônia, Holanda e Israel. Dentre os que trabalharam nesta imensa pesquisa citamos apenas alguns nomes, pois como o próprio autor mencionou foram mais de cem pessoas que trabalharam no levantamento dos dados necessários à pesquisa. Temos então Gerald Schwab, autor renomado sobre o holocausto; Fred Thieberg, antigo investigador do Tribunal de Nuremberg; Werner Michel, ex-oficial de inteligência da ocupação aliada; Susan Steiner; Inge Wolfe; Terra York; David Keleti, engenheiro genético; Susan Kooje Anastasi; Niels Cirde, arquivista; Kai Gloystein; Gilad Livne, do Arquivo Público de Israel; Rochelle Rubinstein, que trabalhou no Arquivo Central Zionista; John Klier, da Universidade de Londres; Agnes d'Angio e Herve Vernon, do Arquivo do Ministério da Economia Francês; Erik Somers, do Instituto para Documentação de Guerra; Ulrich Soenius, de Rheinisch-Westfälisches Wirtschaftsarchiv; Peter Grupp, de Politisches Archiv; Gerhard Hirschfeld, da Biblioteca de História Contemporânea de Stuttgart; Johannes Tuchel, do Memorial da Resistência Alemã; Jan Jagielski, do Instituto Histórico Judeu de Varsóvia; Franciszek Piper, do Museu de Auschwitz; Michael Nash, do Hagley Museum; Henry Mayer e Aaron Kornblun, do Museu do Holocausto dos Estados Unidos; John Taylo; Milt Gustafson; Fred Romanski; Louis Holland; Robert Wolfe, que tratava de documentação nazista; Abrahan Peck, história do holocausto; Werner Michel, inteligência aliada e tecnologia nazista; Radu Ionadi, holocausto na Romênia; Robert Urekew, ética empresarial; Bradkey Sherwin, tecnologia; Robert Paxton; Willian Seltzer, censo do holocausto e tecnologia estatística e Niels Cordes, história alemã e documentação nazista. Como já dito, muitos são os nomes não citados aqui, os mencionados, o foram por terem sido para o autor, os que maior participação tiveram na construção de todo o material. C.f BLACK Edwin, Editora Campus. *IBM e Holocausto*, op.cit.p.0 (In Agradecimentos).

seguinte na estação ferroviária, a fim de serem deportadas para o Oriente(...)

Mas como será que os nazistas conseguiram aquelas listas? Durante décadas ninguém soube. Poucos formularam a pergunta.

A máquina da IBM era usada para classificação de cartões, mas a mostra não apresentava as implicações de uso da mesma e nem as relações da empresa norte-americana com os nazistas.

A partir das dúvidas suscitadas Black partiu para a investigação, e conseqüentemente, para a busca de pessoas que lhe pudessem auxiliar na obtenção de materiais (...)

A equipe era composta principalmente por voluntários. Todos se comprometiam com a confidencialidade. Todos se chocavam e se entristeciam com as implicações do projeto e demonstravam forte motivação. Alguns afirmaram que não conseguiram dormir durante alguns dias depois de tomarem conhecimento da conexão. (...).

No final, reuni mais de 20.000 páginas de documentação extraída de 50 arquivos, coleções de manuscritos, bibliotecas de museus e outros repositórios. No processo, tive acesso a milhares de papéis do Departamento de Estado dos Estados Unidos, do antigo Office of Strategic Services e outras fontes que no passado foram consideradas confidenciais. Outros documentos obscuros de origem européia até então nunca haviam sido traduzidos ou relacionados com pesquisas semelhantes. Todos foram organizados em meu próprio arquivo central, com identificação de procedência original. Também perscrutamos e traduzimos mais de 50 livros e relatórios genéricos, além de periódicos técnicos e científicos contemporâneos, referentes a cartões perfurados e estatísticas, publicações nazistas e jornais da época. Todo esse material – documentos básicos, artigos de jornais, recortes de notícias e extratos de livros – foi organizado por mês, segundo critérios de indexação cruzada. Abrimos pastas para todos os nomes, de 1933 a 1950. Se um documento se referia a várias datas, ele era arquivado nas pastas dos diferentes meses. Em seguida, todo o conteúdo das pastas mensais foi de novo indexado por assunto restrito, como Gueto de Varsóvia, Recenseamento Alemão, Ferrovias Búlgaras, Watson na Alemanha, Auschwitz e assim por diante<sup>250</sup>.

Black menciona que antes de 1984 ninguém realizava pesquisa a respeito de ativos para esclarecer eventos históricos, e muito menos se aprofundavam em pesquisas a respeito de tecnologias antecessoras ao computador, pois estas eram desconhecidas pela maioria dos investigadores, coisa muito diferente da atualidade. Por isto, diz que os envolvimento empresariais com a segunda guerra mundial, e a participação das tecnologias de recenseamento e logística pouco foram estudados. Estes fatos, mais a grande

---

<sup>250</sup> IDEM- *ibidem*, p. 7

dificuldade de conseguir levantar materiais que permitissem pensar todas estas articulações, pois se tratavam de dados obscuros, que não conduziam a referências diretas, mas a pequenas informações que somente, quando comparadas, puderam dar vista a informações procuradas, e também aos fatos que impediram que outros realizassem anteriormente esta pesquisa.

Os fatos a respeito dos horrores cometidos pela eficiência nazista são conhecidos, havendo inúmeros livros, textos, artigos e documentos que apresentam a quem quiser saber, os dados do extermínio executado, e das condições pelas quais tinham de passar aqueles que eram capturados pelos seguidores de Hitler.

A organização alemã era de ponta para a época. Atualmente são utilizados computadores para realizar o planejamento logístico de empresas e nações, a contabilização de pessoas, e a classificações das mesmas, segundo os mais diversos critérios e fins. Antes de existirem os eficazes computadores atuais, a própria atividade de um censo nacional envolvia muitas pessoas, e chegava a demorar mais de dez anos para serem analisados os dados coletados. Um exemplo disso é o censo dos Estados Unidos de 1880, que teria seus trabalhos encerrados e divulgados somente após 1890, quando já estaria em andamento um novo censo, sem contar com o fato de que eram poucos os dados que eram levantados, caracterizando os censos da época como mera contagem populacional, sem terem em conta características étnicas, culturais e econômicas.

Este quadro modificou-se quando o filho de alemães Herman Hollerith, funcionário do Census Bureau, em Washington, inventou uma máquina, a qual seria conhecida como Hollerith, que conseguia realizar a contagem de dados e classificação de informações em tempo extraordinariamente superior à experiência de certa forma manufatureira, com lápis e papel, executada pelos funcionários do Censo. Essa máquina utilizava-se de cartões de cartolina perfurados, fazendo a leitura, contabilização e classificação destes furos, os quais representavam categorias de informações.

Hollerith acabou vencendo uma licitação de máquinas para o uso do censo norte-americano, e alugou em vez de vender as máquinas ao mesmo Census Bureau em que trabalhara. Enorme foi a economia de tempo e de dinheiro com a utilização das máquinas e cartões de Hollerith, sendo dito que o governo americano gastou cerca de um terço menos



que no censo anterior, e pôde fazer ao invés de apenas cinco questões, um total de 235 questões no censo de 1890, isto tudo graças a máquina de Hollerith.

O sucesso do empreendimento foi tamanho que outras nações e empresas começaram a procurar Hollerith para alugar suas máquinas e seus serviços. O primeiro recenseamento em outro país foi encomendado pelo Czar Nicolau II, para que fosse feita a contagem de aproximadamente 120 milhões de russos. Diversos outros estados nacionais o procuraram e com isso a importância da maquinaria de Hollerith tomou proporções gigantescas. “Órgãos de recenseamento e estatística da Rússia, Itália, Inglaterra, França, Áustria e Alemanha faziam encomendas”<sup>251</sup>

Relata Black que depois de alguns desenvolvimentos da história da empresa de Hollerith, e da venda da mesma fundou-se na Alemanha a Deutch Hollerith Maschinen Gesellschaft, ou abreviadamente Dehomag, a Companhia Máquina Hollerith Alemã, licenciada da companhia americana que detinha os direitos da máquina, passando a empregar a mesma lógica de aluguel das máquinas, e utilização de seus cartões para o trabalho junto a empresas e governo alemão.

Em 1922 a Empresa norte-americana agora gerida por Thomas J. Watson – uma figura representativa do capitalismo selvagem da época – passou a se chamar International Business Machines, a IBM. Watson foi responsável pelo desenvolvimento e expansão da empresa em escala mundial, com uma amplitude não pensada até então. Ele abriu empresas filiadas em diversos países europeus mantendo a Dehomag como elo na Alemanha. Os equipamentos foram desenvolvidos e a empresa se estabeleceu de forma hegemônica, tendo a empresa, um programa interno, que fazia de seus empregados funcionários extremamente leais aos interesses da organização. A empresa manteve ótimos relacionamentos com os governos que contratavam os serviços da IBM.

A partir de 1933 – ano da assunção de Hitler ao poder – as máquinas Hollerith foram utilizadas pelo governo nazista para levantar quantos eram os judeus, descendentes de judeus ou convertidos que habitavam na Alemanha. Com isto os nazistas puderam de forma sistemática encontrar onde residiam os indivíduos e os conduzir para os guetos e campos, controlando eficientemente a logística de transporte, alocação, trabalho e extermínio de milhões de pessoas.

---

<sup>251</sup> IDEM- *ibidem*, p. 23

Importante fato é mencionado por Black a respeito da utilização da Hollerith nos campos de concentração, bem como pela organização ferroviária alemã. Ele apresenta um judeu holandês de nome Rudolf Cheim que pôde relatar a existência dessa máquina no campo de Bergen-Belsen.

A alguns metros do crematório de Belsen, à esquerda, perto da cozinha e das cisternas, no final de uma senda lamacenta, situava-se a casa do líder do bloco. Os internos às vezes chamavam o lugar de “covil do leão”. No interior do “covil do leão” havia uma sala para o *Arbeitsdienst-führer*, o líder do serviço de mão de obra. Era lá que se processavam os cartões perfurados Hollerith<sup>252</sup>

Tais cartões tinham as dimensões de 13,33 centímetros de comprimento por 8,25 centímetros de largura, com colunas numeradas e orifícios que indicavam especificações. Os cartões eram analisados pela máquina que era operada por oficial treinado pela Dehomag, que também dava assistência técnica e sempre preparava inovações antecipando-se às necessidades – marca pela qual ficou conhecida a IBM – de seu cliente, no caso, nazista.

(...) Os prisioneiros eram identificados por meio de cartões Hollerith descritivos, cada um com as colunas perfuradas, detalhando nacionalidade, data de nascimento, estado civil, quantidade de filhos, motivo do encarceramento, características físicas e habilidades profissionais. As colunas três e quatro reuniam dezesseis categorias codificadas de prisioneiros, dependendo da posição dos orifícios: o orifício 3 significava homossexual; o orifício 9, anti-social; orifício 12, cigano. O orifício 8 designava judeu. Listas impressas com base nos cartões também relacionavam os prisioneiros por códigos numéricos pessoais. A coluna 34 era rotulada “Razão de Partida”. O código 2 simplesmente significava transferido para outro campo a fim de prosseguir com o trabalho. Morte natural era o código 3. execução, código 4. Suicídio, código 5. o agourento código 6 designava “tratamento especial”, termo que em geral significava extermínio, seja em câmara de gás, seja por enforcamento ou fuzilamento. À medida que os trens e caminhões chegavam da Bélgica, França e Holanda, milhares de cartões perfurados eram examinados, processados, e as informações neles contidas eram enviadas para o Departamento de Estatística, no

---

<sup>252</sup> IDEM, *ibidem*, p.14.

Escritório Econômico da SS, em Oranienburg. Os homens e mulheres constantes das relações numéricas eram confrontados com as listas de necessidades de trabalho em Bergen-Belsen e em outros campos. “Jamais um nome”, lembra Chein, “apenas números atribuídos aos indivíduos”. A quantidade de mortos era apenas uma estatística a observar, mero detalhe a ser processado pela máquina <sup>253</sup>

Black nos aponta que a matriz nos Estados Unidos recebia relatórios diários da filial mais rentável da Europa, a Dehomag, de modo que todas as ações realizadas eram do conhecimento da IBM, e tinham o consentimento e o calar desta.

Para Watson, e para a empresa, o imprescindível era o capital gerado, tornando a organização lucrativa e sólida, não importando quais os meios para tal fim. A IBM era a única fornecedora dos quase 1,5 bilhão de cartões perfurados utilizados pelo Terceiro Reich, lucrando em cada oportunidade na qual seus serviços pudessem ser empregados.

Na verdade, as máquinas não eram usadas apenas nos campos de concentração. Centenas delas permaneceram instaladas durante anos em toda a infraestrutura comercial, industrial, militar e anti-semita da Alemanha Nazista e da Europa dominada pelos nazistas.

Naquele dia de dezembro, Watson se mostrava inflexível, a subsidiária alemã de sua empresa, a Dehomag, estava fora de controle. Que se convocassem mais advogados, que se enviassem mais telegramas, que se empreendessem outras manobras inteligentes com o Departamento de Estado – tudo isso não para dar fim à parceria genocida com o Terceiro Reich, mas para assegurar que todos os procedimentos e lucros ficassem com a IBM NY. Não importaria quem ganhasse, a IBM prosperaria. Afinal, Business era parte de seu nome <sup>254</sup>.

Como se observa, o método estatístico e a tecnologia foram empregados como meio logístico com a finalidade de controle cultural, étnico, social e conquista econômica.

---

<sup>253</sup> *IDEM-Ibidem*,p.15.

<sup>254</sup> *IDEM-Ibidem*,p.17.

As ciências humanas são mais que um saber: elas são uma prática, elas são instituições, pode se ler na contracapa do livro *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault. Pois bem, o que estamos vendo com Black, não disse respeito às ciências humanas?

Entendemos que todos estes fatos são manifestações de uma linguagem própria da guerra, e de uma guerra que emerge nas linguagens.

Se a intenção dos campos de extermínio ou de concentração (no caso de Auschwitz, estes coincidem) era usufruir da mão de obra para alguns, e até do que restava arrancar dos corpos mortos, estes foram vitoriosos e levou com eles boa parte da alma do *sujeito romântico*, ícone dos ideais modernos.<sup>255</sup>

Entendemos que a tecnociência, junto a inescrupulosos interesses, se instalou no furo mortífero que os totalitarismos souberam detectar na alma humana, isto é, a radicalidade do mal que nela também habita e que a pulsão de morte traz à tona.

As testemunhas escrevem em nome do testigo integral<sup>256</sup> porque em seu nome faz sentido testemunhar. Os *testis* são uma representação esgotada do humano, uma metáfora sombria e dolorosa de seu esvaziamento.

Os sobreviventes têm sido piores não só em comparação com os melhores, aqueles cujas virtudes os fazia menos adaptáveis, senão com respeito à massa anônima dos afundados. Aqueles cuja morte não pode ser chamada de morte. Porque esta é precisamente a específica aporia ética de Auschwitz: é o lugar onde não é decente seguir sendo decentes, onde os que acreditaram conservar a dignidade, a respeito si sentem vergonha, com respeito aos que a tinham perdido de imediato.<sup>257</sup>

*A historia é um momento, uma mísera palavra...* Nós concordamos com Almafuerite.

---

<sup>255</sup> Lembramos os versos do nítido poeta Almafuerite como um depoimento do que progressivamente fora se tornando mais grave através dos anos: a decepção com a figura do herói clássico. Ver anexo IV.

<sup>256</sup> Chama-se também de esta maneira aos *testis*, por eles, ter sido os únicos a ter vivenciado a experiência dos campos na sua totalidade.

<sup>257</sup> AGAMBEN, Giorgio, *Lo que queda de Auschwitz*, op.cit.,p.62.

Na Argentina, Mães e avós da praça de Maio, ex-combatentes, etc., parecem ser os operadores do pensamento disponíveis para o processamento de um furo em torno do qual se tem construído uma lembrança encobridora. As dificuldades para historiar são enormes. Assim orbitamos em torno do mesmo, repetindo um *automaton* e conquista e colonização onde impera um “não querer saber”.<sup>258</sup>

Todos os ideais parecem estar se esgotando, no lugar do herói, o que não pode ser nomeado, as *figurem*, um furo em torno do qual orbitamos, uma enunciação cujo enunciado está disseminado. A mídia quando está ao serviço dos interesses do capital contribui com o “não querer saber”. Após Auschwitz progressivamente somos parte da série.

## 5.2 Uma diplopia chamada homem

Ao lermos Lacan ou Foucault, sempre chamaram a nossa atenção os momentos em que estes pensadores utilizam o significante homem. Não se trata aqui de um questionamento sobre o gênero, mas de nos interrogarmos a respeito da emergência deste significante em pensamentos que derivam da escola estruturalista.

O fato de que o homem tenha se tornado objeto de conhecimento do próprio homem, fato ao qual devemos a emergência da ciência moderna, é relativamente recente. Na esteira de Roland Barthes, entendemos que o homem, despojado de toda sua unidade, perde-se no duplo desconhecimento de seu inconsciente e da sua ideologia, e só se sustenta por uma sucessão de linguagens<sup>259</sup>.

---

<sup>258</sup> IMBRIANO, Amélia. *La Odisea del siglo XXI*, op.cit., p.107.

<sup>259</sup> Cf. BARTHES, Roland. *O rumor da língua*, op.cit., 41-42.

O passo decisivo foi submeter o próprio pensamento a um critério crítico, e, com isso, rompeu-se com os modos clássicos e tradicionais de expressão.

(...) o modernismo pode ser visto, na filosofia, como um movimento baseado na crença no avanço do conhecimento, desenvolvido a partir da experiência e por meio do método científico. Seu auge se dá, provavelmente, com a filosofia “crítica” de Immanuel Kant e com a idéia de que o avanço do conhecimento exige que as crenças tradicionais sejam submetidas à operação da crítica<sup>260</sup>.

A exigência de que o conhecimento seja submetido à operação crítica estabelece a possibilidade de que a ciência critique a si própria, exacerbando a autocrítica. Este sujeito do pensamento crítico marca uma posição a partir da qual se representa e se reduplica o sujeito das ciências humanas no seu universo simbólico. Foucault utiliza o termo hipoeistemologia – sem nenhum sentido pejorativo – para ajudar a esclarecer em que consiste esse homem cujo paradigma é estar representado.

O pensamento do homem – uma vez submetido ao pensamento crítico – em termos epistemológicos, isto é, a partir do pensamento conhecido como científico – seria a própria garantia de seu saber, sendo que lhe seria dada então a possibilidade de aceder à verdade.

A modernidade, com suas práticas sociais teve, como toda época, uma *modalidade de conhecer a realidade*. Mas durante a modernidade não se tinha consciência de que se tratava de um modo de aceder à realidade.

Acreditava-se que a realidade é tal como se apresenta. Ou melhor, como é reconstruída cujo paradigma começa a ser o conhecimento científico, no qual a representação não só é o sujeito principal da reflexão, como também o objeto através do qual se revela o mundo<sup>261</sup>.

---

<sup>260</sup> PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*, op.cit., p.34

<sup>261</sup> DÍAZ, Esther. *Posmodernidad*. Buenos Aires: Biblos, 2005, p.113

Segundo um critério linear, na modernidade a leitura de divulgação científica se divide em dois: o socialismo romântico e o positivismo. O primeiro colocava ênfase na ciência e a indústria como elementos que conduziriam o homem a um futuro de felicidade e harmonia junto a um progresso material e moral. O *grande relato* da modernidade convergia na unificação do ideal de progresso, e tudo se pensava em função de um amanhã melhor, e, como já foi dito, a razão era a garantia de que a modernidade funcionara.

O positivismo<sup>262</sup>, marcado pelo pensamento sociológico do francês Auguste Comte (1789-1857), se caracteriza como a afirmação social das ciências experimentais, propõe se afastar radicalmente da teologia e da metafísica. A proposta comtiana sustenta, como base, valores que sejam humanos, isto é, que respondam à nova representação do humano. A nova disposição epistêmica se enunciava discursivamente, fazendo-se ouvir nas propostas filosóficas e positivas.

Na sua análise arqueológica dos discursos, M. Foucault afirma que, na modernidade, no que concerne o conhecimento, a representação é mais importante do que o representado. Em definitiva, a certeza era que, mediante a representação, é possível captar o representado ausente. Do que se trata é de uma serie de relações. Quando Foucault analisa o quadro de Velásquez, *Las meninas*, adverte que a representação era o importante, e o rei é evocado pela sua ausência, mas também fica claro que, ainda que representado, o soberano era um centro que mostrava perder importância.

O quadro *Las meninas* mostra a entronização de uma ordem de época que dispõe que a realidade deve ser representada para ser apreendida.

---

<sup>262</sup> Há correntes de outras disciplinas que se consideram positivistas sem guardar relação com a obra de Comte. No entanto o pensamento comtiano

Mas o quadro disse mais ainda, porque o verdadeiro centro da composição está fora do quadro. Este quadro de Velásquez define metaforicamente o espaço epistêmico da modernidade, tenta representar todos os elementos da realidade, mas desliza-se no vazio (ou ausência) do objeto da representação. O que fundamenta a representação desaparece. O sujeito tem sido suprimido e, liberando-se de relações que o encadeariam a algum tipo de realidade, pode se dar (se mostrar) como pura representação. Mas ademais é possível ver no caso do trabalho arqueológico sobre *As Meninas* a expressão de uma nova modalidade de análise teórica, que remete os conceitos à materialidade das práticas dos diferentes dispositivos históricos. Deste modo se quebra definitivamente a generalidade e a abstração do discurso filosófico tradicional. Por isso o trabalho de Michel Foucault pode ser qualificado, sem reservas, como um exercício pós-filosófico.<sup>263</sup>

Para Foucault, o homem é esse ser vivo que do interior da vida é atravessado por todo seu ser, como veremos imediatamente quando se refere às ciências humanas. De fato o homem que Foucault teoriza – como ele mesmo adverte – não deve ser pensado como a prolongação das ciências humanas. Sendo as ciências humanas, tal como ele as coloca, elas poderiam ser entendidas como marcas de discurso. Assim, a positividade destas marcas seria os diferentes saberes especulativos (psicologia, sociologia e outros).

Estes saberes especulativos são os enunciados das ciências humanas. “A invencível impressão de fluidez, de inexatidão, de impressão que deixam quase todas as ciências humanas não é senão o efeito de superfície daquilo que permite defini-las na sua positividade”<sup>264</sup>.

Ele define o domínio da *epistème* moderna como um espaço volumoso e aberto segundo **três dimensões** que ampliam o *mathesis universalis*, que caracterizava o modo de saber da idade média:

---

<sup>263</sup> DIAZ, Esther. *Posmodernidad*, Buenos Aires: Biblos, 2005 p.115,

<sup>264</sup> FOUCAULT, Michel, *As palavras e as coisas*, op.cit. , passim.



Numa delas situar-se-iam as ciências matemáticas e físicas, para as quais a ordem é sempre um encadeamento dedutivo e linear de proposições evidentes ou verificadas; haveria, em outra dimensão, ciências (como as da linguagem, da vida, da produção e da distribuição de riquezas) que procedem ao estabelecimento de relações entre elementos descontínuos mas análogos, de sorte que elas pudessem estabelecer entre eles relações causais e constantes de estrutura. Essas duas primeiras dimensões definem entre si um plano comum: aquele que pode aparecer, conforme o sentido em que é percorrido, como campo de aplicação das matemáticas a essas ciências empíricas, ou do domínio do matematizável na lingüística, na biologia e na economia. Quanto à terceira dimensão, seria a da reflexão filosófica, que se desenvolve com o pensamento do Mesmo; com a dimensão da lingüística, da biologia e da economia, ela delinea um plano em comum: lá podem aparecer, e efetivamente apareceram, as diversas filosofias da vida, do homem alienado, das formas simbólicas (quando se transpõem para a filosofia os conceitos e os problemas que nasceram dos diferentes domínios empíricos); mas lá também apareceram, se interrogar de um ponto de vista radicalmente filosófico o fundamento dessas empiricidades, ontologias regionais, que tentam definir o que são, em seu ser próprio, a vida, o trabalho e a linguagem; enfim, a dimensão filosófica define com a das disciplinas matemáticas um plano comum: o da formalização do pensamento.

Desse triedro epistemológico, as ciências humanas são excluídas, no sentido ao menos de que não podem ser encontradas em nenhuma das dimensões, nem na superfície de nenhum dos planos delineados.

Mas pode-se também dizer que elas são incluídas por ele, pois é no interstício desses saberes, mais exatamente no volume definido por suas três dimensões, que elas encontram seu lugar. Essa situação (menor num sentido, privilegiada em outro) se coloca em relação com todas as formas de saber.<sup>265</sup>

Foucault nos propicia, com a sua reflexão, uma ampliação de ângulos para pensar o sujeito que o pensamento francês estruturalista construiu. Sujeito entendido como vazio. O sujeito é um sujeito vazio, assujeitado à linguagem – agora lendo ele desde os elementos que a teoria lacaniana nos oferece – que se representa mediante significantes que são significantes de nada. O sujeito está vazio, sabemos dele pelos significantes aos quais está alienado. O indivíduo é uma configuração que diz desse sujeito.

---

<sup>265</sup> IDEM-*Ibidem*, p. 364

Certamente, cada autor significativo dessa tradição, que tem sido trabalhado aqui até agora, tem enfoques muito particulares, mas existia sem dúvida um *desejo de leitura*, e *uma comunidade de leitores desejanter* além de qualquer divergência, é claro.

As noções que podem ser encontradas na obra de Michel Foucault conversam com articulações que Lacan trabalhou, ou Derrida ou Barthes.

Fica claro que tanto para Foucault como para Lacan, o fato de que a ciência cartesiana suture o seu sujeito não implica que o homem, tal como o humanismo o concebia, tenha se extinguido, mas que o homem do humanismo é um dos modos de representação desse sujeito.

Mas não é desse homem que se ocupam neste caso Lacan ou Foucault, pelo menos não da maneira pela qual o humanismo clássico o concebia.

Foucault, ao refletir sobre a posição das ciências do homem, as localiza em toda a extensão dessas ciências onde se trata da vida, do trabalho e da linguagem. De início retornaremos ao homem da ciência positiva para logo voltar a Foucault e Lacan.

O positivismo perdeu influência no século XX, quando outras correntes de pensamento como o Estruturalismo, o marxismo ocidental e a Filosofia da Linguagem emergiram.

Por um lado, então, temos uma vertente filosófica desde onde pensar o homem, e, por outro, uma positiva. Nenhuma destas duas vertentes contempla as ciências humanas, dirá Foucault. As reflexões a respeito do lugar que Foucault dá às ciências humanas traz uma dimensão que reintegra o estruturalismo positivo, uma surpreendente mobilidade que vai mais além da *phoné* e da consciência, do sujeito cartesiano.

O sujeito, tal como Foucault o trabalha em *As palavras e as coisas*, tem vários pontos de coincidência com o sujeito tal qual Lacan o concebe.

Nesse texto, Foucault, ao determinar o atual domínio das ciências humanas, vai definindo o homem. Entre algumas das definições que aparecem neste texto, tomamos duas.

A primeira:

(...) aparece ele em sua existência imediatamente imbricado com os outros; enfim, porque tem uma linguagem, pode constituir para si todo um universo simbólico, em cujo interior se relaciona com seu passado, com coisas, com outrem, a partir do qual pode imediatamente construir alguma coisa com seu saber (particularmente esse saber de si mesmo e do qual as ciências humanas desenham uma das formas possíveis)<sup>266</sup>.

A segunda definição contempla o homem para as ciências humanas.

(...) a busca das ligações intracorticais entre os diferentes centros de integração da linguagem (auditivos visuais motores) não é da alçada das ciências humanas, mas estas encontrarão seu espaço de desempenho, desde que se interrogue o espaço das palavras, essa presença e esse esquecimento de seu sentido, essa distância entre o que se quer dizer e a articulação em que essa intenção é investida, coisas de que o sujeito talvez não tenha consciência, mas que não teriam nenhum modo de ser assinalável se esse mesmo sujeito não tivesse representações. De um modo mais geral, o homem, para as ciências humanas, não é esse ser vivo que tem uma forma bem particular (uma fisiologia bastante especial e uma autonomia quase única); é esse ser vivo que, do interior da vida à qual pertence inteiramente e pela qual é atravessado em todo seu ser, constitui representações graças às quais ele vive e a partir das quais detém esta estranha capacidade de poder **representar** justamente a vida<sup>267</sup>.

O homem, entendido por Foucault como esse ser vivo do interior da vida à qual pertence inteiramente, é assimilado à dimensão discursiva quando pensado desde a dimensão da linguagem por Giorgio Agamben, e isto não é a possibilidade da palavra, mas justamente a sua impossibilidade como ele o destaca:

---

<sup>266</sup> IDEM-*Ibidem*, p. 368.

<sup>267</sup> IDEM-*Ibidem*, p.369

O passo da língua ao discurso é, olhando detidamente, um ato paradoxal, que implica, ao mesmo tempo, uma subjetivação e uma dessubjetivação. Por um lado, o indivíduo psicossomático deve abolir-se por inteiro e dessubjetivar-se enquanto indivíduo real para passar a ser o sujeito da enunciação e identificar-se com o puro *shifter* “eu”, absolutamente privado de qualquer substancialidade, e de qualquer conteúdo que não seja a mera referência a instância do discurso. Mas, uma vez que tem se despojado de toda realidade extralingüística e tem-se constituído como sujeito da enunciação, descobre que não é tanto a uma impossibilidade da palavra ao que tem abscedido, quanto a uma impossibilidade de falar; ou melhor, a uma situação em que sempre se lhe antecipa uma potência glossolálica sobre a qual não tem controle nem ascendência. Ao se apropriar da instrumentação formal da enunciação, tem se introduzido de fato numa língua em que, por definição, não há nada que permita passar ao discurso; e, no entanto, dizendo: “Eu, Tu, isto, agora...” tem se despojado de toda realidade referencial para se deixar definir tão só pela relação pura e vazia com a instância do discurso. O sujeito da enunciação está feito integralmente de discurso e pelo discurso; mas, precisamente por isto, no discurso, não pode dizer nada, não pode falar<sup>268</sup>.

Segundo Agamben<sup>269</sup> os gregos distinguiam entre *zoe*, que expressava o fato de viver comum a todas as espécies e *bios*, que significava a maneira peculiar de viver de um indivíduo ou grupo. Por ele, por um lado teríamos a vida – *zoe* –, e por outro *as formas de vida* – *bios* – que seriam diferentes modalidades de *vida nua*. Esta apreciação de Agamben vai ao encontro do conceito de biopolítica de M. Foucault que este relaciona em princípio com a gestão da vida, seja, a determinada altura, pelo soberano, seja a multiplicidade dos homens enquanto massa global, como nos lembra Pál Pelbart:

Foucault chega a associar a emergência do biopoder e de suas duas formas a uma exigência de ajuste do capitalismo: “Este não pode se garantir senão ao preço de uma inserção controlada no aparelho de produção e através de um ajuste dos fenômenos de população aos processos econômicos”. Numa outra passagem, Foucault lembra que a velha mecânica do poder de soberania tornou-se inoperante diante da explosão demográfica e da industrialização. A primeira acomodação teria sido em cima do corpo individual, a vigilância e o treinamento, na

---

<sup>268</sup> AGAMBEN, G. *Lo que resto de Auschwitz*, op.cit. , pp.122-123.

<sup>269</sup> IDEM- *Homo Sacer: o podrs soberano e a vida nua I*, trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2002, passim.

escola, no hospital, na caserna, na oficina, e a segunda acomodação, sobre os fenômenos globais e de acomodação, sobre os fenômenos globais, de população.

Se as disciplinas se dirigiam ao corpo, ao homem corpo, a biopolítica se dirige ao homem vivo, ao homem espécie. Se a disciplina, como diz Foucault, tenta reger a multiplicidade dos homens enquanto indivíduos sujeitos a vigilância, ao treino, eventualmente à punição, a biopolítica se dirige a multiplicidade dos homens enquanto massa global, afetada por processos próprios da vida, como a morte, a produção, a doença...

Ao ampliar o espectro de sua análise, Foucault insere a biopolítica no interior de uma relação problemática entre vida e história. Pela primeira vez *a vida entrou na história*, isto é, fenômenos da espécie humana entram na ordem do saber e do poder, no campo das técnicas políticas. Sempre a vida fez pressão sobre a história, sobretudo através das epidemias e da fome, mas só quando estas foram relativamente controladas é que a vida começou a ser objeto do saber, e a espécie vivente, tomada como uma força que se pode modificar e repartir de maneira ótima, tornou-se objeto de intervenção. Quando o biológico incide sobre o político, o poder já não se exerce sobre os sujeitos do direito, cujo limite é a morte, mas sobre os seres vivos, de cuja vida ele deve encarregar-se<sup>270</sup>.

Qual é a alteridade em que podemos confiar quando os laços sociais parecem estar a serviço de um sistema feroz e fatal? O que pensar quando se soma a isso uma tirânica demanda das imagens às quais nos alienamos? A hiperoferta do mercado e a mídia parecem ter tomado esse lugar da realidade que cada vez temos mais temor de frequentar, porque ademais é conveniente para a movimentação de capital que o Mundo real esteja cheio de sérios perigos. A produção de terror é uma das fontes que incrementa mercados milionários.

A vida em nome da qual se exerce o poder aparece como uma contrapartida dos interesses financeiros e a espetacularização é a lente protética da vida nua.

O espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta na sua plenitude a essência de todo sistema ideológico: o empobrecimento, a sujeição e a negação

---

<sup>270</sup> PELBART, P. *Vida Capital 2. Ensaio de Biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003. pp. 57-58

da vida real. O espetáculo é, materialmente, “a expressão da separação e do afastamento entre o homem e o homem”<sup>271</sup>.

### 5.3 Quais são os autores, quais os atores?

Em termos de Literatura, R. Barthes relaciona parte do prestígio que diz respeito à concepção de autoria que concede mais importância “à pessoa do autor” aos fundamentos do sistema capitalista, e, com este, ao prestígio possível de ser adquirido pela pessoa que o indivíduo humano representa. Tal sistema traz, paralela e discursivamente, outras marcas, a partir das quais se constitui a sua subjetividade. Essas marcas, entre outras, desenham a trilha discursiva desde a qual o sujeito se reconhece através dos significantes da sua época. Com o estabelecimento midiáticos da cultura de massas no Primeiro Mundo em 1918 (radiodifusão) e depois de 1945 (televisão) e mais ainda pela atual revolução da internet, a coexistência humana nas sociedades atuais foi retomada a partir de novas bases.<sup>272</sup>

Essas bases são segundo P. Sloterdijk, pós-literárias, pós-epistolares e, conseqüentemente, pós-humanistas.<sup>273</sup>

Em todo caso, cabe a nós estarmos advertidos sobre a complexidade normativa do mundo em que vivemos, e pensarmos os nossos mal-estares à medida que indagamos o que se oculta por detrás deles. Na atualidade, os poderes tecnológico e mercadológico são a promessa de combater o nosso destino mortal, mas por outra parte o

---

<sup>271</sup> DEBORD Guy. *A sociedade do espetáculo*, op.cit. , p. 138.

<sup>272</sup> SLOTERDIJK Peter. Regras para o parque humano. p. 14.

<sup>273</sup> Sloterdijk repensa ao humanismo como uma correspondência entre amigos. Ele entende que o tema latente do humanismo seja o desembrutecimento do ser humano.

próprio movimento do discurso capitalista cria estados de emergência convertendo a Zoe numa Bios dessubjetivada, num **resto** do sistema.

Efetivamente, a tecnologia e os avanços da ciência contribuem em muito para prolongar a vida humana, mas também é verdade que muitas vezes o prolongar a vida por meios técnicos dependerá da possibilidade econômica do consumidor.

Da mesma maneira, muitas vidas são reduzidas a órgãos e logo vendidas, como um dos muitos objetos biológicos.

O progressivo enfraquecimento das leis simbólicas – e, como consequência derradeira, da representação do sujeito através dos significantes mestres estado e nação – facilitam a dessubjetivização, dando lugar a uma tanatopolítica. É a biopolítica transformando-se em tanatopolítica.<sup>274</sup>

Se, em *Psicologia das massas*, Freud reflete sobre a tendência dos grupos a se unirem para combater um inimigo comum, hoje é a nossa possibilidade de fazer laços que está ameaçada, dado que o capitalismo foi alterando os códigos de grupos que vinham desde as sociedades pré-modernas (alianças). A cultura encarregada de pôr limites à pulsão de morte continua – como sempre foi – sendo um limite que fracassa. Mas ao *mal-estar na cultura* soma-se a emergência da morte na cultura sem possibilidade de lutos, de elaborações. Quando dizemos emergência da morte nos referimos às diferentes maneiras em que esta se faz presente no dia a dia, através da mídia.

A *urgência* atual não permite parar, o que falta deve ser repostado, o que não serve está destinado a ser *redundante e descartável*. A construção de uma ordem (uma das pressões da modernidade), em prol do progresso econômico, situa, no lugar do *resíduo*, aqueles e aquilo que não acompanham o já moderno.. A imagem e a mídia fazem hoje uma ponte entre as relações. Se a psicanálise sustenta que a relação sexual não existe-ordem da

---

<sup>274</sup> PELBART, P. *Vida Capital 2. Ensaio de Biopolítica*, op.cit.,p. 64.

falta-, hoje a possibilidade de domesticar a sexualidade mediante um romance pornô virtual torna cotidiana a *mediatização* -da falta em ser- mediante as imagens. Neste sentido, uso da imagem é disciplinadora e anestesiadora e funciona velando o horror à castração. As imagens podem funcionar como fetiche. O circuito castração-negação induz a uma modernização compulsiva que por um lado pretende evitar a morte e por outro a serializa.

A modernidade, ou seja, “a *modernização* perpétua, compulsiva, obsessiva e viciosa, permanecia, um privilégio”<sup>275</sup>.

Quando ela se tornou – tal como estava projetada e destinada a fazer - a condição universal da humanidade, chegaram os efeitos de seu domínio planetário. A modernização progrediu de modo triunfante, alcançando as partes mais remotas do planeta; a quase totalidade da produção e do consumo humanos se tornam mediados pelo dinheiro e pelo mercado; a mercantilização, a comercialização e a monetarização dos modos de subsistência dos seres humanos penetraram os recantos mais longínquos do planeta; por isso não se dispõe mais de soluções globais para problemas produzidos localmente, tampouco de escoadouros globais para excessos locais. Na verdade, é o contrário: todas as localidades (incluindo de modo mais notável, aquelas com elevado grau de modernização) têm que suportar as conseqüências do triunfo global da modernidade. Agora se vêem em face da necessidade de procurar (em vão, ao que parece) soluções *locais* para problemas produzidos *globalmente*<sup>276</sup>.

Possivelmente, nós homens e mulheres da Odisséia do século XXI podemos vir a ser o subalterno de um sistema com genocídios tão cruéis e despóticos, como os que a história nos mostra que foram – e ainda são –, por cobiça e lucro, submetidos os povos nativos da nossa América. Trocamos ouro por espelhos, uma e outra vez, assim nossas leis que resguardam a possibilidade de construir sob os nossos sistemas são excetuadas; a febre capitalista, e suas ofertas miragens e espelinhos da nova época, nos convidam a nos devorarmos uma vez que se suspende a nossa ética. Quem sabe a proposta seja uma

---

<sup>275</sup> IDEM-*Ibidem*.

<sup>276</sup> IDEM-*Ibidem*.



humanidade mais antropófaga que os antropófagos, mais bárbara, e assumidamente pirata, onde a morte deixa de ser um limite para ser o Real da extinção uma vez que o gozo perde toda possibilidade de regulagens. Sermos convidados não quer dizer que tenhamos que comparecer.

Efetivamente, com o progresso o homem não apenas domina a natureza como, mais do que nunca na história, desenvolve técnicas eficientes para prolongar a vida.

Paralelamente, ele também desenvolve técnicas para produzir a morte em massa, criamos a bomba atômica e doenças de laboratório como a AIDS, mostrando esdruxulamente que morte, ciência e humanidade copulam com as **Ménades**<sup>277</sup> com desmedida violência, derramamento de sangue e autoflagelação.

Falar é um ato paradoxal, como Agamben nos advertiu que supõe ao mesmo tempo uma subjetivação e uma dessubjetivação, e adviemos falantes sob a condição de nos afundar no silêncio. Os laços simbólicos permitem dizer algo desse silêncio. Para o sujeito assujeitado à linguagem, o lugar do silêncio é o lugar onde se faz objeto da radicalidade da pulsão de morte na cultura.

---

<sup>277</sup> Também **bacchantes**, **thyiades** ou **bassarides** (bassaridai), eram mulheres seguidoras e adoradoras do culto de Dionísio – Bacchus em Roma –, as quais bailavam e participavam seduzidas pelos mistérios de Dionísio tendo perdido qualquer raciocínio.

## 5.4 Procura-se a margem

Estabelecer um espaço desde onde ler é estabelecer uma margem, desde onde assistimos ao instante da nossa morte.

Retomemos algumas articulações para estendê-las e com isso chegar à ficção do eu.

Como foi visto<sup>278</sup> quando abordamos Saussure e o indivíduo, a partir da perspectiva do estabelecimento da língua – perspectiva científica –, o que ficou de fora foi a *parole*, o individual *da fala*.

Lacan reflete sobre o Ser a partir da falta em Ser, e reflete sobre a fala. O que interessará a Lacan nessa *fala* é sua relação com a língua, ou antes, com a alíngua, como já evocamos. A fala em si, tal como pode ser entendida em termos lingüísticos, não interessa a Lacan.

O ser humano fala, e mediante o significante tenta encontrar a sua completude, completar um gozo impossível, a pergunta fundamental sobre a demanda do outro. Quem sabe a proliferação de tatuagens atualmente não seja uma maneira de responder com imagens à demanda do Outro.

Ao lhe faltar Ser, o sujeito – que é para Lacan um sujeito sem pensamento – encontra os significantes que o representam na cadeia da linguagem.

O homem tenta aplacar sua incompletude a través da imagem do corpo e da imagem que lhe retorna desde o seu semelhante. O líder e as instituições são uma promessa de Ser, de poder chegar ao Ser, ao Gozo. Na atualidade, a imagem também é uma promessa. Há um investimento libidinal na imagem muito maior, na medida em que esta,

---

<sup>278</sup> Cf. capítulo II desta tese.

aparentemente, promete satisfazer. Mas a proliferação da imagem demonstra justamente a deferência de um Gozo que parece não ter limite. A imagem manipulada pelo discurso capitalista começa a ocupar um lugar de investimento libidinal que os objetos de consumo antes possuíam. O objeto de consumo, hoje, perde sua força rapidamente, dado que a imagem de outro objeto –hiperoferta- fará com que este comece a perder seu valor, até progressivamente virar resíduo, o que não faz mais que evidenciar seu caráter metonímico.

Podemos dizer que a relação simbólica com os objetos é fraca na atualidade no sentido de que o investimento libidinal que fazemos nestes tende a ser menos duradouro.

A relação com a imagem é uma promessa de satisfação que no limite se traduz em insatisfação. Se enfrentamos dois espelhos e tentamos aí capturar a nossa imagem toda, como representante de nosso ser, só poderemos nos ver parcialmente, ou não nos ver. Se por ventura tentássemos nos reconhecer em um desses espelhos não veríamos mais que um reflexo. Na realidade, a infinitude de imagens são traços onde se procura recuperar a consistência de ser. Só que estas marcas parecem levar a um gozo mortífero quando não se encontra um limite para esse gozo. Imagens sempre houve, a questão é que a modalidade de relação ao Outro, uma vez que predomina o laço do discurso capitalista, se intensifica numa demanda sem interdições simbólicas. Sabemos com Guy Debord que, na sociedade atual, a mercadoria vira espetáculo. Já que se enfraquece a possibilidade de fazer laços simbólicos com o outro. Lembremos que o discurso capitalista desde sua origem modificou as relações humanas. Qual é o lugar da globalização? A globalização, em termos imaginários, se propõe como a possibilidade de Gozo mundial e o mundo do espetáculo é seu semblante.

É claro que o espetáculo do resíduo também faz parte do grande show.

A hiper-oferta de objetos, uma vez que as leis simbólicas encontram-se enfraquecidas, nos reenvia à *lei do satisfacere*, em que o imperativo categórico “Goza!” demonstra suas conseqüências ao nível dos laços culturais.

Lei esta que me diz que isso ou aquilo que não encontro no Outro o encontrarei na imagem espetacular que na realidade se difere – no melhor dos casos – até o infinito. O grande problema é quando o sujeito fica numa situação especular com a imagem e não há frustração que o reenvie a outra imagem, e, portanto, à dialética da demanda.

Neste caso, nos deparamos com um momento de dessubjetivização radical.

Com Lacan, o sujeito é sem pensamento no sentido de fundamento do Ser. O sujeito se reconhece através da imagem que lhe devolve o seu semelhante.

O inconsciente não é onde o animal e o instintivo encontrariam a sua expressão. O inconsciente é constituído por pensamento sem sujeito.

Essa ausência do sujeito no pensamento qualifica um saber que não se sabe. “Para recuperar sua presença naquilo que diz, basta que fale a um de seus semelhantes, sobre o qual transfere um saber que de fato é o seu”<sup>279</sup>.

Da mesma forma que o infatigável bibliotecário imaginado por Jorge Luis Borges, cada um peregrina pelo universo na procura de um livro, do catálogo dos catálogos, e isto se deve ao fato de que em algum momento nos deparamos com um espaço a ser preenchido. Aí onde o enunciado aliena impreterivelmente a enunciação, procura-se um autor, ou um ator.

Da escritura, sabemos que ela encontra um Outro, interpelações. O sujeito também pode encontrar um outro que interpela imagens. A criação de uma obra plástica é um ponto de parada para a vertigem de imagens. A arte mesma é um espaço onde há uma

---

<sup>279</sup> POMMIER Gerard. *Freud Apolítico*, op.cit p.44.

conversa infinita vertida em imagens. Por outro lado, as próprias artes são intervenções, e intervenções simbólicas que remetem a laços com o outro.

## Considerações finais, derivados e derivas

### *TERCEIRA MARGEM DO RIO*<sup>280</sup>

*Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdia nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente – minha irmã, meu irmão e eu.*

*Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa. Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns 2. ou 30 anos. Nossa mãe jurou muito contra a idéia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.*

*Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma*

---

<sup>280</sup> GUIMARÃES ROSA, João. *A terceira margem do rio*. In: *Primeiras Estórias*. Rio De Janeiro. José Olimpo Editora, 1964.

recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: – “Cê vai, você fique, você nunca volte!” Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: – “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” Ele só retornou a olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grotta do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo – a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos se reuniram, tornaram juntamente conselho. Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele. As vozes das notícias se dando pelas certas pessoas – passadores, moradores das beiras, até do afastado da outra banda – descrevendo que nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, solto solitariamente. Então, pois, nossa mãe e os aparentados nossos assentaram: que o mantimento que tivesse, ocultado na canoa, se gastava; e, ele, ou desembarcava e viaja s’embora, para jamais, o que ao menos se condizia mais carreto, ou se arrependia, por uma vez, para casa.

*No que num engano. Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a idéia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado delas, se remava e se chamava. Depois, no seguinte, apareci, com rapadura, broa de pão, cacho de bananas. Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao-longo, sentado no fundo da canoa, suspendida no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal. Mostrei o de comer, depositei num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso, que fiz, e refiz, sempre, tempos afora. Surpresa que mais tarde tive: que nossa mãe sabia desse meu encargo, só se encobrando de não saber; ela mesma deixava, facilitado, sobra de coisas, para o meu conseguir. Nossa mãe muito não se demonstrava.*

*Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmos, a escuridão daquele(..)*

...procurei o pai ordeiro, procurei uma razão para as controvérsias e mal-entendidos.

Ninguém vai desistir da *tristonha teima*?



Procurei classificações, divisões. Ao que parece toda tentativa de reafirmar classificações problematiza as complexas relações que existem entre o tempo, o espaço, a percepção e a consciência. E vamos até a margem: *o nosso pai desaparece*. Resulta evidente que a tentativa de recuperar o passado nos conduz à experiência de um presente constante que nega a possibilidade de unificação de um sujeito, a sua representação desvanece e o presente desaparece com ela. E é curioso que uma imagem possa ser o mais sólido que temos do pai ordeiro. E aspirando que a imagem constitua um todo temos a certeza de que isso não pode ocorrer porque a mesma se fragmenta e só restam impressões, e a desejada totalidade aparece desintegrada. *Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais*. Na busca da razão encontramos a carência de evidências. Procurando por ele vamos e voltamos à margem. Fatigados, encontramos a carência de evidências: onde fica a realidade? Voltamos nossa mirada à canoa, nesse ir e vir lembramos Carlos Drummond de Andrade, que com as retinas fatigadas constrói uma terceira margem com só uma pedra.

O concreto dessas idas e voltas, dessas repetições: essa tendência à repetição produz um efeito de permanência.

*As classificações são margens e ilusões de onde evocamos o pai. Como filhos do ordeiro convivemos com elas. A canoa ao longe nos permite ainda sonhar, embora saibamos que o pai nunca mais voltou.*

*Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia. para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmas, a escuridão: a zona cinza.*

Atrás dos rastros do pai e entre os restos de uma modernidade que agoniza, pensamos as divisões entre literatura e psicanálise a partir do nosso desejo que dialoga com as produções que pensam o mal-estar na cultura e a pulsão de morte na *terceira margem do rio*.

## BIBLIOGRAFIA

ACHUGAR, Hugo (org.). *En otras palabras, otras historias*. Montivideo: Universidad de la Republica, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Departamento de Publicaciones, 1994.

\_\_\_\_\_. *Notas sobre el discurso testimonial latinoamericano. La historia en la literatura iberoamericana*. ed. Raquel Chang-Rodríguez. New York: Ed. del Norte, 1989.

ADORNO, Theodor. *Crítica cultural y sociedad*. Madrid: Sarpe, 1984.

AGAMBEN Giorgio. *Estado de Exceção*. Trad. Iraci D. Poletti. São Paulo: Editorial Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. *Homo Sacer – o poder soberano e a vida nua*. Editorial Presença, Lisboa: Editorial Presença, 1998.

\_\_\_\_\_. *Lo que queda de Auschwitz. El archivo y el Testigo. Homo Sacer III*. Valencia: Pre-Textos, 2000.

\_\_\_\_\_. *O que é um dispositivo?*. Trad. Nilcéa Valdatti. In: *Outra travessia, n° 5*. Florianópolis: segundo semestre 2005.

ALEMÁN, Jorge. *La experiencia del fin - Psicoanálisis y metafísica*. Málaga: Miguel Gómez, 1996.

ALIGHIERI, Dante. *La divina Comedia*. México: Edición Editorial Porrúa, 1998.

ALTAMIRANO, C.; SARLO, B. *Literatura y Sociedad*. Buenos Aires: Hachette, 1983.

ANDRADE, A. L. B. C. *Leituras do Ciclo*. Chapecó: Editora Grifos, UNOESC/Chapecó, 1999.

\_\_\_\_\_. *Osman Lins: Critica e Criação*. SAO PAULO: Editora HUCITEC, 1986.

\_\_\_\_\_. *Outros Perfis de Gilberto Freyre: voltas duras/dóceis ao cotidiano dos brasileiros*. São Paulo: Nankin Editorial, 2007.

ANDRADE, Oswald. *O manifesto antropofágico*. in: SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-americanas. Polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Iluminuras, Edusp, Fapesp, 1995.

ALMAFUERTE PALACIOS . Pedro. *Poesias*. Editorial Tor: Buenos Aires, 1942.

ANTELO, Raul. *Transgressão & Modernidade*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001.

ARENDT, Hannah. *The origins of Totalitarianism*. New York: Harcourt, 1976.

ARNOUX, Elvira y otros. *Los Géneros Discursivos. Cátedra Semiología*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1995.

BADIOU, Alain. *Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras*. Trad. Emerson Xavier da Silva, Gilda Sodré. Rev. Ari Roitman, Paulo Becker. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. 3° ed. Trad. Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. *El grado cero de la escritura*. Nuevos ensayos críticos. 1983.

- \_\_\_\_\_. *Lo obvio y lo obtuso*. Barcelona, Ed. Paidós, 1986.
- \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- \_\_\_\_\_. *S/Z Roland Barthes*, Trad. Lea Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BATAILLE, G. *O erotismo*. Trad. Antônio Viana. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BAUMAN, Zigmund. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005
- BEASLEY-MURRAY, John. *Hacia unos estudios culturales impopulares: la perspectiva de la multitud* in: MURAÑA, Mabel. *Novas perspectivas desde/sobre a América Latina: O desafio dos Estudos Culturais*. Santiago do Chile: Pillaburgh, Cuarto Próprio, Instituto Internacional de Literatura Americana, 2000.
- BELLEMIN-NOEL, J. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José \_\_\_\_\_.; SCHOLEM, Gershom. *Correspondência. Carta n.º 63*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- BERNARDET, Jean-Claude. *A Doença: Uma experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BETTELHEIM, Bruno. *Freud e a alma humana*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- BEVERLEY, John; ACHUGAR, Hugo (eds.). *La voz del otro: testimonio, subalternidad y verdad narrativa*. Lima/Pittsburg: Latinoamericana Editores, 1992.
- BLACK Edwin. *IBM e Holocausto*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2001.
- BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita – 1, a palavra plural*. Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta.
- \_\_\_\_\_.; *L'Instant de ma mort*. Fata Morgana, 1994.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras completas 1923-1972*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974.
- BOSI, Alfredo Bosi. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- BRETON, André. *Souvenirs du Mexique*. In: *Minotaure. n.º 12-3*. Paris, 1939
- BRITO, Antônio Carlos de. *Lero-lero*, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Tudo da minha terra. Bate papo sobre poesia marginal. Almanaque n 6*. São Paulo, 1978.
- BROWNING, Christopher R. *The Origins of the Final Solution*, William Heinemann, London, 2004.
- BUCK-MORS, Susan. *Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das passagens*. Trad. Ana Luiza de Andrade. Chapecó: Argos, 2002.
- BURGOS, Elizabeth. *Me llamo Rigoberta Menchu y así me nació la conciencia*. México: Siglo XXI, 2000
- CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. *Atrás dos olhos pardos: Uma leitura da poesia de Ana Cristina César*. Chapecó: Argos, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Pós – crítica*. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2007

- CARBAJAL, Eduardo et al. *Una introducción a Lacan*. 3<sup>o</sup> ed. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1988.
- CARPIO, Adolfo. *Principios de filosofía: una introducción a su problemática*. Buenos Aires: Glauco, 1977.
- CAYROL, Jean. *Nuit et Brouillard, suivi de De la mort à la vie*. Fayard, 1997.
- CELAN, Paul, *Gesammelte Werke in fünf Bänden*. org. Beda Alleman e Stefan Reichert. Frankfurt a.M.: 1983.
- CELLA, Susana. In ROSA, Nicolas. *La lengua del ausente*. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- CÉSAR, Ana Cristina. *Ana Cristina César*. Org. Armando Freitas Filhos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- CÉSAR, Ana Cristina. *Inéditos e Dispersos*. Org. Armando Freitas Filhos. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CÉSAR, Ana Cristina. *Inéditos e dispersos*. São Paulo: Ática, 1999.
- CHEMANA, Roland. *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CIAPUSCIO, Guiomar. *Tipos Textuales*. Buenos Aires: Fac. Fil. y Letras. Universidad de Bs. As., 1994.
- CULLER, J.. *As idéias de Barthes*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- DARMON, Marc. *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- DEBORD, Gay. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela Dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *A dobra, Leibniz e o Barroco*. 2. ed. Trad. Luiz B. L. Orlandi. Campinas: Papyrus, 1991.
- DERRIDA, J. ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã...* Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- \_\_\_\_\_. *A farmácia de Platão*. 2. ed. Trad. Rogério Costa. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Mal de arquivo - Uma impressão freudiana*. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 9.
- DESCARTES, René. *Discurso do método; As paixões da alma*. 4. ed.. Trad. J. Guinsburg, Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- DIAZ, Esther. *Posmodernidad*. Buenos Aires: Biblos, 2005.
- DOR, Joel. *O Pai e sua função em Psicanálise*. São Paulo: Zahar Ed., 1991.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo*. vol. 1. *O campo do signo, 1945/1966*. 2. ed. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Ensaio, 1993.
- DUCHAMP, Marcel. *Duchamp du signe*. Paris: Flammarion, 1994.
- DURAS, Marguerite. *A dor*. Trad. Vera Adami. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- ECO, U. *A estrutura ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- ERMARTH, E.D. *Postmodernism*. In: E.Craing org.) *Routledge encyclopedia of philosophy*. Londres a New York: 1996.

- FERRATER, José Mora. *Diccionario de filosofía*. Madrid: Alianza Editorial, S.A, 1984.
- FINK, Bruce. *O Sujeito Lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Trad. Maria de Lourdes Sette Câmara. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- FINKELSTEIN, Norman A *Industria do holocausto*. Rio de Janeiro:Record, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. 6. ed. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Historia da loucura*, Trad .José Texeira Coelho Netto.
- \_\_\_\_\_. *O que é um autor?*. Trad. A. F. Cascaes e E. Cordeiro. Veja. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1992
- FREGE, G. *Los fundamentos de la aritmética*. Barcelona: Laia, 1984.
- FREUD, Sigmund. *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Coordenação de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000.
- FUCHS, Jack; CRISTÓFALO, Américo. Jack Fuchs *Dilemas de la memória*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2006.
- GARCIA-ROZA, Alfredo. *Introdução á metapsicologia freudiana*. v.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1991.
- \_\_\_\_\_. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1990.
- GAY, Peter. *Freud uma vida para o nosso tempo*.
- GELLATELY Robert, *The Specter of Genocide*, Cambridge University Press, 2003.
- GENETTE, G. Palimpsestos. *La Literatura en segundo grado*. Madrid: Taurus, 1989.
- GIORDANO, Alberto. *Literatura y Poder*. Rosário: Beatriz Viterbo Editora, 1995.
- GUIMARÃES ROSA, João. *A terceira margem do rio*. In:Primeiras Estórias.Rio De Janeiro.José Olimpo Editora, 1964.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de viagem ,cpc vanguarda e desbunde:1960/70*, segunda edição,São Paulo: Brasiliense, 1981
- \_\_\_\_\_. *Poesia brasileira: dos anos de chumbo à pós-modernidade*. Porto Alegre: Revista Porto e Vírgula, 2001.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, 26 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HYPPOLITE, Jean. *Introduction à la philosophie de l'histoire de Hegel*. Paris: Seuil, 1983.
- IMBRIANO, Amélia Haydée. *La odisea del siglo XXI*. Buenos Aires: Letra Viva, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Donde Ello era*. Buenos Aires:Centro Editor Argentino, 2000
- JAKOBSON, Roman. *Ensayos de lingüística general*. Barcelona.: Seix Barral, 1981.
- JOCENIR. *Diário de um Detento: o livro*. 2a. ed. São Paulo: Labortexto Editorial, 2001.
- JURANVILLE, Allain. *Lacan e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986
- KOFMAN, Sarah. *A infância da arte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.
- KRISTEVA, Julia. *Semiotica I*. Madrid: Espiral, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Entrevista*. *Jornal o Estado DE São Paulo, Caderno 2*, Domingo, 21 de outubro de

2001

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *O seminário – Livro I: Os escritos técnicos de Freud*. Tr. Betty Milan. Rio de Janeiro: J.Zahar, 1986.

\_\_\_\_\_. *O seminário – Livro II: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Tr. Marie Christine Laznik Penot e Antônio Quinet. 2ª edição. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987.

\_\_\_\_\_. *O seminário – Livro V: As formações do inconsciente*.

\_\_\_\_\_. *O seminário – Livro VII: A ética da psicanálise*. Tr. Antônio Quinet. R. J.: Jorge Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_. *O seminário – Livro VIII: A transferência*. Tr. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. *O seminário – Livro XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tr. M. D. Magno. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_. *Le séminaire – Livre XII: L'objet de la psychanalyse*. Inédito. Paris: 1966.

\_\_\_\_\_. *O seminário – Livro XX: Mais, ainda*. Tr. M. D. Magno. 2ª edição. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. *Psicoanálisis: Radiofonía y Televisión*. Tr. Oscar Masotta e Orlando Gimeno-Grendi. Barcelona: Anagrama, 1977.

LACOUÉ-LABARTHE, P.. *Lacan con los filósofos*. Madrid: Siglo veintiuno, s/d.

LE BON, Gustav. *Psicologia das massas*. São Paulo: Duas Cidades Editora, 1985.

LECMAN, Teodoro Pablo. *Cuerpo y símbolo*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2002

\_\_\_\_\_. *El sentido de la escritura de los casos clínicos en psicoanálisis*. In: tese de doutorado. 15/4/2005. Universidad de Buenos Aires. Digitalizada.

LEITE, N. *Psicanálise e análise do discurso: O acontecimento na estrutura*, Rio de Janeiro: Campo matemático, 1994.

LEVI, Primo. *É isto um Homem*. Trad. Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LIMA, J . *Poesias Completas*. 2º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LYOTARD, Jean François. *La condición pós-moderna*. Madrid: Cátedra; 1983.

MASSOTTA, O.. *O comprovante da falta*. Trad. Maria Aparecida Balduino Cintra. São Paulo: Papirus, 1995.

MELMAN, Charles. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Entrevistas por Jean-Pierre Lebrun. Companhia de Freud Editora, Rio de Janeiro, 2003.

MENDES, Luiz Alberto. *Memórias de um Sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MILLER, Jacques-Alain. *Matemas II*. Buenos Aires: Ediciones Manantial.

MILLIET, M. A. Lygia Clark: *Obra-trajeto*. São Paulo: Edusp, 1992.

MILNER, Jean-Claude. *A obra clara – Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

- MINK, James. *Marcel Duchamp – A arte como contra-Arte*. São Paulo: Catálogo da Taschen, 2000.
- MONTEIRO, Valéria Jacó. *Dom Casmurro:escritura e discurso: ensaio em literatura e psicanálise*. São Paulo: Cespuc-Centro de Estudos em Semiótica e psicanálise da PUC-SP, 1997.
- MOURE, Glória. *Introducción*. In DUCHAMPS, Marcel. *Notas*. Madrid: Tecnos, 1998.
- MUNNÉ, F.. *Grupos, masas y sociedades: introducción sistemática a la sociología general y especial*. Barcelona: Ed. Hispano europea, 1979.
- NANCY, Jean-Luc. *La communauté désœuvrée*. 2ª ed. Paris: Christian Bourgeois, 1990.
- NASCIMENTO, E. *Derrida e a Literatura: "Notas" de literatura e filosofia nos textos de Desconstrução*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1999.
- NASSIO, J. D. *Os olhos de Laura: O conceito de objeto a na teoria de Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- NEGRINI, Pedro Paulo. *Enjaulado. O amargo relato de um condenado pelo sistema penal*, Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.
- NOVAIS, Fernando *Estrutura e dinâmica do antigo sistema colonial* São Paulo: Brasiliense, 2ª edição, 1986.
- OTTINGER, Didier. *Surréalisme et mythologie moderne. Les voies du labyrinthe d'Ariane à Fantomas*. Paris: Gallimard, 2002.
- OVEJERO, A.. *El individuo en la masa: Psicología del comportamiento colectivo*. Oviedo: Ediciones Nobel, 1997.
- PASQUALINI, Gerardo. *La clínica como relato*. Buenos Aires: Ediciones Publika, 1998.
- PELBART, P. *Vida Capital 2. Ensaio de Biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- PERECHODNIK, Calel, *Am I A Murderer?: Testament of a Jewish Ghetto Policeman*. Trad. Frank Fox. Boulder, CO: Westview Press, 1996.
- PEREIRA Marta Lúcia *"Entre a grade e a espiral, : sobre algumas narrativas ficcionais de Tunga"* Tese de doutorado. curso de pós graduação em literatura, UFSC, 2005 digitalizado.
- PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- POMMIER, Gerard. *Freud Apolítico?*. Trad. Patricia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- RAMOS, Hosmany. *Pavilhão 9. Paixão e morte no Carandiru*. 3a. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2002.
- RIAVIZ Eduardo. *Variante Estruturalistas no ensino de Lacan*. Tese de doutorado. curso de pós graduação em literatura, UFSC, 2005 digitalizado
- RICOEUR, P.. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.
- RODRIGUES, Humberto. *Vidas do Carandiru. Histórias Reais*. S. Paulo: Geração Editorial, 2002.



ROSA, Nicolás. *Léxico de lingüística y semiología*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1978.

\_\_\_\_\_. *La lengua do ausente*, Buenos Aires: Editorial Biblos, 1997.

ROUDINESCO, E. Lacan. *Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. *De que amanhã*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

RUSSEL Jacoby, *Amnésia Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SANTIAGO, Silvano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectivas, 1978.

\_\_\_\_\_. *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

SAUSSURE, L. F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1995.

SCHATZMAN, M., *El asesinato del alma*. México: ed. SXXI, 1997.

SCHNITMAN, D. (comp.). *Nuevos Paradigmas, Cultura y Subjetividad*. Buenos Aires: Paidós, 1994.

SCHREBER, D. P. *Las memorias de un neurópata*. Buenos Aires: Petrel, 1978.

SCHRODINGER, E. *¿Qué es la vida?*. Barcelona: Tusquets, 1988.

SCHWARTZ, Kessel. *Studies on twentieth-century Spanish and Spanish American literature*. Lanham (MD)/London: UP of America, 1983.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades Editora, 1991.

SAGAN, Carl. *El cérebro de Broca .Reflexiones sobre el apasionante mundo de la ciência*. Buenos Aires: Ediciones Grijalbo, S.A, 1982.

SELIGMANN-SILVA, M. (org.). *História, Memória, Literatura: O Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

SELIGMANN-SILVA, M.. *História como Trauma*. in: M. Seligmann-Silva e A. Nestrovski (org.) *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

SEMPRUN, Jorge. *La escritura o la vida*. Barcelona: Tusquets Ed., 1995.

\_\_\_\_\_. *L'écriture ou la Vie*. Paris: Gallimard, 1994.

SLOTERDIJK Peter. *Regras para o parque humano*. São Paulo. Estação liberdade, 2000.

SOKAL, Allan. *Imposturas intelectuais*. Barcelona: Anagrama, 2000.

SOLER, C.. *La ética del psicoanálisis*. ficha interna EOL, sem data.

SPERANZA, G.. *Razones intensas, conversaciones sobre arte y literatura*. Buenos Aires: Perfil, 1999.

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo.

\_\_\_\_\_. *Psicoanálisis: Radiofonía y Televisión*. Tr. Oscar Masotta e Orlando Gimeno-Grendi. Barcelona: Anagrama, 1977. *Primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes*. São Paulo: Terceiro Nome, 1995.

STEINER, G.. *Errata*. París: ed. NRF Gallimard, 1997.

STEKEL, W.. *Los sueños de los poetas*. Buenos Aires: ed. Citerea, 1965.

VATTIMO, Gianni. *Más allá del sujeto*. Barcelona: Paidós, 1992.

VERGOTTE, A.. *Le Sujet inconscient selon Lacan, in La pensée de Jacques Lacan, Éditions de l'Institut Supérieur de Philosophie*. Louvain – Paris: Ed. Peeters, 1994.

VERMOREL H.; VERMOREL M.. *Freud goethien et romantique*. Paris: in *L'Information Psychiatrique* N° 2, Febrero. Paris: 1989.

WAHL, François. *Estruturalismo e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1973.

WARBURG, Aby. *O rituel du serpent*. Paris: Art& Antropologie, 1970.

WATZLAWICK, P. (comp.). *L'invention de la réalité*. Paris: Ed. du Seuil, 1992

ZIZEK , Slavoj. *Eles não sabem o que fazem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

#### SITIOS DA WEB

<http://www.studium.iar.unicamp.br/11/7.html?studium> 2007

## ***ANEXOS***

## ANEXO I

### MANIFESTO ANTROPÓFAGO

Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupi, or not tupi that is the question.

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psicologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema americano informar-á.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas. No país da cobra grande.

Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiriço e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil.

Uma consciência participante, uma rítmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar.

Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls.

Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. Ori Villegaignon print terre. Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos..

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.

Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós.

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.

O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.

Só podemos atender ao mundo orecular.

Tínhamos a justiça codificação da vingança. A ciência codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabu em totem.

Contra o mundo reversível e as idéias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instinto Carafba.

Morte e vida das hipóteses. Da equação eu parte do Cosmos ao axioma Cosmos parte do eu. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo.

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.

Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro.

Catiti Catiti

Imara Notiá

Notiá Imara

Ipeju\*

A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comia.

Só não há determinismo onde há mistério. Mas que temos nós com isso?

Contra as histórias do homem que começam no Cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem César.

A fixação do progresso por meio de catálogos e aparelhos de televisão. Só a maquinaria. E os transfusores de sangue.

Contra as sublimações antagônicas. Trazidas nas caravelas.

Contra a verdade dos povos missionários, definida pela sagacidade de um antropófago, o Visconde de Cairu: – É mentira muitas vezes repetida.

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti.

Se Deus é a consciênda do Universo Incriado, Guaraci é a mãe dos viventes. Jaci é a mãe dos vegetais.

Não tivemos especulação. Mas tínhamos adivinhação. Tínhamos Política que é a ciência da distribuição. E um sistema social-planetário.

As migrações. A fuga dos estados tediosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatórios e o tédio especulativo.

De William James e Voronoff. A transfiguração do Tabu em totem. Antropofagia.

O pater famílias e a criação da Moral da Cegonha: Ignorância real das coisas+ fala de imaginação + sentimento de autoridade ante a prole curiosa.

É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à idéia de Deus. Mas a caraíba não precisava. Porque tinha Guaraci.

O objetivo criado reage com os Anjos da Queda. Depois Moisés divaga. Que temos nós com isso?

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

Contra o índio de tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Médicis e genro de D. Antônio de Mariz.

A alegria é a prova dos nove.

No matriarcado de Pindorama.

Contra a Memória fonte do costume. A experiência pessoal renovada.

Somos concretistas. As idéias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas. Suprimamos as idéias e as outras paralisias. Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.

Contra Goethe, a mãe dos Gracos, e a Corte de D. João VI.

A alegria é a prova dos nove.

A luta entre o que se chamaria Incriado e a Criatura – ilustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabu. O amor cotidiano e o modusvivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar



a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males catequistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do instinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade. Afetivo, o amor. Especulativo, a ciência. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada nos pecados de catecismo – a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos.

Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céu, na terra de Iracema, – o patriarca João Ramalho fundador de São Paulo.

A nossa independência ainda não foi proclamada. Frape típica de D. João VI: – Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.

#### OSWALD DE ANDRADE

Em Piratininga Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha."(Revista de Antropofagia, Ano 1, No. 1, maio de 1928.)<sup>281</sup>

---

<sup>281</sup> ANDRADE Oswald, *O manifesto antropofágico*. IN: SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-americanas. Polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Iluminuras, Edusp, Fapesp, 1995.

## ANEXO II

### *Madrigal para um amor*<sup>282</sup>

“A maior pena que eu tenho,  
punhal de prata,  
não é de me ver morrendo,  
mas de saber quem me mata.”

CECÍLIA MEIRELES.

Luz da Noite Lis da Noite  
meu destino é te adorar.  
Serei cavalo marinho  
quando a lua semi fátua  
emergir de meu canteiro  
e tu tiveres saído  
em meus trajes de luar.

Serei concha privativa,  
turmalina, carruagem,  
Mas só se tu, Luz da Noite,  
teu delírio nesta margem  
já quiseres desaguar.

(Não te faças tão ingrata  
meu bem! Quedo ferido  
e meus olhos são cantatas  
que suplicam não me mates  
em adunco anzol de prata!)

E quanto nós nos amamos  
em nossa vítrea viagem  
de geada e de serragem  
pelo meio continente!

Luz da Noite Lis da Noite  
meu destino é te seguir.

Meu inábil clavicórdio  
soluça pela raiz,  
e já pareces tão farta  
que nem sequer onde filtra

---

<sup>282</sup> BRITO, Antônio Carlos de. *Lero-lero*, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002, p.204

meu lado bom te conduz:  
Minha amiga vou freminho  
embebido em tua luz. *Rio, 1964*

*Os seguintes poemas foram escritos no ano 1982.*

**No caminho da Gávea**<sup>283</sup>

O táxi pára na esquina e meu  
Coração está calcinado.  
A pisagem é impecável no seu  
Espetáculo simétrico e lento. O sol cochila.  
Do outro lado da rua e de mim  
O mar deságua em si mesmo.

**Rito**<sup>284</sup>

Cadê o queijo que estava aqui?  
O gato comeu.  
Gato filho de puta.

**Álgebra**

No triângulo amoroso o círculo tende  
a vicioso.

**Temporada**

Se o porco é espinho  
Caço e asso  
Se o corpo é sozinho  
Traço e passo.

*Poemas escritos em 1978.*

**Vida e obra** (para Eginardo Pires)<sup>285</sup>

Você sabe o que Kant dizia?  
Que se tudo desse certo no meio também  
Daria no fim dependendo da idéia que se  
Fizesse no começo  
E depois – para ilustrar- saiu dançando um

---

<sup>283</sup> *IDEM- Ibidem*, p.11

<sup>284</sup> *IDEM- Ibidem*, p.19

<sup>285</sup> *IDEM- Ibidem*, p.49

Foxtrote.

**Vestivular** (para Sueli Costa)<sup>286</sup>

Não creio mais na metafísica porque tenho  
Medo da morte.

*Poemas escritos em 1975.*

**ÒBVIO**<sup>287</sup>

A melhor Coca-Cola de Pirapora  
É a do Bar Califórnia.

**JANUÀRIA**<sup>288</sup>

A doida vagava na rua mas não ia a  
Lugar nenhum. Já tinha chegado.

---

<sup>286</sup> *IDEM- Ibidem.*

<sup>287</sup> *IDEM- Ibidem, p.87*

<sup>288</sup> *IDEM- Ibidem, p.98*

### ANEXO III

#### *D'après Jorge de Lima*

Nem agora posso ver minha vontade amada  
De destruir-me dos indícios revividos

E esquecer o tempo e o espaço do discurso  
Como gato que se apaga do caderno;

Em ti espio teus ensaios  
De silenciar os ossos removentes

E penetro tua testa onde se encrava  
O sangue de arranhões da tentativas.

Nem agora posso ver minha leitura  
e dela me afastar num salto único

sem ter donde fugir, isenta e clara.  
Nem agora os verbos me consolam

E saltam como gatos desgarrados  
por cima dessas pedras que me inscrevem<sup>289</sup>

*A invenção de Orfeu*<sup>290</sup>. O procedimento de construção de *D'après Jorge de Lima* relaciona particularmente o poema trabalhado a partir do número XIV do canto III, constituindo um verdadeiro ensaio do palimpsesto.

---

<sup>289</sup> CÉSAR, Ana Cristina. *Inéditos e dispersos*, op.cit., p. 69.

<sup>290</sup> LIMA, Jorge de. *Poesias Completas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

## ANEXO IV

*Año 1915, verso XII de Apóstrofe:*

*Y la historia es un momento,  
una mísera palabra,-  
una mísera palabra que resuena altisonante,-  
un clamor en el desierto, nada más.  
Son los siglos como un sueño:  
eran nada y se hacen nada,-  
nada misma, olvido mismo; noche y paz.-  
Los archivos van al polvo  
y a la sombra impenetrable  
de un lenguaje incomprensible,  
como un cuento de otros mundos,  
como el verbo de unos seres que no fuesen  
ni siquiera el antropoide,  
ni siquiera el vislumbre de razón,  
de humanidad.  
Los azotes de la historia no castigan:  
crean dioses;  
crean tipos fabulosos, mitológicos,  
arrastrados al dolor por el destino,  
condenados al delito por las horas,  
sometidos al dolor de la tragedia,-  
del incesto al parricidio,-  
por las fuerzas del ambiente:  
porque así lo dispusieron las costumbres,  
las pasiones imperantes,  
los impulsos del momento,  
las herencias y atavismos: lo fatal.  
No; la Historia es un momento, una mísera palabra,  
una mísera palabra que resuena altisonante...  
Para ti, para la serie  
larga y negra de tus crímenes horrendos,  
cien millones, mil millones de centurias  
son un soplo.  
Te reclaman los archivos de lo eterno:  
vida eterna, fuego eterno, llanto eterno,  
sin Plutarcos.  
sin siquiera la sonrisa de Caín el fratricida  
dolor pleno, dolor sumo, dolor puro  
por los siglos de los siglos;  
y en aquella angustia eterna,  
tú y Satán.<sup>291</sup>*

*La Plata, diciembre 29 de 1915.*

---

<sup>291</sup> ALMAFUERTE PALACIOS . Pedro .Poesias<sup>291</sup> Editorial Tor:Buenos Aires 1942

